

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



A BARREIRA DE CONTACTO EM SUJEITOS TOXICODEPENDENTES,  
ATRAVÉS DA SUA EXPRESSÃO NO RORSCHACH

Nuno João de Almeida e Sousa

Nº de aluno: 9908

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Clínica

**2008**

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

A BARREIRA DE CONTACTO EM SUJEITOS TOXICODEPENDENTES,  
ATRAVÉS DA SUA EXPRESSÃO NO RORSCHACH

Nuno João de Almeida e Sousa

Nº de aluno: 9908

Dissertação orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Clínica

**2008**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

À Mestre Catarina Bray Pinheiro, pela relevante orientação e acompanhamento atento prestado nos primeiros tempos da realização deste estudo.

À professora Doutora Maria Emília Marques pela sabedoria estruturante que disponibilizou ao serviço da condução deste trabalho académico e, sobretudo, pela tranquilidade securizante que demonstrou, perante momentos de maior dúvida e angústia que senti na realização deste estudo.

Ao Centro de Atendimento a Toxicodependentes de Xabregas, pela permissão que me concederam em obter protocolos Rorschach de seus utentes e, naturalmente, aos sujeitos toxicodependentes que aceitaram expressar o seu funcionamento psíquico através dessa prova projectiva.

A todos os meus amigos e familiares que acreditaram sempre que este estudo seria cabalmente realizado e, especialmente, à Tânia Roque Lopes, cujo amor paciente foi um contributo fundamental para que eu pudesse escrever as páginas desta dissertação.

## RESUMO

Este estudo visa contribuir para o desenvolvimento do método Rorschach, designadamente pela elaboração de parâmetros de análise de narrativas – as quais podem ser obtidas pela aplicação dessa prova projectiva –, por forma a aceder a uma compreensão do funcionamento psíquico, de acordo com a dinâmica da barreira de contacto, na acepção proposta por Bion.

Para além de operacionalizar formas de leitura da expressão da barreira de contacto no processo-resposta Rorschach, de acordo com qualidades típicas do seu funcionamento/disfuncionamento – registos semi-permeável, impermeável e permeável da barreira de contacto, e instauração da tela beta - propomos, nesse âmbito, procedimentos de análise de particulares formas de expressão psíquica toxicodependente – barreira de contacto remendada e instauração da tela beta tóxica –, para o qual foi necessário proceder a uma integração de perspectivas teóricas sobre o fenómeno toxicómano no quadro da teoria da barreira de contacto, desenvolvida por Bion. Nesta senda, elaborámos, igualmente, procedimentos de leitura do conceito de barreira sensível, proposto por Carlos Farate, por forma a avaliar o curso evolutivo/involutivo/suspensivo da barreira de contacto de sujeitos toxicómanos, através da prova Rorschach.

Foram seleccionados, para análise, dois protocolos de sujeitos toxicodependentes, cujos resultados realçam as carências simbólicas associadas ao registo toxicómano, consubstanciadas numa severa incapacidade de ligar/separar, harmoniosamente, a percepção com a projecção no processo-resposta Rorschach, destacando-se uma permeabilidade excessiva no funcionamento da barreira de contacto desses sujeitos. Face a essa inerente dor mental, os sujeitos recorrem a uma expressão frequente, embora diferenciada em termos quantitativos e qualitativos, da solução tóxica anestesiante das lacunas dessa membrana psíquica – barreira de contacto remendada – ou, em menor grau, à superação, transitória, da dor psíquica, através da substituição da barreira de contacto por uma efectiva instauração da tela beta ou mesmo da instauração da tela beta tóxica, na qual participam elementos tóxicos com propriedades excitatórias.

Palavras-chave: Rorschach; barreira de contacto; barreira de contacto remendada; tela beta tóxica; barreira sensível.

## ABSTRACT

This study is intended to contribute to the development of Rorschach's method, namely by the elaboration of analysis parameters of narratives - which can be obtained by the application of that projective test -, so that the comprehension of the psychic functioning can be accessed, according to the contact barrier dynamic, proposed by Bion.

A part from operate reading procedures of the contact barrier expression in Rorschach's process-response, according to typical qualities of its functioning/ dysfunctioning – semi-permeable, impermeable and permeable records of the contact barrier and the instauration of the beta screen – we propose, in this ambit, analysis procedures of particular forms of drug addict psychic expression – patched contact barrier and the instauration of the toxic beta screen -, for which was necessary to make an integration of theoretic perspectives about the drug addiction phenomenon in the contact barrier theory framework, developed by Bion. In this regular course, we elaborated, equally, reading procedures of the sensitive barrier concept, as proposed by Carlos Farate, as a way of evaluating the contact barrier evolutive/involutive/suspensive progress of drug addict subjects through Rorschach's test.

There were selected, for analysis, two protocols of drug addict subjects, whose results set off the symbolic lacks associated with drug addiction record, consubstantiated in a severe incapacity to unite/separate, harmoniously, the perception with the projection in the Rorschach's process-response, standing out an excessive permeability in the contact barrier functioning of those subjects. Facing that inherent mental pain, the subjects turn to a frequent expression, although different in quantitative and qualitative terms, to the anaesthetizing toxic solution of the lacks of that psychic membrane – patched contact barrier – or, in a minor degree, to overcome, transitorily, the psychic pain, through the replacement of the contact barrier by an effective instauration of the beta screen or even of the instauration of the toxic beta screen, in which take part toxic elements with excitative properties.

Key-words: Rorschach; contact barrier; patched contact barrier; toxic beta screen; sensitive barrier.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>5</b>
1.1. Uma Membrana Psíquica que se constitui como Protótipo da Capacidade de Pensar	5
1.1.1. Discriminação conceptual da barreira de contacto na ampla teoria bioniana do pensamento	5
1.1.2. Desenvolvimento adequado da barreira de contacto	9
1.1.3. O mediador psíquico da relação entre a realidade e a fantasia	14
1.1.4. A(s) patologia(s) da barreira de contacto e a emergência da tela beta	18
1.2. Teoria(s) Psicodinâmicas(s) sobre a Toxicodependência	24
1.2.1. Considerações estruturais sobre o funcionamento psíquico toxicómano	24
1.2.2. A droga como solução efémera para uma problemática: A dor mental	29
1.3. A Barreira de Contacto no Funcionamento Psíquico Toxicodependente	34
<b>2. OBJECTIVO DE ESTUDO</b>	<b>44</b>
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>54</b>
3.1. Modelo de Estudo	54
3.2. O Método Rorschach	56
<b>4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE</b>	<b>63</b>
4.1. A Barreira de Contacto e o Rorschach: Enquadramento Conceptual Associado a uma Elaboração Introdutória aos Procedimentos	63
4.2. Elaboração Operacional de Procedimentos	71
4.2.1. A barreira de contacto de natureza semi-permeável	72
4.2.2. A barreira de contacto de natureza impermeável	80
4.2.3. A barreira de contacto de natureza permeável e a emergência/instauração da tela beta	86
4.2.4. Procedimentos sobre conceitos específicos da dinâmica toxicodependente associados ao âmbito da barreira de contacto, conceptualizada por Bion	93
4.2.4.1. A barreira de contacto remendada	94
4.2.4.2. A instauração da tela beta tóxica	102
4.2.4.1. A barreira sensível	102
<b>5. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS</b>	<b>112</b>
5.1. Gabriel	112
5.2. Inácio	113
<b>6. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS RORSCHACH</b>	<b>114</b>
6.1. Análise do Protocolo A (Gabriel)	114
6.1.1. Análise das respostas cartão a cartão	114
6.1.2. Análise do psicograma e grelha I	140
6.1.3. Análise da grelha II	151
6.2. Análise do Protocolo B (Inácio)	157
6.2.1. Análise das respostas cartão a cartão	157

6.2.2. Análise do psicograma e grelha I	179
6.2.3. Análise da grelha II	192
<b>7. DISCUSSÃO</b>	<b>201</b>
<b>8. CONCLUSÃO</b>	<b>223</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>230</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>234</b>
ANEXO A: Protocolos Rorschach	235
ANEXO B: Psicogramas	246
ANEXO C: Grelhas de Codificação	249

## INTRODUÇÃO

O campo instrumental inerente à metodologia projectiva tem permitido a investigação sobre o desconhecido psíquico humano, com o intento de o tornar menos desconhecido e não, de facto, conhecido, uma vez que um estado imutável de conhecimento, enquanto verdade absoluta, é inatingível, tal como é defendido no âmbito da psicanálise contemporânea, na linha do pensamento teórico de Bion.

O instrumento e técnica Rorschach enquadra-se na dinâmica conceptual dos métodos projectivos. Por meio da sua aplicação e subsequente análise, através de procedimentos de leitura de particulares dinâmicas psíquicas, elaborados à luz de modelos teóricos da mente humana, a verdade, psíquica, deverá ser, fundamentalmente, um estímulo à sua procura, promovendo uma sistemática reorganização significativa e, por isso, desenvolvutiva do método Rorschach, desde que conduzida por uma atitude científica de dúvida tolerada sobre o funcionamento psíquico humano.

Pretendemos com este estudo contribuir para o desenvolvimento do método subjacente à prova projectiva Rorschach. É neste sentido que nos propomos elaborar procedimentos de análise que possibilitem uma leitura rigorosa de registos psíquicos variados sobre o conceito dinâmico de barreira de contacto, conceptualizado por Bion. Este conceito ilustra, exemplarmente, a solicitação inerente à instrução Rorschach, em que o sujeito deverá ser capaz de proceder a uma conciliação adequada entre elementos perceptivos e elementos projectivos, entre o mundo externo e o mundo interno, entre o Eu e o Outro, através de uma membrana psíquica que liga/separa o consciente do inconsciente. É essa barreira de contacto que sustenta a vida, entendida enquanto relação com o diferente, uma vez que não pode haver uma mente, que esteja viva, sem vestígios de relação com um Outro distinto, numa dinâmica possível de intersubjectividade.

Consideramos como pertinente assinalar que o interesse em aprofundar a expressão do conceito de barreira de contacto na prova Rorschach advém da realização, em 2006, de um estágio académico no Centro de Atendimento a Toxicodependentes, em Xabregas. Esta experiência, sustentada na aprendizagem da prática da psicologia clínica, designadamente em grupos terapêuticos e sessões de acompanhamento psicológico individualizado, promoveu uma indagação reflexiva relativamente ao profundo estado de isolamento em que os sujeitos toxicodependentes se colocam, denotando uma desesperança de fundo face às relações humanas que, naturalmente, suscitam frustração. Salientamos que a tolerância à frustração se

revela essencial para o desenvolvimento do pensamento, na perspectiva de Bion; porém, os sujeitos com comportamentos recorrentes de consumos de droga, parecem evidenciar uma intensa intolerância à dor mental, decorrente de um experiencial-vivencial extremamente frustrante. Deste modo, sustenta-se como pertinente avaliar a barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes, fazendo uso da prova Rorschach. Nesta prossecução, afigura-se como fundamental elaborar formas de leitura que permitam captar a expressão dos sujeitos toxicomanos, nessa prova projectiva, permitindo, desta forma, identificar, através da sequência de respostas de um protocolo, as diferentes qualidades daquela membrana psíquica, de acordo com o conceptualizado por Bion, e que surgem num contínuo psíquico, devendo conjugar-se a essas dinâmicas conceptuais outros modos de funcionamento específicos à vivência mental toxicodependente.

Por conseguinte, no que concerne ao primeiro capítulo deste estudo, procedemos a uma revisão de literatura, bem como a uma articulação de conceitos e desenvolvimento de outros que surgem dessas mesmas ligações/separações, que promovem e sustentam os fundamentos teóricos necessários à elaboração dos capítulos subsequentes. No que se refere à primeira parte deste capítulo, eminentemente teórico, explanamos o conceito da barreira de contacto e os seus modos de funcionamento, enquadrando-os na ampla e complexa teoria de Bion sobre o pensamento. Na parte seguinte da revisão de literatura, abordamos diversas perspectivas psicodinâmicas sobre a problemática toxicodependente, atribuindo especial enfoque à implicação da intolerância à frustração, uma vez que essa característica é referida, por diversos autores, como comum aos sujeitos que manifestem uma dependência de consumos de droga. A questão da pertinência desta incapacidade de tolerar a frustração torna-se mais clara na última parte do corpo teórico deste estudo, no qual se procede a uma articulação das perspectivas psicodinâmicas sobre a toxicodependência com o campo da teoria bioniana, com especial incidência no conceito de barreira de contacto, cujos registos de funcionamento se instituem com uma escolha psíquica derivada da tolerância/intolerância à frustração. Nessa senda, invocamos o conceito de barreira sensível, conceptualizado por Carlos Farate, como particularmente útil para aceder a uma identificação de evolução/involução/suspensão da barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes. Para além disso, propomos registos particulares de funcionamento psíquico toxicómano, que podem ser associados à óptica conceptual da membrana psíquica mediadora entre o consciente e o inconsciente, concebida por Bion, designadamente os conceitos de barreira de contacto remendada e instauração da tela beta tóxica.

O capítulo seguinte, refere-se à elaboração de algumas questões pertinentes para a definição do problema e para a prossecução do objectivo a que nos propomos, por forma a suscitar possibilidades de leitura rigorosa sobre os vários modos de funcionamento da barreira de contacto, na acepção bioniana – que podem ser observados em qualquer protocolo -, mas também da dinâmica subjacente à barreira sensível, assim como dos registos psíquicos de barreira de contacto remendada e da instauração da tela beta tóxica – específicos de protocolos de sujeitos toxicodependentes.

No terceiro capítulo, referente à metodologia, descrevemos, inicialmente, o modelo de estudo qualitativo que adoptámos, operacionalizado na metodologia de índole projectiva, com a escolha do método Rorschach. Numa segunda parte, destacamos as relevantes características do instrumento Rorschach, que a constituem, no âmbito da metodologia projectiva, como uma prova valiosa para a compreensão do funcionamento psíquico dos sujeitos.

Segue-se o quarto capítulo, respeitante aos procedimentos de análise, em que de início realizamos uma articulação dos vários conceitos associados à barreira de contacto, abordados no corpo teórico deste estudo, com as potencialidades de compreensão do funcionamento psíquico subjacentes ao método Rorschach. Esta parte assume-se, assim, como uma etapa preliminar e facilitadora da constituição de procedimentos de análise, sob uma perspectiva operacional, que se segue incluída neste capítulo, da qual resultou, para além de procedimentos de leitura que incidem sobre a expressão psíquica dos sujeitos nos protocolos, a elaboração de grelhas de codificação que possibilitam uma monitorização mais rigorosa da dinâmica dos conceitos abordados.

No quinto capítulo, é feita uma sucinta apresentação dos sujeitos, cujos dois protocolos recolhidos são partes integrantes deste estudo.

No capítulo seguinte, segue-se a análise qualitativa dos protocolos, cartão a cartão, à luz dos procedimentos de análise que elaborámos, bem como a análise do psicograma e de grelhas específicas de análise.

No sétimo capítulo é, então, desenvolvida uma discussão dos resultados obtidos, salientando pontes que articulem os procedimentos elaborados com a suscitada leitura compreensiva do funcionamento psíquicos dos sujeitos, através da sua expressão no Rorschach, constituindo-se, assim, uma dinâmica reflexiva, na qual subjaz uma integração evocativa dos conteúdos abordados na revisão de literatura.

No último capítulo, concluímos sobre a pertinência do estudo realizado e o valor do Rorschach, enquanto instrumento que apela à expressão da barreira de contacto, através de um processo de construção de respostas que sublinha, face aos estímulos ambíguos das manchas

Rorschach, a capacidade de mediar elementos conscientes perceptivos com elementos inconscientes projectivos. Para além disso, a partir dos protocolos estudados, analisamos eventuais lacunas dos procedimentos de leitura que realizámos sobre os registos psíquicos da barreira de contacto, assim como os referentes à dinâmica subjacente à barreira sensível e aos modos de funcionamento psíquico específicos que associámos ao fenómeno toxicod dependente. Por conseguinte, no âmbito desta análise, ao acedermos à parte insaturada de observação compreensiva dos conceitos que estudámos na prova Rorschach, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de novas propostas promotoras da evolução do método subjacente aquele instrumento projectivo.

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

### 1.1. UMA MEMBRANA PSÍQUICA QUE SE CONSTITUI COMO PROTÓTIPO DA CAPACIDADE DE PENSAR

#### 1.1.1. Discriminação conceptual da barreira de contacto na ampla teoria bioniana do pensamento

Na sua obra “Learning from experience”, Bion (1962/1991) defendeu que uma barreira estabeleceria o contacto e separação entre o consciente e o inconsciente, reportando-se, para tal, ao termo de *barreira de contacto*, que Freud descreveu no seu artigo “Projecto para uma psicologia científica”, em 1895. Freud (1895/1969) revelou a sua intenção, logo no primeiro parágrafo desse texto: “(...) prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (p. 347). Nessa prossecução, Freud centrou-se sobre a descrição e actividade neuronal, concebendo que “(...) a estrutura dos neurónios torna provável a localização de todas as resistências nos contactos [entre os neurónios], que desse modo funcionariam como barreiras” (*op. cit.*, p. 350). Por conseguinte, tal como Bion (1962/1991) salienta, Freud utilizou o termo barreira de contacto para descrever a entidade neurofisiológica posteriormente conhecida como sinapse.

Por outro lado, o conceito da barreira de contacto, desenvolvido por Bion, não surge na decorrência de investigações neurofisiológicas, mas sim no desenvolvimento da sua teoria do pensamento, a partir da prática clínica, designadamente a partir das sessões com um paciente psicótico. Nessas sessões, Bion experimentou um peculiar e intenso estado de sonolência, ao qual atribuiu o significado do paciente esperar que, em determinados momentos, o psicanalista fosse a mente consciente do paciente, enquanto este seria a parte inconsciente da sua própria personalidade, ou uma situação inversa em outros momentos das sessões, como se não fosse possível ao paciente conciliar em simultâneo os seus distintos estados mentais (Symington & Symington, 1997/1999). Realce-se que essa sonolência, sentida por Bion, revelava características singulares, já que, ao reflectir sobre essas ocorrências, Bion constatou que não conseguia estar efectivamente acordado nem adormecer, concluindo, assim, que tal só poderia ser explicado como situações onde existiam interferências anómalas entre os estados de sono e vigília (*op. cit.*). Deste modo, Bion

considerou que algum tipo de barreira - como a barreira de contacto, descrita por Freud, em 1895 - evitaria, tipicamente, que elementos de um estado mental interferissem de forma maciça com elementos de outro estado (Cabral, 1998).

Por conseguinte, Bion (1962/1991) refere que a barreira de contacto é um conceito que elucida o estabelecimento de um contacto entre consciente e inconsciente, que opera a passagem selectiva de elementos de um estado psíquico para o outro. De facto, a barreira de contacto constitui-se como “uma membrana semi-permeável e transformadora formada por elementos unidos entre si para, simultaneamente, criar, pôr em contacto e separar o consciente e o inconsciente (...); está em constante formação e apenas a sua existência permite diferenciar/ligar o estar a dormir/estar acordado, passado/futuro, realidade/fantasia, consciente/inconsciente” (Cabral, 1998, p. 246).

Realce-se que os elementos que constituem a barreira de contacto são denominados por Bion (1962/1991) como *elementos  $\alpha$* , que correspondem a imagens visuais ou imagens que correspondem, por exemplo, a modelos auditivos ou olfactivos, no domínio mental; e são utilizadas para a formação de pensamentos oníricos, pensamentos inconscientes de vigília, sonhos e recordações. Deste modo, para Bion, os elementos  $\alpha$  constituem a matéria-prima a partir da qual se constituem e desenvolvem os pensamentos propriamente ditos (Zimerman, 1995). Note-se que é a *função  $\alpha$*  que, a operar devidamente, permite o desenvolvimento da barreira de contacto, ao proceder à transformação das impressões sensoriais e experiências emocionais percebidas em elementos alfa (Bion, 1962/1991). De facto, segundo Bion (1961/1991), a função alfa “(...) converte dados sensoriais em elementos alfa e, assim, provê à psique o material para os pensamentos oníricos e, portanto, a capacidade para acordar ou dormir, para estar consciente ou inconsciente” (p. 189). A relevância do processo psíquico transformativo inerente ao exercício da função alfa, pode ser ilustrada com um exemplo de uma criança que, ao ter a experiência emocional designada de aprender a andar, conseguirá, através do funcionamento adequado da função  $\alpha$ , armazenar psiquicamente essa experiência, permitindo que os pensamentos que tinham que estar inicialmente conscientes se tornem inconscientes e, desse modo, a criança possa fazer tudo o que é necessário para andar sem ter consciência do que é necessário para esse processo (Bion, 1962/1991). Importa frisar que, segundo Bion (1962/1991), a “função alfa opera nas impressões sensoriais, quaisquer que essas sejam, e nas emoções, quaisquer que essas sejam, que o paciente estiver a experienciar” (p. 6).

Desta forma, na conceptualização bioniana sobre o pensamento, a função  $\alpha$  incide sobre elementos psíquicos muito arcaicos, característicos de etapas muito precoces do desenvolvimento do pensamento, que foram, por essa razão, classificados por Bion, como protopensamentos. Saliente-se que os protopensamentos foram também denominados por Bion como *elementos  $\beta$* , sendo estas impressões sensoriais e experiências emocionais muito primitivas, que não se prestam ainda a ser utilizadas como pensamentos propriamente ditos, mas sim a serem actuadas dentro do organismo nos estados psicossomáticos ou evacuadas através da identificação projectiva (Zimmerman, 1995). Concomitantemente, os elementos  $\beta$  “(...) não são apropriados para pensar, sonhar, recordar ou exercer funções intelectuais; são vividos como “coisas-em-si” (Kant)” (Cabral, 1998, p. 246). Por conseguinte, estas impressões sensoriais e experiências emocionais percebidas permanecerão inalteráveis, enquanto elementos beta, se a função alfa não se mostrar devidamente operativa (Bion, 1962/1991). Neste sentido, “se existirem apenas elementos beta, (...) não poderá haver repressão, supressão ou aprendizagem” (Bion, 1962/1991, p. 8). À descrição compreensiva dos elementos beta, acresce-se o seguinte esclarecimento de Bion: “(...) o conceito de elementos beta inclui apenas impressões sensoriais, a impressão sensorial como se fosse uma parte da personalidade que experiencia a impressão sensorial, e a impressão sensorial como se fosse a coisa-em-si à qual a impressão sensorial corresponde” (*op. cit.*, p. 26).

Na óptica da teoria bioniana do desenvolvimento dos pensamentos, importa explicar as outras fases desse processo que, para além dos protopensamentos, prossegue, designadamente, através da formação de pré-concepções, de concepções e, por fim, dos pensamentos propriamente ditos (Bizot, 1985/2005).

Deste modo, Bléandonu (1993) salienta que Bion ao explicitar o modelo da disposição inata que leva o bebé a ter a expectativa de um seio – ou, pelo menos, de uma satisfação proporcionada por aquilo que uma personalidade mais evoluída identificaria como seio - explica o que entende por *pré-concepção*, que corresponderia, neste exemplo, a um conhecimento *a priori* do seio. Note-se que Bion (1962/1991) refere que o estado de expectativa designado por pré-concepção, possui a qualidade que Kant atribuiu a um pensamento vazio, uma vez que pode ser pensado, mas não pode ser conhecido.

Retomando o modelo infantil, quando o lactente entra em contacto com o seio materno, a pré-concepção, enquanto expectativa do seio, transformar-se-á numa *concepção* do seio, em que a inerente consciencialização dessa *realização* virá acompanhada de um desenvolvimento conceptual (Bléandonu, 1993). Nesta medida, todas as concepções estarão constantemente

ligadas a uma experiência emocional de satisfação (*op. cit.*). Porém, para que tal suceda, é importante que a mãe tenha aquilo que Bion designou por *rêverie*, que é “(...) o estado da mente em que se está aberto à recepção de quaisquer “objectos” provenientes do objecto amado, estando-se, assim, capaz de receber as identificações projectivas do bebé, quer este as sinta como boas ou más” (Bion, 1962/1991, p. 36). Desta forma, *rêverie* refere-se à capacidade da mãe (ou do psicanalista) de permanecer em uma atitude de poder receber, acolher, descodificar, significar, nomear as angústias do filho (paciente), e somente depois devolvê-las devidamente desintoxicadas (Zimerman, 1995, p. 98). Por conseguinte, “em suma, a *rêverie* é um factor da função alfa da mãe” (Bion, 1962/1991, p. 36).

De acordo com Symington e Symington (1997/1999), Bion observa o pensamento à luz das relações entre variáveis, nomeadamente ao considerar a união de uma pré-concepção com a adequada realização, como sendo a saturação de uma variável não saturada. É através deste processo que lhe é conferido um valor, um significado, tornando-se assim numa constante. Porém, permanece, enquanto constante, apenas por um curto período de tempo, antes de se tornar, novamente, não-saturada para formar uma nova pré-concepção. “Se este último processo não ocorre, e a concepção ou pré-concepção permanece saturada, o seu valor permanece fixo e o conceito não pode desenvolver-se mais; por consequência, a ideia fica sepultada num túmulo” (*op. cit.*, p. 120). Cabral (1998) refere ainda que, para Bion, a pré-concepção tem uma parte saturada e outra não saturada, sendo esta a que permite a expansão da mente.

Porém, Grinberg, Sor e Bianchedi (1991) realçam que Bion supõe que o bebé, embora tenha uma pré-concepção inata do seio, não tem a consciência da necessidade do seio bom e, pressionado pela fome, experimenta a necessidade não satisfeita - seio mau - da qual se tenta desfazer. Consequentemente, os mesmos autores salientam que, na perspectiva de Bion, todos os objectos de que se necessita são sentidos como objectos maus.

Desta forma, Bléandonu (1993) realça que Bion limitou o termo *pensamento* à união de uma pré-concepção com uma frustração, ou seja, o pensamento resulta do encontro com uma realização negativa. Segundo Grinberg et al. (1991), é importante enfatizar que Bion considera a tolerância à frustração como um factor inato da personalidade do bebé e, por isso, de grande importância no processo de formação de pensamentos e da capacidade de pensar. Bion propôs um modelo para a formação de um pensamento recorrendo, novamente, à mais tenra infância: quando a expectativa de um seio se une à realização de um *não-seio* disponível para satisfazer tal expectativa (Bléandonu, 1993). “Essa associação é vivenciada como um não-seio ou seio ‘ausente’ dentro dele” (Bion, 1961/1991, p. 186). A partir desta frustração,

Bion considera que duas opções se apresentam: ou a personalidade tolera a frustração e desenvolve a sua parte não-psicótica e criatividade psíquica, ou ela não suporta a frustração e mergulha na psicose e na autodestruição mental (Bléandonu, 1993).

Na teorização de Bion, importa sublinhar que os pensamentos são considerados como genética e epistemologicamente anteriores à capacidade para pensar (Grinberg et al., 1994). Bléandonu (1993) acrescenta que Bion “sabia muito bem estar indo contra a noção corrente segundo a qual o facto de pensar é que produz os pensamentos. Sustentava que a psique é obrigada a pensar, pois se depara com pensamentos que antecedem a própria existência dela” (p. 142). Por conseguinte, para Bion, se a personalidade conseguir tolerar suficientemente a frustração, o não-seio interno torna-se um pensamento, desenvolvendo-se, assim, um aparelho para pensá-lo e, desta forma, desencadeia-se um ciclo benéfico, dado que uma psique capaz de tolerar a frustração gera um pensamento, que tornará a frustração ainda mais tolerável (*op. cit.*). Por outro lado, Bion salienta que se a personalidade não tolera a frustração, o não-seio interno torna-se num *seio mau*, ou seja, “o que deveria ser um pensamento, um produto da justaposição de uma pré-concepção e uma realização negativa, torna-se um objecto mau, indistinguível de uma coisa-em-si-mesma, que se presta apenas à evacuação” (Bion, 1961/1991, p. 187). Em consequência, em vez de ocorrer o desenvolvimento dum aparelho para pensar, manifesta-se a hipertrofia do aparelho de identificação projectiva (*op. cit.*). Por conseguinte, para Bion, o pensamento desenvolve-se na frustração devida à ausência do objecto, desde que esta ausência se constitua como uma frustração tolerável, “(...) levando os elementos de pensamento a procurarem um pensador (identificação projectiva normal)” (Cabral, 1998, p. 148).

Sintetizando, a associação de uma suficiente capacidade de tolerância à frustração do bebé com uma aptidão da mãe para a rêverie, proporciona condições básicas para o desenvolvimento do pensamento, cuja prossecução permite a emergência de pensamentos propriamente ditos – que são representações de coisas-em-si –, e em cuja formação participa uma proliferação de elementos  $\alpha$ , que constitui a barreira de contacto (Bizot, 1985/2005).

### 1.1.2. Desenvolvimento adequado da barreira de contacto

O ponto de partida da vida psíquica é consubstanciado, para Bion, numa relação mãe-bebé que é mediada pelo recurso à identificação projectiva (Cabral, 1998). De facto, à luz da teoria bioniana, os elementos  $\beta$  projectados pelo bebé no psiquismo materno serão, idealmente, processados pela capacidade de pensar da mãe – função  $\alpha$  – que operará, assim,

sobre essas impressões sensoriais e experiências emocionais percebidas, transformando-as em elementos  $\alpha$ , que serão, então, devolvidos ao bebé (*op. cit.*). Adicionalmente, saliente-se que é o aumento progressivo no psiquismo do bebé de elementos  $\alpha$  que formará uma barreira de contacto, protótipo da função  $\alpha$  (*op. cit.*). De facto, segundo Grinberg et al. (1991), embora o conceito da barreira de contacto pertença ao domínio abstracto, a sua compreensão será facilitada se considerarmos a barreira de contacto como uma estrutura, tal como sugere Bion, ou seja, seria assim uma parte do aparelho mental produzida pela função  $\alpha$ .

Realce-se que só quando a criança, inicialmente com a ajuda da função  $\alpha$  da mãe, puder transformar a experiência emocional dolorosa numa vivência que lhe seja suportável psiquicamente - ao ser capaz de, por exemplo, tolerar a demora e a ausência maternas - é que conseguirá progressivamente transformar o seio mau presente num seio bom ausente (Cabral, 1998). Caso este desenvolvimento saudável da personalidade do bebé ocorra, ele introjectará, como parte integrante do aparelho da função  $\alpha$ , um aparelho *continente-conteúdo* (Fleming, 2003). Importa realçar a importância fulcral que Bion atribui às investigações efectuadas por Melanie Klein acerca do conceito de identificação projectiva, por forma a elaborar a noção de continente-conteúdo (Dias & Fleming, 1998). De facto, Bion refere a propósito da conceptualização da identificação projectiva: “Desta teoria, tirarei, para me servir como modelo, a ideia de um continente no qual um objecto é projectado, objecto que designarei pelo termo de conteúdo” (Bion, 1962, p. 110; cit. por Dias & Fleming, 1998, p. 10).

Como forma de explicar adequadamente a natureza do modelo continente-conteúdo, importa salientar que, para Bion, *conteúdo* expressa “uma massa de necessidades, desejos, demandas e angústias que o bebé (ou o paciente na sessão analítica) deposita, por meio de uma penetração de identificações projectivas, dentro da mente da mãe (ou do analista)” (Zimerman, 1995, p. 150). No que se refere ao termo *continente*, este consiste na receptividade da mãe ao conteúdo que lhe foi penetrado e, “assim, é fácil percebermos que Bion utiliza o modelo de uma relação sexual” (*op. cit.*, p. 150). Symington e Symington (1997/1999) explicam que, para Bion, as palavras agregam a si uma penumbra de imagens, o que o levou a substituir a expressão continente-conteúdo pelos símbolos ♀ e ♂, acreditando, desse modo, que os símbolos terão agregados a si menos suposições pré-formadas, sendo o arquétipo para ♀♂, o seio materno/bebé.

Adicionalmente, Grinberg et al. (1991) salientam que, no melhor dos casos, os conteúdos do bebé são evacuados num seio externo real disponível nesse momento, correspondendo, por exemplo, à situação em que a mãe, ao aperceber-se da vontade do bebé

em ser alimentado, lhe presta esse cuidado no momento em que essa necessidade surge. Nesta situação, a mãe, ao exercer a sua capacidade de rêverie, funciona como um continente efectivo das sensações do bebé, tendo a competência para transformar com sucesso as angústias do bebé, nomeadamente a fome em satisfação e a dor em prazer (*op. cit.*).

Todavia, a relação ♀ ♂ “não se trata nem de uma situação estática nem de uma situação em que o bebé é passivamente sustentado; a teoria de Bion é de que se trata de uma situação dinâmica. Há um ♂ em busca de um ♀, e há uma inter-relação entre os dois” (Symington & Symington, 1997/1999, p. 73).

No caso do desenvolvimento do bebé ocorrer de forma adequada, ele internalizará progressivamente boas experiências da relação com a sua mãe, nas quais se insere uma mãe (continente) receptiva e metabolizadora dos sentimentos projectados pelo bebé (conteúdos) para dentro dela, sendo que, para tal acontecer, está subjacente o exercício da função  $\alpha$  materna (Grinberg et al., 1991).

Nesta medida, ♀ ♂ subjazem assim a uma teoria do pensar, uma vez que a sua introjecção viabiliza a função  $\alpha$ , e “é pela sua expansão, (♀ ♂)<sub>n</sub>, que aprendizagens cada vez mais complexas são possíveis, sem que no entanto qualidades básicas possam ser perdidas (por exemplo, a qualidade receptora de ♀)” (Dias & Fleming, 1998, p. 12).

Note-se que, deste modo, a barreira de contacto não se pode dissociar da interacção dinâmica ♀ ♂, uma vez que a barreira de contacto ao ser o “resultado da reintrojecção de algo do espaço psíquico da mãe, funcionará progressivamente como um continente (♀) relativamente autónomo para as actividades psíquicas da criança, sendo que estas actividades constituiriam, pois, o seu conteúdo (♂), e a personalidade alimentar-se-á, assim, dos dados da experiência sensorial e emocional, desenvolvendo-se na medida em que consegue digerir e assimilar esses dados” (Cabral, 1998, p. 129).

Nesta perspectiva de relação profícua ♀ ♂, inerente ao bom funcionamento da barreira de contacto, torna-se possível aceder, de acordo com Bion, a uma abstracção compreensiva do vivido emocional, que consiste na formação de pensamentos em que participam os elementos constituintes dessa membrana psíquica – elementos  $\alpha$  (Symington & Symington, 1997/1999). Deste modo, é evidente a relevância fundamental que Bion (1962/1991) atribui à aplicação do pensamento à experiência emocional que, de acordo com o autor, “não pode ser concebida fora duma relação” (p. 42). Por conseguinte, o que permite a experiência emocional é a relação entre seres humanos, tendo Bion defendido que podem existir nas relações humanas os vínculos do Amor (L), Ódio (H) e Conhecimento (K) e os negativos de cada um destes,

que abrevia como  $-L$ ,  $-H$  e  $-K$ . (Symington & Symington, 1997/1999). Deste modo, o termo *vínculo* descreve uma experiência emocional na relação entre duas pessoas ou duas partes de uma personalidade (Grinberg et al., 1991).

Concomitantemente, o vínculo é, assim, uma actividade fundamental, na qual ocorre a experiência emocional da aprendizagem, mas importa sublinhar que existem forças que se opõem à compreensão da experiência emocional que, quando expressas na relação, são representadas como o negativo dos vínculos  $L$ ,  $H$  e  $K$ , isto é,  $-L$ ,  $-H$  e  $-K$  (Symington & Symington, 1997/1999). Para além disso, saliente-se que Bion alargou a nossa compreensão acerca das múltiplas formas da normalidade e da patologia do amor ( $L$ ), do ódio ( $H$ ) e do conhecimento ( $K$ ) em que, sobretudo, emprestou uma expressiva relevância ao problema da verdade face à não-verdade ( $K$  x  $-K$ ), ou seja, se, na situação analítica, o paciente tem amor às verdades e as enfrenta ou se ele procura evadi-las através de inúmeras formas defensivas, sob a égide dos mecanismos de negação (Zimerman, 1995). Neste último caso, Zimerman (1995) salienta que Bion aborda com profundidade o problema das mentiras - que são conscientes - distinguindo-as das diversas formas de falsificação - de origem inconsciente - das verdades penosas, quer internas ou externas. Importa salientar ainda que a contrapartida de  $L$  é  $-L$ , ou seja, sendo o conflito entre “amor” e “menos amor”, não devendo, por isso,  $-L$  ser entendido como equivalente ao vínculo do ódio; o mesmo tipo de relação deve ser considerado para  $H$  x  $-H$ .

Realce-se que o vínculo  $K$  é a forma de vínculo presente quando se está num processo de conhecimento do outro, num sentido emocional, mas se um dos vínculos negativos se torna dominante, o processo de compreensão emocional que ocorre na relação é paralisado, podendo até ser invertido, ou seja, a experiência com significado pode ser destruída (Symington & Symington, 1997/1999). Neste sentido, através destas conceptualizações de Bion, sugere-se uma “(...) teoria para a comunicação humana como ♀ ♂, cujo limite ideal é a transformação «completa» de  $H$  em  $L$ , de forma a produzir, em última análise,  $K$ ” (Dias & Fleming, 1998, p. 17).

Assim, o funcionamento operante da barreira de contacto, enquanto protótipo da função  $\alpha$ , depende, em cada momento, dos vínculos subjacentes ao estabelecimento da relação ♀ ♂. De facto, a transformação bem sucedida da emoção dolorosa intolerável (que carece de significação) numa emoção tolerável e pensável, dependerá, deste modo, das qualidades transformadoras do ♀ (capacidade de rêverie, função  $\alpha$ ) e do tipo de relação ♀ ♂ (Fleming, 2003). Por conseguinte, importa considerar os três tipos fundamentais de relações

♀ ♂, descritos por Bion: vínculo comensal, vínculo simbiótico e vínculo parasitário (Symington & Symington, 1997/1999).

No que concerne ao *vínculo comensal*, “hóspede e hospedeiro, convivem harmonicamente, embora não haja crescimento nem prejuízo em nenhum dos dois, e eles pouco se influenciam mutuamente” (Zimerman, 1995, p. 80).

O *vínculo parasitário* ocorre quando o objecto produzido por ♀ e ♂ destrói ambos, sendo a incoerência um exemplo de tal situação (Symington & Symington, 1997/1999). Este tipo de vínculo é “(...) despojante não só quanto à relação existente, como também em relação àquela que poderia vir a ser. Na maior parte das vezes, a relação continente-conteúdo é parasitária, quando a união se dá por uma impregnação de inveja associada à voracidade” (Zimerman, 1995, p. 95). Deste modo, o vínculo parasitário pertence ao domínio da personalidade psicótica ou parte psicótica da personalidade, que pode ser ilustrado através da seguinte fórmula: - (♀.♂)<sub>n</sub> (Grinberg et al., 1991).

Por fim, no que respeita ao *vínculo simbiótico*, este designa “(...) um harmónico e produtivo convívio recíproco entre as partes, que se influenciam reciprocamente. Exemplo: a mãe (ou o analista) desenvolve a sua aptidão para ser mãe em função de seu vínculo com o bebé (ou paciente), enquanto o bebé desenvolve a sua aptidão em ser bebé em contacto vivencial com a mãe” (Zimerman, 1995, p. 100). Symington e Symington (1997/1999) referem que, na perspectiva de Bion, o vínculo simbiótico é um promotor da capacidade de expressão, sendo mutuamente benéfico para ♀ e ♂. Para além disso, a interacção continente-conteúdo no vínculo simbiótico pode ser expressa como a união de duas ideias para formar uma terceira, para benefício das três, sendo o crescimento mental inerente a esta relação, modelizada por Bion como + (♀.♂)<sub>n</sub> (Grinberg et al., 1991). Importa salientar que, no aparecimento de uma nova ideia, ocorre um conjunto de acontecimentos que Bion designou por *mudança catastrófica*, e que possui três características fundamentais: violência (desorganização e dor mental subjacente à transformação); invariância (a nova ideia provém da anterior e, por isso, mantém elementos desta que devem ser reconhecidos, facilitando assim o processo de aprendizagem e o crescimento emocional); e subversão do sistema (a autêntica transformação não se caracteriza por uma acumulação de conhecimentos, uma vez que o sujeito, mais do que ir sabendo acerca de algo, deverá ir integrando esse algo na sua experiência) (Dias & Fleming, 1998). Nesta medida, a emergente mudança catastrófica (♂), deverá ser contida por uma tolerância à dor mental consequente (♀) (*op. cit.*). Neste sentido de uma mudança catastrófica bem sucedida, inerente a um vínculo simbiótico da interação continente-conteúdo, Fleming (2003) salienta que, para Bion, o vínculo K deverá predominar,

e a consequência para o desenvolvimento da personalidade do bebé é que, nessas circunstâncias, o bebé introjecta o aparelho ♀ ♂ como parte do aparelho da função  $\alpha$ . Deste modo, a função  $\alpha$  transformadora, inicialmente desempenhada pela mãe, passa a poder ser desempenhada pelo bebé, à medida que proliferam as ligações entre elementos  $\alpha$  no seu psiquismo, ou seja, que se constitui e desenvolve a barreira de contacto do bebé (Cabral, 1998).

### 1.1.3. O mediador psíquico da relação entre a realidade e a fantasia

A natureza da barreira de contacto determina a transposição de elementos psíquicos do consciente para o inconsciente e vice-versa e, para a compreensão desta dinâmica, os sonhos revelam-se de uma importância fundamental, uma vez que permitem um “(...) acesso directo ao seu estudo” (Bion, 1962/1991, p. 17). De acordo com esta aceção, Bion (1962) defende que “a barreira de contacto permite estabelecer uma relação – e manter a crença na realidade desta relação – com um acontecimento actual submetido às leis da natureza, sem que esta visão realista seja submergida pelas emoções e fantasias de origem endopsíquica. Reciprocamente, ela impede estas emoções de serem invadidas pela visão realista. A barreira de contacto é pois responsável pela manutenção da distinção entre inconsciente e consciente (...)” (*op. cit.*, pp. 26-27, cit. por Cabral, 1998, p. 137). Para além disso, Cabral (1998) defende que, à luz do pensamento de Bion sobre a barreira de contacto, sobressai que “(...) o homem deve ‘sonhar’ a experiência emocional tanto no sono como no estado de vigília, pois é este ‘sonho’ que instaura a ‘barreira de contacto’, estes dois termos podendo mesmo ser indiferentemente utilizados” (p. 131).

Concomitantemente, a barreira de contacto tem implicações na forma como se comunica no quotidiano, uma vez que “quando alguém toma parte numa conversação, ele ou ela não é, normalmente, bombardeado com material inconsciente preexistente, o que a acontecer, implicaria distração e impediria efectivamente a comunicação normal. A barreira de contacto impede que isto aconteça, mas também permite que suficiente fantasia inconsciente, presumivelmente armazenada na memória, passe até à consciência, o que torna, assim, a conversação ressonante. Sem esta penetração, o intercâmbio pareceria muito rígido e estéril (...)” (Symington & Symington, 1997/1999, p. 86). Nesta medida, a barreira de contacto permite que o recalçamento e o armazenamento na memória prossigam de forma normal, ainda que influenciados por acontecimentos da vida de vigília, sublinhando-se que

“(...) no momento do insight emocional dá-se uma conjugação de elementos conscientes e inconscientes” (*op. cit.*, p. 87).

A barreira de contacto é, deste modo, a base da relação normal com a realidade e o mundo interno e externo e, para que tal suceda, é importante referir que, para além da relação dinâmica ♀ ♂, Bion assinala que um outro tipo de interacção é fundamental que ocorra: a oscilação dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva (Ps ↔ D) (Cabral, 1998).

Melanie Klein descreveu a *posição esquizo-paranóide* como a situação do bebé que, exposto ao impacto da realidade externa e à ansiedade provocada pelo seu instinto de morte, utiliza os mecanismos de dissociação, negação, onipotência, idealização e identificação projectiva para se defender, tendo como resultado a clivagem dos objectos em idealizados e perseguidores, também podendo ocorrer que estes mecanismos, por serem extremados, provoquem a dispersão e fragmentação do Eu e dos objectos (Grinberg et al., 1991).

Por outro lado, a mesma autora conceptualizou a *posição depressiva* como a constituição do processo de integração da clivagem anteriormente descrita, com o despoletar de sentimentos de ambivalência, existindo mesmo momentos de integração depressiva ainda durante a etapa esquizo-paranóide (Grinberg et al., 1991).

Zimerman (1995) sustenta que Bion utiliza com acentuada frequência estes conceitos kleinianos, mas concebe algumas modificações na formulação original, nomeadamente ao não considerar que exista uma evolução linear da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, já que ambas estão numa permanente interacção que persiste ao longo da vida, não obstante ambas poderem sofrer sucessivas transformações. Por essa razão, Bion sinaliza a ligação dessas duas posições com o símbolo de flechas apontando simultaneamente para duas direcções opostas (*op. cit.*). Por conseguinte, “(...) trata-se de uma flutuação entre uma dispersão (Ps) e uma integração (D) contemporânea a ♀ ♂, e que por isso permite pôr em evidência os pensamentos gerados em ♀ ♂” (Dias & Fleming, 1998, p. 14).

Concomitantemente, Bion sustenta que a gradativa consolidação da posição depressiva é o que vai permitir a formação de *símbolos* (Zimerman, 1995). De facto, de acordo com Hanna Segal (1957/1991), o símbolo surge “(...) quando os sentimentos depressivos predominam sobre os esquizo-paranóides, quando a separação do objecto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser vivenciadas e toleradas. O símbolo não é usado para negar a perda, mas para superá-la” (p. 175). Nesta senda, Amaral Dias (1997, cit. por Marques, 1999) defende que “(...) a formação de símbolos não deve ser considerada na relação com o objecto perdido, mas sim na possibilidade de o sujeito *tolerar a não presença da significação na*

*ausência do objecto*” (pp. 231-232). Para além disso, importa esclarecer que a simbolização consiste numa relação de três termos: “(...) uma relação entre a coisa simbolizada, a coisa que funciona como um símbolo e uma *pessoa* para quem um representa o outro” (Segal, 1957/1991, p. 170). Em termos psíquicos, o simbolismo seria, assim, uma relação entre o ego, o objecto e o símbolo (*op. cit.*). Porém, importa sublinhar que, subjacente a essa relação, os símbolos são criados “(...) através da passagem da desordem para o pensamento, numa lógica suportada pela substituição, pela condensação e pela identificação projectiva. Mas o objecto e a realidade são apreendidos através de um processo determinado internamente, pelo que a criação de símbolos (...) dá conta do trabalho psíquico de recriação que o sujeito realiza sobre o objecto, trabalho este que se realiza no balanceamento entre a verdade e a não-verdade” (Marques, 1999, p. 232).

Por conseguinte, na óptica bioniana, a formação de símbolos sustenta-se num permanente oscilar entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, denotando ainda o que Poincaré descreveu como a descoberta do *facto seleccionado* (Grinberg et al., 1991). Na perspectiva de Bion, um *facto seleccionado* é uma emoção ou uma ideia que dá coerência ao disperso e introduz uma ordem na desordem sendo, assim, uma designação de uma experiência emocional, de um sentimento de descoberta, e pode traduzir-se na denominação de um elemento que é utilizado para particularizá-lo (*op. cit.*). Neste sentido, o *facto seleccionado* é o “(...) elemento que confere coerência aos objectos da posição esquizo-paranóide e introduz a posição depressiva, numa constante oscilação entre momentos de desintegração e integração (Ps↔D)” (Cabral, 1998, p. 145). Por conseguinte o *facto seleccionado* “(...) descreve aquilo que o psicanalista deverá experienciar no processo de síntese” (Bion, 1962, p. 72).

Em suma, apenas com a instauração da barreira de contacto é possível:

*A visão binocular, que utiliza o consciente mas também o inconsciente (o que implica a sua separação e em que um apenas tem existência com o outro); a relação dinâmica continente/conteúdo e PS ↔ D (que têm as mesmas características do consciente/inconsciente); a razão, mas também a emoção (pois pensar é pensar a emoção), acabando, como diz Meltzer (1990), com a dicotomia entre o pensamento racional/masculino de um lado e o emocional/feminino do outro; e sobretudo, a utilização muito cara a Bion, da intuição (Cabral, 1998, p. 145).*

Concomitantemente, um adequado funcionamento da barreira de contacto, conceptualizada por Bion, permite a prossecução do processo de simbolização – que o exercício da função  $\alpha$  sustenta - numa constante abertura para o infinito e para o incognoscível (Cabral, 1998). Importa salientar que, na terminologia bioniana, o incognoscível é representado por O, que evidencia a situação da realidade, quer física, quer psíquica, que Bion considera inacessível, a verdade ou realidade última, impossível de conhecer (Marques, 1999). À luz do conceito de O, Rezende (1995) destaca que “não somos donos dos pensamentos e muito menos da verdade; a verdade provoca-nos, estimula-nos, mas vai à nossa frente dando-nos as costas. Negativamente, ela não se mostra, mas nos faz pensar, pondo os pensamentos em circulação ‘entre’ paciente e analista” (p. 142). Por isso, para a percepção da realidade última será necessário uma função superior à função  $\alpha$  - correspondente dos sentidos para a apreensão da realidade psíquica – a que Bion designou por *fé*, “e mais do que ir tendo fé em O é necessário ser ou ‘ir sendo aquilo que se é’” (Cabral, 1998, p. 163). Desta forma, o que no início, no nível fetal era infinito, inominável (O=zero), ou seja, “o que em ‘*Me*’ era promessa, aos poucos vai-se realizando como ‘*Ego*’, para vir a ser ‘*My-self*’” (Cabral, 1998, p. 164). É neste sentido que Bion defende o potencial de crescimento ilimitado da mente: “Posso crescer indefinidamente em direcção a O, porque o pensamento que me faz pensar é pensamento de O” (Bion, 1970, cit. por Cabral, 1998, p. 164). Por conseguinte, a expansão da mente passa pela procura da verdade de si mesmo, ou seja, na capacidade de se tornar naquilo que se é, *being* O, de acordo com  $K \rightarrow O$  (transformações em O) (Bion, 1965, cit. por Fleming, 2003). Neste sentido, importa salientar que, para Bion, a realidade original, mas incognoscível, O, é representada ao ser transformada ou processada na mente, na qual o processo de transformação,  $T \alpha$ , resulta em  $T \beta$ , o produto que pode ser observado (Symington & Symington, 1997/1999).

Na compreensão da dinâmica desenvolvutiva da barreira de contacto, a contribuição do conceito de O pode ser ilustrado da seguinte forma: “A infinitude do espaço psíquico, em permanente expansão, tendendo para O e a finitude do espaço analítico, com a conseqüente oscilação entre pensamento (infinito) e conhecimento (finito), entre união e separação e a dor mental que lhes é inerente” (Cabral, 1998, p. 149). Através da implicação da realidade última e incognoscível na dinâmica da barreira de contacto, revela-se amplamente compreensível que Cabral (1998) explicita que aquela membrana psíquica não permite tornar o inconsciente consciente, tal como pretendia Freud, mas sim separar e correlacionar os dois, ou seja, simbolizar.

Nesta senda, F. Begoin-Guignard (1989) destaca o conceito bioniano da barreira de contacto como especialmente significativo para a reavaliação da questão do pré-consciente. De facto, a autora salienta que a criança, ao reintrojectar os elementos beta transformados pela função alfa maternal, ou seja, os elementos de pensamento desta - elementos alfa - “(...) poderá estabelecer no seu interior a sua própria função de identificação projectiva normal, continente das suas experiências emocionais, «membrana de contacto» entre a vida psíquica do sujeito e a do outro, instrumento de simbolização e de comunicação inter-humana – em outros termos, o pré-consciente” (p. 26).

De facto, “se a barreira de contacto deixa de ser transformadora, geradora da função simbólica, a vida psíquica adoece ou morre” (Cabral, 1998, p. 145).

#### 1.1.4. A(s) patologia(s) da barreira de contacto e a emergência da tela beta

Para Bion, os pensamentos, sentimentos e fantasias que transitam entre o inconsciente e o consciente nem sempre evidenciam um adequado funcionamento da barreira de contacto, ou seja, um sistemático intercâmbio e fluxo associativo entre os dois planos da mente, com um trânsito selectivo entre ambos, que configurem um exercício de qualidade semi-permeável daquela membrana psíquica (Zimerman, 1995). Assim, de acordo com o pensamento bioniano, Cabral (1998) salienta que, por vezes, ocorre uma falência do processo dinâmico e dialéctico de significação inerente à oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva que, deste modo, “(...) sofre uma quebra, uma dissociação, ou, em casos extremos, é inexistente. Com efeito, o ser humano utiliza várias defesas contra a dor mental produzida pela dependência/separação (...) tendo em conta o processo dialéctico entre fantasia e a realidade (realidade entendida como tudo o que se experimenta como exterior ao campo de onnipotência do sujeito)” (p. 165).

Por conseguinte, umas vezes o equilíbrio dialéctico entre a realidade e a fantasia rompe-se em favor da realidade, sendo esta utilizada como uma defesa contra a fantasia, concretizando a possibilidade sustentada por Bion de uma barreira de contacto que, embora composta por elementos  $\alpha$ , é tão rigidamente organizada - como se pode verificar em personalidades exageradamente obsessivas ou narcísicas - que o sujeito não consegue contactar com o seu mundo interior (Zimerman, 1995). De acordo com este modo de funcionamento da barreira de contacto, evita-se qualquer vislumbre de fantasia, desprezando-se qualquer jogo criativo que saia do âmbito e controlo restrito da realidade, em que as raras ocorrências de sonhos são difíceis de destringir de pensamentos conscientes, sendo

desvalorizados com o intento de depreciar essa experiência emocional indispensável, retirando-se todo o seu significado e ressonância afectiva (Cabral, 1998).

Desta forma, uma barreira de contacto de natureza impermeável “seria uma forma de defesa contra o medo que as suas fantasias, desejos e temores – sentidos como terríveis – aconteçam de facto, mas à custa de perder a capacidade de imaginar, de brincar ao ‘faz de conta’, de se sentirem vivas, adoecendo frequentemente com males psicossomáticos” (*op. cit.*, p. 167). A identificação projectiva e introjectiva são, assim, incompatíveis com este tipo de mente hiper-realista, que subjaz ao estilo rígido de funcionamento da barreira de contacto, “(...) porque sugerem a desobediência ao real, a sua transformação” (Cabral, 1998, 167). Por conseguinte, onde poderia haver uma oscilação dinâmica PS ↔ D, o acesso à posição depressiva é negado, promovendo o facto mentiroso, ou, na melhor das hipóteses, o sujeito procederá a uma aproximação a D, mas mostra-se incapaz de, a partir dessa perspectiva, pensar os pensamentos e de se reconhecer (Dias, 1996, cit. por Cabral, 1998).

Nestes casos, constata-se que o “(...) ♀/significante despoja o ♂/significado da sua qualidade penetrante e este despoja o continente da sua qualidade receptora, inviabilizando a penetrabilidade emocional e a sua elaboração; e levando, também, à superficialidade, ao banal que não atribui qualquer valor à metáfora originária que, só ela, pode aliviar a dor da separação – ‘tu compreendes-me’” (Cabral, 1998, p. 168). Em suma, a barreira de contacto constitui-se, assim, como uma muralha que sustenta uma separação da própria emoção – alexitimia - ou num muro que isola da emoção do outro – o pensamento operatório (*op. cit.*).

Para além dos modo de funcionamento da barreira de contacto impermeável da barreira de contacto, Bion explana uma outra possibilidade, característica da personalidade psicótica ou da parte psicótica da personalidade, na qual se expressa a inexistência de uma eficaz barreira psíquica delimitadora, repercutindo-se na incapacidade de discriminação entre inconsciente e consciente, mundo interior e exterior, fantasia e realidade, símbolo e simbolizado (Zimerman, 1995).

Nesta senda, Grinberg et al. (1991) referem que Bion verificou que determinados pacientes apresentavam graves perturbações na sua capacidade de pensar possuindo, dessa forma, uma função alfa deteriorada ou insuficientemente desenvolvida, que fracassava na produção de elementos alfa, suscitando uma predominância de elementos beta que impunham uma tendência às passagens-ao-acto e à utilização do pensamento concreto, dada a incapacidade de simbolizar e de fazer abstracções. Desta forma, a insuficiência da função alfa determina o estado de pacientes psicóticos que não conseguem estar nem acordados nem a dormir, bem como a sua falta de capacidade de sonhar ou de recordar os sonhos que

frequentemente se observa no contexto clínico. De facto, mesmo nos casos em que este tipo de pacientes relatam sonhos, tais produções não são, tipicamente, constituídas por pensamentos oníricos formados por elementos alfa, mas sim de fenómenos alucinatórios, a que Bion denominou por transformações em alucinose, caracterizadas pela presença maciça de elementos beta (*op. cit.*). Assim, neste registo psíquico de marcada porosidade da barreira de contacto, a fantasia impõe-se à realidade e, deste modo, “os sonhos transformam-se então em pesadelos terríveis, o jogo em passagens ao acto ou em acções compulsivas” (Cabral, 1998, p. 165).

Por conseguinte, neste quadro mental disruptivo, a capacidade de formação de símbolos encontra-se comprometida, dada a incapacidade de processar adequadamente intensas ansiedades em pensamentos, derivada da falta ou grande insuficiência da função  $\alpha$  (Zimerman, 1995). Deste modo, essa parte psicótica da personalidade não opera com símbolos abstractos, mas sim com *equações simbólicas*, concretas, de acordo com descrição clássica de Segal (1957, cit. por Zimerman, 1995). De facto, de acordo com a autora, a equação simbólica entre o objecto original e o símbolo é “(...) a base do pensamento concreto do esquizofrénico, em que substitutos para os objectos originais, ou partes do *self*, podem ser utilizados bastante livremente, mas, (...) praticamente não são diferentes do objecto original: são sentidos e tratados como se fossem *idênticos* a ele. Esta não-diferenciação entre a coisa simbolizada e o símbolo é parte de uma perturbação na relação entre o ego e o objecto” (Segal, 1957/1991, pp. 171-172).

Esta incapacidade de formar símbolos advém, para Bion (1959, cit. por Cabral, 1998), do funcionamento da parte psicótica da personalidade que opera um *ataque às ligações* – não só as da consciência, referentes às impressões sensoriais da realidade, mas igualmente as ligações no próprio pensamento – sendo, assim, inviável o exercício da capacidade de ligar/separar dois objectos, tornando manifestas as suas semelhanças, mas também preservando as suas diferenças.

Nos casos de extrema indiferenciação entre consciente e inconsciente, simbolizado e símbolo, Cabral (1998) salienta que, de acordo com Carlos Amaral Dias, o disfuncionamento da barreira de contacto é de tal forma pronunciado, que a oscilação dinâmica  $PS \leftrightarrow D$  fica truncada de D pela recorrência constante de movimentos psíquicos desintegrativos ( $PS \rightarrow PS$ ), tornando o continente cada vez mais frágil e incrementando, constantemente, a intolerância à realidade. Tal conduz a uma “(...) hemorragia do mundo interno, a explosão projectiva, que é

uma experiência de um espaço mental sem limites, levando ao pânico psicótico” (Cabral, 1998, p. 146).

Por conseguinte, Bléandonu (1983), refere que, para Bion, a severa indistinção entre consciente e inconsciente não deve ser compreendida como decorrente, ainda, da presença de uma barreira de contacto composta por elementos alfa, mas sim do funcionamento de uma barreira composta por elementos beta. “Mas poder-se-ia falar em ‘composição’ com respeito a elementos incapazes de se ligar entre si?” (*op. cit.*, p. 150). De facto, os elementos  $\beta$  não permitem formar uma barreira de contacto funcional, mas parecem, ainda assim, formar uma estrutura intencional, a que Bion denominou de *tela beta* que, ao contrário da barreira de contacto, impede as ligações e o conhecimento (Symington & Symington, 1997/1999).

O processo constitutivo da tela beta, conceptualizada por Bion, será derivado de deficiências ou mesmo inexistência do continente materno e/ou uma severa intolerância inata à frustração do bebé/criança, provocando uma perturbação da relação  $\text{♀} \text{♂}$ , em que em vez de predominar a integração de elementos psíquicos decorrentes de experiências emocionais, é a fragmentação que domina, provocando uma proliferação de elementos  $\beta$ , que formam a tela  $\beta$  (Cabral, 1998).

Deste modo, a tela beta é o resultado da aglomeração de elementos beta, ou seja, é mais parecida com uma aglutinação do que com uma integração, mas estes elementos podem alcançar uma certa coerência entre si, que se manifesta ao provocarem no objecto determinadas respostas emocionais, sendo este um facto identificável na observação clínica (Grinberg et al., 1991). De facto, graças à tela beta, o paciente tem a capacidade de promover um envolvimento emocional inviabilizante da capacidade de pensar do analista (Bion, 1962/1991). Neste sentido, a tela beta, existente na parte psicótica da personalidade, manifesta a particularidade de “(...) suscitar no analista emoções tais, que este é como que ‘obrigado’ a dar respostas fortemente contratransferenciais ou, inversamente, a responder exactamente aquilo que o paciente queria ouvir” (Cabral, 1998, p. 134). Por conseguinte, “é como se a função da tela  $\beta$  fosse fazer o analista parar de pensar para, em vez disso, actuar. A definição de uma interpretação precisa incluir a função  $\alpha$  na sua conceptualização” (Symington & Symington, 1997/1999, p. 88).

Os dados clínicos revelam ainda a manifestação de um ecrã ou tela  $\beta$ , nomeadamente quando há um desenvolvimento defeituoso ou irregular da capacidade de memorização ou de recalçamento (Cabral, 1998). Para além disso, Bion (1962/1991) salienta que esta tela de elementos beta apresenta-se, clinicamente, como indistinguível de estados confusionais que se assemelham a sonhos. Desta forma, tais estados confuso-oníricos levam a que “(...) nem o

paciente, nem o analista, saibam se se trata de um sonho ou não – estados mentais em que não existe diferença entre consciente e inconsciente, em que não há uma divisão funcional entre um e outro” (Cabral, 1998, p. 134). Este tipo de paciente é, assim, incapaz de compreender o seu próprio estado mental, ainda que seja informado sobre o mesmo, sendo a utilização que faz das palavras mais próxima da acção que visa libertar o excesso de tensão psíquica do que de um autêntico discurso (*op. cit.*).

Porém, para além de um mero distúrbio na função  $\alpha$ , importa ter em consideração que Bion (1962/1991) sustenta que o processo de desenvolvimento em curso da barreira de contacto pode ser substituído pela sua destruição, através de uma efectiva reversão da função alfa. Essa reversão da função alfa provoca que os elementos alfa, constituintes da textura da barreira de contacto, se destituem de todas as características que os separam dos elementos beta, sendo, de seguida, projectados, conduzindo à formação da tela beta (*op. cit.*). Todavia, a reversão da função alfa afecta o ego e, por conseguinte, não produz um simples retorno a elementos beta, uma vez que nesse processo acabam por se constituir objectos com características conformes aos objectos bizarros, que são diferentes dos elementos beta, na medida em que a estes elementos são acrescidos traços do ego e do superego (*op. cit.*). Deste modo, no processo inerente à reversão da função  $\alpha$  ocorre um ataque às ligações (os vínculos L, H e K transformam-se em -L, -H e, sobretudo, -K) “(...) organizando um ‘super’-ego arrogante, onipotente e onisciente, que se opõe a toda a aprendizagem pela experiência e destruindo a capacidade de pensar e de ‘crescer sobre a base da tolerância à dúvida e do sentido de infinito” (Cabral, 1998, p. 135). Assim, em vez de um superego, instala-se na mente “(...) um *supra-ego* (ou “*super*” *superego*), de modo que esse tipo de paciente, partindo da ideia de que tudo sabe, pode e controla, faz as suas próprias leis e espera que o mundo exterior se curve diante delas” (Zimmerman, 1995). Neste sentido, importa clarificar que, na parte psicótica da personalidade, é adoptada a onipotência em detrimento da capacidade de pensar; a aprendizagem com a experiência é rejeitada em favor da onisciência; e o reconhecimento da dependência e da fragilidade é impossibilitado pela prepotência (Zimmerman, 1995).

No sentido de acrescentar ainda maior valor compreensivo à dinâmica da tela beta, convém abordar o conceito de anti-função  $\alpha$ , proposto por Paulo Sandler (1997). Assim, este autor salienta que existe uma tendência universal na prossecução de um tipo específico de função de transformação mental, que opera numa direcção oposta à da função  $\alpha$ . Na óptica bioniana, a mente humana tem dificuldade em conter abstracções em fronteiras psíquicas, existindo, assim, uma tendência para substituir a realidade psíquica pela realidade material

que, em simultâneo, coexiste e se opõe ao desenvolvimento do pensamento (Sandler, 1997). Neste sentido, segundo Sandler (1997), a anti-função  $\alpha$  é um factor no acting-out e, quando a mente funciona activamente desta forma, não é apenas a manifestação de uma disfunção ou perturbação da função  $\alpha$ , uma vez que estrutura organizações rígidas na mente, no sentido proposto por Riviere (1936, cit. por Sandler, 1997). A anti-função  $\alpha$  opera para evitar a frustração, produzindo um estado em que a mente está sob o domínio do princípio do prazer (Sandler, 1997). Adicionalmente, a anti-função  $\alpha$  é um factor na promoção daquilo a que Freud designou por “retorno ao estado inanimado” (Freud, 1920, p. 38, cit. por Sandler, 1997, p. 46). Porém, o retorno ao estado inanimado, observado por Freud, não deve ser considerado como um estado mental passivo numa emulsão de elementos beta, mas sim um movimento activo em direcção à morte, em que a mente parece proceder a uma transformação activa “do que está vivo no que está morto” (Sandler, 1997, p. 48). Em termos bionianos, o autor assinala que a anti-função  $\alpha$  deve ser concebida como uma função que está activa desde os estados primitivos de desenvolvimento da mente humana, ao transformar elementos alfa, potencialmente utilizáveis para a constituição de pensamentos, em elementos beta, suscitando o que Bion designou como crescimento negativo, – K (*op. cit.*).

Todavia, a tela beta - em que a anti-função  $\alpha$  está intensamente activa - tem um papel importante no desenvolvimento da vida mental, já que, de acordo com Bion (1962/1991) “a substituição de uma barreira de contacto (neurótica) por uma tela beta (psicótica) é um ‘processo vivo’” (p. 24). Neste sentido, o Bléandonu (1983) salienta que Bion colocava a hipótese que a psique poderia se instalar na fronteira entre a psicose e a neurose levando a que, a um tempo, coexistissem a posição depressiva e a posição esquizo-paranóide. Desta forma, Bion utilizava sua famosa *perspectiva reversível* que, quase simultaneamente, faz figurar numa representação gráfica tanto uma taça quanto dois perfis (*op. cit.*)

Grinberg et al. (1991) concluem, acerca da teoria bioniana, que elementos alfa, barreira de contacto, elementos beta e tela beta serão, assim, o resultado das distintas vicissitudes seguidas pelas sensações e emoções provenientes da experiência imediata, de acordo com o grau e a forma de funcionamento da função  $\alpha$ , ao qual Sandler (1997) acrescenta a actuação da anti-função  $\alpha$ , para se compreender, de forma mais ampla e rigorosa, o dinamismo psíquico.

## 1.2. TEORIA(S) PSICODINÂMICA(S) SOBRE A TOXICODEPENDÊNCIA

Após termos realizado uma revisão de literatura sobre a teoria bioniana do pensamento, com o enfoque na descrição conceptual da dinâmica da barreira de contacto e dos seus registos de funcionamento, procederemos, agora, a uma descrição de diversas conceptualizações sobre o funcionamento psíquico toxicodependente, por forma a estabelecer, subsequentemente, a uma relação dinâmica entre estes conteúdos e o continente teórico da barreira de contacto, esperando que essas ligações/separações possam contribuir para uma melhor compreensão sobre a dinâmica psíquica subjacente à dependência de drogas.

### 1.2.1. Considerações estruturais sobre o funcionamento psíquico toxicómano

Alguns autores consideraram que se podia definir e classificar, de forma restrita, uma personalidade como adictiva, como por exemplo Meissner, que advogou que tais personalidades tendem a mostrar uma predominância de traços orais e podem ser, tipicamente, classificadas como perturbações de carácter narcísico ou esquizóide (Johnson, 2003).

Porém, segundo Johnson (2003), esta visão cedeu o seu lugar à perspectiva em que não existe uma forma de delinear diferenças cabais entre as personalidades de indivíduos com comportamentos adictivos e as de quaisquer outros sujeitos.

Para além disso, e no que concerne estritamente à toxicodependência, Bergeret (1988) defende que não existe uma estrutura de personalidade especificamente relacionada ao problema da toxicodependência. De facto, o autor sustenta que a problemática toxicómana pode desenvolver-se sobre qualquer tipo de estrutura de personalidade.

Deste modo, no que respeita à estrutura neurótica, os toxicodependentes com este tipo de funcionamento psíquico possuem uma organização mental genital e centrada numa conflitualização em torno das representações triangulares edipianas (*op. cit.*). Nesta senda, Domingos Neto (1990), salienta que determinados toxicodependentes poderão ter uma estrutura de personalidade neurótica, uma vez que uma “(...) modificação do sentir para o agir não se acompanha necessariamente de uma evolução paralela de uma estrutura neurótica para uma estrutura borderline. (...) Daí que possamos falar, em muitos casos, de motivantes neuróticas para o comportamento, de autênticas neuroses de destino, complicadas socialmente pelo uso de drogas” (p. 59). De facto, segundo Bergeret (1988), a droga pode ser escolhida,

por indivíduos com uma estrutura de personalidade neurótica, devido às lacunas de elaboração do imaginário edipiano, desempenhando a droga um papel substituto, face a essa incapacidade.

Por outro lado, existem igualmente toxicodependentes que se enquadram no modo de funcionamento estrutural psicótico, no qual se destacam dois tipos de personalidades: o primeiro, em que o comportamento toxicómano constitui uma defesa contra a emergência da actividade delirante; e o segundo, em que a toxicodependência cumpre a função de justificação desse delírio, em que este último tipo de personalidade pode suceder ao primeiro, embora esta evolução nem sempre ocorra (Bergeret, 1988). De facto, enquadrado na compreensão desse primeiro tipo de personalidade psicótica, Khantzian (2003) realça o contributo de Glover que, em 1956, atribuiu uma especial importância às pulsões agressivas no desenvolvimento do fenómeno toxicodependente, em que a droga seria assim o suporte simbólico, nos quais os conflitos internos são projectados, permitindo uma defesa contra a regressão a estados psicóticos de natureza paranóide. De facto, o consumo de drogas pode servir como uma tentativa para reforçar as defesas contra as vivências do caos e do risco de fragmentação do *Self* (Ribeiro, 1998).

No entanto, Bergeret (1988) enfatiza que a maioria dos toxicodependentes não revela uma estrutura de tipo neurótico, nem de tipo psicótico. De facto, este grande grupo de indivíduos apresenta uma personalidade depressiva, revelando uma grande imaturidade inerente a uma crise da adolescência não superada, e que se pode prolongar até a uma idade muito avançada ou mesmo durante toda a vida (*op. cit.*).

Nesta linha de pensamento, destaque-se Carlos Amaral Dias (1980), que atribui uma grande importância ao período da adolescência, no sentido de encontrar aí as razões fundamentais que explicam o modo de funcionamento psicológico toxicodependente. Este autor concebe a hipótese de que a toxicodependência se instala sobre um vazio, sublinhando que o adolescente em fase de crise, subjacente ao processo de luto das imagos parentais, poderá ver a droga como solução para cobrir o seu afecto depressivo. Porém, importa realçar que, segundo o mesmo autor, a adolescência é sempre uma fase de crise, na medida em que repõe o conflito edipiano que, idealmente, leva o jovem a fazer o luto das imagos parentais, abrindo assim o caminho para a sua autonomia. Para além disso, como Dias (1980) sublinha, se a vivência de consumo de drogas surge nessa fase de crise adolescente, não permitirá que a emancipação se efectue, favorecendo a regressão. Assim, manifesta-se a existência de uma tonalidade afectiva depressiva no sujeito toxicodependente, afecto este associado a uma perda, dada a dificuldade de concluir um trabalho interno do luto infantil e da aquisição da

identidade que a segue (*op. cit.*). Por conseguinte, os distúrbios próprios da adolescência vão ser falsamente resolvidos pela relação com a droga, impedindo uma resolução efectiva dessas perturbações (*op. cit.*).

Um factor fundamental que relaciona a toxicod dependência com o fenómeno psíquico depressivo foi identificado por Rosenfeld (1960), designadamente ao conceber que o toxicod dependente desenvolve um processo identificatório com um objecto doente ou morto, em que a droga simbolizaria esse objecto, e a sua incorporação concreta, aliada aos efeitos tóxicos da droga, serviria apenas para reforçar a identificação com esse objecto prejudicial e fragilizado.

Nesta óptica do funcionamento de linha depressiva nas condutas toxicod dependentes, Matos (2001), defende que a natureza do funcionamento depressivo nos toxicod dependentes pode ser designada por *depressão primitiva* ou *depressão simples*. “Trata-se de uma depressão (praticamente) sem culpa e sem inferioridade, por ausência ou quase ausência de formação do Supereu e do Ideal do Eu” (p. 511). O autor realça que, no depressivo primário, nem o sentimento de falta é consciente, já que foi de tal forma precoce a carência afectiva, “(...) que nem deu tempo para conhecer, chegar a conhecer ou poder conhecer, mesmo sentir o que é o amor” (pp. 512-513). Por conseguinte, os afectos não se desenvolveram e diferenciaram, restando praticamente “(...) apenas sentimentos de conforto ou desconforto, apatia ou elação, vazio e plenitude, dor ou prazer. É um nível de sensibilidade sensual protopática e não afectiva e diacrítica” (p. 513). Desta forma, Matos (2001) considera que se apresenta um quadro de aparente *alexitimia*, já que o que se revela é uma imaturidade afectiva, em que os afectos finos não foram criados, ou seja, não se verifica somente uma simples incapacidade de os reconhecer ou nomear. “É uma «atimia da evolução»” (*op. cit.*, 513). Deste modo, existe um atraso no desenvolvimento do simbólico e do imaginário, em que face à ausência de um objecto externo e interno suficientemente estimulante, a imaginação criadora não evolui e, por isso, “(...) resulta uma «mente hipoplástica», com poucas «células» de função criativa” (*op. cit.*, p. 513).

Numa conceptualização estrutural em que Bergeret (1997) inscreve, compreensivelmente, os registos psíquicos depressivo e narcísico numa organização-limite, importa destacar, neste âmbito mais abrangente, o contributo de Dodes (1990) para a compreensão do funcionamento psíquico toxicod dependente. Segundo este autor, o indivíduo adicto, ao manifestar comportamentos adictivos, ou simplesmente ao tomar a decisão de ir agir dessa forma, consegue reverter os seus intoleráveis sentimentos de desamparo, porque através dessa acção ou mera decisão, prova a si próprio que consegue fazer alguma coisa para

alterar o seu estado afectivo, restaurando um necessário sentimento interno de onipotência (*op. cit.*). Importa realçar que o autor descreveu o impulso subjacente aos actos de natureza aditiva como *raiva narcísica*, que emerge como uma resposta à experiência intolerável de desamparo (*op. cit.*).

Concomitantemente, dada a sua relevância, convém realçar a influência do *objecto transaccional* nos fenómenos de natureza aditiva, como forma de melhor explicar o funcionamento psíquico toxicodependente, no âmbito da organização-limite. Na realidade, na própria conceptualização original de objecto transaccional, este foi considerado como de índole adictiva (Winnicott, 1951, cit. por Johnson, 1999). Nesta senda, alguns exemplos foram realçados por Kernberg - no seu texto “Borderline Conditions and Pathological Narcissism” de 1975 - como reveladores de uma dinâmica simbólica dessa natureza transaccional nos comportamentos adictivos, nomeadamente a substituição de uma imago parental na depressão e o reabastecimento de um Self grandioso no narcisismo (Johnson, 1999). Neste sentido compreensivo do funcionamento psíquico toxicodependente, em que se considera que ocorre uma insuficiência de integração de um bom objecto interno, levando à necessidade de um objecto-droga de natureza transaccional, poder-se-á integrar o contributo de Wurmser (1995), uma vez que este autor defende que aquilo que está subjacente aos comportamentos aditivos é uma aterrorizante angústia de separação, salientando ainda que a intensa vergonha e raiva associada a esses comportamentos parece visar a manutenção de um contacto com os objectos.

Embora seja impossível integrar todos os toxicómanos numa única estrutura de personalidade, Bergeret (1988) salienta que existem características de funcionamento psíquico comuns às diferentes estruturas de personalidade em que a toxicodependência se desenvolve, designadamente: a *relevância concedida ao comportamento*, as *fragilidades identificatórias* e as *carências imaginárias*.

No que concerne às carências imaginárias, o autor realça que o imaginário resulta de uma actividade verdadeiramente mental e criativa, através da qual são representadas cenas fantasmáticas, respeitante à relação do sujeito com os seus objectos significativos. Qualquer entrave ao funcionamento do imaginário, promove, assim, uma regressão da actividade mental em direcção a comportamentos automáticos e imperativos, cujos investimentos obedecem à primazia do princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade (Bergeret, 1988). E, no caso dos toxicodependentes, Bergeret (1990) qualifica como “miserável” (p. 207) as capacidades de imaginário dos toxicodependentes. Assim, as carências imaginárias presentes nos sujeitos toxicodependentes provocam uma limitação das

trocas afectivas com a realidade exterior, existindo uma incapacidade de adiar a satisfação do desejo nas suas trocas relacionais com o outro e, deste modo, o mundo externo acaba por ser visto como frustrante, com um concomitante sentimento de desespero associado às relações humanas, que não gratificam de forma mágica assim que o desejo surge, levando os toxicodependentes a optar por um investimento numa substância inanimada (Bergeret, 1988). É importante esclarecer que, de acordo com Bergeret (1990), não é a droga que provoca um défice de imaginário nos toxicodependentes, mas sim o seu inverso, ou seja, “(...) é devido às suas carências imaginárias pré-existentes que eles são toxicómanos” (p. 207).

Deste modo, para Bergeret (1988), a exacerbação do registo comportamental nos toxicómanos, funciona como forma de tentar compensar as carências afectivas e a dificuldade de mobilização do universo imaginário. Graças à preponderância do comportamento, os toxicodependentes tendem a utilizar um sistema defensivo marcadamente projectivo, que consiste em situar no exterior de si mesmos todas as fontes de dificuldades. O autor realça ainda que a prevalência do comportamento, como forma de reacção às falhas do imaginário, pode atingir formas tão graves como são as condutas suicidárias.

Concomitantemente, os toxicodependentes revelam, no seu desenvolvimento psíquico, as vicissitudes de um processo de fragilidades identificatórias, que se podem explicar por pais – um dos pais ou ambos – que evidenciaram falhas recorrentes ao nível da relação parental, por virtude de uma marcada ausência física ou afectiva (*op. cit.*). Por conseguinte, Bergeret salienta que, no desenvolvimento da personalidade do futuro toxicodependente, tende-se mais para a imitação do que para a identificação propriamente dita, constatando-se uma incapacidade de integrar as qualidades parentais, e de desenvolver, assim, uma verdadeira identidade, com tudo o que ela comporta de positivo e de criativo, sobre o plano relacional. Desta forma, estas carências identificatórias conduzem o sujeito a ideais pessoais vagos e desmesuradamente irrealistas, que promovem, inexoravelmente, uma intensa dor depressiva, e como consequência dessa imaturidade sobre o registo ideal, constata-se uma ausência de regras morais interiorizadas de tipo superegóico, igualmente necessárias ao bom funcionamento relacional (*op. cit.*).

De acordo com Bergeret (1988), a toxicodependência não altera a natureza da estrutura de personalidade dos sujeitos, uma vez que a droga é apenas uma tentativa de defesa em relação às falhas específicas do desenvolvimento psíquico. Todavia, o autor ressalva que os tipos de personalidade que podemos encontrar entre os toxicodependentes não diferem de forma significativa daqueles que se observam noutros desvios sociais, e mesmo nos indivíduos que nos rodeiam habitualmente no quotidiano.

### 1.2.2. A droga como solução efémera para um problema: a dor mental

Segundo diversos autores (e.g. Khantzian, 2003; Olievenstein, 1990; Rosenfeld, 1960), a incapacidade para lidar com a dor e a frustração é uma característica comum aos indivíduos toxicodependentes.

Neste sentido, de acordo com Khantzian (2003), quando os toxicodependentes se confrontam com sentimentos intoleráveis, recorrem à auto-medicação para lidarem com o sofrimento. Desta forma, segundo o mesmo autor, os toxicodependentes encontram nas drogas um recurso para alterar os seus sentimentos, mesmo que o abuso dessas substâncias possa, paradoxalmente, provocar ainda mais sofrimento. Assim, inerentes aos actos de consumos de drogas destacam-se dois motivos operacionais: aliviar o sofrimento psíquico e controlar os sentimentos.

Esta conceptualização foi denominada por Khantzian (2003) como *hipótese de auto-medicação*, na qual se concebe que as substâncias tóxicas permitem o alívio do sofrimento, existindo um significativo grau de especificidade farmacológica que motiva o seu uso preferencial, como forma de lidar com diversas dificuldades do foro emocional. Porém, como a droga de eleição nem sempre está disponível, os toxicodependentes acabam, nessas circunstâncias, por a substituir por outra substância ou manipulam as suas doses, com o propósito de obter um determinado efeito desejado. Deste modo, por exemplo, os toxicodependentes podem optar por abusos de consumos de álcool como forma de atenuar sentimentos de raiva, em situações em que as substâncias opiáceas não estão disponíveis; ou um consumo significativo de álcool poderá provocar a excitação desejada, na impossibilidade de consumo de cocaína (Khantzian, 2003).

Rosenfeld (1960) destaca, no toxicodependente, o sofrimento de índole depressivo que, não podendo ser elaborado mentalmente, promove uma reacção através do recurso a mecanismos de defesa maníacos. Porém, uma vez que o ego do toxicodependente é fraco - não tendo, assim, a força necessária para suportar a dor depressiva - a defesa maníaca apenas será exercida com o apoio das drogas, porque alguma força egóica é necessária para produzir o estado maníaco. O autor salienta ainda que o toxicodependente utiliza também os mecanismos defensivos maníacos para lidar com ansiedades paranóides, nomeadamente através da idealização, a identificação com o objecto ideal e o controlo onnipotente do objecto. Sob o domínio destes mecanismos, toda a frustração e ansiedade é negada, e a parte negativa e agressiva do *Self* é clivada, enquanto que a droga simboliza o objecto ideal, que ao

poder ser incorporada de forma concreta, e conjugada com os seus efeitos tóxicos, é usada para reforçar a onnipotência dos mecanismos de negação e clivagem (*op. cit.*).

Adicionalmente, nos casos em que o objecto é onnipotentemente introjectado, os limites entre o *Self* e o objecto passam a ser negados, evitando-se, deste modo, no toxicodependente, o reconhecimento dos sentimentos de dependência, o que fatalmente o levaria a experimentar ansiedade e frustração (*op. cit.*). Rosenfeld enfatiza ainda que a típica intolerância à dor e à frustração que o toxicodependente revela, deve-se não só a uma regressão oral, mas também a uma excessiva clivagem do seu ego e objectos, que estão, assim, relacionadas com uma evidente fragilidade egóica. Em síntese, o autor conclui que o toxicodependente está fixado na fase esquizo-paranóide, apesar de ter atingido parcialmente a fase depressiva.

Para a compreensão da intolerância à dor psíquica nos toxicodependentes, Vieira (1997) destaca o contributo de Rado, em 1933, designadamente na elaboração do conceito de *depressão ansiosa*, no qual o autor refere que a tensão penosa é aliviada pelo consumo de drogas, que em virtude dos seus efeitos, alivia o sofrimento, promove o bem-estar e inflaciona o narcisismo.

Vieira (1997) realça que “(...) inflacionado que está com esta grandeza, o Eu fica incapacitado para constatar a sua própria destruição, ficando igualmente diminuído na consciência de si e do outro. Num segundo tempo, e após o efeito farmacogénico de bem-estar, o Eu experimenta de novo a falta, acompanhada por vezes de impotência e culpa consciente, que só a droga de novo aliviará” (p. 92). Ainda segundo este autor, instala-se, assim, um ciclo vicioso tensão depressiva-omnipotência narcísica, ao qual o toxicodependente não consegue escapar.

A intensa dor mental do toxicómano, derivada de um profundo sentimento de falta, foi detalhadamente abordada por Claude Olievenstein (1990), que defende que a toxicodependência é um fenómeno psíquico activo, na medida em que é desejado e procurado, só podendo ser devidamente compreendido de acordo com a existência original de uma espécie de falta, referindo-se esta a uma falha arcaica muito difícil de tolerar, que por ser de tal forma dolorosa conduz um futuro toxicodependente a optar pela solução da transgressão e prazer imediato, uma vez que “(...) desde a infância, o sofrimento da falta não é apreensível, senão em relação com o prazer” (p. 16). Ao prosseguir na escolha desta solução, nomeadamente “por todos os caminhos da sexualidade” (*op. cit.*, p. 16), cada vez mais o sentimento de falta só poderá existir em simultâneo com o prazer, uma vez que as sucessivas decepções, face a uma imagem idealizada do prazer, levam o sujeito a transgredir sempre

mais, mas... “quando ele encontra a droga, será a fase de ‘lua-de-mel’: Deus. Um instante fugidio, mas para ele uma eternidade que se inscreverá para sempre em sua memória. A dependência específica do homem então começa; a recordação do prazer não é mais do que uma forma degradada, já substitutiva” (*op. cit.*, p. 16). Assim, constitui-se um não-dito específico do toxicómano: “o não-dito parte do entrevistado da fractura que marca o ponto mais baixo do ‘down’, indo até ao acme ‘de ser Deus’, que é o ponto mais alto do ‘high’” (*op. cit.*, p. 17).

Desta forma, implementa-se na mente do sujeito toxicodependente uma espécie de dualidade prazer/sofrimento, em que só a intensidade da dor consegue justificar o elevado nível de prazer procurado, ou seja, quanto maior o sofrimento, maior será o prazer procurado num próximo consumo de droga, “embora o prazer da intoxicação, seu poder mitigante, (...) esteja desaparecendo” (*op. cit.*, p. 17) e, por isso, o sofrimento passa a ser a alternativa desejada, na falta de prazer, sendo “(...) no instante em que se organiza esta substituição que a própria falta se transforma em objecto de desejo, substituindo o objecto droga, que não pode mais cumprir seu papel senão pela comparação” (*op. cit.*, p. 17). De facto, o objecto-droga ao ir “(...) perdendo pouco a pouco os seus poderes, nada mais resta do que edificá-lo efectivamente como um Deus perdido. É sua ausência que se encarregará de provar sua existência (...) na ausência de melhor, o estado de falta é *desejado* (...)” (*op. cit.* p. 101). Na realidade, neste funcionamento psíquico mostra-se que “(...) é da falta da falta que o sujeito tem medo” (*op. cit.*, p. 14). Assim, o que é terrífico para um toxicodependente é a eventual ocorrência de um espaço-tempo psíquicos que o confronte com a falta maior, fundamental e original.

Por conseguinte, os consumos de droga promovem uma mágica restituição de uma identidade, em que o toxicodependente experimenta a sensação de emancipação da vivência dolorosa de incompletude, mas esses momentos são fugazes, e o que permanece, assim, é a necessidade recorrente de consumos de droga, para restabelecer uma efémera integridade da representação de si, ou seja, “(...) como Narciso, ele se apaixona somente por uma imagem, a sua, que a cada instante ele constrói e (...) tenta reunir-se a ela” (*op. cit.*, p. 18). De facto, “se a dependência faz o toxicómano, ou antes sua definição, é sua edificação que faz o problema como construção da necessidade de repetição e de repetição da necessidade” (*op. cit.*, p. 14).

Nesta óptica da compulsão à repetição na problemática toxicodependente, saliente-se que, segundo Vieira (2001), a questão do retorno e da repetição, focados por Freud, sobretudo no seu texto de 1920, “Para Além do Princípio do Prazer”, é de particular relevância para a compreensão do processo de recaídas nos toxicodependentes. De acordo com Vieira (2001), o

que é inovador neste texto de Freud, “(...) é a ideia de que a repetição subjaz à estrutura do aparelho psíquico e que está para além do princípio do prazer, pois, é mais elementar e originário do ponto de vista filogenético” (p. 24). O mesmo autor realça ainda que, em termos emocionais, o funcionamento compulsivo é do domínio de *Thanatos* e é a expressão da morte do tempo, uma vez que é perdida a dimensão de passado, presente e futuro. Assim, nesta perspectiva, os actos recorrentes de consumo de drogas são entendidos como pertencentes à ordem do impulso para a satisfação urgente de uma necessidade e não da acção como intenção, com um sentido consciente, resultante da elaboração e transformação operada pelo aparelho mental (*op. cit.*).

Num sentido ainda mais abrangente, pode ser compreendido o contributo de McDougall (1984), em que a autora constatou que determinado tipo de pacientes evita abordar psiquicamente qualquer tipo de emergência emocional, quer sejam estes afectos excitantes e positivos ou dolorosos, dispersando, imediatamente, todas as ocorrências emocionais através da acção. Desta forma, McDougall designou este tipo de pacientes de *des-afectivos*, concebendo o consumo de álcool e drogas, tal como outros comportamentos aditivos, como exemplos dessa dispersão incessante e, por isso, refere que “(...) todas estas representam formas compulsivas de evitar o fluir afectivo (...) devido a insuspeitas ansiedades psicóticas ou extremas fragilidades narcísicas” (p. 389).

Consequentemente, “a compulsão à repetição ganha, assim, a sua característica automática, porque não só invade o aparelho mental, como até o ultrapassa. Bion diria que não só os pensamentos são atacados, mas também o próprio aparelho de os pensar” (Vieira, 2001, p. 24). De facto, a parte dos elementos  $\beta$  que não são transformados pela função  $\alpha$  em elementos  $\alpha$ , dada a incapacidade do aparelho mental em suportar a frustração que lhes está associada, serão o *fundo do agir*, como sustenta Green (2000, cit. por Vieira, 2001). Neste sentido, Vieira (2001) destaca que um dos objectivos da transformação, inerente ao exercício da função  $\alpha$ , é dar sentido, atribuir um significado à acção, simbolizá-la, uma vez que “o agir toxicodependente é sempre uma dessimbolização da acção. É a sua factualização. Não tem outro sentido se não a realização imediata” (p. 25). Estas dificuldades de simbolização são de tal forma evidentes, que Wurmser (1974, cit. por Khantzian, 2003) defende que os indivíduos com problemáticas aditivas sofrem de hipo-simbolização.

Segundo Dias (1996, cit. por Cabral, 1998), um modo de funcionamento que parece dever-se a uma perturbação do aparelho conceptual em que não há a possibilidade de pensar o não objecto, de pensar a frustração, é o do toxicodependente. Neste sentido de marcada

intolerância à frustração, inerente à relação com um objecto humano, pode-se compreender a substituição do “(...) desejo de ‘estar ligado’, de ‘fazer parte’ da relação a um outro significativo (...) por uma ‘solução adictiva’ que visa manter na penumbra qualquer veleidade relacional” (Farate, 1998, p. 263).

Concordando com Rado que, em 1933, defendeu que os toxicómanos vivem numa depressão tensa, Cabral (1998) salienta que esta impossibilidade de viver a dor mental torna-se particularmente violenta depois do contacto com a droga que apaga toda a dor; “assim, a inveja destrutiva pela impossibilidade de ser, aniquilaria o objecto, destruiria a expectativa, negaria toda a necessidade do pensamento, pois a ficção de que o objecto-droga satisfaz plenamente fica como que incorporada na área insaturada da pré-concepção, não dando origem ao pensamento” (op. cit., p. 171).

Desta forma, há um corte da relação dinâmica entre a posição esquizo-paranóide e a depressiva ( $PS \rightarrow \leftarrow D$ ), “o que leva à progressiva destruição daquilo que nunca chegou a ser uma verdadeira barreira de contacto, à estupidificação e desestruturação dum aparelho mental expulsivo, em que não há culpa nem lealdade em relação aos objectos internos” (Cabral, 1998, pp. 171-172). Na mesma senda, Fleming (1997), a propósito da natureza da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes, conclui: “(...) poderá dar-se o impasse, o colapso da função alfa, e o real toma o lugar do imaginário não dando lugar à capacidade de simbolizar e, portanto, ao pensamento elaborativo” (p. 84).

### 1.3. A BARREIRA DE CONTACTO NO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO TOXICODEPENDENTE

A explanação de um corpo teórico consistente acerca da natureza da barreira de contacto no registo psíquico da toxicodependência é particularmente relevante, como forma de prosseguir uma indagação fecunda sobre procedimentos precisos de leitura do funcionamento dinâmico daquela membrana psíquica, a partir do método Rorschach.

Assim, após a revisão de literatura psicodinâmica efectuada nos capítulos precedentes, importa, de seguida, articulá-la, designadamente ao acolher as considerações dispersas de diversos autores que se debruçaram sobre a problemática toxicodependente, no continente psíquico da teoria bioniana do pensamento, metabolizando aí esses conteúdos, que resultem numa linha de significação compreensiva da dinâmica da barreira de contacto em sujeitos toxicómanos.

Neste processo, serão obviamente introduzidos e explicitados os contributos de alguns autores que reflectiram sobre a toxicodependência à luz da conceptualização da barreira de contacto bioniana, esperando-se que as ligações efectuadas com outras leituras psicanalíticas acerca do fenómeno da dependência de drogas, permita a concretização de um acréscimo de significado na parte de conhecimento insaturado sobre esta matéria.

Por conseguinte, evoque-se, inicialmente, um fundamento da teoria bioniana, que se afigura de especial pertinência para a compreensão do fenómeno toxicodependente: o pensamento define-se como “a união duma pré-concepção com uma frustração” (Bion, 1961/1991, p. 186). Desta forma, para Bion, o conceito de frustração aparece indissociavelmente ligado ao conceito de pensamento (Fleming 2003).

Assim, para Bion, face a uma experiência de frustração (realização negativa) dois desenvolvimentos cruciais podem então suceder: a modificação da frustração em pensamento, ou a fuga com a conseqüente ocorrência de não-pensamento (Bion, 1961/1991). Perante estas duas opções, o sujeito enveredará pela primeira, se a sua capacidade de tolerar a frustração associada à experiência for suficiente; optando pela segunda, em situação inversa (*op. cit.*).

Tal como se pôde constatar no capítulo anterior, entre os diversos autores que estudaram a toxicodependência sob a óptica psicodinâmica, existe um consenso generalizado sobre o défice de capacidade de tolerância à frustração nos indivíduos toxicodependentes (e.g. Dias, 1996, Fleming, 2003).

Neste sentido, Dias (1996, cit. por Cabral, 1998) defende que o modo de funcionamento toxicodependente parece dever-se a uma perturbação do aparelho mental que não permite pensar o não objecto, uma vez que ocorre uma intensa intolerância à frustração. Em consonância com esta perspectiva, Cabral (1998) enfatiza que os toxicodependentes manifestam a impossibilidade de viver a dor mental, que se torna particularmente notável após o contacto com a droga, uma vez que esta elimina toda a dor.

Desta forma, verifica-se no psiquismo toxicodependente uma “negativização perceptiva do outro significativo (...) como forma de o neutralizarem anulando-o, da sorte, na sua qualidade de objecto de relação potencial” (Farate, 1998, p. 268).

Supomos, assim, que ocorra no funcionamento psíquico toxicodependente a predominância de um vínculo parasitário subjacente à interacção continente-conteúdo - onde o ódio e a inveja imperam -, estimulando o ataque à função  $\alpha$ , e despojando o continente da sua função desintoxicadora. Nesta linha de pensamento, o vínculo emocional  $-K$  torna-se preponderante, inerente ao vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, no qual continente e conteúdo acabam por se destruir mutuamente e, eventualmente, será esta degradação psíquica que se manifesta no registo toxicodependente. Deste modo, a ligação harmoniosa entre elementos conscientes com elementos inconscientes não pode ocorrer, dada a fragilidade da função alfa e, por conseguinte, a barreira de contacto revela grandes deficiências, repercutindo-se num empobrecimento da percepção da realidade e da sua associação ressonante com o fantasma. Por conseguinte, deve, assim, ocorrer com alguma frequência fenómenos alucinatórios em indivíduos toxicodependentes, que Bion designou por transformações em alucinose, em que há uma perturbação/confusão evidente entre fenómenos de consciência e inconsciência, que se revelam, nomeadamente, ao não se perceber se os sujeitos estão acordados ou a dormir.

Nesta senda, em que a barreira de contacto dos toxicómanos não é suficientemente operante, o ciclo de desenvolvimento do pensamento pré-concepção – concepção – pré-concepção – concepção tenderá a imobilizar-se drasticamente nestes sujeitos, uma vez que a frustração associada à necessidade não satisfeita, atribuída fantasmaticamente ao mau seio, não deverá ser suficientemente tolerável para poder ser pensada. Assim, urge a necessidade de controlar o mau objecto, que é de tal forma frustrante, que o toxicodependente abdica, paulatinamente, das experiências humanas – que provocam sempre algum grau de frustração – optando, de forma substitutiva, pela defesa maníaca de um sagaz controlo onnipotente do objecto-droga inanimado.

Sustenta-se, deste modo, a substituição de um objecto humano por aquilo que McDougall (1982, cit. por Farate, 1998) designa por *objecto de adicção*, através do qual os toxicodependentes privilegiam os actos, de registo corporal e/ou comportamental – que, aliás, Bergeret (1988) defende ser um dos traços psíquicos fundamentais comuns aos toxicómanos – visando uma pretensa independência da influência de um outro animado pelo seu desejo, ao qual está sempre associada a tão ameaçadora frustração para o sujeito.

Neste sentido, este objecto-droga, de natureza substitutiva, associa-se, com o conceito de objecto transitivo de Winnicott (1951, cit. por Johnson, 1999), que o autor defendeu ser de natureza adictiva. Revela-se, assim, segundo Wurmser (1995), uma intensa angústia de separação inerente aos comportamentos adictivos, em que estes visam manter, desta forma, um contacto com os objectos.

Ao nível de uma integração destas considerações sobre o objecto-droga no quadro conceptual bioniano, de acordo com Cabral (1998), a droga é elevada à condição idealizada de um objecto que satisfaz plenamente, ilusão que preenche a área insaturada da pré-concepção, inviabilizando o desenvolvimento do pensamento.

Todavia, na perspectiva de Olievenstein (1990), o que os toxicodependentes mais receiam não é a falta do objecto-droga, mas sim a falta da falta, ou seja, a falta primordial, arcaica e, por isso, extremamente difícil de tolerar. Neste sentido, Matos (2001) salienta que nos toxicodependentes nem o sentimento de falta é consciente, em virtude da ocorrência de uma precoce e marcante carência afectiva, que impossibilita o desenvolvimento e diferenciação dos afectos nestes indivíduos, culminando num registo de grande imaturidade afectiva.

Assim, é através do registo comportamental de consumo de drogas, que se torna evidente a natureza actuante, em vez de pensante, dos sentimentos de falta nos toxicodependentes, ao qual importa acrescentar que, para Olievenstein (1990), estes indivíduos colocam, progressivamente, os próprios sentimentos de falta de droga no lugar do objecto de desejo, substituindo o próprio objecto-droga. Deste modo, tal parece dever-se à natureza ameaçadora atribuída a qualquer tipo de objecto que se necessita, confirmando-se, assim, de forma cabal, na problemática toxicodependente, o que Bion defendeu acerca de todos objectos que se necessitam: são considerados maus objectos (Grinberg et al., 1991).

Neste quadro de intensa intolerância à frustração, a mente funcionará, para Bion, como um músculo que descarrega continuamente elementos  $\beta$ , sendo incapaz de aprender com a experiência e de crescer (Cabral, 1998). Desta forma, segundo Cabral (1998), a droga apresenta-se com a função de eliminar toda a dor associada à frustração, provocando um corte

da relação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$ , que impede o desenvolvimento do pensamento e, por conseguinte, da barreira de contacto. Na mesma óptica conceptual, Fleming (1997), a propósito da natureza da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes, enfatiza a marcante debilidade do desempenho da função  $\alpha$  e, nesta medida, a capacidade de simbolizar não pode ser desenvolvida.

De facto, a função de simbolização - associada a uma barreira de contacto operante - encontra-se muito fragilizada no registo toxicómano, levando Vieira (2001) a frisar que o agir toxicodependente não está nutrido de um processo de significação, ou seja, não se promove outro significado para além da imperiosa realização imediata da acção. Estas dificuldades de simbolização são de tal forma marcantes, que Wurmser (1974, cit. por Khantzian, 2003) defendeu que os indivíduos com problemáticas aditivas sofrem de hipo-simbolização e, Bergeret (1988), na mesma linha, sustentou que as carências imaginárias são uma das características psíquicas fundamentais dos toxicodependentes.

Deste modo, de acordo com Farate (2000) importa desenvolver nestes sujeitos a capacidade simbólica, que possibilite a constituição de pensamentos sobre o objecto de investimento amoroso, mormente das experiências de frustração a ele associadas. Neste sentido, apenas um trabalho psicoterapêutico “(...) lento e exigente, permitirá o desmantelamento progressivo da rígida esquizoidia de uma ‘tela  $\beta$ ’, *claustrum* em vez de ‘continente’ (D. Meltzer, 1986), povoada de ‘objectos em si’ impensáveis, e, como tal, funcionando como um muro ‘adictivo’ impermeável à influência mutativa de todo o estímulo objectal sensível” (*op cit.*, p. 81).

Todavia, podemos conceber que, perante um estado de dor mental intolerável, promotor da emergência da tela  $\beta$ , o toxicodependente ao enveredar por passagens-ao-acto pelo consumo de drogas, sustém, momentaneamente, através dos efeitos produzidos por esses actos, uma barreira de contacto artificialmente restaurada, que podemos designar por *barreira de contacto remendada*, a partir da qual a dor mental é superada. Na realidade, o termo “remendada” ilustra a insustentabilidade desta peculiar barreira de contacto, uma vez que os remendos são, naturalmente, frágeis e tão efémeros como os efeitos que o consumo de drogas permite. Neste sentido, estas coseduras fugazes de tecido tóxico preenchem, momentaneamente, as grandes lacunas da barreira de contacto dos sujeitos toxicodependentes, em que é aliviada a dor mental inominável, mas não é promovida a sua modificação pelo pensamento. Tais remendos permitem, assim, criar metaforicamente uma “almofada” que é guardiã de uma espécie de sono da função  $\alpha$ , impedindo, deste modo, o sonho e os processos

de simbolização. Por conseguinte, os remendos da barreira de contacto, tecidos com elementos tóxicos disponíveis no psiquismo dos sujeitos toxicodependentes, evitam o pensar sobre as experiências dolorosas de frustração, já que ocupam os lugares psíquicos onde elementos  $\alpha$  poderiam fixar-se, promovendo uma autêntica barreira de contacto.

Realçamos que, inerente à insuportável dor mental que emerge das lacunas da barreira de contacto, a hipótese de auto-medicação (Khantzian, 2003) deverá ser confirmada. De facto, a escolha de uma particular droga, deverá variar de acordo com a específica vulnerabilidade emocional do toxicodependente, no complexo território de emoções subjacentes às relações humanas, o que, amiúde, levará à escolha de uma droga de eleição, cujos efeitos consigam superar da melhor forma uma particular dor mental, ou seja, as lacunas idiossincráticas da sua barreira de contacto. Um exemplo desta prática é a escolha da cocaína, como forma de produzir um desejado efeito excitatório (Khantzian, 2003), na qual está evidente uma exacerbada luta anti-depressiva. Porém, sublinhe-se que os toxicodependentes tendem, igualmente, a recorrer a uma combinação de várias drogas, com o intuito de produzir um determinado efeito emocional desejado (*op. cit.*).

Face a um marcado défice de capacidade de rêverie, atribuído pelo toxicodependente ao objecto interno e, projectivamente, ao objecto externo - que não satisfazem a urgente necessidade do sujeito toxicodependente quando ela irrompe - a indelével e intensa intolerância à frustração, deverá, assim, induzir no toxicómano o mecanismo de defesa do controle onnipotente do objecto-droga, manifestado através de regulares consumos de droga. De facto, a droga está apenas sujeita aos investimentos dos toxicómanos, permitindo um controle onnipotente sobre este objecto que, pelos seus efeitos, promove a remoção da dor psíquica. Realce-se que, a propósito dos mecanismos de defesa maníacos, Rosenfeld (1960) destaca-os como formas de reacção dos toxicodependentes face ao sofrimento intolerável de linha depressiva que os caracteriza, salientando que, dada a grande fragilidade do ego nesses indivíduos, as próprias defesas maníacas só podem ser exercidas através dos efeitos das drogas, porque, de acordo com o autor, alguma força egóica é necessária para atingir o estado maníaco.

Através do controle onnipotente do objecto, consubstanciado, operacional e substitutivamente, na relação que os toxicómanos estabelecem com o objecto-droga, podemos pensar que, no registo psíquico de dependência de drogas, se procura atingir um estado de relação continente-conteúdo paradisíaco, onde se aspira à beatitude narcísica, já que não existe um outro real e vivo, mas apenas um objecto inanimado, a partir da relação com o qual se visa reduzir a angústia ao nível existente no próprio objecto-droga inanimado, ou seja, nula.

Concomitantemente, no que respeita à natureza do objecto-droga, importa realçar que Rosenfeld (1960) considerou-o como representando simbolicamente o objecto ideal nos toxicómanos, podendo ser incorporado de forma concreta, ou seja, sem uma natural e dinâmica interacção continente-conteúdo, que só pode ser entendida no âmbito de experiências humanas inter-psíquicas (objectos externos) e intra-psíquicas (objectos internos). De facto, o objecto-droga, ao não possuir vida e, por isso, desejo, não pode, por si só, frustrar o sujeito, possuindo assim as características simbólicas idealizadas de um objecto totalmente bom.

Por conseguinte, com o idealizado objecto-droga inanimado, o toxicodependente tenta eternizar a efémera fase que Olivenstein (1990) designou por lua-de-mel, provocada pelo primeiro encontro com a droga que susteve um estado divino ou, utilizando a terminologia bioniana, a ocorrência de um continente auto-suficiente, eterno e imutável (ser O), que não está sujeito a ser dinamizado e a conter a angústia inerente a conteúdos, uma vez que estes são anestesiados por elementos tóxicos, suspendendo, desta forma, a dinâmica que subjaz à barreira de contacto. Assim, consideramos que, neste registo psíquico, não existe propriamente um corte da oscilação dinâmica  $Ps \rightarrow / \leftarrow D$ , que Cabral (1998) defende, mas sim uma paralisação da dinâmica da barreira de contacto, através do modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, à qual estará subjacente a sideração da relação continente-conteúdo (propomos para este caso a anotação  $\text{♀}[\leftrightarrow]\text{♂}$ ), assim como a suspensão da oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva (aqui sugerimos a análoga anotação  $Ps[\leftrightarrow]D$ ).

Naturalmente defendemos que, na base destas suspensões psíquicas, estará a paralisação de todo o fluir emocional, ou seja, todos os vínculos emocionais, independentemente da sua natureza (L, H, K, -L, -H e -K), ficam inertes ([L], [H], [K], [-L], [-H] e [-K]), momentaneamente, no estado transitório da barreira de contacto remendada, mas somente enquanto o psiquismo do toxicodependente estiver mobilizado no processo de cosedura tóxica das lacunas da barreira de contacto, não permitindo o acesso a outros pontos daquela membrana psíquica. Na nossa compreensão deste particular momento toxicodependente encontramos-nos, assim, com McDougall (1984), uma vez que esta autora denominou determinados pacientes, nomeadamente os toxicodependentes, como des-afectivos, por evitarem abordar qualquer emergência emocional. Porém, consideramos que, a partir do momento em que se conclui o processo de cosedura dos remendos farmacológicos, estes começam a degradar-se, uma vez que amparam um contínuo embate de elementos  $\beta$ .

É relevante salientar que a inscrição de elementos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto, estará relacionado com o processo que Freud designou por “retorno ao estado inanimado” (Freud, 1920, p. 38, cit. por Sandler, 1997, p. 46), mas, na acepção da barreira de contacto remendada, tal não será sustentado pelo exercício da anti-função  $\alpha$ , conceptualizada por Sandler (1997), uma vez que se promove a sideração das funções psíquicas naturais - função  $\alpha$  e anti-função  $\alpha$  - dado o exercício dos elementos tóxicos que desempenham uma artificial função paralisante nas lacunas da barreira de contacto. Neste sentido, os remendos da barreira de contacto constituem-se como um tipo de emulsão tóxica que paralisa, de forma efémera, os emergentes elementos  $\beta$ , cumprindo, assim, a função de impedir a concretização do verdadeiro receio toxicodependente referido por Olivenstein (1990), a “falta da falta” (p. 14) que, na óptica bioniana, corresponde à irrupção da insuportável dor mental inerente às lacunas da barreira de contacto, derivada de severas falhas na relação continente-conteúdo.

Por conseguinte, os remendos tóxicos, embora muito frágeis, manifestam-se, enquanto estiverem activos, com uma peculiar e intensa qualidade impermeável no funcionamento da barreira de contacto, sustentando uma paralisação da dinâmica de ligação/separação entre elementos conscientes e elementos inconscientes, que se manifesta numa anulação das diferenças percebidas – dolorosas, porque desencadeadoras de frustração - entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e o Outro, entre a percepção e a projecção. Assim, os siderantes remendos tóxicos sustêm, na barreira de contacto, uma relação especular entre o consciente e o inconsciente, que anestesia a dor mental dos toxicodependentes.

Deste modo, na linha do sofrimento depressivo nos toxicodependentes, considerado marcante por diversos autores que se debruçaram sobre esta temática (e.g. Matos, 2001; Rosenfeld, 1960), a forte desesperança em relação a um objecto humano que mostre, na relação com o sujeito, ser um adequado continente para as suas angústias, leva a que a relação com o objecto-droga passe a ser entendida com uma solução relacional drástica de desistência da vida humana tal como ela é - um intercâmbio de experiências relacionais entre seres desejanter e, por isso, com regularidade, desencadeadoras de frustração.

Concomitantemente, segundo Rosenfeld (1960), os sujeitos com comportamentos adictivos de drogas, ao evidenciarem, através desses actos, a natureza de uma introjecção onipotente do objecto, promovem uma conseqüente indiferenciação entre o eu e o outro, evitando-se, desta forma, o reconhecimento dos sentimentos de dependência em relação ao objecto, o que, invariavelmente, os levaria a experimentar a tão temida frustração. Face à particular natureza desta relação de objecto, não surpreende que o autor tenha defendido que

os toxicodependentes estão fixados na fase esquizo-paranóide, apenas acedendo parcialmente à fase depressiva. Tal leva-nos a reflectir sobre as particularidades da oscilação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$  no registo toxicodependente, uma vez que quando o sujeito não se encontra sob o efémero modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, o caos, a dispersão e a confusão psíquicas, subjacentes ao funcionamento da posição esquizo-paranóide deverá ser preponderante, não ocorrendo uma adequada ligação harmoniosa com o processo psíquico integrativo, próprio do acesso à posição depressiva, onde poderiam ser construídos novos e mais abstractos pensamentos.

Concomitantemente, para além do controlo onnipotente do objecto, observado substitutivamente na relação com o objecto-droga, os mecanismos de defesa maníacos do desprezo pelo objecto e o triunfo sobre ele, parecem ser por demais evidentes nas condutas toxicodependentes, já que, o verdadeiro objecto de relação, humano, é desprezado ao ser substituído implacavelmente por um objecto inanimado, o que revela, por conseguinte, o sentimento de triunfo sobre o objecto interno, que é sentido como mau, porque não contém a angústia do sujeito.

De facto, as defesas maníacas são poderosos auxiliares de fuga ao pensar sobre a frustração, devendo constituir, nos toxicodependentes, umas inusitadas seringas psíquicas, veículos através das quais se processam as injeções tóxicas nas falhas das suas barreiras de contacto, que suprimem a dor mental através da constituição de remendos tóxicos. Para além disso, os fenómenos de novos consumos/recaídas podem ser compreendidos devido à degradação dos remendos tóxicos – daí a necessidade de um medicamento/droga de substituição durante o processo psicoterapêutico da toxicodepência, como é o caso da metadona, face à heroína - ficando expostas as grandes fissuras da barreira de contacto, onde os elementos  $\beta$  não são transformados em elementos  $\alpha$ , devido à marcada inoperância da função  $\alpha$ . Por conseguinte, a tela beta emerge, ditando a lei imperiosa da passagem-ao-acto que, no registo da conduta de consumo de drogas, sustém, ciclicamente, a perene barreira de contacto remendada. Assim, podemos, legitimamente, considerar esta barreira de contacto remendada como dinamicamente toxicodependente, uma vez que, para subsistir, depende psiquicamente do consumo de drogas.

Consideramos pertinente frisar que o processo inerente à emergência da tela beta deverá constituir-se como angústia-sinal, que promove o acto de consumo de drogas, por forma a repor, no psiquismo, os elementos tóxicos necessários à sustentação da barreira de contacto remendada.

Porém, sublinhamos que a angústia-sinal poderá servir para a escolha de consumo de uma droga excitatória – como é o caso da cocaína – que, através da associação de elementos tóxicos hiperactivos aos elementos beta, provocará nestas impressões sensoriais uma exacerbação do prazer, que consolida a primazia do princípio do prazer sobre o princípio da realidade, instaurando, assim, a tela beta. Por conseguinte, consideramos que este tipo de drogas desempenhará a função de aceleração do processo de instauração da tela beta, por forma a superar a dor mental derivada da emergência de elementos beta na barreira de contacto e, uma vez que neste processo participam elementos tóxicos, denominamos este movimento, de instauração da tela beta tóxica.

Por outro lado, realçamos que a angústia-sinal poderá suscitar, no sujeito toxicodependente, um acto de consumo de drogas anestesiantes – como, por exemplo, a heroína - que suspendem o impacto doloroso dos elementos beta nas lacunas da barreira de contacto, visando directamente, deste modo, a constituição de remendos tóxicos naquela membrana psíquica. Neste sentido, julgamos que, em rigor, com este tipo de drogas, não se promove um autêntico estado de prazer, mas sim uma anestesia/paralisia do psiquismo, que suspende a emergência de todas as sensações (elementos beta).

Contudo, salientamos que, no caso de consumo de drogas excitatórias, no processo descendente do «high», o sujeito passará de um estado psíquico em que foi instaurada a tela beta tóxica, para o domínio da barreira de contacto, em que as suas fissuras poderão ser remendadas, em algum momento desse processo, pelos elementos tóxicos que, já não tendo potência hiperactiva, cumprem a função efémera de remendos na barreira de contacto.

Mas como promover uma barreira de contacto suficientemente saudável, que ultrapasse a necessidade compulsiva de restabelecimento de remendos tóxicos, em sujeitos toxicodependentes ou, nas palavras de Farate (2000) “como re-tecer, então, a rasgadura mnésica de uma superfície de contacto afectivo com um objecto interno inefável, ‘barreira de contacto’ onírica mal provida, desde o início, de uma função  $\alpha$  materna capaz de pensar, para além do *sensorium*, os elementos emocionais e sensoriais (elementos  $\beta$ ) que intoxicam a mente do bebé, transformando-os em elementos  $\alpha$  pensáveis, cuja tecedura complexa alicerça a construção progressiva de uma capacidade ‘continente’ da mente infantil?” (p. 81).

Farate (1998, 2000) não apresenta, obviamente, uma solução mágica para a resolução desta patologia, defendendo, porém, que um processo psicoterapêutico onde se opere uma eventual transformação, lenta e progressiva, da qualidade da barreira de contacto de pacientes com perturbações aditivas, poderá contribuir para a melhoria perceptiva dos objectos

externos. De facto, o autor concebe a existência de uma barreira, que denominou de *sensível*, considerando-a herdeira da barreira que surge na relação com o objecto primário – a barreira de contacto bioniana. Esta barreira sensível interna tem como função assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos presentes na realidade externa dos sujeitos (Farate, 1998).

Por conseguinte, segundo Farate (2000), no processo de resolução da patologia da barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes deverá ocorrer uma “(...) modificação secundária da sua ‘barreira sensível’, instância pré-consciente complexa que, em resposta aos estímulos objectais que impressionam o sujeito, opera um trabalho contínuo de re-significação perceptiva, e secundariamente conceptual, da ligação interna aos objectos de investimento primordial, na sua tripla dimensão identificatória (matricial, sexual/geracional e social” (p. 81).

Sublinhe-se a pertinência desta questão dos processos identificatórios para a compreensão da problemática toxicodependente, uma vez que Bergeret (1988) identificou as fragilidades a esse nível, como um dos traços psíquicos comuns a esses sujeitos, e que se expressa, nomeadamente, por ideais megalómanos que culminam invariavelmente em decepção e depressão, e pela ausência de uma interiorização de regras morais superegóicas que, caso existissem, seriam importantes para o estabelecimento de relações humanas saudáveis. Deste modo, na terapêutica da patologia da barreira de contacto de sujeitos toxicómanos, é crucial que ocorra um “(...) processo de re-significação interpretativa que subjaz à qualidade da resposta relacional (consciente e expressiva) do sujeito psíquico ao objecto actual de interacção” (Farate, 2000, p. 81).

## 2. OBJECTIVO DE ESTUDO

A partir da revisão de literatura efectuada sobre a acepção bioniana da barreira de contacto, a problemática toxicodependente, e uma reflexão sobre pontes conceptuais entre esses dois campos de investigação, estamos agora na posse das noções e fundamentações indispensáveis para procedermos a uma operacionalização das questões orientadoras do presente estudo.

Nesse sentido, salientamos que propomo-nos estudar a barreira de contacto e os conceitos que, à luz da teoria bioniana, lhe estão inerentes, ou que com aquela membrana psíquica se relacionam, de forma a constituírem-se “lentes” de leitura de qualquer protocolo, independentemente das particulares características dos sujeitos; porém, pretendemos que a incidência sobre o fenómeno da toxicodependência, a partir da teorização de Bion sobre a barreira de contacto, permita um enriquecimento, de especificidade, da compreensão psicodinâmica de protocolos Rorschach.

Assim, no âmbito desse estudo, consideramos pertinente invocar conceitos previamente explanados acerca da teoria bioniana da barreira de contacto, bem como da sua articulação com a problemática da toxicodependência, por forma a serem integrados num processo de indagação que solicite a elaboração de determinados procedimentos contributivos do desenvolvimento do método Rorschach.

Desta forma, na teoria bioniana do pensamento, destacamos a relevância crucial concedida à forma como se lida com a frustração, factor essencial para que possa ou não ocorrer um desenvolvimento da capacidade de pensar (Fleming, 2003). De facto, nos pólos duais, tolerância/intolerância à frustração, residem, em cada momento, os percursos psíquicos alternativos disponíveis, que cada sujeito escolhe na continuidade das suas experiências vivenciais: caso exista suficiente capacidade de tolerar a frustração, esta será modificada no pensamento que sobre ela incide; por outro lado, se determinada experiência frustrante, com a qual o sujeito se defronta, for superior à sua capacidade de a tolerar, a insuportável dor psíquica a ela associada, impossibilitará que possa ocorrer um pensamento que a contenha e a signifique (*op. cit.*).

Assim, se a escolha recorrente de um sujeito, na sua forma de lidar com a frustração, for a fuga/evitamento do pensar sobre as experiências que lhes provocam dor psíquica, tal

provocará um severo disfuncionamento da função  $\alpha$ , uma vez que ocorrerá escassa transformação de elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , susceptíveis de serem pensados. Concomitantemente, nestas circunstâncias, a angústia em forma de conteúdos não encontrará um continente adequado e disponível para a conter, uma vez que o vínculo  $-K$  será predominante nesta dinâmica de fuga à compreensão da experiência emocional.

Ao invés, caso a escolha frequente de um indivíduo seja lidar com a frustração através do pensamento, ocorrerá um processo inverso ao descrito para a situação em que a solução adoptada é a fuga à elaboração mental da frustração. Deste modo, os indivíduos que toleram suficientemente a frustração nas suas experiências relacionais, conseguem conter e metabolizar os conteúdos angustiantes, desintoxicando-os da sua carga de angústia sem significado. Neste processo, é fundamental a transformação efectuada dos elementos beta em elementos alfa, mediada pela função alfa, na qual se manifesta um predominante movimento de compreensão da experiência emocional inerente à relação continente-conteúdo – o vínculo K.

É nas incidências psíquicas da escolha que se faz, em cada momento, entre a modificação da frustração pelo pensamento e a fuga ao pensamento, que se centra, claramente, o objectivo fulcral do nosso estudo, designadamente ao pretender contribuir para o desenvolvimento do método Rorschach através da elaboração de procedimentos que permitam uma leitura compreensiva e dinâmica do funcionamento da barreira de contacto, conceptualizada por Bion, mediante as respostas dos sujeitos facultadas naquela prova de índole projectiva. Neste processo, pretende-se que na avaliação da qualidade da barreira de contacto de determinado sujeito, se possa monitorizar as oscilações entre o registo psíquico de tolerância à frustração, promotor do bom funcionamento e desenvolvimento da barreira de contacto, e o da fuga ao pensamento, derivado da intolerância à frustração, que activam defesas psíquicas em relação à dor mental. Tal só poderá ser observado, centrando a atenção compreensiva no fluir da continuidade psíquica do sujeito, manifestada em movimentos progredientes e regredientes no encadeamento das suas respostas à prova Rorschach.

Por conseguinte, recordamos que, na teoria bioniana da barreira de contacto, o modo de funcionamento da barreira de contacto pode evidenciar três qualidades distintas: registo semi-permeável, impermeável e permeável.

Deste modo, no que concerne à barreira de contacto de natureza semi-permeável, salientamos que, neste modo de funcionamento, evidencia-se um eficaz desempenho da função alfa, que permite o desenvolvimento formativo daquela membrana psíquica, através de um acréscimo de elementos alfa que nela se incrustam e passam a participar, permitindo ao

indivíduo gerir, com uma crescente capacidade de tolerância à frustração, a continuidade dinâmica que se estabelece, no desenvolvimento dos processos oníricos e de simbolização, entre elementos conscientes e inconscientes, entre a percepção e a projecção, entre o mundo externo e o mundo interno. Neste registo de funcionamento, a função  $\alpha$  desempenha de forma eficaz a transformação de elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , dada a tolerância à frustração, que permite uma sistemática produção de elementos psíquicos susceptíveis de serem pensados (elementos  $\alpha$ ), a partir de impressões sensoriais sem significado (elementos  $\beta$ ). Concomitantemente, a relação continente-conteúdo deverá manifestar, fundamentalmente, um vínculo simbiótico, que sustém a ligação/separação de dois elementos psíquicos para a criação de um novo elemento psíquico, o símbolo, que os integra, mantendo a diferenciação dos seus elementos constituintes. Assim, é neste quadro mental que o desenvolvimento de pensamentos propriamente ditos ocorre, através de uniões de pré-concepções com frustrações (realizações negativas), numa prossecução inerente a uma mudança catastrófica, que possibilita que o psiquismo continue o seu processo de expansão transformativa em direcção à verdade absoluta, O. Para que tal suceda, deverá ocorrer uma oscilação dinâmica entre momentos psíquicos desintegrativos, subjacentes ao acesso à posição esquizo-paranóide e momentos psíquicos integrativos, de acesso à posição depressiva ( $Ps \leftrightarrow D$ ), que, associados à relação dinâmica  $\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$ , sustentam a qualidade semi-permeável de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes.

Como verificar, então, num protocolo Rorschach, a ocorrência de um registo semi-permeável da barreira de contacto, que concilie harmoniosamente elementos conscientes e inconscientes, a percepção com a projecção, mobilizando o conteúdo latente de determinado cartão, de forma que haja uma criativa ressonância do fantasma na constituição de respostas-símbolo?

Por outro lado, se a intolerância à frustração é marcante, as defesas contra a dor mental não permitirão que se evidencie um modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto.

Deste modo, à luz do pensamento bioniano, o equilíbrio dialéctico entre a realidade e a fantasia poderá romper-se em favor da realidade (Cabral, 1998), sustentando um modo rígido de funcionamento da barreira de contacto. Neste registo psíquico, a barreira de contacto, embora seja composta por elementos  $\alpha$ , é rigidamente organizada, impedindo que o sujeito consiga contactar adequadamente com o seu mundo interior (Zimerman, 1995). Nesta medida, este modo de funcionamento da barreira de contacto, manifesta-se como “uma forma de

defesa contra o medo que as suas fantasias, desejos e temores – sentidos como terríveis – aconteçam de facto” (Cabral, 1998, p. 167), impedindo o desenvolvimento do pensamento simbólico. Por conseguinte, é na hiper-adaptação ao real que se opera a impermeabilidade da barreira de contacto, evidenciando o pensamento operatório, que coloca uma muralha face à penetrabilidade emocional dos conteúdos (*op. cit.*). Desta forma, neste registo de funcionamento, não será adoptado o vínculo simbiótico inerente à relação continente-conteúdo, que possibilita a criação do símbolo, mas sim, preferencialmente, um vínculo comensal, no qual os distintos elementos psíquicos pouco se influenciam, dada a intensa defesa ao fluir emocional que ocorre nesta dinâmica. Por conseguinte, a função  $\alpha$  verificará escassa transformação de elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , dada a opressão à emergência de elementos inconscientes, que coloca um entrave à oscilação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$  e, nesta perspectiva, Dias (1996, cit. por Cabral, 1998) defende que o sujeito até poderá fazer uma aproximação a D, mas mostrará uma severa dificuldade em pensar os pensamentos e de se reconhecer.

Como identificar, assim, o registo impermeável da barreira de contacto no decurso de um protocolo Rorschach, em momentos associativos em que ocorre uma escassa conexão de elementos conscientes com elementos inconscientes, numa óptica defensiva de privilégio à realidade face à fantasia, que confere, assim, uma vincada primazia à percepção em detrimento da projecção no processo-resposta Rorschach?

No que respeita ao modo de funcionamento permeável da barreira de contacto, a membrana psíquica que liga/separa o consciente do inconsciente apresenta-se excessivamente porosa, suscitando uma intensa emergência de elementos beta que impõem uma tendência às passagens-ao-acto e à utilização do pensamento concreto, dada a incapacidade de simbolizar e de fazer abstrações (Grinberg et al., 1991). Por conseguinte, a barreira delimitadora entre o consciente e o inconsciente apresenta-se tão ténue e frágil que denota a incapacidade de discriminação suficiente entre os mundos interior e exterior, fantasia e realidade, símbolo e simbolizado (Zimerman, 1995). Neste sentido, de acordo com Bion, revela-se um fraco desempenho da função  $\alpha$ , uma vez que é a solução de fuga ao pensamento que é adoptada (Fleming, 2003). Por conseguinte, manifesta-se uma severa incapacidade de formar símbolos que advém, para Bion (1959, cit. por Cabral, 1998), de um ataque às ligações subjacente à actividade da parte psicótica da personalidade. Desta forma, deverá ser predominante o vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, dinâmica destrutiva em que sobressai o vínculo emocional  $-K$ , que manifesta uma vincada intolerância à frustração, opondo-se, desse

modo, à aprendizagem que decorreria de uma compreensão emocional da experiência, na qual estaria inerente um pensamento sobre a frustração.

Neste sentido, a partir das lacunas da barreira de contacto, ocorre uma emergência de uma tela rígida formada por elementos beta, que se aglomeram entre si numa estrutura intencional que impede as ligações e o conhecimento (Symington & Symington, 1997/1999). Por conseguinte, neste registo psíquico, em vez de predominar a integração de elementos psíquicos decorrentes de experiências emocionais, é a fragmentação que domina, provocando uma proliferação de elementos  $\beta$ , conducentes à emergência da tela  $\beta$  (Cabral, 1998).

Como observar, assim, no decurso da situação Rorschach, a permeabilidade da barreira de contacto de um sujeito, que promove a emergência da tela beta, na qual se impõe a projecção do fantasma sobre a realidade perceptiva, numa predominância da desintegração psíquica, subjacente à posição esquizo-paranóide, sobre a integração de elementos psíquicos decorrente do acesso à posição depressiva?

Porém, para além de uma perturbação da função  $\alpha$ , nas quais as lacunas da barreira de contacto permitem uma emergência da tela beta, consideramos pertinente salientar que, de acordo com Bion (1962), o processo de desenvolvimento da barreira de contacto pode ser substituído pela sua destruição, ao qual subjaz uma reversão da função  $\alpha$ , que destitui os elementos  $\alpha$  das suas qualidades distintivas dos elementos  $\beta$ , mas, nesse processo, acabam por se constituir como objectos com características conformes aos objectos bizarros, que são diferentes dos elementos beta, na medida em que a estes elementos são acrescidos traços do ego e do superego. Deste modo, no processo inerente à reversão da função  $\alpha$  ocorre um intenso ataque às ligações - os vínculos L, H e K transformam-se em -L, -H e, sobretudo, -K -, organizando um superego arrogante, onipotente e onisciente, que destrói a capacidade de pensar e a possibilidade de crescimento mental “(...) sobre a base da tolerância à dúvida e do sentido de infinito” (Cabral, 1998, p. 135).

Numa terminologia bioniana, salientamos que Sandler (1997) defende mesmo a existência de uma anti-função  $\alpha$ , que deve ser concebida como uma função que está activa desde os estados primitivos de desenvolvimento da mente humana, ao transformar elementos alfa, potencialmente utilizáveis para a constituição de pensamentos, em elementos beta, suscitando o que Bion designou como crescimento negativo, - K (*op. cit.*).

No sentido compreensivo de um movimento destrutivo da barreira de contacto, que poderá ocorrer através de uma reversão da função  $\alpha$  (Bion, 1962) ou de um intenso e predominante exercício da anti-função  $\alpha$  (Sandler, 1997), frisamos que, nestes casos, de

extremo disfuncionamento da membrana psíquica que procede a uma ligação/separação entre os elementos conscientes e inconscientes, Dias (1996, cit. por Cabral, 1998) salienta que a oscilação dinâmica  $PS \leftrightarrow D$  fica truncada de  $D$  pela recorrência constante de movimentos psíquicos desintegrativos ( $PS \rightarrow \rightarrow PS$ ), tornando o continente cada vez mais frágil e aumentando, sistematicamente, a intolerância à realidade. Neste panorama mental, assinalamos que, mais do que uma emergência da tela beta a partir das lacunas da barreira de contacto, ocorre uma efectiva instauração da tela beta.

Desta forma, consideramos relevante equacionar como se poderá distinguir, na sequência das respostas Rorschach, uma emergência da tela beta decorrente de um registo permeável da barreira de contacto, de uma cabal substituição do modo de funcionamento da barreira de contacto pela instauração da tela beta.

Para além disso, salientamos que os procedimentos de observação compreensiva dos modos de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta na situação Rorschach, deverão integrar, como componentes básicos formativos, os elementos/modelos conceptuais que integram e participam dinamicamente – de forma diferenciada - naqueles registos psíquicos, designadamente: elementos  $\beta$  e elementos  $\alpha$ , capacidade de rêverie, vínculos emocionais, relação continente-conteúdo e seus tipos de vínculos, função  $\alpha$ , reversão da função  $\alpha$ , anti-função  $\alpha$  e oscilação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$ .

Concomitantemente, anotamos como de especial interesse contributivo para o método Rorschach, que a elaboração de procedimentos, sobre os modos de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta, incida sobre os elementos de cotação das respostas dos sujeitos, isto é, que se formem “lentes” de observação precisa daqueles registos psíquicos sobre o “onde?”, “como?” e “o quê?” subjacentes ao processo-resposta Rorschach. Dessa forma, essas “lentes” permitirão aceder a fundamentais elementos parcelares de análise a serem integrados numa compreensão significativa sobre as formas como se expressam a barreira de contacto e a tela beta na situação Rorschach, de acordo com o nível de tolerância à frustração do sujeito, e das suas decorrentes escolhas psíquicas, em cada momento significativo da prova. Adicionalmente, para aceder a registos compreensivos da continuidade psíquica dos sujeitos na situação Rorschach, deverão ser elaborados procedimentos que permitam observar os modos de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta através de eventuais elementos qualitativos anotados nos protocolos.

Esta conceptualização em torno da tolerância/intolerância à frustração, que é estrutural na ampla, complexa e minuciosa abordagem de Bion sobre o psiquismo humano, é

igualmente importante para compreender o funcionamento psíquico toxicodependente, uma vez que, segundo diversos autores (e.g. Olievenstein, 1990; Rosenfeld, 1960), a incapacidade para lidar com a frustração é uma característica comum a indivíduos com essa problemática.

De facto, segundo Olievenstein (1990) os actos toxicodependentes derivam da existência de uma falta arcaica, que é tão dolorosa que o toxicómano rege a sua mente numa demanda por uma intensidade de prazer tal que consiga ultrapassar o seu nível de dor psíquica, que se pode operacionalizar da seguinte forma: quanto maior o sofrimento, maior será o prazer procurado numa próxima dose de droga.

Por conseguinte, no registo de funcionamento psíquico toxicodependente, existe uma grande lacuna na compreensão das experiências emocionais vividas, já que os elementos  $\beta$ , enquanto impressões sensoriais sem significado, não são, em grande medida, transformados, pelo exercício da função  $\alpha$ , nos elementos participantes na formação dos pensamentos propriamente ditos – elementos  $\alpha$ .

Neste sentido, pode-se, legitimamente, conceber que a barreira de contacto – protótipo da função  $\alpha$  - nos toxicómanos não deverá ser suficientemente capaz de fazer uma ligação selectiva e harmoniosa entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, que permita a elaboração de pensamentos sobre as experiências emocionais vividas, conducentes à superação da necessidade de uma passagem-ao-acto pelo consumo de droga.

Concomitantemente, ao nível da relação dinâmica continente-conteúdo, importa sublinhar que, em qualquer sujeito, não existe um único tipo de vínculo a operar *ad eternum*, mas a insuficiência e fragilidade de funcionamento da função  $\alpha$  nos sujeitos toxicodependentes, poderá evidenciar a preponderância do vínculo parasitário na continuidade psíquica desses indivíduos, consubstanciada num ataque à capacidade de pensar, já que esta incide sobre a frustração que, ao ser intolerável, é expelida através de actos, sem pensamento, de consumos de droga.

Realce-se que, tendo como vasta área de análise a teoria bioniana do pensamento, e de forma mais específica o conceito da barreira de contacto, o presente estudo tem como objectivo acessório - integrado e desenvolvido a partir do primordial, previamente explanado - o enriquecimento do campo de conhecimento do fenómeno da toxicodependência, designadamente através da expressão do seu registo psíquico de funcionamento na prova Rorschach, à luz de rigorosos procedimentos de análise criados, especialmente, para o corpo teórico bioniano da barreira de contacto e da tela beta, mas incidindo a sua visão compreensiva nas particularidades da toxicodependência.

Concomitantemente, para que os objectivos supra anunciados sejam prosseguidos, aos conceitos da barreira de contacto propriamente dita - nas suas modalidades de funcionamento semi-permeável, impermeável e permeável - e da tela beta, desenvolvidos por Bion, acrescentamos, para uma indagação sobre a sua expressão na prova Rorschach, o conceito de barreira sensível (Farate, 1998) e da nossa proposta de barreira de contacto remendada, uma vez que julgamos que a observação destes particulares registos psíquicos através do método Rorschach, permitirão uma melhor compreensão da problemática toxicodependente.

Recordamos que a barreira de contacto remendada consiste numa membrana psíquica adulterada pelos efeitos tóxicos produzidos pelo consumo de drogas, que sustenta uma sideração da dinâmica relacional continente-conteúdo ( $\text{♀}[\leftrightarrow]\text{♂}$ ), assim como uma paralisação da oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva ( $\text{Ps}[\leftrightarrow]\text{D}$ ). Como observar, então, em protocolos Rorschach, o funcionamento desta peculiar membrana, em que os seus buracos - produzidos por elementos beta não transformados em elementos alfa, devido à intolerância à frustração -, são cosidos por uma fina e frágil linha constituída por elementos tóxicos – provenientes de consumos de droga -, que suprime, de forma efémera, a dor mental do sujeito?

Para que a barreira de contacto remendada se desenvolva, um “alarme” de angústia-sinal accionado pela emergência da tela beta deverá ocorrer no antecedente momento psíquico dos sujeitos toxicodependentes; por outro lado, importa realçar que, com a degradação dos efémeros remendos da barreira de contacto remendada, a tela beta deverá emergir, inevitavelmente, no psiquismo toxicómano, sustentando, desta forma, um eventual ciclo mental vicioso: emergência da tela beta – barreira de contacto remendada. Como identificar, assim, esta passagem entre a emergência da tela beta e a barreira de contacto remendada no decurso das respostas Rorschach?

Sublinhamos que, nesta óptica de supressão cabal da dor mental, a eventual ocorrência de uma qualquer emergência emocional é ameaçadora para o sujeito toxicodependente, conduzindo-o à passagem-ao-acto pelo consumo de droga como forma de fuga ao fluir emocional, o que levou McDougall (1984) a designar este tipo de indivíduos como *des-afectivos*. Desta forma, subjacente ao desenvolvimento da barreira de contacto remendada encontra-se um modo de funcionamento exacerbadamente narcísico, que visa a fuga a qualquer tipo de relação humana, uma vez que estas desencadeiam emoções incontroláveis, que os sujeitos pressentem como potencialmente dolorosas, dada a própria natureza desejante do parceiro vivo de relação, optando-se, assim, pelo controle onnipotente de um objecto-droga, que cumpre a função de substituto externo associado à parte clivada do objecto interno

idealizado. Por conseguinte, através dos efeitos tóxicos produzidos pelo consumo de drogas, ocorre uma anestesia da função  $\alpha$ , na qual é paralisada a função transformadora de elementos de angústia (elementos  $\beta$ ) em elementos de pensamento (elementos  $\alpha$ ), através da forma radical toxicodependente de supressão da dor psíquica. Deste modo, salientamos que importa formular procedimentos que permitam detectar, nas respostas à prova Rorschach, a paralisação da função  $\alpha$  associada ao funcionamento da barreira de contacto remendada, em que a dor mental é anestesiada em vez de contida e significada.

Para além disso, realçamos que, após a angústia-sinal de emergência da tela beta, os elementos tóxicos presentes no psiquismo poderão não ser utilizados, inicialmente, para a cosedura tóxica da barreira de contacto, mas sim para se associarem activamente aos elementos beta, por forma a acelerar/facilitar o processo de instauração da tela beta, que expõe a dor mental. Tal será o caso de elementos tóxicos provenientes do consumo de drogas excitatórias, como por exemplo a cocaína. Assim, esses elementos tóxicos apresentam características hiperactivas que se conciliam com os emergentes elementos beta, por forma a instaurarem uma particular tela que, por ter elementos tóxicos associados a elementos beta, designamos por tela beta tóxica. Porém, salientamos que após o “high” da instauração desta particular tela beta, o psiquismo do sujeito deverá deparar-se, novamente, com uma barreira de contacto muito porosa, mas as suas lacunas serão, então, preenchidas pelos elementos tóxicos que, pelo facto de já terem gasto a sua potência hiperactiva no processo de instauração da tela beta, apenas poderão contribuir para o processo de efémeros remendos siderantes da barreira de contacto. Como podemos, assim, constatar, no decurso das respostas Rorschach, a seguinte sequência: emergência da tela beta - instauração da tela beta tóxica – barreira de contacto remendada?

Note-se que, tal como sustentámos a propósito das modalidades de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta, na perspectiva de Bion, no que concerne à barreira de contacto remendada e tela beta tóxica, sublinhamos a pertinência de elaboração de procedimentos sobre esses registos psíquicos ao nível dos diversos elementos de cotação das respostas Rorschach – modos de apreensão, determinantes e conteúdos -, assim como variados elementos qualitativos. De facto, a observação de todos esses elementos de análise deverá contribuir para uma monitorização compreensiva da expressão do contínuo psíquico dos sujeitos toxicodependentes, possibilitando, num momento subsequente, de ligação/separação desses elementos compreensivos, uma identificação integrada sobre o modo

de funcionamento predominante da barreira de contacto de um sujeito toxicodependente, através da sua expressão na prova Rorschach.

Por último, a contribuição de Farate (1998) sobre a barreira sensível nos indivíduos com perturbações adictivas, facultará a possibilidade de discernir, mediante o método Rorschach, o dinamismo mental evolutivo/involutivo de uma condição básica para a reparação/deterioração da barreira de contacto, respectivamente ao avaliar-se a qualidade das respostas dos sujeitos ao nível da observação perceptiva das manchas Rorschach. De facto, o autor realça que a função da barreira sensível é assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, salientando, que ocorrerá um incremento desta capacidade psíquica derivado de um processo desenvolvutivo da barreira de contacto. Para além disso, o autor refere que um efectivo aumento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos conduzirá, sucessoriamente, a uma re-significação conceptual dos objectos internos. Neste sentido, consideramos que este processo evolutivo da barreira sensível demonstra que ocorreu um desenvolvimento da barreira de contacto, ou seja, que se verificou uma ligação/separação mais harmoniosa – prossecução de uma qualidade semi-permeável - entre o mundo externo e o mundo interno, entre a percepção e a projecção, enfim, entre elementos conscientes e elementos inconscientes. Porém, realce-se que o conceito da barreira sensível foi concebido à luz das problemáticas adictivas, e o autor enfatiza a componente de melhoria em vez de adequada inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, como forma de contribuir com este conceito, para uma compreensão do percurso terapêutico da barreira de contacto em sujeitos com comportamentos recorrentes de índole adictiva.

Desta forma, consideramos pertinente a elaboração de procedimentos que permitam a identificação do funcionamento da barreira sensível, descrita por Carlos Farate, em protocolos Rorschach, que deverá estar associada com uma dinâmica de evolução/involução da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes. A barreira sensível, enquanto “herdeira da ‘barreira de contacto’” (Farate, 1998, p. 270), deve, então, ser entendida e utilizada, em termos de compreensão psicodinâmica, como um indicador que confirma a qualidade do modo de funcionamento da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes. Por isso, consideramos, para efeitos de elaboração de procedimentos de leitura, que o valor compreensivo da barreira sensível não deverá ser procurado, directamente, numa análise qualitativa das respostas Rorschach, mas sim em elementos integrados de análise, no âmbito do psicograma e através de específicas grelhas de análise dos protocolos, de acordo com os procedimentos de leitura utilizados.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. MODELO DE ESTUDO

Em virtude do presente trabalho se integrar no domínio dos estudos qualitativos, consideramos que é especial interesse aprofundar as suas características e pertinência no quadro da metodologia de investigação.

Assim, importa salientar que os métodos referem-se a técnicas específicas de investigação, enquanto a metodologia de investigação define a forma como se procede ao estudo de um determinado fenómeno. No campo das ciências sociais, os estudos podem ser, na sua generalidade, definidos como qualitativos ou quantitativos (Stake, 1995). Os estudos quantitativos preocupam-se prioritariamente com a explicação e controle, enquanto os estudos qualitativos, centram-se no entendimento da rede complexa de inter-relações.

De acordo com Fred Erickson (1986, cit. por Stake, 1995), a característica distintiva dos estudos qualitativos reside na ênfase que é colocada na interpretação, que não compreende unicamente a identificação de variáveis, o desenvolvimento de instrumentos anteriormente à aquisição dos dados, e a análise e interpretação propriamente dita da informação. De facto, num sentido mais lato, refere-se à posição adoptada pelo investigador, que regista objectivamente o que acontece mas, simultaneamente, examina o seu significado e re-dirige a observação para substanciar ou refinar os seus significados.

Para Stake (1995), o principal poder das investigações qualitativas, comparativamente com as quantitativas, reside na sua capacidade para compreender e analisar o que está a suceder no “setting” natural. Os investigadores que optam por um estudo qualitativo visam responder, primeiramente, a questões tais como “O quê?” e “Como?”, sendo os resultados enquadrados numa análise compreensiva, tentando demonstrar como os elementos identificados, definidos teoricamente, se expressam. Contudo, uma boa investigação qualitativa, tal como quantitativa, deve adoptar uma explicação multifactorial, sendo esta mais satisfatória do que explicações que remetem apenas a um único elemento explicativo. Esta é uma característica muito enriquecedora.

Ao nível dos estudos qualitativos, a problemática e o interesse coloca-se, sobretudo, na forma como as pessoas observam e descrevem o seu mundo (Silverman, 2001). Os estudos qualitativos não se orientam pela explicação causa-efeito – característica dos estudos quantitativos -, mas pela interpretação, atribuindo ênfase ao tratamento holístico do fenómeno, com especial atenção para o contexto do mesmo e interligações contextuais (Stake, 1995).

Nos estudos qualitativos, os dados obtidos resultam de um ou mais casos, mas, segundo argumenta Mason (1996, cit. por Silverman, 2001), mesmo que se conseguisse construir uma amostra com um número de casos que fosse representativo da população de referência, o tamanho da amostra seria tão incrivelmente extensa que impediria uma análise mais minuciosa, a qual é característica da investigação qualitativa. Deste modo, de acordo com o referido por Stake (1995), o estudo de caso não se baseia na representatividade do mesmo. A principal prioridade deste tipo de estudo é, para este autor, a compreensão do caso específico e a maximização do que poderá ser aprendido através do seu estudo. Nos estudos qualitativos cada caso é perspectivado, simultaneamente, como único e comum, na medida que a sua compreensão implica uma compreensão de outros casos, bem como da iniquidade do caso (*op. cit.*). Deste modo, segundo Stake (1995) as características dos estudos qualitativos, para além da dimensão holística, compreendem, igualmente, o carácter empírico, interpretativo e empático.

Na investigação qualitativa procura-se sobretudo a autenticidade, pois o objectivo principal versa a captação de um entendimento experiencial da pessoa. É nessa perspectiva que, num determinado estudo a realizar – consoante o seu objectivo e problema de investigação - a escolha inerente à metodologia qualitativa pode ser compreendida.

Por conseguinte, uma vez que invocámos, para a prossecução do presente estudo, o âmbito da metodologia qualitativa de índole projectiva, salientamos que escolhemos o método Rorschach, por forma a contribuir para o seu desenvolvimento, tendo como referência a análise de narrativas que a instrução Rorschach solicita, em sentido amplo, e cuja leitura compreensiva está inscrita no modelo estabelecido pela escola francesa, que possui “(...) como característica fundamental, bem formulada e fundada, uma *conformidade e coerência entre teoria e metodologia*” (Marques, 1999, p. 17). Neste sentido, através das virtudes desse modelo, consideramos que o contributo do referencial teórico bioniano promove um refinamento do método de abordagem do funcionamento mental do sujeito em estudo, com particular relevância, como sublinha Marques (1999), no acesso que permite “(...) à natureza

das *relações, ligações e transformações* que são estabelecidas entre o interno e o externo” (p. 17).

No contexto do encontro com o sujeito, “(...) o teste projectivo ocupa, desde logo, o lugar dos objectos mediadores (...). É, então, um terceiro que, na verdade, ainda não pertence seja a quem for, e é um lugar onde se vai desenvolver a expressão de um, a atenção de outro e a potencialidade de adquirir sentido para um e para outro” (Chabert, 1998, p. 31).

### 3.2. O MÉTODO RORSCHACH

O *Psychodiagnostik* de Hermann Rorschach, publicado em 1921, destinava-se à clínica psicopatológica e ao diagnóstico diferencial, residindo o seu fundamento inicial no associacionismo, em que as associações seriam usadas como forma de conhecer o indivíduo, numa perspectiva una, constituindo-se, assim, como o método para aceder ao conhecimento e diagnóstico de diversas perturbações mentais (Marques, 1999). Porém, não surgem, nessa publicação, claras referências que sustentassem uma teoria da personalidade, mas, apesar disso, “(...) é verdade que os assentos teóricos daquilo que é o *método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção e a interpretação livre de formas fortuitas* – que são os subtítulos do livro – estão presentes” (*op. cit.*, p. 158).

O instrumento, concebido por Rorschach, centra-se num conjunto de dez cartões, que evidenciam manchas de tinta de natureza informe, de cores negra e policromáticas, manifestando diversos níveis de esbatimento, sendo todas organizadas de forma simétrica em torno de um eixo vertical e central (Chabert, 1998).

O material apresenta-se com formas simples e fortuitas, e o objectivo passa por interpretar livremente tais imagens a partir da instrução: *o que é que isto poderia ser?* (Marques, 1999). De seguida, ocorre um inquérito, que consiste numa renovada aplicação da sequência dos dez cartões, e na qual é expressa uma diferente formulação da instrução que, poderá ser definida, de acordo com Chabert (1998), da seguinte forma: “Vamos agora retomar os cartões juntos; tente dizer-me o que o fez pensar naquilo que evocou. Claro que se lhe ocorrerem outras ideias, poderá sempre dizer-me” (p. 47). A última fase de aplicação consiste na escolha dos dois cartões preferidos pelo sujeito, assim como dos dois cartões que menos foram do seu agrado. Note-se que as respostas do sujeito à prova Rorschach são registadas

sob a forma de um relato escrito, e submetidas a uma técnica de codificação e de análise específicas.

Para efeitos de análise da prova Rorschach, salientamos que esta foi, inicialmente, concebida como uma prova de percepção, mas de acordo com o próprio autor “(...) a percepção está intimamente ligada à noção de interpretação (apercepção que Bleuler havia introduzido). Na base do trabalho a que o sujeito se entrega há uma percepção, mas o processo que conduz à emergência da resposta Rorschach faz intervir outros mecanismos psicológicos, isto é, a partir da associação é a *interpretação que se torna uma forma específica da percepção*” (Marques, 1999, p. 164). Por conseguinte, é esta particular perspectiva sobre a noção de percepção, próxima da apercepção, que permite considerar a prova Rorschach, desde o início, como “(...) permitindo revelar mais do sujeito que percebe do que do objecto que é percebido” (*op. cit.*, p. 164). Neste sentido, a partir desta aceção da percepção como interpretação, desenvolvem-se teses nos quais se introduz a relevância do conceito de projecção, “(...) isto é, da participação do singular e do subjectivo no processo-resposta” (Marques, 1999, p. 165). Assim, esta leitura da prova, que confere ênfase particular ao desenvolvimento de teses a partir da aceção inicial de percepção como interpretação, promove a inscrição psicanalítica do Rorschach, através da qual se procede a uma modificação da concepção do Rorschach como teste para se afirmar como método (*op. cit.*).

Neste quadro de implicação da psicanálise no Rorschach, realçamos as teses desenvolvidas no seio da Escola Francesa de Psicanálise, com particular destaque para os trabalhos de Rausch de Traubenberg e Chabert. De acordo com a primeira autora, o Rorschach é conceptualizado enquanto “(...) espaço de interacções entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática” (Rausch de Traubenberg, 1983, cit. por Marques, 1999, p. 165). Deste modo, o Rorschach deve ser compreendido nos seus vários elementos: características do estímulo, valor simbólico dos cartões, instrução, componente das respostas e o processo-resposta Rorschach. Assim, Marques (1999) sublinha que “todos estes elementos impõem ao sujeito movimentos que vão do perceptivo, do percebido e da realidade ao projectivo, ao subjectivo e à vivência, revelando a relação do sujeito ao mundo interno e externo” (p. 180). Assim, o processo-resposta Rorschach “(...) remodela uma realidade externa em função das necessidades e das fantasias internas” (Rausch de Traubenberg, 1983 p. 102, cit. por Marques, 1999, p. 180).

Nesta senda, Chabert (1998) salienta que o Rorschach pode ser acedido pela sua natureza perceptiva, real, mas também como objecto projectivo, imaginado: “Enquanto

objecto real, o estímulo Rorschach vai permitir a emergência da palavra, que dará conta de imagens articuladas, a partir de uma realidade material. (...) Enquanto objecto potencial, imaginado (...) o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de organização da sua relação aos objectos e dos fantasmas e afectos subentendidos nas palavras-imagens que ele vai dar” (*op. cit.*, p. 31). Por conseguinte, para Chabert (1998), o sujeito mostra o seu modo de funcionamento psíquico mediante a relação que estabelece com as características do objecto Rorschach que, por si sós, facilitam movimentos regressivos e projectivos, ao mesmo tempo que apelam a mecanismos perceptivos e de adaptação ao real. Estes movimentos perceptivos e projectivos também existem e participam nas modalidades específicas da relação estabelecida com o clínico, influenciando no processo de construção das respostas Rorschach, levando Chabert a sublinhar a relevância das noções de transferência e de contratransferência: “Podemos conservar na noção de fenómenos transferenciais em situação projectiva numa dupla direcção: antes de mais, como mecanismo de deslocamento que permite a expressão de conteúdos inconscientes através da mediação do material fornecido; de seguida, na reactivação, no curso da aplicação, de modalidades relacionais particulares cuja referência latente se refere às figuras parentais” (Chabert, 1983, p. 17, cit. por Marques, 1999, p. 181).

Neste sentido, torna-se evidente no trabalho de Chabert a relevante relação estabelecida entre a Psicanálise e o Rorschach, consolidando esta prova projectiva como “(...) uma psicanálise aplicada, que não deve ser confundida com o que ocorre no divã, mas que usa conceitos da psicanálise que devem, todavia, ser depurados para poderem ser usados no contexto da situação projectiva” (Marques, 1999, p. 181).

Em comparação com Rausch de Trautenberg, os trabalhos de Chabert (1983, 1987, cit. por Marques, 1999) manifestam uma maior relevância concedida à psicopatologia, aprofundando os referenciais psicanalíticos do Rorschach. Assim, de acordo com Chabert (1995, cit. por Marques, 1999), o Rorschach não deve ser estudado enquanto prova, mas sim na forma como acede ao funcionamento mental, através de um modelo psicanalítico, em que, para efeitos de análise, são consideradas as relações entre o conteúdo manifesto e o latente das manchas, as ligações que se estabelecem entre a percepção, a representação e os afectos, as oscilações que ocorrem entre o processo primário e o processo secundário, a regressão, os conflitos e os mecanismos de defesa. De facto, segundo Chabert (1998), o conteúdo manifesto de cada mancha Rorschach “(...) é susceptível de solicitar representações, fantasmas ou afectos que se situam em registos evolutivos diferentes, que obedecem a uma linhagem

fantasmática relativamente homogénea, que preserva sempre a dialéctica própria a cada sujeito” (p. 73).

Assim, no que concerne à análise das características descritivas do material Rorschach, ou seja, ao seu conteúdo manifesto, é destacado o contributo do trabalho de Rausch de Trautenberg (1970/1990, cit. por Chabert, 1998), no qual são salientadas duas dimensões fundamentais do estímulo: uma dimensão estrutural, subjacente à construção formal dos cartões; e uma dimensão sensorial, derivada da presença de elementos cromáticos e acromáticos. Desta forma, no que concerne à dimensão estrutural, há uma diferenciação entre cartões, de acordo com uma configuração unitária ou bilateral, embora a simetria os organize a todos em torno de um eixo mais ou menos expresso. Nos cartões unitários (I, IV, V, VI e IX) esse eixo está claramente manifesto, enquanto que, nos cartões de configuração bilateral (II, II, VII e VIII), a simetria é mais evidente na repetição do duplo, em espelho. Adicionalmente, segundo o critério formal, é possível reagrupar os cartões de acordo com o seu carácter fechado (I, IV, V, VI) ou aberto (I, II, III, VII, VIII, IX e X).

No que respeita à dimensão sensorial, esta remete para a distribuição da cor, distinguindo-se os cartões cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os cinzento (VII), os negro-branco-vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X).

Importa realçar que estas duas dimensões – estrutural e sensorial - são particularmente relevantes, uma vez que “(...) a apreensão da construção formal é, de uma maneira clássica, considerada numa perspectiva perceptiva e cognitiva dita «intelectual», e a sensibilidade às cores está empiricamente associada à expressão dos afectos” (Chabert, 1998, p. 54). Desta forma, afigura-se, para além da evidência de dimensões estritamente descritivas do material Rorschach, “(...) um sentido de uma outra natureza, que se refere a experiências de afectos e de fantasmas escondidos na noite dos tempos e no esquecimento, é falar em termos de conteúdo manifesto e de conteúdo latente e referir-se à experiência do inconsciente e à teoria psicanalítica” (Chabert, 1998, p. 62).

Por conseguinte, Chabert (1998) recorre a um modelo conceptual e de análise do conteúdo latente dos cartões Rorschach, que segue uma dupla orientação: uma centração em torno de tudo o que remete para à representação de si, bem como ao que se refere à evocação da representação de relações.

No que concerne especificamente à representação de si, a construção simétrica dos cartões em torno de um eixo médio, promove um movimento de projecção da imagem do corpo, sendo mais evidente esta solicitação nos cartões compactos. Contrariamente, os cartões dispersos favorecem o aparecimento de uma angústia de fragmentação, uma vez que não

oferecem referências estáveis e, por isso, colocam à prova as capacidades de unificação do sujeito.

Concomitantemente, o sentimento de identidade, que se apoia e desenvolve na elaboração do esquema corporal, implica um reconhecimento de pertença ao mundo humano e, igualmente, um reconhecimento da diferença sujeito/objecto. Assim, o acesso à identidade pressupõe uma operante capacidade de diferenciação, caso contrário tendem a surgir representações de duplos ou conteúdos que expressam imagens híbridas evidenciadoras de uma confusão entre reinos, ou seja, “(...) trata-se aqui de todos os fenómenos susceptíveis de serem sustentados por um sentimento de despersonalização” (Chabert, 1998, p. 79). Note-se que respostas em que se manifeste uma expressão desta problemática surgem, frequentemente, nos cartões compactos, onde se esperaria a evidência de uma efectiva e bem sucedida individuação. Para além disso, os cartões de configuração bilateral, podem clarificar as dificuldades ao nível da diferenciação, através de personagens que se apresentam em duplo, ou seja, exactamente idênticas. Realce-se, ainda, que os cartões pastel podem induzir intensos movimentos regressivos, que remetem para uma vivência sofrida de insatisfação e de falta na relação precoce com o meio objectal, provocando, por isso, uma insuficiência do investimento de si.

Integrado no eixo de análise da representação de si, um registo psíquico mais elaborado, refere-se à identificação secundária, que coloca à prova o reconhecimento da diferença de sexos e os modelos de identificação, após ser atingido o acesso à identidade. Apesar dos cartões com um simbolismo sexual transparente acentuarem mais uma valência feminina ou masculina, respeitam, ainda assim, a noção de bissexualidade psíquica, uma vez que se encontram sempre referências a ambos os sexos. Porém, é evidente a dominante simbólica oca dos cartões II, VII e IX - que remetem para o referencial feminino/materno -, contrastando com a dominante simbólica fálica - da ordem do masculino/paterno -, associada aos cartões fechados e com apêndices salientes - IV e VI. Nesta medida, as respostas Rorschach podem apresentar imagens sexuais cruas ou mobilizarem o acesso a representações que aludem a modelos sexuais específicos, como são os casos de tomadas de posição activas e/ou passivas que testemunham escolhas, mais ou menos claras, na assunção de papéis sexuais. Para além disso, poderão ocorrer identificações sexuais claras e firmes, oscilações dolorosas - reveladoras de uma problemática muitas vezes marcante - ou mesmo dificuldades expressas nas escolhas identificatórias, que surgem em respostas do tipo «um ser»/«dois seres», «uma personagem»/«duas personagens», «uma pessoa»/«duas pessoas».

No que concerne à orientação de análise do conteúdo latente dos cartões Rorschach centrada na representação de relações, Chabert (1998) destaca a interdependência que existe entre o processo de construção da imagem de si e a dinâmica subjacente às relações de objecto, advertindo para “(...) a multidimensionalidade aparente dos significados latentes dos diferentes cartões e o facto de serem citados e analisados nos vários contextos de conteúdos latentes” (p. 83). Não menosprezando ou esquecendo essa interdependência, pode-se, ainda assim, observar em alguns cartões as claras solicitações fantasmáticas ligadas às imagos parentais e às modalidades particulares de relações com essas imagos.

Deste modo, a evocação da imago materna é mais frequente nos seguintes cartões: o cartão I, em virtude de ser o primeiro cartão, apela à relação com o primeiro objecto, de natureza materna pré-genital, ao qual acresce o facto de ser um cartão aberto na sua parte superior e de aspecto compacto, que beneficia a representação do corpo feminino; o cartão VII, que é considerado como o cartão materno por excelência, pelo seu carácter esbatido, aberto e oco, com interpenetração figura-fundo, induz respostas mais arcaicas ou mais evoluídas em função da relação com a imago materna; o cartão IX que, por evidenciar uma estrutura aberta e oca, assim como uma interpenetração das cores e limites pouco definidos, favorecem evocações muito regressivas, podendo reactivar imagens de valência persecutória associada à relação com a imago materna, ou mesmo remeter para o domínio do uterino, no qual surgem, assim, respostas de temática gestacional e de nascimento. Por outro lado, nos cartões IV e VI é mais frequente a evocação da imago paterna, associada a imagens de força e poder, mas, num registo psíquico mais arcaico, pode também suscitar evocações associadas a uma imago materna pré-genital fálica poderosa e perigosa.

Para além disso, no que respeita às modalidades de relações de objecto, Chabert (1998) salienta que, embora o Rorschach “(...) se presta à evocação de relações, não impõe obrigatoriamente que estas apareçam nem, tão-pouco, o registo conflitual no qual elas se inscrevem” (p. 87). Porém, a autora defende que alguns cartões favorecem, mais do que outros, as associações relacionais: os cartões de configuração bilateral (II, III e VII), que promovem a expressão da relação face-a-face, nas suas vertentes narcísicas ou objectais; os cartões II e III, em que a cor vermelha apela à mobilização pulsional na expressão relacional; e os cartões pastel, que suscitam emergências emocionais associadas ao tipo de relação que o sujeito estabelece com o meio, em que o cartão VIII pode ser descrito como o «cartão dos contactos com o mundo exterior» - dando conta da especificidade de investimento do meio feito pelo sujeito -, o cartão IX incide sobre as referências maternas e, por último, o cartão X denota a forma como o sujeito se posiciona face à separação-indivuação.

Em suma, a análise e interpretação da expressão Rorschach, mediante a dupla orientação da representação de si e da representação das relações, sustenta um acesso compreensivo às capacidades psíquicas do sujeito ao nível da sua “(...) *vivência de ser, de existir e de realizar sexuado*, bissexuado, interactivo e intersubjectivo, vivência esta que também se expressa na *relação ao objecto, ao Outro*, também ele bissexuado, interactivo e intersubjectivo” (Marques, 1999, p. 209).

## 4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

### 4.1. A BARREIRA DE CONTACTO E O RORSCHACH: ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL ASSOCIADO A UMA ELABORAÇÃO INTRODUTÓRIA AOS PROCEDIMENTOS

Neste capítulo proceder-se-á à elaboração de procedimentos de leitura da dinâmica da barreira de contacto através do método Rorschach, no qual se atenderá às especificidades conceptuais que contribuem para a compreensão psicodinâmica daquela membrana psíquica, com o intuito de observar e avaliar a sua qualidade em qualquer sujeito, mas também explorando e identificando “lentes” compreensivas que possibilitem uma atenção especial ao registo psíquico da toxicod dependência, na medida das suas repercussões em modalidades particulares de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta.

No que concerne ao material Rorschach – manchas de tinta – “(...) possuidoras de qualidades psíquicas – conhecido/desconhecido, harmonia/inquietude, novo/já experienciado – são capazes de (co)mover os objectos internos, mobilizando um processo complexo feito de vários movimentos identificatórios de sujeito a objecto e de objecto a sujeito, movimentos feitos de fusão e de diferenciação, mas também movimentos que revelam ressonância e comunicação entre interior e exterior, bem como envolvimento e incorporação. Podemos, então, dizer que as manchas Rorschach actuam um conflito entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, que suscita a pulsão epistemofílica que leva à procura do conhecimento” (Marques, 1999, pp. 211-212).

A solicitação que se faz aos sujeitos na situação-Rorschach constitui, deste modo, um convite à conciliação entre a percepção e a projecção, ou seja, entre a realidade e a fantasia, sendo assim um espaço-tempo de relação entre um Eu e um Outro internos, mas também externos – sujeito e o clínico -, onde a identidade e a alteridade se expressam no jogo dinâmico da intersubjectividade, evidenciando a qualidade da barreira de contacto dos sujeitos, de acordo com o seu grau de permeabilidade entre elementos conscientes e inconscientes.

De facto, face à angústia provocada pela situação relacional da prova e da presença de um material que carece de definição, sustenta-se a estimulação para uma transformação psíquica, inerente ao processo-resposta Rorschach, na qual a função  $\alpha$  dos sujeitos é invocada, avaliando-se a sua capacidade de transformar os elementos  $\beta$ , que são caracterizados por

sensações sem nome nem significado, em elementos  $\alpha$ , que são os constituintes dos pensamentos propriamente ditos, em que uma resposta com significado poderá, assim, ser ou não proferida.

Concomitantemente, os conteúdos latentes dos cartões Rorschach procuram um adequado continente no sujeito observador, podendo essa relação ser profícua e fecunda, se elaborar um símbolo - um terceiro que se constitui numa harmoniosa e criativa ligação, mas também separação entre dois elementos, própria de um vínculo simbiótico na relação continente-conteúdo, sendo um indubitável indicador de um bom funcionamento da barreira de contacto. Deste modo “(...) sujeito e objecto (...) comunicam, pela «barreira de contacto» numa «relação continente-conteúdo», o que permite encontrar novos objectos (...) mas, tal acontece porque os objectos possuem qualidades psíquicas que possibilitam essa transformação” (Marques, 1999, p. 243).

Por outro lado, a relação estabelecida entre os conteúdos latentes que emergem dos cartões e os continentes psíquicos dos sujeitos, poderão possuir a qualidade de um vínculo parasitário, em que ocorre uma destruição mútua, devido à incompatibilidade exacerbada da sua relação, em que uma específica emergência de angústia encontra um continente impróprio para a conter, desintoxicar e fruir-se em desenvolvimento com ela. Neste caso, é a tela beta que irrompe e dita a sua lei assimbólica, em que a dor mental é expelida de diversas formas actuantes, uma vez que é o acto e não o pensamento que sobressai.

Importa ainda referir a eventual manifestação de um vínculo comensal entre os conteúdos implicitamente suscitados por cada cartão e os continentes disponíveis nos sujeitos. Neste caso, a relação continente-conteúdo não é especialmente criativa e produtiva, nem nefasta e destrutiva, uma vez que continente e conteúdo pouco se influenciam, podendo manifestar-se em respostas adaptativas à prova Rorschach, existindo um reconhecimento do conteúdo latente dos cartões, conjugado com uma boa adequação formal do percepto, mas carecendo de originalidade. A barreira de contacto, embora esteja a operar neste tipo de registo, manifesta pouca actividade na conexão entre elementos conscientes e inconscientes, revelando uma função  $\alpha$  que cumpre minimamente o seu papel, mas exibindo escassa vitalidade e dinamismo.

Concomitantemente, a observância da oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  na prova Rorschach é extremamente relevante, na medida em que permite verificar o grau de flexibilidade psíquica dos sujeitos entre movimentos regredientes e progredientes, ou seja, entre uma dinâmica cíclica de desconstrução e dispersão e de construção e integração, que permitem o

crescimento mental. Assim, “(...) é possível dar, renovar e criar sentido às coisas e aos objectos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se sustentam na identificação projectiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração” (Marques, 1999, p. 243).

A capacidade de recorrer ao modo de funcionamento da posição esquizo-paranoide, sem ficar aí submergido, oscilando com o registo mental integrativo da posição depressiva, é uma dinâmica processual fundamental, uma vez que permite que a concepção não se imobilize, permanecendo, assim, com uma parte insaturada, que possibilita a prossecução do crescimento mental no sentido da infinitude, ou seja, tornando-se como renovada pré-concepção, num ciclo desenvolvutivo pré-concepção-concepção, que sustém o desenvolvimento de abstracções sucessivamente mais elaboradas e complexas.

O material Rorschach, pelas suas características perceptivas ambíguas, remete, deste modo, para um primeiro momento de elaboração do processo-resposta Rorschach, no qual os sujeitos terão de lidar com a dispersão e o caos psíquico, próprios da vivência mental da posição esquizo-paranoide, solicitando que os recursos disponíveis da posição depressiva sejam empregues, como forma de integrar as impressões sensoriais sem significado, em imagens mentais unidas e significativas. De facto, o confronto do sujeito com cada mancha Rorschach, sustém uma “(...) situação disruptiva que obriga a encontrar significações (...)” (Marques, 1999, p. 156). Por conseguinte, “a situação projectiva, a partir do contexto e da relação estabelecida, e *pour cause*, permite e impõe um trabalho de ligação e transformação que conduz à possibilidade de encontrar e formular as respostas” (*op. cit.*, p. 156).

Saliente-se que, no processo de elaboração de cada resposta, o sujeito necessitará, recorrentemente, de tolerar a frustração suscitada pelo cartão em análise, cuja mancha de tinta, por si só, revela o inominável, uma “coisa-em-si-mesma”, implicando uma inevitável passagem pelo processo primário subjacente à posição esquizo-paranoide, e que só o acesso seguinte ao processo secundário inerente à posição depressiva permitirá superar, ao integrar num nomeado objecto total as partes, sem nome, anteriormente desunidas. De facto, “é só no seio do funcionamento da posição depressiva que se pode falar em *símbolo* propriamente dito, que é sentido como representando o objecto, mas não coincidindo com ele, que é usado não só para negar a perda, mas sobretudo para superá-la, estando então ligado à sublimação e levando ao desenvolvimento” (*op. cit.*, p. 227).

O bom funcionamento da oscilação dinâmica Ps $\leftrightarrow$ D, manifestará, por conseguinte, um adequado desenvolvimento em curso da barreira de contacto, já que revelará uma consistente semi-permeabilidade na ligação/separação de elementos inconscientes e conscientes, inerente

à dinâmica comunicativa entre as posições esquizo-paranóide e depressiva que, só desta forma, permite que o sujeito consiga “(...) *ligar a experiência emocional através da função alfa* (...)” (Bion, 1967/1983, cit. por Marques, 1999, p. 227). De facto, não se pode dissociar uma adequada oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  do bom funcionamento da função alfa. “A função de formação de símbolo é designada como *função alfa* e (...) dá conta da transformação das experiências emocionais vividas como desordem e caos em formas psíquicas, em pensamentos” (Marques, 1999, p. 227).

Todavia, se a oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  verificar algum tipo de perturbação, a barreira de contacto será marcada por uma vincada permeabilidade ou rigidez de funcionamento, em que ambas as situações estarão marcadas por uma deficiente capacidade de gerar símbolos, inerente a um fraco exercício da função  $\alpha$ .

Deste modo, se a barreira de contacto for muito permeável, a fantasia inconsciente sobrepor-se-á à realidade, uma vez que demasiados elementos dispersos não serão integrados por um acesso consistente à posição depressiva, observável em respostas aos cartões Rorschach, em que, no seu processo de elaboração, a projecção superará em grande medida a participação da percepção, evidenciando-se, assim, uma emergência da tela beta nas lacunas da barreira de contacto; por outro lado, caso a barreira de contacto revele uma grande rigidez de funcionamento, escassos elementos inconscientes, que carecem de significação, serão mentalmente disponibilizados para serem requalificados pelo processo integrativo subjacente à posição depressiva, manifestando-se em respostas demasiado ancoradas perceptivamente ao material Rorschach, exibindo uma insuficiente ressonância emocional e fantasmática.

Para além de elaborar meios de observação compreensiva da barreira de contacto e da tela beta na prova Rorschach, importa ainda incluir nesse processo os conceitos de barreira sensível (Farate, 1998) e das nossas propostas de barreira de contacto remendada e tela beta tóxica, que consideramos particularmente relevantes para a compreensão do funcionamento toxicodependente.

No que concerne à barreira de contacto “remendada”, sublinhe-se que, nesta dinâmica mental, os conteúdos sofrem um intenso processo de desvitalização, subjacente ao estancar de fissuras da barreira de contacto, em que a angústia é anestesiada através de elementos químicos “tóxicos”, substâncias que nem sequer podem ser reconhecidas para uma eventual transformação pela deficiente função alfa do sujeito, uma vez que não são elementos beta, mas sim agentes anestésiantes de elementos beta. Assim, esses peculiares elementos são “injectados” na barreira de contacto dos sujeitos pelo consumo de drogas, que permitem,

assim, “remendar”, temporariamente, aquela membrana psíquica. Para que este movimento de reparação efémera da barreira de contacto ocorra durante a aplicação da prova Rorschach, os sujeitos deverão evidenciar, num momento antecedente, uma notável emergência da tela beta, através de comportamentos, comentários e/ou respostas indelevelmente marcadas por uma angústia incontida e insignificada. Face a este movimento regrediente, o sujeito, em resposta à intolerável dor psíquica que sente, dada a fragilidade do continente e a insuficiência da sua função alfa, enveredará por um mecanismo psíquico de natureza marcadamente narcísica, suprimindo a intolerável dor mental através do efeito tóxico siderante nas lacunas da barreira de contacto, evitando que ocorra, nesse processo, quaisquer emergências pulsionais, eventualmente suscitadoras da tão temida vivência de frustração.

Por conseguinte, a barreira de contacto remendada desenvolve-se de forma reactiva ao incremento de dor mental a um nível intolerável no psiquismo dos sujeitos toxicodependentes, derivado de grandes brechas na barreira de contacto, por onde emerge a tela beta. Uma vez que os remendos tóxicos permitem uma reorganização perene da barreira de contacto, e somente ao nível de uma efémera anestesia da dor mental e não ao nível do restabelecimento da sua natural e adequada actividade da função  $\alpha$ , poderá observar-se, inclusive no curto período de aplicação da prova Rorschach, ao rompimento dos remendos da barreira de contacto. Deste modo, ocorrerá nova emergência da tela beta, demonstrando a fragilidade e falência deste tipo de registo mental activante de remendos tóxicos na barreira de contacto que, pelo seu carácter cíclico e não pensante, manifesta de forma exemplar a inevitabilidade da compulsão à repetição.

Realce-se que será de esperar que conteúdos da mesma natureza de angústia insurgem no Rorschach, recorrentemente, com o descoser dos remendos tóxicos, uma vez que essas coseduras foram feitas – independentemente da sua maior ou menor dimensão – em locais precisos da barreira de contacto, onde elementos  $\alpha$  poderiam surgir, significando os elementos  $\beta$ . Por conseguinte, poderão surgir respostas aos cartões Rorschach, marcadas por um tipo de angústia que se repete, persistentemente, no oscilar entre respostas onde se depreende um movimento narcísico exacerbado de redução de angústia, inerente à activação de remendos tóxicos da barreira de contacto - nomeadamente através de respostas, cujos conteúdos revelem uma intensa desvitalização associada a uma imobilização dos movimentos pulsionais - e respostas de “explosão” pulsional agressiva e/ou sexual, onde o fantasma domina o psiquismo do sujeito através das fendas expostas da barreira de contacto.

Nesta oscilação entre a emergência da tela beta e a barreira de contacto remendada, importa salientar que ambos os modos de funcionamento são dominados pela parte psicótica da personalidade, embora a barreira de contacto remendada exhiba um registo psíquico menos arcaico do que a tela beta.

De facto, a barreira de contacto remendada desenvolve-se pelo fracasso no acesso consistente à posição depressiva, em que ocorre uma integração e significação de elementos sensoriais dispersos, com o exercício de uma função  $\alpha$  operante. Assim, é na tentativa que o sujeito faz por corresponder à solicitação da situação Rorschach, no jogo dinâmico entre a percepção e a projecção, entre os seus mundos externo e interno, entre os elementos conscientes e inconscientes do seu psiquismo, que o “remendar” da barreira de contacto torna-se a solução possível, em virtude da incapacidade de proceder a uma reparação efectiva das rasgaduras daquela membrana psíquica, através do labor de uma função  $\alpha$  com capacidade de resposta suficiente ao acumular de elementos  $\beta$ . Desta forma, consideramos que tais remendos correspondem a uma solução psicótica do sujeito, uma vez que, através destas coseduras tóxicas anestésicas da dor mental, se abdica da solução não psicótica de transformação de elementos  $\beta$  em elemento  $\alpha$  e, por isso, de uma adequada resposta-símbolo Rorschach que conciliasse os elementos conscientes de uma determinada mancha com os evocados elementos inconscientes suscitados pelo estímulo. De facto, a tóxica sideração psíquica da barreira de contacto remendada suspende, assim, as dinâmicas associadas à ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, entre continente e conteúdo, entre as posições esquizo-paranóide e depressiva que, ao ficarem praticamente petrificadas, só permitirão a emissão de respostas Rorschach que manifestem a intensa paralisação dessas relações.

É igualmente pelo facto destes elementos tóxicos estarem ao serviço da parte psicótica da personalidade que, caso revelem características hiperactivas – derivadas de consumos de uma qualquer droga excitatória – poderão, inicialmente, exercer uma função de aceleração da instauração da tela beta, aquando de um processo de emergência dolorosa de elementos  $\beta$  nas lacunas da barreira de contacto, ou seja, esses elementos tóxicos, extremamente inquietos, serão associados aos elementos beta como “propulsores” evacuativos da dor mental, levando à instauração da tela beta, que substitui o funcionamento da barreira de contacto. Neste sentido, recordamos que a este “high” patológico, de natureza toxicodependente, propusemos a designação de tela beta tóxica.

Assim, neste registo mental toxicodependente, ocorrerá um efeito suscitante de uma exacerbação do prazer tóxico associado às impressões sensoriais sem significado (elementos

β) – desmesurado exercício do princípio do prazer -, mas que não se deverá diferenciar, neste momento psíquico, para efeitos de observação num protocolo Rorschach, de um processo de instauração de uma tela beta não tóxica - em que a anti-função  $\alpha$  (Sandler, 1997) deverá estar a funcionar de forma intensa ou, na acepção de Bion, verificar-se-á uma efectiva reversão da função  $\alpha$ . Esta instauração da tela beta poderá ser observada, num protocolo Rorschach, através de sucessivos movimentos regredientes  $Ps \rightarrow Ps$ , que deverão ser manifestados, tipicamente, por uma sequência de respostas formalmente inadequadas, dominadas por uma invasão pulsional que distorce intensamente a capacidade de observar a realidade perceptiva Rorschach. Porém, no momento psíquico subsequente, deverá verificar-se um processo descendente ou “down” da tela beta tóxica, suscitando que o sujeito toxicodependente se depare, novamente, com as lacunas da sua barreira de contacto e, será neste momento psíquico, que os elementos tóxicos que participaram na instauração da tela beta, ao estarem já desgastados nas suas propriedades excitatórias, passarão a revelar uma natureza tóxica próxima do estado inerte, podendo exercer, desse modo, a função de remendos paralisantes da dor mental nas lacunas da barreira de contacto. Por conseguinte, consideramos que a observação da instauração da tela beta tóxica no Rorschach só poderá ser verificada, e confirmada e, assim, distinguida de uma eventual instauração da tela beta, na tradicional acepção bioniana, através de um subsequente movimento de sideração inerente à barreira de contacto remendada, em respostas que denotem uma paralisação da relação dinâmica entre a percepção e a projecção, manifestando uma mesmicidade especular entre um continente externo inanimado da mancha Rorschach e conteúdos internos que são anestesiados/petrificados nas lacunas da barreira de contacto.

Em comparação com a dinâmica patológica da barreira de contacto remendada e da tela beta tóxica, uma forma mais evoluída de funcionamento no contínuo psíquico de sujeitos toxicodependentes, reside numa melhoria da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, derivada de um desenvolvimento da barreira de contacto, no sentido da sua qualidade semi-permeável. Tal melhoria da percepção da realidade externa será sustentada por uma evolução da barreira sensível – sucessória à progressão desenvolvutiva da barreira de contacto - que, de acordo com o seu autor, tem como função “(...) assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos que povoam a realidade externa do indivíduo” (Farate, 1998, p. 270). Desta forma, através da barreira sensível, o tratamento perceptivo dos objectos externos que impressionam sensorialmente o sujeito, promove, secundariamente, uma re-significação da ligação interna aos objectos de investimento primordial (Farate, 2000).

Por conseguinte, ao nível da prova Rorschach, o bom funcionamento da barreira sensível será descortinada em movimentos progredientes dos sujeitos – em que o sujeito se aproxima da adequada qualidade de semi-permeabilidade da barreira de contacto, ou seja, numa ligação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes -, face a um momento prévio de emergência fantasmática sem contenção, em que a observação da realidade perceptiva dos cartões Rorschach ficou comprometida.

Naturalmente, por outro lado, a barreira sensível manifestará uma deterioração – e, por conseguinte, a confirmação de uma degradação em curso da barreira de contacto - em respostas Rorschach marcadas por um decréscimo significativo de integração dos elementos da realidade expressa perceptivamente nos cartões, na sua conciliação com a projecção, sendo esta predominante, e reveladora do processo inerente a movimentos regredientes. Por conseguinte, este movimento psíquico de disfuncionamento da barreira sensível, será um indicador rigoroso de uma ocorrência de permeabilidade excessiva da barreira de contacto.

Para além disso, a barreira sensível manifestará uma suspensão do seu desenvolvimento, aquando do modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, uma vez que a paralisação da dinâmica entre o mundo interno do sujeito, solicitado pela ambiguidade das manchas Rorschach, e o mundo externo representado pelas qualidades perceptivas dos cartões, não permitirá uma melhoria nem degradação da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos e, da mesma forma, ficará inalterada a significação dos objectos internos.

Por último, a barreira sensível do sujeito toxicodependente verificará pouca ou mesmo ínfima evolução, em momentos da situação Rorschach que manifestem um modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto, no qual se manifesta uma restrição à mobilização de elementos inconscientes suscitados pelo conteúdo latente de determinado cartão, privilegiando-se a vertente perceptiva na construção de respostas, que manifestarão uma hiper-adaptação à realidade externa, aos elementos perceptivos das manchas Rorschach, que não manifestam, desse modo, uma melhoria da inteligibilidade perceptiva do mundo exterior que, efectivamente, só poderia ocorrer se provocasse uma re-elaboração conceptual do mundo interior do sujeito.

#### 4.2. ELABORAÇÃO OPERACIONAL DE PROCEDIMENTOS

Após termos efectuado uma abordagem de índole mais teórica à formulação de procedimentos de leitura das várias modalidades de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta - com particular enfoque em sujeitos toxicodependentes -, através da prova Rorschach, estamos agora em posse dos alicerces conceptuais fundamentais para prosseguir uma elaboração, precisa e operacional, de perspectivas de leitura da dinâmica daqueles conceitos, a partir de um determinado protocolo Rorschach.

Desta forma, inicialmente, incidiremos a construção operacional de procedimentos na acepção de Bion sobre os modos de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta, integrando os conceitos que contribuem para a observação das suas qualidades e características dinâmicas na prova Rorschach, nomeadamente os elementos beta, os elementos alfa, a função alfa, a reversão da função alfa, a anti-função alfa – no sentido proposto por Sandler (1997) -, a capacidade de rêverie, a relação continente-conteúdo e os seus tipos de vínculos, e a oscilação Ps  $\leftrightarrow$ D. Adicionalmente, dada a sua relevância para a compreensão do funcionamento psíquico toxicodependente, serão elaborados procedimentos que permitam observar a manifestação psíquica da barreira sensível (Farate, 1998), barreira de contacto remendada e tela beta tóxica, através da sua expressão em protocolos de sujeitos toxicómanos.

Naturalmente, na formulação de procedimentos rigorosos, designadamente ao nível dos diversos elementos de cotação das respostas Rorschach, bem como dos elementos qualitativos anotados, que se podem identificar a partir de um protocolo Rorschach, é importante enfatizar que um determinado procedimento, cuja leitura contribua para a compreensão de um modo de funcionamento psíquico, não pode, por si só, ser conclusivo da ocorrência de uma particular dinâmica psíquica num sujeito. De facto, apenas a articulação de diversas perspectivas de observação do psiquismo, sustentada na utilização de variados procedimentos, poderá constituir uma leitura integrada, e por isso, mais precisa, do funcionamento dinâmico de conceitos como a barreira de contacto, tela beta, barreira sensível, barreira de contacto remendada e tela beta tóxica. Feita esta ressalva, de forma a evitar que ocorram generalizações abusivas a partir da compreensão de um, ou escassos elementos de análise, iniciaremos a elaboração operacional dos procedimentos, ao nível da barreira de contacto, na acepção bioniana, nas suas possíveis e diferenciadas qualidades de funcionamento: semi-permeável, impermeável e permeável.

#### 4.2.1. A barreira de contacto de natureza semi-permeável

Um adequado funcionamento da barreira de contacto manifesta uma dinâmica de semi-permeabilidade, na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, em que esta harmoniosa fluidez psíquica deverá ser observada, nomeadamente, através do recurso que o sujeito faz de variados modos de apreensão das manchas Rorschach. De facto, uma barreira de contacto constituída desta forma, manifestará o desejo de conhecimento, o exercício da pulsão epistemofílica (Klein), que possibilita o crescimento mental, e que será evidenciado na situação Rorschach numa exploração sistemática da realidade externa – manchas – na sua correlação com o vivido interno, consubstanciada através de diversos modos de apreensão – G, D, Dd, Dbl.

Concomitantemente, a diversidade de utilização de modos de apreensão será mais consentânea com um predominante funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, se o tipo de sucessão das respostas à prova Rorschach for ordenado. Esta lógica de sucessão dos modos de apreensão é marcada, preferencialmente – e não de uma forma rígida –, por uma abordagem inicial de resposta que inclui toda a mancha, ou uma grande parte da mesma, numa procura e definição de uma unidade significativa abrangente, a partir da qual, de seguida, o sujeito poderá investigar, a partir desse continente previamente definido - que lhe conteve a angústia de um primeiro contacto com uma mancha com características ambíguas -, conteúdos a serem significados em imagens-conceito bem definidas, numa ligação que concilie a percepção e a projecção.

Neste regular modo de bom funcionamento da barreira de contacto é, obviamente, esperado que os modos de apreensão sejam utilizados, numa proporção que esteja enquadrada, ou pouco se afaste, dos limiares referentes aos seus valores normativos, de acordo com a metodologia Rorschach, revelando, assim, que os sujeitos adoptam modos de selecção dos elementos perceptivos da realidade externa, na conciliação com o vivido interno, que são comuns, na sua frequência, com a generalidade dos sujeitos. Neste caso, poderemos identificar a manifestação de um indicador de consistente adaptação social, que é um factor que estará associado a uma barreira de contacto semi-permeável, através da qual se estabelece uma boa ligação/separação entre o que pertence ao espaço interno e ao externo, na vivência de uma adequada distância relacional entre o Eu e o Outro, que permite descortinar as semelhanças e as diferenças que existem entre o sujeito e os objectos externos e internos.

Ao incidir a elaboração de procedimentos, ao nível dos diversos elementos de cotação, salientamos que a capacidade de conceber uma mancha Rorschach numa forma global significativa, ou seja, em G, evidencia um modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, desde que seja resultante de um movimento de integração de diversos elementos perceptivos num todo, ao qual é atribuído uma coerência interior, dada a ligação que se estabeleceu entre os dados da realidade externa da mancha Rorschach, e os dados de ressonância mnésica e emocional interna. Na mesma medida, as respostas de grande detalhe, (D), podem suscitar esta compreensão dinâmica do psiquismo dos sujeitos, mas numa vertente em que, através deste modo de apreensão, alguma selecção da realidade externa ocorre, o que, caso ocorra depois de uma resposta global, poderá manifestar a capacidade do sujeito em investigar com maior minúcia o objecto externo, a investir na relação com um Outro diferente de si, num interesse pelo acesso à verdade que o desenvolvimento do conhecimento emocional do Outro permite, que na terminologia bioniana, corresponde à evidência do vínculo K na relação continente-conteúdo.

Sublinhe-se que estas constatações referentes a respostas globais e de grande detalhe, só serão adequadas, se as respostas dos sujeitos estiverem, com frequência, associadas a boas formas (F+) – boa adequação formal das respostas em relação aos perceptos, que podem ser originais, ou estatisticamente referidas de forma frequente -, já que estas conferem, então, a presença de um movimento dinâmico de adequada conexão entre os perceptivos elementos conscientes e os projectivos elementos inconscientes, manifestando um bom funcionamento da barreira de contacto, ao qual estará associada uma função  $\alpha$  operante, que transforma os elementos sensoriais e sem significado – elementos  $\beta$  -, que são transmitidos por uma qualquer ambígua mancha Rorschach, nos elementos constituintes dos pensamentos propriamente ditos - os elementos  $\alpha$ .

Porém, a presença de algumas respostas com um determinante de má qualidade formal (F-), no âmbito de um dominante modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, poderá ser um indicador da capacidade do sujeito regredir, de proceder a movimentos disruptivos durante a prova Rorschach, ou seja, de desconstruir a realidade, próprio de incorrências no funcionamento dispersante e caótico da posição esquizo-paranóide, mas que permitem sustentar a parte insaturada das pré-concepções, através da qual se podem desenvolver concepções, se o sujeito manifestar uma capacidade de se reorganizar, num momento seguinte, progrediente, através do acesso que faz à posição depressiva.

Estas oscilações entre movimentos regredientes e progredientes, caso predominem as respostas de boa qualidade sobre as de má qualidade formal, manifestarão uma adequada oscilação Ps  $\leftrightarrow$  D, que é fundamental que suceda num evolutivo desenvolvimento de uma barreira de contacto semi-permeável, em que existe uma consistência de acesso à posição depressiva, mas que a capacidade de regredir, por vezes, à posição esquizo-paranóide deverá ser mantida, para que a dispersão de elementos psíquicos possa suceder, permitindo que novos pensamentos com maior complexidade e abstracção possam formar-se, através do processo de integração, união e significação de elementos que subjazem ao acesso à posição depressiva. Importa realçar que, nesses movimentos regredientes, poderão estar incluídas respostas com determinante F- associadas a um modo de apreensão em Dd, em que o sujeito num fragmento da realidade externa, poderá impor, através do recurso patológico da identificação projectiva, uma imagem interna que oprime a percepção, surgindo conteúdos bizarros sem que haja um adequado continente que os contenha e signifique. Concomitantemente, respostas com incidência intermacular (Dbl) podem apresentar, igualmente, um movimento regressivo do sujeito durante a prova Rorschach, se esses detalhes dos cartões forem apreendidos como lacunas, revelando uma sensibilidade à falta, ao vazio, à ausência, respostas que se podem assim considerar como sendo mobilizadas pela intolerância à frustração.

Todavia, os modos de apreensão em Dbl e em Dd nem sempre estarão relacionados com movimentos disruptivos do sujeito durante a prova Rorschach. De facto, as respostas em Dbl, poderão revelar a capacidade do sujeito promover a inversão da figura-fundo, ou seja, manifestando uma flexibilidade psíquica consentânea com um modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, que possibilita um amplo leque de observações da realidade, em que o sujeito não se acomoda perceptivamente, sendo capaz de através de um movimento de desconstrução da figura de uma mancha, aceder a uma construção significativa de um espaço vazio (Dbl), correspondente à parte insaturada de uma pré-concepção, a partir da qual o sujeito formula uma nova concepção, consubstanciada na resposta Rorschach.

Para além disso, as respostas com um modo de apreensão em Dd, poderão ilustrar a capacidade do sujeito de observar pormenores da realidade externa, e associá-los com vivências internas, formulando respostas às manchas que conciliem adequadamente o mundo externo e o interno, contribuindo para a semi-permeabilidade da barreira de contacto. Estes modos de apreensão (em Dd e Dbl), se forem pouco frequentes e corresponderem a respostas com boa qualidade formal ao longo da prova Rorschach, surgindo após respostas em G e/ou D, sustentarão, assim, uma compreensão do funcionamento psíquico do sujeito, em que este manifesta a capacidade de investigar profundamente a realidade externa, mostrando um

desejo de conhecimento de um Outro, diferente de si, com quem estabelece uma relação de descoberta e (re)criação.

No entanto, para que se possa, claramente, identificar num sujeito a capacidade de investir emocionalmente num Outro diferenciado, é importante que, para além dos determinantes formais, o sujeito seja capaz de mobilizar adequadamente as suas emoções, sendo este movimento passível de ser identificado, em grande medida, na formulação de respostas com determinantes de cor (C e C') e esbatimento (E). Nesta senda compreensiva da forma como o sujeito concebe a relação Eu-Outro (interna e externa), poderá observar-se uma ligação/separação benéfica e desenvolvutiva entre essas duas identidades, inerente ao estabelecimento de uma relação continente-conteúdo com um vínculo simbiótico e, concomitantemente, da manifestação de uma barreira de contacto semi-permeável, se o sujeito formular, preferencialmente, respostas em que os determinantes de natureza impressionista e sensorial estejam integrados em boas formas (FC, FC', FE), ou seja, a forma como o sujeito percebe a realidade, externa e interna, deverá constituir-se como um continente, para a ressonante projecção de conteúdos emocionais.

Para além disso, é fundamental que o sujeito enuncie respostas com grandes cinestésias de conteúdo humano inteiro (K), uma vez que o movimento explícito, ou implícito, atribuído a essas imagens-conceito humanas, revela o próprio fluir do seu dinamismo psíquico, no qual se destacam a qualidade dos seus processos identificatórios e a forma como o sujeito se relaciona com um Outro humano, no jogo dinâmico da intersubjectividade. Neste sentido, as respostas com determinante K, com conteúdos humanos de natureza relacional, serão especialmente reveladoras de uma boa capacidade do sujeito em se relacionar com um Outro, se esses conteúdos não revelarem uma pulsão sexual e/ou agressiva especialmente crua e intensa, mas sim um recurso à pulsão epistemofílica, no sentido bioniano de desejo de conhecimento emocional – vínculo K na relação continente-conteúdo - e na capacidade de tolerar a frustração associada a um desejo diferenciado do Outro. Tal manifestará uma relação entre os mundos externo e interno, entre a percepção e a projecção, entre o objecto e o sujeito, que revelará uma adequada capacidade de distinguir semelhanças e diferenças entre elementos conscientes e inconscientes, que possibilitam a sua ligação - em detrimento de ausência de ligação ou da sua fusão -, isto é, manifestarão um bom funcionamento – semi-permeável - da sua barreira de contacto.

Concomitantemente, a presença de outros determinantes inerentes às respostas do sujeito à prova Rorschach, designadamente o determinante Clob e as pequenas cinestésias (kp, kan, kob), manifestarão, se não forem em número excessivo, num determinado protocolo,

a capacidade do sujeito em aceder a uma miríade de recursos psíquicos, que participam na constituição de uma particular visão do mundo externo. Realce-se que o determinante Clob, pela sua natureza de angústia exacerbada, só deverá ocorrer pontualmente ao longo da prova e, preferencialmente, como segundo determinante (Fclob) ou em tendência, integrada numa imagem bem definida a nível formal, revelando a capacidade do sujeito em conter e significar essa angústia. Contudo, em respostas em que, na sua elaboração, este determinante foi fundamental, podem revelar, na óptica de um funcionamento predominantemente semi-permeável da barreira de contacto, a capacidade de proceder a um intenso movimento regrediente, disruptivo, de expressão e exibição patente do fantasma, de um terror sem nome - próprio do funcionamento em processo primário, subjacente à posição esquizoparanóide -, mas que deverá ser contido, integrado e significado, num posterior movimento progrediente, através de um renovado exercício da função  $\alpha$  e de uma relação continente-conteúdo de vínculo simbiótico, bem como da capacidade de aceder à posição depressiva, condições que garantem o contínuo desenvolvimento da barreira de contacto.

Adicionalmente, a pequena cinestesia kob, reveladora, tipicamente, de conteúdos com grande intensidade pulsional, agressiva e/ou sexual, poderá surgir em movimentos regressivos durante a prova Rorschach e, tal como em relação ao determinante Clob, o sujeito deverá recorrer apenas, esporadicamente, a esta expressão mais vívida da pulsão, mostrando que acede ao princípio do prazer, mas que não se deixa submeter por ele, comprometendo severamente a sua relação com a realidade, ou seja, que a barreira de contacto, sendo a responsável pela conexão entre elementos associados ao processo primário e elementos que se expressam pelo processo secundário, está a funcionar de acordo com uma dominante dinâmica semi-permeável.

No que respeita a respostas com determinante de cinestesia animal (kan), estas poderão indicar a capacidade do sujeito expressar conteúdos mais regressivos e perturbadores, deslocando-os de figuras humanas para figuras animais, como forma de conter psiquicamente a angústia num continente mais apropriado a um funcionamento mental infantil do que propriamente de adulto. Ao proceder desta forma, num número de respostas que não seja excessivo, o sujeito mostra a capacidade de distinguir o seu preponderante registo psíquico adulto, genital, que funciona sobretudo pelo princípio da realidade e de acordo com a dinâmica do processo secundário, de um funcionamento mais arcaico, pré-genital, próprio de um estágio de desenvolvimento infantil, em que o psiquismo ainda funciona em grande medida segundo o princípio do prazer e o modo de actuação do processo primário, em que as necessidades e a angústia são muito intensas, revelando escassa tolerância à frustração.

Contudo, ao elaborar algumas respostas com cinestésias animais, o sujeito não só conseguirá fazer esta distinção entre as suas partes de personalidade adulta e infantil, como também fará uma ligação possível entre elas, revelando uma adequada capacidade de ligação/separação entre elementos psíquicos diferenciados, própria de um prevalecente funcionamento adequado da barreira de contacto.

Para além disso, as respostas com determinante kan, poderão revelar uma boa capacidade de fantasiar, de aceder a imagens-conceito pouco centradas na vivência da realidade quotidiana do sujeito, revelando um imaginário rico, subjacente a uma barreira de contacto semi-permeável, que consegue ligar/separar elementos centrados na realidade perceptiva a que o sujeito acede conscientemente, com elementos que decorrem de fantasias de índole inconsciente.

No que concerne a pequenas cinestésias humanas (kp), estas respostas se mostrarem adequação perceptiva, e se corresponderem a personagens inteiras e não forem num número excessivo, poderão reforçar o valor interpretativo das respostas K com boa representação formal, mostrando um imaginário rico ao nível de conteúdos humanos, nos quais incide a dinâmica cinestésica que a fantasia do sujeito promove, mas mantendo a capacidade de observar as próprias características distintivas do sujeito face a outros seres humanos, que aludem a uma boa capacidade de ligação/separação do Eu e do Outro, ou seja, uma conciliação harmónica entre a fantasia, o mundo interno dos outros, e o espaço que os medeia – o mundo externo onde as relações humanas formalmente se efectivam.

Numa abordagem aos conteúdos que um sujeito com uma barreira de contacto semi-permeável emitirá durante a prova Rorschach, salientamos que a significação simbólica a que remete cada mancha, deverá ser claramente evidenciada nas respostas do sujeito. De facto, no processo-resposta Rorschach, o sujeito deverá revelar a sua capacidade de aceder e ligar não só os elementos conscientes presentes em cada cartão, mas também os que lhe são sugeridos de forma latente, associando-os com os próprios elementos inconscientes do seu psiquismo, numa profícua combinação de elementos - que pressupõe a presença do vínculo simbiótico na interacção dinâmica continente-conteúdo -, em que um novo elemento é criado – a resposta Rorschach -, sem que as partes contribuintes percam a sua integridade e diferenciação.

Dada a ambiguidade emanada de cada mancha Rorschach, qualquer cartão poderá provocar um movimento regrediente num sujeito com um adequado funcionamento da barreira de contacto, activando fantasmas específicos inerentes à sua singular vivência psíquica inconsciente. Porém, defendemos que, para além desses movimentos serem pontuais, ao longo da prova Rorschach, é mais provável que os cartões pastel sejam um pouco mais

promotores da ocorrência de tais fenómenos, dado que possuem, em comum, a característica de promoverem de forma mais intensa a regressão, em virtude da presença das cores estimular emergências emocionais, podendo reactivar manifestações psíquicas arcaicas, de uma sensorialidade precoce, referentes aos primórdios da relação com o objecto primordial. No mesmo sentido, o cartão II, primeiro cartão com cores – vermelho -, poderá reactivar maciços investimentos pulsionais, nas sua valências agressiva/sexual, o mesmo não sucedendo no cartão III, em que a presença da cor vermelha é mais circunscrita, e a sugestão perceptiva de personagens humanas torna a expressão pulsional mais difícil em comparação com a potenciada pelo deslocamento sobre conteúdos animais, que o cartão II facilita.

Por conseguinte, os cartões pastel e o cartão II, são cartões que, pela presença da cores, solicitam ao sujeito, de forma mais veemente, que lide psiquicamente com o seu fluir emocional, pondo à prova eventuais falhas da função  $\alpha$ , que apesar de funcionar adequadamente numa barreira de contacto semi-permeável, não significa que o seu exercício seja onnipotente, ou seja, que todos os elementos  $\beta$  do psiquismo do sujeito sejam transformados em elementos  $\alpha$ . Se assim fosse, o desenvolvimento psíquico não poderia ocorrer mais, o ciclo de pré-concepção-concepção ficaria imobilizado, ou seja, todos os elementos psíquicos do sujeito estariam saturados, o que corresponderia, inevitavelmente, ao estado de morte psíquica, uma vez que a vida mental implica, forçosamente, algum grau de interacção entre elementos psíquicos diferenciados, ou seja, alguma separação/ligação entre elementos conscientes e inconscientes, cujo processo é garantido pelo funcionamento da barreira de contacto.

Deste modo, é esperado que, através do bom funcionamento da sua barreira de contacto, o sujeito seja capaz de aceder e comunicar uma diversidade de imagens-conceito, revelando uma flexibilidade e riqueza mentais que permitem sustentar um contínuo psíquico, onde surgem uns conteúdos mais concretos, e outros mais abstractos, uns de natureza mais regressiva e outros mais evoluídos, manifestando a capacidade de mobilizar as partes psicótica e não psicótica da personalidade, numa oscilação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$  harmoniosa que, ciclicamente, promove a dispersão de elementos psíquicos, como forma de os reorganizar de uma forma mais elaborada, inerente a um sistemático e consistente processo de desenvolvimento mental.

Para além dos elementos de cotação das respostas Rorschach, um outro elemento de análise, que consideramos de particular relevância, é o tempo de latência, uma vez que corresponde ao período psíquico em que o sujeito se confronta com o estímulo Rorschach

antes de emitir uma resposta cotável. Nessa medida, a análise do tempo de latência poderá manifestar a forma como o sujeito lida perante o impacto do desconhecido, que cada cartão representa, ou seja, se consegue mobilizar-se mais no sentido da procura de um conhecimento emocional do Outro, na procura da verdade inerente a um vínculo K, manifesto na dinâmica continente-conteúdo, ou, ao invés, revela essencialmente uma fuga a essa compreensão (vínculo -K), dada a dor mental insuportável suscitada pelo conteúdo latente do estímulo Rorschach.

Para efeitos de identificação do modo de funcionamento da barreira de contacto, que expresse a dinâmica psíquica subjacente ao período de elaboração de uma primeira resposta cotável, a determinada mancha Rorschach, salientamos que a análise da primeira resposta – de acordo com os seus procedimentos de leitura - será um factor fundamental para definir que processo psíquico esteve subjacente ao tempo de latência dessa resposta. Porém, tal análise deverá ser integrada com a análise do próprio tempo necessário para a sua elaboração, em que, para efeitos, de constatação de um modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, o tempo de latência não deverá ser, tipicamente, longo ou demasiado rápido, face ao esperado em termos normativos e, especialmente, face ao tempo de latência médio do sujeito durante o protocolo. Para além disso, importa ainda considerar nesta análise do tempo de latência eventuais elementos qualitativos, como são os choques manifestos, equivalentes choque, perserverações - de conteúdos que surjam como primeira resposta a determinado cartão -, os comentários subjectivos, comentários de simetria, críticas de objecto, e comentários cor que, por norma, expressam perturbações do processo associativo e, por isso, não representam um processo-resposta Rorschach de ligação/separação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes, ou seja, um adequado funcionamento semi-permeável da barreira de contacto. Por isso, serão objecto de elaboração de procedimentos específicos referentes aos outros registos psíquicos que nos propusemos estudar, quer surjam durante o tempo de latência aos cartões ou em outros momentos da situação Rorschach.

Por último, importa esclarecer que pontuais movimentos regredientes durante a prova Rorschach, poderão ser entendidos, numa visão lata, como pertencentes a uma predominante dinâmica semi-permeável da barreira de contacto – em determinados cartões ou mesmo numa perspectiva global do protocolo -, manifestando acessos momentâneos à posição esquizo-paranóide, nos quais se manifesta uma dispersão de elementos psíquicos, mas que o sujeito consegue, frequentemente, num momento psíquico subsequente, integrá-los numa mais elaborada nomeação significativa, demonstrando o bom funcionamento da função  $\alpha$  e, por conseguinte, da barreira de contacto. No entanto, ao incidirmos a observação sobre esses

estritos momentos psíquicos disruptivos, podemos considerá-los como marcadores psíquicos que manifestam uma qualidade diferente da adequada conexão entre elementos conscientes e inconscientes, entre os mundos externo e interno, entre a percepção e a projecção e, por isso, podem ser qualificados como outros modos de funcionamento da barreira de contacto ou mesmo da tela beta.

#### 4.2.2. A barreira de contacto de natureza impermeável

Em determinados sujeitos, a barreira de contacto apresenta características de fraca fluidez na articulação entre elementos conscientes e inconscientes. De facto, nestes casos, no funcionamento psíquico dos sujeitos, predomina um registo mental de ancoragem à realidade perceptiva, num pensamento que privilegia a concretude, carecendo da integração de vivências emocionais inconscientes, que possibilitassem o desenvolvimento mental através de uma união significativa de elementos psíquicos com características diferentes, ou seja, nestes sujeitos, a elaboração de pensamentos simbólicos encontra-se empobrecida.

Esta rigidez psíquica tem como função evitar emergências pulsionais, que possam desorganizar severamente o aparelho psíquico do sujeito, uma vez que os elementos psíquicos inconscientes estarão associados à dinâmica de um fantasma tenebroso que, caso irrompa à consciência, poderá ser sentido como um terror sem nome – angústia de tal forma dilacerante e promotora de um caos psíquico, que o sujeito opta por colocar um muro entre a percepção – que é privilegiada – e a projecção – que é oprimida.

Desta forma, no que respeita à manifestação deste tipo de funcionamento da barreira de contacto num protocolo Rorschach, esperamos que o tipo de sucessão dos modos de apreensão seja rígido, sendo, assim, evidente, uma lógica de apreensão estereotipada e mecanizada de percepção da realidade, ocorrendo escassas ou nenhuma variações no modo como os elementos perceptivos são sucessivamente apreciados e significados, num tipo de processamento mental que, ao ser rígido, qualifica, nessa medida, a relação entre a realidade externa e a fantasia interna.

Concomitantemente, ao nível dos modos de apreensão, julgamos que, tendencialmente, o número de respostas em G deverá ser excessivo, bem como o número de banalidades. Assim, as respostas dos sujeitos deverão privilegiar toda a mancha de cada cartão, com conteúdos frequentemente bem percebidos a nível formal, mas com uma insuficiente implicação pessoal do sujeito, ou seja, a ressonância emocional que um

determinado cartão Rorschach promove, é mobilizada num ténue movimento projectivo, culminando em respostas que, ao serem integradas com os preponderantes elementos perceptivos, estão muito mais próximas da realidade crua da mancha do que do vivido fantasmático inconsciente.

As respostas em D e em Dd, poderão ficar aquém dos valores normativos, uma vez que partes ou fragmentos da realidade das manchas Rorschach poderão evocar elementos psíquicos parcelares, desunidos, sem significado, próprios de uma assustadora vivência inconsciente, dada a grande intensidade do processo primário, que o sujeito pretende que esteja congelado no seu psiquismo, não permitindo que um selvagem e destruidor fantasma possa emergir à consciência. Porém, também poderá suceder, em determinados protocolos que revelem um funcionamento predominantemente rígido da barreira de contacto, um exagerado número de respostas em D e em Dd, mas tal revelará somente uma exacerbada tentativa de controlar a realidade externa, em todos os seus detalhes, colocando porções de “cimento” perceptivo em partes das manchas especialmente suscitadoras de movimentos projectivos difíceis de integrar pelo sujeito.

Deste modo, um sujeito com um dominante registo psíquico impermeável da barreira de contacto, abordará, essencialmente, conteúdos marcados pelo cunho da percepção, mostrando um imaginário insuficientemente investido, independentemente do número de respostas de grande e de pequeno detalhe serem muito ou pouco frequentes.

Concomitantemente, as respostas em Dbl poderão ser significativas no seu número e/ou na compreensão do modo rígido de funcionamento psíquico do sujeito, uma vez que através desse modo de apreensão poderá ser privilegiada desmesuradamente a forma, os contornos, numa exacerbação do movimento perceptivo, em que, à falta de um adequado continente psíquico, denotar-se-á um esforço em desenvolver um continente possível, de fachada, sem profundidade, mas que, pelo menos, consiga suportar minimamente o forte embate de conteúdos que suscitem dolorosos sentimentos de falta, de vazio, de ausência do objecto. Todavia, poderá ocorrer uma falência deste modo de funcionamento psíquico, em virtude do grande poder do fantasma, surgindo, assim, conteúdos que revelem de forma intensa os sentimentos de precariedade do objecto, sentido como irremediavelmente ausente, ou até conteúdos que manifestem faltas de partes de um Self, que carece de coesão e integridade.

A vincada intolerância à frustração do sujeito face a experiências que evoquem a ausência do objecto, ou mesmo lacunas de integridade do seu Self, poderão conduzir o sujeito a formular respostas globais, tentando incluir os espaços brancos do interior ou exterior das

manchas (Gbl), numa imagem-conceito que possa preencher totalmente as lacunas insuportáveis da sua barreira de contacto. Contudo, este processo não é adequadamente mediado pela função  $\alpha$ , que permitiria transformar os elementos beta em elementos alfa, promovendo uma ligação/separação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes, mas sim por um reforço psíquico dos perceptivos elementos conscientes que, ao serem sobre-investidos, culminarão em respostas demasiado ancoradas à realidade, próprias de um modo de funcionamento mental que privilegia a concretude formal e, por conseguinte, com escassa ressonância afectiva.

No que respeita aos determinantes, esperamos que a prevalência do sujeito no investimento psíquico de elementos conscientes, com uma escassa conexão com elementos inconscientes, faça sobressair, num protocolo Rorschach, respostas determinadas pelo rigor formal, e com uma boa adequabilidade perceptiva ( $F+$ ,  $F+\% \uparrow$ ), com um eventual excessivo número de respostas banais, revelando um mundo psíquico marcado por um pendor de hiper-adaptabilidade e ancoragem à realidade, que se sustém através de uma reinante, hegemónica e tirana ordem perceptiva, cuja função é oprimir e encarcerar um terrífico e destruidor fantasma. O sujeito tentará, assim, estabelecer, tipicamente, um vínculo comensal da relação continente-conteúdo, como forma defensiva à emergência de um vínculo parasitário que pudesse destruir o objecto que contém e o objecto que é contido.

Neste tipo de funcionamento mental, não é, assim, esperado, que ocorra um número significativo de respostas com vagos contornos formais ( $F+/-$ ), embora eventuais respostas desta natureza possam, pela sua escassez de definição imagética, contribuir para o esforço psíquico que o sujeito emprega em impedir uma intensa emergência de elementos  $\beta$ , revelando um dominante exercício da vertente projectiva sobre a perceptiva na emissão desses conteúdos. No entanto, reiteramos que deverá ser dominante uma tendência de contração nos pormenores perceptivos das manchas, mas é possível que, dada a potência imensa do fantasma, possa acontecer, ocasionalmente, uma falência defensiva do hiper-investimento da realidade externa, verificando-se respostas com má qualidade formal ( $F-$ ), derivadas de uma grande intensidade projectiva, que trespassam a muralha perceptiva que o sujeito tanto se esforçou por construir.

No que concerne a respostas com determinantes cor, como único determinante ( $C'$ ,  $C$ ) ou como determinante principal ( $C'F$ ,  $CF$ ), estas não deverão ocorrer ou serão muito pouco expressivas, uma vez que em sujeitos com uma barreira de contacto impermeável, a tonalidade afectiva é pautada pela sua insuficiente expressão. De facto, nesta forma de

funcionamento psíquico, é temido o processo mental de compreensão emocional das experiências, dado que estas se associam a angústias muito intensas e arcaicas, constituindo-se, assim, como conteúdos demasiado exigentes face à capacidade de contenção e metabolização dos conteúdos psíquicos disponíveis. Por isso, é mais provável que no processo de construção de determinadas respostas aos cartões Rorschach, a cor, nas raras ocasiões em que seja mobilizada, desempenhe um papel secundário em comparação com a percepção formal (FC', FC).

Porém, embora a nível global dos protocolos, o número de respostas com determinante cor possa ser pouco significativo, é possível que, neste rígido enquadramento mental, possam ocorrer, esporadicamente, respostas determinadas somente pela cor, mobilizando conteúdos muito arcaicos, de simbolismo oral, que irrompem pelo “muro” que o sujeito colocou entre a sua vida consciente e inconsciente. Neste sentido, estas respostas corresponderão a indubitáveis movimentos regredientes, com conteúdos que se mobilizam através do processo primário, inerente ao funcionamento da posição esquizo-paranóide, solicitando um objecto externo com uma excepcional capacidade de rêverie, que pudesse suprimir as severas falhas da relação precoce com o objecto primário.

No que respeita ao determinante de grande cinestesia humana – K –, a rigidez intrapsíquica referente à mediação entre elementos conscientes e inconscientes, supõe que a presença de eventuais respostas K, sejam assinaladas por cinestésias humanas marcadas por uma vincada postura corporal, em que os conteúdos evidenciam uma rigidez do corpo físico, que funciona como símbolo do próprio funcionamento mental, marcado pela inflexibilidade na ligação/separação entre elementos psíquicos diferenciados. Adicionalmente, respostas com conteúdos em que se depreende uma relação entre um sujeito e um objecto humano, deverão ser raras, uma vez que a impermeabilidade do funcionamento psíquico do sujeito não permite um suficiente investimento no diferente de si mesmo, que implicaria o estabelecimento de experiências emocionais com outros seres humanos, às quais está associada, inevitavelmente, emergências pulsionais agressivas ou sexuais, que o sujeito tanto teme. Por conseguinte, os sujeitos com uma rígida barreira de contacto, poderão produzir um maior ou menor número de respostas K, mas estas não evidenciarão um imaginário rico, uma fantasia integrada e harmoniosamente (re)criadora de uma associação entre os elementos perceptivos da realidade externa e dos elementos projectivos da realidade interna, onde a capacidade simbólica participaria, assim, na ligação/diferenciação entre a realidade e o fantasma, possibilitando a criação de um terceiro elemento – o símbolo – no espaço intrapsíquico.

Ao nível das pequenas cinestésias (kan, kp, kob), as respostas com cinestésias animais – kan – poderão ocorrer, ainda que escassas, constituindo-se como um meio possível de alguma articulação entre elementos conscientes e inconscientes, uma vez que permite um deslocamento, para o reino animal, da angústia inerente a conteúdos humanos - nos quais a evocação mais directa do fantasma seria deveras inquietante -, em virtude da natureza perturbante das relações que o sujeito constituiu com objectos humanos significativos, o que o levou a proteger-se, através da construção de uma muralha psíquica, tanto quanto possível, impermeável entre o Eu e o Outro. Por conseguinte, eventuais respostas com cinestésias animais, num sujeito com uma barreira de contacto marcada pela impermeabilidade, afiguram-se como pertencendo à parte de fluidez psíquica e de capacidade simbólica que o sujeito consegue mobilizar, uma vez que, ao aceder a determinado conflito psíquico, o nível de angústia suportado com cinestésias animais é, forçosamente, menor, comparado com conteúdos humanos dinâmicos.

No que concerne ao determinante de pequenas cinestésias humanas (kp), poderão ocorrer estas respostas, na sua vertente de personagens inteiras em movimento num pequeno detalhe, como forma de minimizar e controlar a angústia inerente a conteúdos humanos dinâmicos. Desta forma, este tipo de respostas, kp, caso não ocorram respostas K, manifestarão a possibilidade, ainda assim, de mobilização de dinâmicos conteúdos humanos, através de estreitas brechas do muro construído entre a percepção e a projecção, que o sujeito sustém para evitar uma elaboração mental de um fantasma terrífico inerente a uma relação de objecto humana. De facto, a rigidez que o sujeito exerce na articulação psíquica entre os elementos conscientes e inconscientes, poderá facilitar, somente, a cinestesia de conteúdos humanos numa ligação/separação em pequenos detalhes da realidade perceptiva. Para além disso, o sujeito poderá restringir a partes do corpo humano, a fluidez dinâmica dos conteúdos humanos, como forma de evitar, assim, a irrupção total do fantasma, limitando, desta forma, a sua actuação assustadora em elementos psíquicos conscientes.

Adicionalmente, a pequena cinestesia kob, que mobiliza, tipicamente, conteúdos com grande intensidade pulsional, agressiva e/ou sexual, poderá surgir apenas em falhas da geral rigidez de funcionamento psíquico do sujeito. Estas respostas, corresponderão, assim, a indubitáveis movimentos regressivos durante a prova Rorschach, em que o sujeito, face ao poder imenso do fantasma - evocado simbolicamente por uma determinada mancha - deixa-se vencer pela sua tremenda carga pulsional, submetendo-se amplamente ao princípio do prazer, e ao funcionamento desorganizante da posição esquizoparanóide. De facto, a dificuldade que o sujeito verifica na ligação/separação harmoniosa entre elementos conscientes e

inconscientes, produzirá, na eventualidade de ocorrerem respostas kob, conteúdos explosivos, crus, sem contornos bem definidos e/ou desadequados formalmente ao percepto, manifestando uma evidente incapacidade de aceder a um continente que os pudesse conter e significar.

Ao nível dos conteúdos, é esperado que, através da impermeabilidade de funcionamento da sua barreira de contacto, o sujeito seja apenas capaz de aceder e comunicar um restrito número de imagens-conceito diferenciadas, revelando uma severa rigidez mental, com um conseqüente défice de imaginário e capacidade simbólica. Deste modo, o sujeito transmitirá respostas, essencialmente, caracterizadas pelo rigor formal da percepção, numa ancoragem crua à realidade, em que os produtos imagéticos do processo-resposta Rorschach serão marcados por uma incidência sobre as características de superfície dos objectos, que tendem a manifestar dureza, resistência e uma qualidade inabalável, revelando, assim, um sobreinvestimento na espessura da barreira de contacto, que permita restringir o número e intensidade de conexões com os inquietantes elementos psíquicos inconscientes. Assim, as respostas deverão incidir sobretudo nos contornos e limites dos perceptos, evidenciando a tentativa de cimentar, na percepção, um continente externo, confirmando a ausência ou a fragilidade dos continentes psíquicos disponíveis. Por conseguinte, é esperado que, ao longo da prova Rorschach, a insuficiente adequação da relação continente-conteúdo, se verifique, por vezes, em respostas de grande intensidade projectiva e pulsional, com conteúdos destrutivos, crus, sem limites, de um terror sem nome, que exibem as falhas da muralha que o sujeito construiu entre a sua vida consciente e inconsciente.

Por último, importa ainda fazer algumas referências à anotação de elementos qualitativos da prova Rorschach, que podem realçar o registo rígido de funcionamento da barreira de contacto, designadamente:

- Choques manifestos através de silêncio muito prolongado e/ou da recusa. Consideramos que, num funcionamento impermeável da barreira de contacto, um desmesurado tempo de silêncio e/ou a recusa de cartões - ausência de respostas cotáveis -, servirão como forma extremada de impedir a irrupção do fantasma, mas tais ocorrências deverão estar associadas, com frequência, a observações, que acabam por surgir, sobre características exclusivamente perceptivas dos cartões, como por exemplo o facto de serem manchas de tinta;
- Recurso a uma diversidade de equivalentes choque, que manifestem a angústia do sujeito face à mobilização de elementos inconscientes que são invocados pelo

carácter ambíguo das manchas Rorschach, nomeadamente numerosas manipulações dos cartões ou um aumento significativo do tempo de latência, redução significativa do número de respostas, ou outras características do material Rorschach que podem provocar reacções de choque, como são as perseverações, críticas subjectivas e de objecto, comentários cor, e observações de simetria que serão, de seguida, explicitadas no sentido em que tenham sido suscitadas por um modo de funcionamento rígido da barreira de contacto;

- Perseverações, que surgirão enquanto conteúdos que se impõem como desempenhando a função de uma restrição à mobilização de elementos inconscientes, revelando, desta forma, escassa ressonância pulsional e afectiva;
- Críticas subjectivas e de objecto, reveladoras das dificuldades e insuficiências da capacidade simbólica do sujeito e, por isso, da desadequação do seu registo impermeável em comparação com a solicitada qualidade semi-permeável, de conexão de elementos psíquicos diferenciados, que deve ser mobilizada como resposta à instrução Rorschach. Tal modo de funcionamento rígido da barreira de contacto, poderá ser confirmado através da sequência das respostas Rorschach - em que se integram tais críticas do sujeito -, no qual seja evidente esse registo psíquico;
- Comentários cor que, tipicamente, não deverão associar-se a respostas cotáveis que mobilem as cores, devido ao carácter inquietante das emergências emocionais associadas às cores cromáticas, mas também às cores negra e branca, que podem, no extremo, suscitar, respectivamente, choques cor e choques Clob;
- Observações de simetria, que, neste registo rígido de funcionamento mental, deverão estar associadas ao processo de construção de determinadas imagens-conceito cotáveis, em que o sujeito, como forma de reforçar o acesso aos perceptivos elementos conscientes - e diminuir a sua ligação/separação com projectivos elementos inconscientes - apoia-se nas características simétricas das manchas Rorschach.

#### 4.2.3. A barreira de contacto de natureza permeável e a emergência/instauração da tela beta

A barreira de contacto poderá revelar uma extrema porosidade entre a vida psíquica consciente e a inconsciente. Nestes casos, as irrupções de conteúdos inconscientes serão de tal

forma frequentes e intensas, que se sobrepõem à própria percepção, distorcendo-a severamente, e comprometendo, desta forma, o princípio da realidade. Nas situações em que a projecção oprime a percepção, não poderá ocorrer uma harmoniosa ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, mas sim um inevitável processo de fusão de elementos psíquicos, num tipo de vínculo parasitário de relação continente-conteúdo, em que o objecto produzido por ♀ e ♂ destrói ambos, uma vez que essa relação é marcada pela inveja, a voracidade e o ódio, ou seja, a parte psicótica da personalidade manifesta-se incessantemente, promovendo a confusão e caos psíquicos, produzindo eventuais fenómenos alucinatórios e/ou delirantes. Por conseguinte, face às grandes lacunas deste tipo de barreira de contacto, a tela beta irrompe, passando o psiquismo a funcionar de acordo com a lei da anti-função  $\alpha$  (Sandler, 1997), em que os elementos de angústia (elementos  $\beta$ ) não são sujeitos ao processo de pensar inerente ao exercício da função  $\alpha$ , mas, ao invés, são, fundamentalmente, escoados pelo *acting-out*, em que a identificação projectiva é marcante.

No âmbito do processo-resposta Rorschach, esperamos que o funcionamento deste tipo de barreira de contacto se evidencie, tipicamente, num tipo de sucessão dos modos de apreensão incoerente, revelando a natureza caótica da vida psíquica do sujeito, baseada, essencialmente, no modo de funcionamento da posição esquizo-paranóide, em que existe um ataque à realidade, nomeadamente à percepção, que é sobreposta pelos produtos fantasmáticos da identificação projectiva.

Um sujeito com este tipo de funcionamento psíquico poderá, ao nível dos modos de apreensão, formular um excessivo número de respostas que compreendem toda a mancha de cada cartão Rorschach – G –, resultante de um esforço frenético e desenfreado de constituição de um continente abrangente que contenha toda a intensa angústia do sujeito. De facto, evidencia-se, neste registo psíquico, uma incapacidade de reunir as partes num todo significativo, uma vez que o vínculo parasitário da relação continente-conteúdo - preponderante no exercício de uma barreira de contacto permeável - inviabiliza o processo de pensamento simbólico, inerente a uma conjugação de elementos psíquicos numa mais complexa abstracção significante. Neste modo de funcionamento mental, poderão, assim, ocorrer respostas inusitadas na apreensão de uma mancha Rorschach, designadamente G confabulados - DG, DdG e DblG -, G contaminados - D/G, Dd/G e Dbl/G - e G informulos - D(G).

No que respeita às respostas em G confabulado, verifica-se uma confusão entre as partes e o todo, ou seja, o ataque que o sujeito faz à realidade, à percepção, manifesta-se numa

perspectiva indiferenciada desses elementos psíquicos, nos quais não poderá ocorrer assim um processo de significação, que pressupõe o estabelecimento das diferenças perceptivas – condição básica para que possa verificar-se uma denominação da experiência emocional, que decorra do acesso à realidade perceptiva, e esteja em ligação/separação com elementos psíquicos do vivido inconsciente.

No que concerne às respostas em que a apreensão da mancha é feita em G contaminado, ocorre uma sobreposição de imagens-conceito, ou seja, o sujeito procede a uma fusão de elementos psíquicos, evidenciando uma severa incapacidade psíquica na diferenciação entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes.

No processo inerente às respostas em G informado - D(G) -, diversos elementos são nomeados, mas não são integrados num todo significativo, manifestando uma evidente manifestação psíquica de dispersão de elementos psíquicos, próprio do funcionamento esquizo-paranóide, sem um adequado acesso subsequente à posição depressiva, na qual se poderia verificar uma nomeação significativa de elementos ligados/separados numa unidade simbolicamente compreensiva.

Concomitantemente, sujeitos com uma barreira de contacto permeável poderão formular respostas, cujo modo de apreensão seja em Po. Neste modo de apreensão, determinado elemento é nomeado, de forma bizarra, uma vez que apenas a localização, na área perceptiva de determinado cartão, serviu como critério na formulação de uma imagem-conceito, não existindo, deste modo, uma mediação psíquica adequada entre a percepção e a projecção, ou seja, a capacidade simbólica apresenta-se extremamente perturbada, predominando os conteúdos crus associados ao exercício do processo primário no desencadeamento do processo-resposta Rorschach.

Para além disso, são de esperar poucas respostas com modo de apreensão em D, e estas respostas deverão ser emitidas, frequentemente, sem terem sido antecedidas por respostas em que o sujeito abordou toda a mancha (em G), manifestando, deste modo, uma severa dificuldade em aceder a toda a realidade externa, numa recusa parcial da realidade, dada a angústia inominável que determinados elementos perceptivos das manchas Rorschach podem suscitar. Porém, determinados elementos perceptivos dos cartões poderão impor uma mobilização marcadamente projectiva do sujeito, mas tal deverá ser mais frequente em respostas de pequeno detalhe que, normativamente, são raramente isolados (Dd), manifestando claramente as lacunas da barreira de contacto do sujeito, por onde escoam elementos psíquicos fragmentados, objectos muito parcializados associados, tipicamente, a uma vivência persecutória subjacente a um vínculo parasitário na relação continente-

conteúdo. Tais lacunas da barreira de contacto serão facilmente compreendidas através de respostas que incidam nos pormenores brancos das manchas Rorschach (Dbl), buracos que suscitam no sujeito a evocação da dolorosa vivência de perda, de dano na integridade das imagens emitidas, resultante de uma dificuldade em aceder à integração de elementos dispersos subjacente à posição depressiva.

No que respeita aos determinantes, o débil funcionamento da função  $\alpha$  implica que demasiados elementos  $\beta$  estejam a actuar no psiquismo do sujeito, manifestando-se num défice de observância da realidade, consubstanciada em frequentes respostas de má qualidade na prova Rorschach (F-).

Adicionalmente, a vida psíquica dos sujeitos com uma frágil barreira de contacto, tende a suscitar respostas em que a angústia é exacerbada, uma vez que os conteúdos, imbuídos dessa carga ansiosa, não passam por um processo de apaziguamento significativo, subjacente à transformação de elementos beta em elementos alfa. Neste sentido, no que se cinge às respostas Clob, a forte carga de angústia associada a esses conteúdos poderá manifestar-se sem uma suficiente contenção e significação psíquica, resultante de uma interacção dinâmica com um adequado continente formal (F+) como primeiro determinante, revelando, assim, uma excessiva porosidade da membrana psíquica, por onde é evacuada a dor mental. Na mesma senda de significado, as respostas kob deverão resultar de um processo psíquico de intensa irrupção pulsional, derivado da fraca filtragem de contenção simbolizante subjacente a uma barreira de contacto de natureza permeável.

No que concerne às respostas cor (C e C'), o funcionamento de uma barreira de contacto excessivamente permeável, será manifesta, exemplarmente, numa notória reactividade do sujeito às cores cromáticas e acromáticas presentes nos cartões Rorschach, com particular destaque para os cartões pastel e para a presença da cor vermelha no cartão II, susceptíveis de provocar intensos movimentos regredientes, nos quais se evidencia uma marcada incapacidade de nomeação significativa de diversos elementos psíquicos dispersos, ou seja, uma grande fragilidade da função  $\alpha$ . Adicionalmente, as respostas cor deverão sobressair como primeiro, ou mesmo único determinante, realçando a dificuldade do sujeito em conter e significar os elementos do seu vivido inconsciente em formas bem delineadas em termos perceptivos (F+), o que demonstra a inadequação da interacção continente-conteúdo.

No que toca às respostas esbatimento (E), estas poderão surgir - fundamentalmente como primeiro ou único determinante -, enquanto reveladoras da dificuldade do sujeito em estabelecer claros limites e diferenciações entre elementos psíquicos, culminando em

respostas em que a transparência e a difusão das imagens-conceito serão particularmente evidentes, com eventuais movimentos subsequentes de elaboração de respostas com incidência nos contornos dos perceptos – frequentemente com má qualidade formal (F-) -, correspondentes a tentativas de reforço da espessura da membrana mediadora entre a vida psíquica consciente e a inconsciente. Porém, este esforço é inconsequente, uma vez que uma adequada espessura da barreira de contacto somente poderá ser concretizada através de um exercício suficiente da função  $\alpha$ . De facto, o mero privilegiar da forma dos elementos perceptivos não permite uma transformação de elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , porque este processo deriva de uma interacção dinâmica e simbólica entre elementos perceptivos e projectivos.

Num psiquismo em que a barreira de contacto revela demasiadas lacunas, as respostas de grandes cinestésias humanas (K), bem como as cinestésias animais (kan) deverão ser escassas ou mesmo inexistentes, uma vez que a função do imaginário encontra-se empobrecida ou extremamente perturbada, resultante de uma incapacidade simbólica para ligar/separar elementos psíquicos diferenciados. Por conseguinte, será mais provável a presença de respostas que evidenciem a concretude de conteúdos animais e humanos desintegrados, desvitalizados, degradados e esburacados – onde as referências anatómicas e sexuais poderão ser muito frequentes - apresentando-se, assim, como claras expressões de grande porosidade da barreira de contacto.

Porém, determinados conteúdos humanos poderão revelar-se através de respostas com determinante  $k_p$ , mormente na sua modalidade parcelar, ou mesmo fragmentada da imagem-conceito humana, às quais o sujeito atribui a qualidade cinestésica, associada a conteúdos psíquicos dispersos que procuram, sem sucesso, uma integração significativa num continente apropriado. Na mesma senda de significado, poderão surgir respostas bizarras de partes de conteúdos animais em movimento (em F-), revelando a extrema dificuldade do sujeito em proceder à integração de elementos psíquicos, reveladora de uma severa perturbação da oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ , uma vez que o sujeito não consegue aceder, de forma recorrente e consistente, à posição depressiva.

No que respeita aos conteúdos, esperamos que um sujeito com um funcionamento permeável da barreira de contacto revele, essencialmente, nas suas respostas, uma incontida força projectiva, resultante de grandes brechas da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes. Desta forma, o pensamento cru, concreto, dominado por uma imensidão de elementos  $\beta$  que não são transformados em elementos  $\alpha$  - devido ao

disfuncionamento da função  $\alpha$  -, que se sustenta numa enorme intolerância à frustração, cuja dor mental é escoada, persistentemente, através dos movimentos expulsivos da identificação projectiva patológica.

Neste sentido, os conteúdos que o sujeito emita durante a prova Rorschach, poderão ser perseverantes, na medida em que revelem uma precária observância da realidade, dado que o fantasma impor-se-á, recorrentemente, à percepção. Realçamos que, enquanto a perseveração numa modalidade rígida de funcionamento da barreira de contacto salienta a escassez de conteúdos que o psiquismo do sujeito acede, e que revelam escassa ressonância fantasmática, num funcionamento impermeável de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, a má qualidade formal das respostas perseverantes será marcante, e derivada de um fantasma poderoso mobilizado por uma intensa identificação projectiva, que denota a irrupção de elementos  $\beta$  que não foram sujeitos a uma transformação significativa pela função  $\alpha$ .

Concomitantemente, a dispersão de elementos da vida psíquica de um sujeito com uma barreira de contacto tão porosa, deverá manifestar-se, na prova Rorschach, em diversos conteúdos anatómicos, sexuais, bem como a imagens referentes a outras desconexas partes de corpos humanos e animais, que se impõem através de uma incessante força projectiva. O psiquismo é assim invadido, frequentemente, por angústias arcaicas sem contenção e significação, que se repercutirão, no Rorschach, em conteúdos dispersos, partidos, esburacados, esquartejados, enfim sem limites bem definidos, reveladores de caos e fragmentação psíquica, próprios de um excessivo funcionamento da posição esquizoparanóide. Para além disso, o ódio e a destruição que reina neste modo de funcionamento psíquico, ao qual está associado o vínculo parasitário na interacção dinâmica continente-conteúdo, deverá repercutir-se em respostas marcadas por imagens-conceito que expressam continentes psíquicos dilacerados por doenças, com extensas feridas expostas, ou mesmo já sem qualquer vida, pungidos por conteúdos fantasmáticos que se expressam num terror sem nome na vida psíquica dos sujeitos.

Salientamos que a intensidade projectiva de um sujeito com um modo de funcionamento permeável da barreira de contacto poderá ser de tal forma perturbadora da sua relação com a realidade perceptiva, que o sujeito poderá não emitir qualquer resposta cotável a determinados cartões. Neste sentido, consideramos que eventuais recusas de cartões estarão associadas a este registo hiper-projectivo que subjaz ao modo de funcionamento permeável da barreira de contacto, quando o sujeito manifeste tal choque manifesto através de forma

directa, exprimindo verbalmente a sua angústia crua sem significação, como por exemplo, através da frase: “É terrível!”, ou remetendo-se totalmente ao silêncio, eventualmente acompanhado de agitação motora - que poderá ou não passar por um manuseio excessivo do cartão -, mostrando, cabalmente, o terror sem nome suscitado pelo estímulo de um cartão Rorschach.

Por último, no que concerne a outros elementos qualitativos, realçamos que, tal como no funcionamento rígido da barreira de contacto, é provável que uma excessiva permeabilidade da membrana psíquica que medeia a ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, se repercute em variadas formas de que revelam uma dor mental incontida, como são os casos de uma manipulação excessiva dos cartões, comentários cor, e críticas subjectivas e de objecto. Desta forma, importa distinguir a ocorrência destes elementos qualitativos, de acordo com os modos de funcionamento extremados da barreira de contacto em que neles participam, para o qual propomos que uma compreensão dinâmica das respostas intra-cartão que culminem e/ou que antecedam aquelas perturbações do processo associativo, permitirá uma leitura integrada e discriminante do grau de permeabilidade da barreira de contacto – as respostas que revelarem uma vincada ancoragem à realidade perceptiva, revelarão um contributo compreensivo para a identificação de um rigidez da barreira de contacto desses elementos qualitativos; as respostas que manifestarem uma predominância excessiva dos projectivos elementos inconscientes, sublinharão um movimento indicativo de um funcionamento permeável da barreira de contacto subjacente aqueles particulares elementos anotados pelo clínico.

Importa salientar um particular equivalente choque que poderá ser, frequentemente, associado a um modo de funcionamento permeável da barreira de contacto: um tempo de latência demasiado curto, expressando uma entrada directa na expressão pelo sujeito, que revela, tipicamente, uma emergência fantasmática que se impõe a um adequado processo de construção da primeira resposta a esse particular cartão. De facto, tal implicaria mais tempo para conciliar harmoniosamente os elementos conscientes e inconscientes, as componentes perceptiva e projectiva inerentes a uma imagem bem definida, enquanto símbolo que representasse a ligação/separação que o sujeito fez em relação ao mundo externo e interno. Note-se que este curto tempo de latência, de compreensão fundamentalmente projectiva, deverá ser confirmado pela identificação, mediante os elaborados procedimentos de análise, da permeabilidade excessiva da barreira de contacto subjacente à emissão da primeira resposta desse cartão.

Adicionalmente, consideramos relevante assinalar que, num modo de funcionamento permeável da barreira de contacto, não deverá ocorrer comentários de simetria, uma vez que tais observações sobre essas características das manchas Rorschach, revelam uma contração em elementos perceptivos, em elementos da realidade, que não se coadunam com a (i)lógica da intensa identificação projectiva, que sustém a evacuação de dolorosos elementos inconscientes (elementos  $\beta$ ) através de extensas brechas da barreira de contacto, sobre a odiada e desprezada realidade externa.

Por último, convém sublinhar que, subjacente ao modo de funcionamento da barreira de contacto permeável, encontra-se um registo de emergência da tela beta através das lacunas daquela membrana psíquica, conceptualizada por Bion. Porém, importa distinguir entre a emergência da tela beta associada a um registo permeável da barreira de contacto e a instauração da tela beta, que substitui a barreira de contacto no modo de funcionamento psíquico do sujeito. Neste sentido, consideramos que a sequência de duas ou mais respostas consecutivas, intra ou, eventualmente, inter-cartão, que manifestem movimentos sucessivos desintegrativos  $Ps \rightarrow Ps$  (observados pelos procedimentos de análise que elaborámos em relação a um pontual modo de funcionamento permeável da barreira de contacto) não permitem a sustentabilidade de funcionamento da barreira de contacto, mas sim a sua substituição por uma efectiva e cabal instauração da tela beta.

#### 4.2.4. Procedimentos sobre conceitos específicos da dinâmica toxicodependente associados ao âmbito da barreira de contacto, conceptualizada por Bion

Concluída a nossa proposta de procedimentos de leitura da barreira de contacto, na acepção bioniana, de acordo a sua adequada natureza semi-permeável, bem como sobre as variantes patológicas de graus extremados opostos de fluência de ligação entre elementos conscientes e inconscientes – barreiras de contacto impermeável e permeável -, assim como da instauração da tela beta, importa, de seguida, elaborar “lentes” de observação compreensiva em protocolos Rorschach, da expressão dinâmica de conceitos que podem ser associados ao corpo teórico da barreira de contacto, conceptualizada por Bion, no campo de análise psíquica do fenómeno toxicodependente.

Concretamente, no que concerne às nossas propostas de barreira de contacto remendada e tela beta tóxica, assim como ao conceito de barreira sensível interna de Carlos Farate (1998), enfatizamos a sua pertinência para uma compreensão mais rigorosa da dinâmica da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes.

#### 4.2.4.1. A barreira de contacto remendada

Em relação à barreira de contacto remendada, dada a natureza efémera dos remendos tóxicos produzidos nas lacunas da barreira de contacto, através do consumo de drogas, o estado psíquico sustentado por essa peculiar membrana psíquica deverá ser caracterizado pela sua natureza de desgaste rápido, embora funcional, já que actua como um subseqüente reparador perene das brechas da barreira de contacto, face à emergência inquietante da tela beta. Derivada de um grande rompimento da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes, através do qual irrompe a tela beta, a barreira de contacto remendada surge, assim, como alternativa à reparação psíquica efectiva das falhas/buracos da barreira de contacto, que só se pode concretizar mediante o exercício adequado da função  $\alpha$ . O sujeito toxicodependente, ao optar pela via de sustentação momentânea da barreira de contacto remendada, escolhe, dessa forma, uma solução não pensante para lidar com a dor psíquica, na qual evita o processo de transformação de elementos beta em elementos alfa, em prol da anestesia psíquica produzida pelos elementos tóxicos da poção mágica de droga.

Deste modo, o que consideramos pertinente, e compreensivelmente discriminador, da observação da dinâmica transitória da barreira de contacto remendada na prova Rorschach, é focar o âmbito de construção de procedimentos para esta inusitada e efémera membrana psíquica, no processo de reparação tóxica das rasgaduras da barreira de contacto. Consideramos, desta forma, que esses frágeis remendos químicos só poderão desempenhar a sua função, enquanto estiverem sob a influência do mecanismo psíquico actuante de reparação tóxica. Assim, logo que essa espécie de passagem-ao-acto intrapsíquica se dissipe, os remendos de droga serão rompidos, e a tela beta emergirá, solicitando, no psiquismo toxicodependente, um renovado fluxo de elementos tóxicos para preencher as lacunas da barreira de contacto. Porém, não se deve confundir um estado sintomático de efeitos de um consumo de droga, com a presença de elementos tóxicos no psiquismo, uma vez que consideramos que estes tendem a perdurar na mente durante bastante mais tempo do que o estrito período em que os efeitos de droga produzem as sensações desejadas pelo toxicodependente. Assim, realçamos que, no psiquismo de regulares consumidores de droga, deverão circular inúmeros elementos tóxicos na periferia da barreira de contacto, que tendem a ser atraídos para as fendas dessa membrana psíquica perante um estado de dor psíquica,

provocada pela insuficiente transformação de elementos beta em elementos alfa. Porém, sublinhamos que o manancial de elementos químicos provenientes da droga necessário para sustentar o estado psíquico da barreira de contacto remendada poderá, com frequência, não estar disponível no organismo do sujeito quando a tela beta irrompe, conduzindo, tipicamente, o toxicómano à passagem-ao-acto pelo consumo de droga, como forma de reabastecer o psiquismo dos elementos tóxicos necessários para suspender a dor mental.

Neste sentido, no que respeita ao processo de cosedura tóxica das lacunas da barreira de contacto, passível de observação através do método Rorschach, propomos que após um movimento regrediente, em que a tela beta irrompe, através de respostas com má qualidade formal, constatando-se a actuação da identificação projectiva patológica, com perda da observação da realidade – através de diversos procedimentos identificados, previamente, neste capítulo sobre a barreira de contacto permeável – o mecanismo tóxico de reparação da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes, poderá ser observado em respostas em que se manifesta um abrupto apaziguamento/congelamento da dor mental, sem uma suficiente incidência operante da função  $\alpha$ . Concomitantemente, esse tipo de respostas nos sujeitos toxicómanos evidenciarão o investimento psíquico em elementos tóxicos anestésiantes, que se aglutinam em finas linhas psicoquímicas de droga, correspondentes a remendos da barreira de contacto, que são activados para sustentar o embate doloroso dos elementos beta.

Nesta óptica de ocorrência de «remendos» tóxicos na barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes, podem-se enquadrar, assim, as considerações de McDougall (1984) sobre os indivíduos com comportamentos aditivos, aos quais a autora os designou como *des-afectivos*, uma vez que estes evitam abordar psiquicamente qualquer emergência pulsional. Deste modo, no que concerne aos procedimentos de leitura da barreira de contacto remendada, devemos incidir a observação compreensiva da dinâmica dessa peculiar membrana psíquica, na linha narcísica do processo-resposta Rorschach.

Por conseguinte, respostas que aludem a um desdobramento da representação de si, como são o caso da centração nas características de simetria das manchas, tal como em respostas cujas imagens-conceito denotam uma qualidade especular, nomeadamente a exemplar referência clássica a gémeos e respostas em que o elemento de reflexo se manifesta patente, permitem a prossecução de um nulo grau de angústia. Na mesma senda de significado, contribuem as respostas em que se denotam relações entre personagens englobadas numa função única que as reúne, negando, desse modo, a existência de um outro

diferenciado, assim como a emissão de imagens em que as personagens estão «ligadas» de forma simbiótica, tornando a diferenciação inviável dada a impossibilidade de separação.

Para além disso, em sujeitos toxicodependentes, as respostas Rorschach em que a componente de desvitalização/imobilização pulsional é evidente, nomeadamente paisagens estáticas, objectos como estátuas, fotografias e telas, correspondentes a conteúdos que perdem o seu dinamismo ao serem colocados «em quadro», demonstram a ocorrência da sideração/congelamento da dor mental, manifestando notáveis indícios psicodinâmicos da actuação de elementos tóxicos, que amparam a investida de elementos beta nas extensas brechas da barreira de contacto.

Porém, fazemos a ressalva que nem todos os movimentos psíquicos narcísicos deverão indiciar a manifestação da barreira de contacto remendada, mas somente as modalidades narcísicas que proporcionam uma atenuação drástica da dor mental, abrangendo a paralisação de todas as formas de emergência emocional. Desta forma, destacamos duas modalidades de respostas de índole narcísica, que não deverão ser compreendidas como inerentes ao processo psíquico da barreira de contacto remendada.

Assim, as denominadas respostas «pele» não devem ser consideradas como respostas narcísicas que sinalizem a ocorrência activa de remendos tóxicos na barreira de contacto, porque essas respostas salientam a existência de uma determinada superfície psíquica - uma segunda pele psíquica - delimitante entre o dentro e o fora, e não um mero e fino aglutinar de elementos tóxicos redutores de angústia. As respostas «pele» deverão, assim, ser consideradas como o produto de um mecanismo defensivo de origem psíquica - não derivado de efeitos da droga - que manifestam um esforço em impermeabilizar as lacunas da barreira de contacto.

Para além disso, as respostas narcísicas de idealização de si - positiva ou negativa - manifestam um retraimento do investimento libidinal do objecto tendo como alvo o Ego do sujeito, derivando daí a correspondente idealização, e não a estrita imobilização/paralisação das emergências pulsionais, resultante de elementos tóxicos que anestesiam a dor mental e «adormecem» a função  $\alpha$ . Por conseguinte, aquele tipo de respostas narcísicas devem ser compreendidas no modo de funcionamento de uma barreira de contacto impermeável, no sentido que manifestam uma larga espessura da membrana psíquica que medeia a relação entre elementos conscientes e inconscientes, dificultando, assim, a conexão entre elementos psíquicos com características diferenciadas e, por extensão, a relação entre um Eu desejante da experiência emocional com um Outro diferente. Realçamos que no mecanismo defensivo da idealização de si - ou projectivamente do outro - está inerente uma emergência emocional positiva ou negativa, que não deverá ocorrer num intenso estado anestésico, de supressão de

toda a dor mental, que a barreira de contacto remendada permite. Desta forma, ao invés do restrito mecanismo de desdobramento narcísico que, em sujeitos toxicodependentes, propusemos como associado à activação de remendos tóxicos da barreira de contacto, as respostas Rorschach com conteúdos que manifestam o mecanismo psíquico de idealização, sublinham um efectivo movimento de impermeabilização daquela membrana psíquica. Todavia, sublinhamos que a idealização poderá, e está amiúde, associada ao desdobramento narcísico e, nessas ocorrências, esse tipo de imagens-conceito não deverão, tipicamente, fazer sinal da sideração de funcionamento da barreira de contacto remendada, mas sim da barreira de contacto de características impermeáveis, em virtude da ocorrência da emergência emocional atribuída ao sujeito ou, projectivamente, à sua imagem no objecto, que possibilita alguma mobilização de elementos inconscientes.

Importa frisar que o processo de activação de remendos tóxicos representa um substituto tóxico de um processo psíquico efectivo de impermeabilização da barreira de contacto, e uma alternativa ao funcionamento da função  $\alpha$ , que permitiria uma significação da experiência emocional - inerente à transformação dos elementos beta em elementos alfa - com a concomitante prossecução de uma qualidade semi-permeável da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes.

Para além de evidenciarmos determinados movimentos narcísicos que indiciam, em sujeitos toxicodependentes, a dinâmica da barreira de contacto remendada – desdobramento da representação de si e desvitalização/imobilização dos movimentos pulsionais - com a sua manifestação ao nível dos conteúdos, podemos igualmente fazer determinadas anotações em relação à sua ocorrência em termos de modos de apreensão e determinantes.

No que respeita aos modos de apreensão, o mecanismo de desdobramento narcísico poderá surgir frequentemente em respostas globais (G) e de grande detalhe (D), uma vez que será perceptivamente mais fácil associar esse tipo de conteúdos às características simétricas das manchas, nos seus grandes elementos, do que se o sujeito o fizesse em pequenos detalhes (Dd). Por outro lado, nas respostas em que o sujeito elabora determinada resposta a uma mancha Rorschach, centrada em pequenos elementos, que não se impõem perceptivamente (Dd), tal circunscrição da realidade perceptiva poderá participar no processo de emissão de um conteúdo que denote uma minimização/sideração pulsional.

Adicionalmente, as respostas constituídas numa localização intra ou extra-macular (Db1 e Ddb1), centradas em conteúdos como o vazio, o nada, o frio e o gelo, manifestarão, exemplarmente, o movimento psíquico de “congelamento”/imobilização de emergências pulsionais, que associámos ao processo de activação de remendos tóxicos na barreira de

contacto. Para além disso, as respostas de incidência global, com inclusão de elementos intramaculares – Gbl – poderão contribuir, no psiquismo do sujeito, para uma definição perceptiva mais fácil do carácter simétrico das manchas e, por conseguinte, serem facilitadores processuais do mecanismo psíquico de desdobramento narcísico.

No que respeita aos determinantes, propomos que a dinâmica associada aos remendos tóxicos da barreira de contacto não deverá ser observada durante os momentos psíquicos em que são constituídas as respostas com determinantes Clob e Kob – quer surjam como primeiro ou segundo determinante -, uma vez que, em ambos os determinantes, estão inerentes processos de intensa emergência pulsional, agressiva ou sexual, contrários aos critérios definidos para a observação da barreira de contacto remendada. No mesmo sentido, as imagens/conceito com determinação de cores cromáticas (C) não deverão suceder como primeiro determinante, e raramente emitidas como segundo determinante, nos momentos psíquicos em que estiverem a ser activados remendos psíquicos na barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes, uma vez que tais cores, nas manchas Rorschach, são indutoras de emergências emocionais mais ou menos evidentes, se bem que, frequentemente, possam revelar uma menor intensidade, em comparação com as respostas com determinantes Clob e Kob.

Tal como genericamente surge nos protocolos de sujeitos narcísicos, é esperado que, em virtude dos movimentos psíquicos narcísicos – desdobramento da representação de si e sideração dos movimentos pulsionais - que associámos à barreira de contacto remendada dos sujeitos toxicodependentes, sejam frequentes as respostas com determinante de cores acromáticas (C'), evidenciando uma sensibilidade específica sobretudo à cor branca, mas também à negra. Em particular, a denominada angústia «branca», que traduz uma perda essencial sofrida ao nível do narcisismo, é especialmente reveladora da dinâmica da barreira de contacto remendada. Os conteúdos de vazio, de frio, e mesmo da temática da morte – a concretização cabal e permanente da imobilização pulsional -, poderão, amiúde, ocorrer em respostas de localização Dbl, mas também nos momentos em que a cor negra possa evocar essa dolorosa vivência interior. O sujeito toxicodependente manifesta, assim, a sua singular sensibilidade à experiência intolerável da falta, que Olivenstein (1999) adverte como sendo a falta da falta, uma vez que não é a falta de droga, em si, que realmente pode aterrorizar o sujeito, mas sim o contacto emocional com a falta primordial, que foi desenvolvida nos primórdios da relação com o objecto materno. Neste sentido, compreende-se que o estado de vazio inerente à angústia «branca», eloquentemente definido por Green (1983) como “um desinvestimento maciço, radical e temporário, que deixa traços no inconsciente sob a forma

de ‘buracos psíquicos’” (p. 226, cit. por Chabert, 2000, p. 116), manifesta, nitidamente, a dinâmica que subjaz à barreira de contacto remendada: as lacunas da barreira de contacto, das quais emerge a dor inerente à falta primordial, levam o sujeito toxicodependente a recorrer, recorrentemente, ao utensílio da droga para evitar a experiência intolerável da dor psíquica intensa, ou seja, a dor associada às falhas insuportáveis do continente materno.

No que se refere ao determinante esbatimento (E), tal poderá surgir em protocolos de sujeitos toxicodependentes, quer como determinante principal ou secundário, em respostas em que as matizes das cores (cromáticas e acromáticas) das manchas Rorschach desempenham a função de continentes perceptivos para conteúdos de reflexo, que manifestam o mecanismo psíquico de desdobramento da representação de si, e que poderá, igualmente, suscitar um intenso movimento de imobilização/petrificação pulsional, nomeadamente em conteúdos que expressam a natureza matizada das cores observadas no gelo e na neve.

Concomitantemente, em sujeitos toxicómanos, no que respeita aos determinantes formais, é esperado que a imobilização/sideração pulsional seja frequentemente observada em respostas com esses determinantes, quer sejam adequadas perceptivamente (F+), ou através de respostas com má qualidade formal ou mesmo acedendo a imagens-conceito com contornos pouco definidos (F+/-), uma vez que a activação de remendos tóxicos não visa uma melhor ou pior relação com o real perceptivo, mas sim um «congelamento» do real emocional, através do qual se procede a uma resolução radical, mas efémera, da dor psíquica, reduzindo ao mínimo possível a participação significativa da função  $\alpha$ . Neste sentido, o sujeito toxicodependente escolherá a via do formalismo – quer seja com maior ou menor rigor (F+, F- ou F+/-) -, como forma de impedir quaisquer ocorrências emocionais, cujos processos são evitados devido à enorme dificuldade em tolerar a dor psíquica, que surge de forma mais ou menos pronunciada, em qualquer experiência entre diferenciados seres desejantes.

Por último, importa abordar a incidência de respostas humanas ou animais determinadas cinesteticamente (K, kp e Kan) no âmbito de observação da dinâmica da barreira de contacto remendada.

Especificamente, as respostas K, nas quais se evidenciam relações especulares, mostram, de forma notória, o mecanismo de desdobramento narcísico, que consideramos como participante no modo de funcionamento activante dos remendos tóxicos da barreira de contacto. Tais respostas, de temática especular, podem surgir de forma directa ou indirecta, tal como salientou Chabert (1998). De facto, no sentido directo, as respostas de temática especular aparecem em nítidas representações de relações em que a mesmicidade é evidente, ou seja, em que uma figura humana não é diferente ou semelhante a outra, mas sim

perfeitamente idênticas, regidas somente pela perspectiva ilusória do reflexo de si, que garante a aconflitualidade relacional e, por isso, a prossecução da meta narcísica de total ausência de dor psíquica. De forma indirecta, as representações de relações de índole especular poderão também ser evidentes, através de respostas em que figuras humanas são englobadas numa única função (como por exemplo “dançarinos”), negando, desta forma, qualquer conflito entre elas.

Concomitantemente, a imobilização/«congelamento» dos movimentos pulsionais poderá também ser manifesta através de respostas K, em que não seja mobilizado o mecanismo de desdobramento narcísico, nas quais existe dúvida quanto à acção projectada, ou essa ser extremamente banal, podendo mesmo ser petrificada, estilizada como se fosse a tela de um quadro, que implica a inacessibilidade a qualquer dinâmica psíquica que compreenda o pensar sobre as emergências emocionais inerentes às experiências relacionais, evitadas pelo sujeito toxicodependente, dada a sua intensa intolerância à dor mental.

No que respeita às respostas com determinante kp, salientamos que este tipo de respostas não deverá fazer referência ao funcionamento da barreira de contacto remendada. De facto, uma parte de um corpo humano vista em movimento, ou uma forma humana inteira percebida em movimento num Dd, não se relacionam com o mecanismo de desdobramento narcísico – imagem em que se verifica a presença de mais do que uma figura humana com características idênticas - nem com o de imobilização pulsional – em que a projecção de movimento é evitada. No mesmo sentido, a componente do movimento, associada a um verbo de acção nas respostas com determinante kan, torna, à partida, inviável o acesso ao mecanismo de imobilização dos movimentos pulsionais. Todavia, por deslocamento, é possível que um sujeito toxicodependente possa mobilizar psiquicamente o desdobramento da representação de si, em determinadas respostas com determinante kan, nas quais as figuras animais observadas em movimento, são referidas como exactamente idênticas, impedindo assim o acesso psíquico à diferença, e às emergências emocionais resultantes das experiências relacionais entre seres percebidos como distintos. Por conseguinte, não existirá assim a mediação entre elementos psíquicos diferenciados, tornando-se desnecessária a função  $\alpha$ , porque os remendos tóxicos, nas lacunas da barreira de contacto, suprimiram a dor psíquica, em vez de a elaborarem através do pensamento.

Importa, ainda, salientar determinados elementos qualitativos anotados em protocolos Rorschach de sujeitos toxicodependentes que denotem o registo psíquico da barreira de contacto remendada. Nesse sentido, destacamos os comentários de simetria, como sendo de especial valor compreensivo do funcionamento da barreira de contacto remendada, que devem

ser assim considerados, desde que tais referências não sejam meramente enunciadas pelo sujeito, por forma a reforçar uma centração na realidade perceptiva presente na emissão de respostas que, à luz dos procedimentos de análise, classificaríamos como sendo reveladoras do modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto.

Desta forma, os comentários de simetria de manchas Rorschach, quando proferidos pelo sujeito associados a conteúdos de temática especular, manifestam, e reforçam, o exercício do desdobramento narcísico da representação de si, ou seja, o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada. Para além disso, os comentários de simetria podem ser emitidos sem estarem integrados numa determinada resposta, revelando, assim, momentos suspensivos na situação Rorschach, que revelam uma intensa sideração psíquica associada a elementos tóxicos anestésiantes que paralisaram a dinâmica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes, ou seja, manifestam um registo remendado da barreira de contacto. Em particular, tais comentários poderão surgir, inclusivamente, durante o tempo de latência, manifestando que o sujeito ao se defrontar com um objecto desconhecido que lhe evoca uma determinada dor mental associada às lacunas da sua barreira de contacto, mostra a urgente necessidade de fazer uma equiparação igualitária entre o Eu e o Outro, associados a duas metades idênticas da mancha Rorschach, revelando, dessa forma, a activação de elementos tóxicos anestésiantes nas fendas da barreira de contacto.

Para além disso, importa assinalar que poderão surgir, em protocolos Rorschach de sujeitos toxicómanos, aquilo a que podemos designar por conteúdos-«remendo», que manifestam a recorrência de determinados conteúdos, cuja função é apenas anestésiar a dor mental, e que podem até preencher os critérios de anotação do elemento qualitativo de perseveração. Porém, face a outros conteúdos perseverantes, um recorrente conteúdo-«remendo» - que remete para a inscrição de elementos tóxicos siderantes nas lacunas da barreira de contacto - caracteriza-se por estar subjacente a um movimento de abrupta tranquilização narcísica, sem se denotar indícios de ressonância fantasmática, devendo ser confirmado pela referência a características simétricas inerentes a essa imagem emitida.

Convém ainda referir que poderão ocorrer determinados comportamentos de sujeitos toxicodependentes durante a prova Rorschach, que aludem a um modo de funcionamento remendado da barreira de contacto, designadamente a actos de tapar, momentaneamente, determinados pormenores perceptivos das manchas Rorschach, que representam, assim, uma passagem-ao-acto por consumo de drogas que se repercute num «tapar»/remendar efémero dos buracos da barreira de contacto.

#### 4.2.4.2. A instauração da tela beta tóxica

No que respeita à elaboração de procedimentos de análise no Rorschach, que manifestem o registo psíquico de instauração da tela beta tóxica. Para este efeito, recordamos que defendemos que o consumo de determinadas drogas abastece, directamente, o psiquismo com elementos tóxicos anestésicos da dor mental – como por exemplo, a heroína – que visam uma reparação tóxica e efémera das lacunas da barreira de contacto. Para além disso, existem drogas que introduzem no aparelho mental elementos tóxicos com qualidades excitatórias, facilitadores iniciais de uma instauração da tela beta, que supere a dor mental inerente à emergência de elementos  $\beta$  nas brechas da barreira de contacto. Porém, num segundo momento, tenderá a ocorrer um retomar do contacto psíquico com a dor mental suscitada pelas lacunas da barreira de contacto permeável, após o exercício da função de excitação actuante dos elementos tóxicos que contribuíram para a instauração da tela beta tóxica, passando esses elementos a evidenciar, em virtude do desgaste que sofreram, características próximas da inércia, sendo assim úteis à paralisação da dinâmica da barreira de contacto através da sua inscrição nas fendas da barreira de contacto.

Deste modo, consideramos que a observação da instauração da tela beta tóxica no Rorschach só poderá ser confirmada e, assim, distinguida de uma eventual instauração da tela beta, na acepção bioniana, através da identificação de um subsequente registo psíquico inerente à barreira de contacto remendada, numa resposta que denote tal modo de funcionamento através dos procedimentos que elaborámos para o efeito. Em termos operacionais, na análise de um protocolo Rorschach de um sujeito toxicodependente, a instauração da tela beta tóxica deverá ser constatada através da observação compreensiva de duas ou mais respostas consecutivas, que manifestem a instauração da tela beta, mas cuja toxicidade só será assinalada se, na resposta imediatamente subsequente, se verificar um modo de funcionamento da barreira de contacto remendada.

#### 4.2.4.3. A barreira sensível

Consideramos que é fundamental fazer algumas observações sobre procedimentos de leitura do conceito de barreira sensível, desenvolvido por Carlos Farate (1998, 2000), dada a sua pertinência para a compreensão da dinâmica da barreira de contacto em sujeitos

toxicodependentes. Recordamos que a função da barreira sensível é assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos externos.

O autor salienta que um desenvolvimento da barreira de contacto implicará uma secundária transformação evolutiva da barreira sensível, no sentido em que deverá assinalar um aumento de inteligibilidade perceptiva do mundo externo e, sucessoriamente, uma re-significação dos objectos internos do sujeito toxicodependente.

Nesta medida, o conceito de barreira sensível manifesta-se como um relevante indicador psicodinâmico de alterações em curso na barreira de contacto. Assim, se o sujeito verifica, em determinado momento, uma melhoria da capacidade de conceber perceptivamente o mundo externo, tal só poderá ocorrer se existir algum ganho na mediação entre elementos conscientes e inconscientes do psiquismo do sujeito, que produzam um efectivo ganho de inteligibilidade perceptiva dos objectos externos. De facto, a atribuição de uma imagem-conceito que denote um grau superior de inteligibilidade perceptiva, supõe a participação de um movimento projectivo que permita uma contribuição no sentido do desenvolvimento da ideal característica de semi-permeabilidade da barreira de contacto, ou seja, um incremento da inteligibilidade do mundo externo só sucederá através de uma melhor projecção significada da percepção, na qual está subjacente um exercício mais eficaz da função  $\alpha$ . Por conseguinte, em concordância com o sentido da definição dinâmica do conceito de barreira sensível, um ganho ao nível da inteligibilidade da percepção, não deve ser considerado como uma melhoria de um processo psíquico em que participam somente elementos conscientes, uma vez que é a ligação/separação de elementos da percepção com elementos da projecção, que permite uma significação do que é percebido, que assinala que ocorreu num desenvolvimento da membrana psíquica conceptualizada por Bion.

Para que este processo se produza, a capacidade psíquica de associação integrativa de elementos psíquicos dispersos mostrou-se operante, através de um acesso bem sucedido ao modo de funcionamento da posição depressiva.

Por outro lado, um movimento regrediente de perda na capacidade de observação da realidade perceptiva deverá ser considerado um sinal fidedigno de disfuncionamento da barreira sensível, uma vez que ocorreu uma perturbação/deterioração no funcionamento da barreira de contacto, resultante de um pior desempenho da função  $\alpha$ . De facto, quando ocorre um movimento regrediente, com emergência da tela beta, verifica-se, indubitavelmente, uma perda na inteligibilidade perceptiva do mundo externo, em virtude de estar vigente um estado psíquico de intenso ódio à realidade, inerente à posição esquizo-paranóide, cujo processo repercute-se numa degradação da barreira de contacto e da barreira sensível.

Todavia, não será somente uma boa qualidade formal (F+) das respostas Rorschach, que permitirá sustentar uma correcta observação dinâmica de um desenvolvimento da barreira sensível. Na realidade, advertimos que nem sempre uma resposta que se adegue perceptivamente a uma mancha Rorschach, resulta numa efectiva melhoria da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, que leve, assim, à constatação que a barreira sensível se encontra em desenvolvimento, em virtude de um processo evolutivo que estaria a ocorrer na barreira de contacto de um sujeito toxicodependente. De facto, mesmo após uma resposta de evidente má qualidade formal (cotada como F-), reveladora de um movimento regrediente que, momentaneamente, mostra uma insuficiência da função  $\alpha$ , caso se verifique, de seguida, uma resposta com determinante F+, tal, por si só, não será suficiente para concluir de um desenvolvimento da barreira sensível derivado de um movimento reparador da barreira de contacto. De facto, existem conteúdos que, apesar de serem minimamente conformes com a realidade perceptiva, denotam um peso excessivo da componente projectiva, através de respostas com conteúdos crus, como são, nomeadamente, as de índole anatómico e sexual, bem como imagens de objectos com funções potencialmente destrutivas, sendo, assim, reveladoras de um modo de funcionamento arcaico inerente à posição esquizo-paranóide, ou seja, que a parte psicótica da personalidade está a manifestar um valor dinâmico superior à parte não psicótica da personalidade.

Para além disso, é importante distinguir claramente entre as formas de leitura, no método Rorschach, de uma evolução ocorrida na barreira sensível e um registo da barreira de contacto remendada, uma vez que a primeira estará associada a um autêntico movimento reparador da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes, enquanto a segunda, através de elementos tóxicos provenientes de consumos de droga, cinge a sua função a uma momentânea supressão da dor psíquica, que substituí o exercício da função  $\alpha$ , impedindo, desta forma, que se desenvolva uma consistente compreensão das experiências emocionais do sujeito.

Deste modo, destacamos que determinadas respostas, que manifestem os mecanismos psíquicos de desdobramento narcísico e/ou de imobilização dos movimentos pulsionais, apesar de, eventualmente, poderem revelar uma suficiente adequação perceptiva às manchas Rorschach, não deverão evidenciar um processo em curso de desenvolvimento da barreira sensível, uma vez que realçam o modo de funcionamento de intenso e transitório apaziguamento mental, sem uma suficiente significação da dor psíquica, inerente à dinâmica activadora de remendos tóxicos nas fendas da barreira de contacto.

Concomitantemente, uma reparação das lacunas da barreira de contacto dos sujeitos toxicodependentes, deverá ser descortinada quando se verificar a ocorrência de um aumento significativo do número de elementos  $\alpha$  incrustados na membrana psíquica de ligação/separação entre elementos psíquicos diferenciados – conscientes e inconscientes – e não apenas um acesso à parte, já anteriormente operante, daquela membrana psíquica. Nessa terapêutica da barreira de contacto de sujeitos toxicodependentes, à luz do conceito de barreira sensível, a identificação de um incremento de elementos  $\alpha$  resultará na compreensão dinâmica, nas respostas Rorschach, de um aumento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, mas que, tal como defende Farate (2000) permita, secundariamente, uma re-significação dos seus objectos internos, ou seja, em termos procedimentais, a análise da qualidade formal das respostas Rorschach será a lente, através da qual, se poderá, no momento de compreensão subsequente, constatar ou não uma melhoria significativa da capacidade simbólica dos sujeitos toxicodependentes, resultante de uma integração significativa dos elementos conscientes da percepção em conexão com os projectivos elementos inconscientes.

Neste sentido, no que concerne especificamente à análise da qualidade das respostas em termos formais, salientamos que, para além das respostas cujo único determinante é o elemento formal (F+, F- e F+/-), importa considerar, obviamente, a qualidade formal das respostas em que o determinante formal se encontra conjugado – como primeiro ou segundo determinante - com um determinante de outra índole (Clob, C, C' e E), assim como nas respostas cinestésicas K e Kan, em que apesar de não se cotar o determinante formal, a componente da forma pode ser mais ou menos relevante no desenrolar do processo-resposta Rorschach, e a adequação perceptiva às manchas poderá ser bastante variável. Salientamos que, no tocante às respostas kob e kp, por norma, o elemento formal é praticamente inexistente ou pouco significativo, salientando-se sobretudo a vertente projectiva na construção dessas respostas.

Assim, a qualidade da barreira sensível poderá ser observada, no psicograma, através do F+% alargado, não só pela compreensão do seu objectivo valor percentual, mas também integrando nessa análise os modos de funcionamento da barreira de contacto, que estiveram subjacentes à emissão das respostas que contribuíram para aquele valor.

Deste modo, para além de se verificar o grau de adequabilidade das respostas aos elementos perceptivos da manchas Rorschach, para que se possa afirmar que ocorreu um efectivo aumento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos num sujeito toxicómano, tal deverá produzir uma significativa re-significação de elementos do seu mundo

interno, ou seja, a barreira de contacto deverá ter procedido a uma conexão entre elementos conscientes e inconscientes, de acordo com uma fluidez semi-permeável.

Por conseguinte, concluímos que, em sujeitos toxicodependentes, um movimento progrediente de desenvolvimento da barreira sensível manifestará uma dinâmica de reparação da barreira de contacto que, pelo que considerámos, só poderá ocorrer em momentos em que a membrana psíquica constituída com os produtos da função  $\alpha$ , esteja a operar de forma semi-permeável.

Neste sentido, uma boa adequação formal de uma resposta Rorschach não será uma garantia que ocorreu uma reparação das lacunas da barreira de contacto, uma vez que, como já salientámos, esse movimento psíquico poderá estar associado à actividade da barreira de contacto remendada, mediante o exercício do mecanismo de desdobramento da representação de si e/ou da imobilização dos movimentos pulsionais.

Adicionalmente, determinadas respostas bem definidas em termos formais, poderão denotar uma rigidez na ligação/separação entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, tal como explicitámos nos procedimentos da barreira de contacto de natureza impermeável. De facto, no modo de funcionamento rígido da barreira de contacto, a dimensão perceptiva é, tipicamente, sobrevalorizada em detrimento da projectiva, denotando um registo psíquico de ancoragem ao real que não permite uma suficiente emergência do vivido inconsciente, que se repercute numa escassa transformação de elementos beta em elementos alfa. Paralelamente, neste caso, também deverá ser ínfimo o desenvolvimento da barreira sensível, uma vez que os ganhos ao nível do acesso à percepção não são suficientemente acrescidos de uma dimensão significativa, que se traduzisse num efectivo aumento da inteligibilidade dos objectos externos, com uma consequente re-significação do mundo interno do sujeito toxicodependente.

Por outro lado, as respostas com má qualidade formal revelarão, por norma, uma deterioração da capacidade de aceder perceptivamente aos objectos externos, associada a uma emergência do processo primário que impossibilita o desenvolvimento da capacidade simbólica, inerente ao exercício da função  $\alpha$  - agente reparador das lacunas da barreira de contacto. Nestas circunstâncias, a barreira sensível encontrar-se-á, indubitavelmente, em involução, derivada de uma degradação da barreira de contacto provocada por um exercício permeável do seu funcionamento, no qual poderá ser mesmo evidente a instauração da tela beta ou da tela beta tóxica.

Em forma de síntese, para descortinar a qualidade da barreira sensível de sujeitos toxicodependentes, através do método Rorschach, salientamos que tal deverá ser observado

através da análise do indicador F+% alargado - no psicograma -, que permite aceder a uma compreensão do nível de inteligibilidade perceptiva dos objectos externos do sujeito toxicod dependente, mas em que o grau da sua efectiva qualidade, deverá ser associado ao modo como o sujeito mobiliza o seu mundo interno, ou seja, para além da avaliação da estrita qualidade formal das respostas Rorschach incluídas no indicador F+% alargado, deverá, então, proceder-se a uma identificação do grau de permeabilidade da barreira de contacto que participou nessas respostas, através da utilização dos finos procedimentos de leitura que elaborámos para esse efeito. Esta integração compreensiva das respostas Rorschach inerentes ao cálculo do F+% alargado, permitirá, assim, aceder a um indicador de qualificação do funcionamento da barreira sensível, sustentado por uma análoga qualidade operativa da barreira de contacto. Porém, assinalamos que o movimento evolutivo/involutivo da barreira sensível deverá ser acedido através de uma monitorização compreensiva da dinâmica do contínuo psíquico do sujeito toxicod dependente, ao nível do funcionamento da sua barreira de contacto, que, na prova Rorschach, será sustentada pela análise da sequência de respostas do protocolo, intra e inter-cartão.

Por conseguinte, consideramos de especial interesse a elaboração de uma grelha de codificação das respostas Rorschach, de acordo com os procedimentos de análise efectuados, nas quais se poderão constatar o registo e expressão quantitativa dos elementos de cotação de respostas e elementos qualitativos associados aos modos de funcionamento da barreira de contacto, barreira de contacto remendada, instauração da tela beta e instauração da tela beta tóxica, assim como à dinâmica evolutiva/involutiva/suspensiva desses registos psíquicos, aos quais a barreira sensível se associa – grelha I. Para além disso, para efeitos de uma fácil centração compreensiva na vertente dinâmica progrediente/regrediente/anestesiante da barreira de contacto e, por conseguinte, da barreira sensível, elaborámos, para esse intento, a grelha II.

Importa, por último, realçar que consideramos que a barreira sensível, enquanto “herdeira da ‘barreira de contacto’” (Farate, 1998, p. 270), não deverá ser objecto de análise numa inicial análise qualitativa das respostas, cartão a cartão, de um protocolo Rorschach, mas sim, num segundo momento de análise, de integração compreensiva, subjacente à análise do psicograma, especificamente do F+% alargado, assim como da análise das grelhas específicas que elaborámos à luz dos elaborados procedimentos de leitura. Embora nesse posterior momento de análise integrativa de um protocolo Rorschach de um sujeito toxicod dependente, possa ser constatada a associação, pontual, do valor dinâmico da barreira sensível à progressão/regressão/suspensão subjacente a estritos momentos psíquicos

(respostas Rorschach), que se referem a modos distintos de funcionamento da barreira de contacto e, eventualmente, à barreira de contacto remendada, instauração da tela beta e instauração da tela beta tóxica, através da análise das grelhas supra referidas - e, que de seguida, apresentamos como modelo – consideramos que a análise da barreira sensível revela um valor compreensivo relevante, enquanto indicador que confirma a qualidade predominante da barreira de contacto, que esteve subjacente na prova Rorschach de um sujeito toxicodependente. Para tal, consideramos que a análise da barreira sensível deve centrar-se, sobretudo, no valor integrado de inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, constatável no  $F+\%$  alargado, associando-o com a significação dos objectos internos, que foi procedida na emissão das respostas Rorschach, que participam no cálculo dessa fórmula.

Grelha I - codificação detalhada de elementos de cotação, elementos qualitativos e outros factores de análise, de acordo com os procedimentos de leitura – (Protocolo X)

	Barreira de contacto				Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica
	Semi- permeável	Impermeável	Permeável	Remendada		
Modos de apreensão						
G						
D						
Dd						
Dbl						
Determinantes						
F+						
F-						
F+/-						
K						
Kp						
Kan						
Kob						
FC						
CF						
C						
FE						
EF						
E						
FClob						
ClobF						
Clob						
Conteúdos						
A						
(A)						
Ad						
H						
(H)						
Hd						
Elem						
Frag						
Bot						
Geo						
Pais						
Anat						
Sex						
Obj						
Arq.						
Simb						
Abs						
Elementos qualitativos						
Choques						
Eq. Choque						
Perserv.						
Com. Cor						
Com. Sim.						
Crit. Obj.						
Com. Subj.						
	Barreira sensível					
	↑	↔ - ↑	↓	↔	↓↓	↓↓

Grelha II - observação do modo de funcionamento e evolução da barreira de contacto, tela beta e barreira sensível - (Protocolo X)

Cartão/Nº resposta	Barreira de contacto				Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica	Barreira sensível
	Semi- permeável	Impermeável	Permeável	“Remendada”			
I x.							
y.							
z.							
...							
II x.							
y.							
z.							
....							
III x							
y							
z							
...							
IV x							
y							
z							
...							
V x.							
y.							
z.							
VI x							
y.							
z.							
...							
VII x.							
y.							
z.							
...							
VIII x.							
y.							
z.							
...							
IX x.							
y.							
z.							
...							
X x.							
y.							
z.							
...							
I							
II							
III							
IV							
V							
VI							
VII							
VIII							
IX							
X							

## Notas:

- 1- O registo da grelha I, deve ser feito com a notação do número dos cartões, assim como com a inclusão entre parêntesis “( )” do número referente às respostas Rorschach, que se incluem no registo de determinado campo da grelha, de acordo com a elaboração realizada dos procedimentos de análise dos elementos de cotação e elementos qualitativos.
- 2- O registo da grelha II, deve ser realizado com a notação de um “X” nos campos respectivos, por forma a exprimir o registo psíquico das respostas e de eventuais elementos qualitativos inter-respostas, de acordo com os procedimentos de análise elaborados.

Legenda: “↓” – barreira sensível e barreira de contacto em processo de involução; “↔ - ↑” – barreira sensível e barreira de contacto com evolução praticamente estagnada ou pouco significativa; “↑” – desenvolvimento efectivo da barreira sensível e da barreira de contacto; “↔” – suspensão da evolução/involução da barreira sensível e da barreira de contacto. “↓↓” – barreira sensível e barreira de contacto substituídas pelo modo de funcionamento subjacente à instauração da tela beta/tela beta tóxica.

## 5. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS

### 5.1. GABRIEL

O Gabriel, utente do CAT de Xabregas, tinha 33 anos aquando do momento de aplicação da prova, que ocorreu em Julho de 2006.

A história de consumos de drogas do Gabriel iniciou-se aos 12 anos, com haxixe, e continuou com consumos dessa substância até aos 16 anos, altura em que experimentou heroína - através de injeção - que passou a ser a sua droga de referência. O sujeito refere, espontaneamente, que “gostou” do primeiro consumo de heroína, e salientou a propósito dessa experiência: “Senti-me um bocado adormecido”.

O Gabriel apresenta um olhar «abatido», já que direccionado quase sempre para o chão, tendo dificuldade em manter o contacto ocular. Manifestou nos momentos prévios à aplicação da prova Rorschach grande dificuldade de memória, tendo salientado, com pesar, essa fragilidade: “Não me lembro de quase nada...”

O Gabriel tem um filho com 15 anos, mas não o vê há 10 anos, desde o momento em que se divorciou, tendo sido sem-abrigo durante 7 anos, período imediatamente subsequente ao término da sua relação conjugal.

Quando questionado sobre a relação que tem com os pais, o Gabriel referiu, com grandes e silenciosas pausas no discurso, que a sua mãe faleceu em 1994, por suicídio com “605 forte” (veneno para ratos). O Gabriel referiu ainda que, dois anos após a morte da mãe, o pai suicidou-se da mesma forma e, em ambas as situações, foi o Gabriel que se deparou com os corpos mortos, ao entrar em casa dos pais.

O Gabriel não tem irmãos vivos, embora tenha tido um irmão que faleceu aos 36 anos, devido a uma embolia pulmonar. “Teria 56 anos se fosse vivo...” disse, de forma arrastada.

O Gabriel está há 2 anos a ser acompanhado, semanalmente, em consultas de psicologia clínica, por uma terapeuta no CAT de Xabregas, e está inserido no programa de substituição opiácea da instituição, beneficiando, assim, de um tratamento/consumo regular de metadona.

## 5.2. INÁCIO

Tal como sucedeu com o protocolo do Gabriel, o protocolo Rorschach do Inácio foi recolhidos em Julho de 2006, no Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) de Xabregas. Na altura da aplicação da prova, o Inácio tinha 20 anos.

O Inácio é utente do CAT de Xabregas desde Janeiro de 2006, altura em que assume que veio “tratar-se, por causa da mãe”. O Inácio descreve a relação com a mãe da seguinte forma: “Está sempre preocupada comigo”. Os pais do Inácio são divorciados, estando o pai a residir e trabalhar em Luanda, desde Fevereiro de 2006, não tendo estado com o pai desde essa altura, mas mantém contactos telefónicos com o progenitor, “uma ou duas vezes por mês”, realçando que nunca teve “uma relação próxima” com o pai.

O sujeito reside com a mãe e com o irmão mais novo, de 9 anos, não sendo capaz de descrever a relação com o irmão, para além de uma referência banal: “Temos uma relação normal de irmãos. Às vezes, ajudo-o a fazer os trabalhos da escola”.

O Inácio tem como habilitações literárias o 11º ano de escolaridade, e realça que não tirou o 12º ano e a carta de condução “por causa da droga”.

Os consumos de droga do sujeito iniciaram-se por volta dos 15 anos, com haxixe, tendo referido que, desde então, gosta de experimentar novas drogas e, normalmente, gosta dos seus efeitos, nunca tendo tido uma “bad trip”. O Inácio referiu que já experimentou, e gostou, da experiência de consumos de LSD, ecstasy e cogumelos alucinogéneos, mas assume que a droga de eleição é a cocaína, porque lhe dá “uma sensação boa, de prazer!”

O Inácio trabalhou como peão de golfe (“caddy”) durante um ano, no decorrer do ano de 2005, mas perdeu esse emprego, justificando: “Acharam que eu roubei dinheiro a uns clientes!”

O Inácio garante que não consome cocaína desde Janeiro, estando a ser acompanhado, desde essa altura, no CAT de Xabregas por uma terapeuta, com quem tem consultas semanais de acompanhamento psicológico.

## 6. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS RORSCHACH

Proceder-se-á, neste capítulo, a uma análise de dois protocolos Rorschach de sujeitos toxicodependentes, consubstanciando-se, inicialmente, numa análise das respostas cartão a cartão, de ambos os protocolos, de acordo com os procedimentos de leitura elaborados.

Subsequentemente, para efeitos de análise dos psicogramas dos protocolos A e B, será atribuída uma maior atenção aos elementos que se destacam – traços salientes –, e essa análise será conjugada com a decorrente da respectiva leitura da grelha I – codificação detalhada de elementos de cotação, elementos qualitativos e outros factores de análise, de acordo com os procedimentos de leitura. De facto, realçamos que a grelha I, de ambos os protocolos, pela forma como está construída, facilita uma análise mais fina dos respectivos psicogramas e, por isso, os elementos que se evidenciam nessa grelha serão considerados e integrados na análise dos psicogramas.

A grelha II, ao permitir uma análise da sequência de respostas dos protocolos, de acordo com os conceitos dinâmicos que observámos através dos procedimentos de análise elaborados, potencia a elaboração de uma análise final de cada protocolo, que facilita e promove uma subsequente discussão sobre o que foi possível constatar dos modos de funcionamento psíquico dos sujeitos.

### 6.1. ANÁLISE DO PROTOCOLO A (Gabriel)

#### 6.1.1. Análise das respostas cartão a cartão

##### *Cartão I*

Face ao primeiro cartão, o Gabriel manifesta um tempo de elaboração que não revela precipitação nem demora excessiva (tempo de latência de dez segundos). A primeira resposta surge com referência à localização global da mancha – em G –, através de um conteúdo convencional, banal – “morcego”. Esta é uma imagem-conceito que denota um processo de construção da resposta marcado pela ancoragem à realidade perceptiva, com escassa participação de projectivos elementos inconscientes. O que o sujeito realça é a componente perceptiva, de observação visual, tal como se constata no inquérito – “Vê-se bem as asas”. Todavia, nesta situação, parece que o sujeito vê, de facto, as asas de um morcego na mancha Rorschach, perdendo-se, assim, no inquérito a espessura rígida da barreira de contacto, que o

sujeito, espontaneamente, tentou construir na resposta banal e hiper-adaptativa. Assim, o esforço em constituir um símbolo, de acordo com a instrução Rorschach, parece fracassar no inquérito, tornando-se o conteúdo concreto, o que expõe uma incapacidade de diferenciar suficientemente o mundo interno do mundo externo, o Eu do Outro, a projecção da percepção.

Por conseguinte, face a um cartão que remete simbolicamente para a capacidade de lidar com o desconhecido, um novo objecto por conhecer (o objecto Rorschach), o sujeito opta pela via da hiper-adaptação ao objecto externo, num esforço de adequação perceptiva, o qual se mostra insustentável, face à excitação projectiva que a presença do objecto lhe provoca. Esta intensa impressão sensorial com a tónica no «olhar» – “Vê-se bem as asas” – mobiliza, excessivamente, o conteúdo latente do cartão inerente aos fundamentos da relação de objecto, à forma como o sujeito se coloca face a um novo estímulo objectal, que evoca os primórdios da relação com o objecto materno pré-genital. De facto, o conteúdo latente, projectivo, assume preponderância no inquérito, observando-se uma primazia da projecção sobre a percepção, que retoma um funcionamento predominante da posição esquizo-paranóide que subjaz à relação precoce com o objecto primordial, em que não há diferença entre símbolo e simbolizado. Deste modo, o sujeito «vê» de forma alucinatória a presença física do objecto, através dos amplos «buracos» de (des)construção do símbolo emitido, ou seja, fica manifesta a porosidade excessiva da barreira de contacto.

Na prova de escolhas – este cartão foi escolhido pela negativa – o sujeito revela: “O morcego faz-me lembrar morte (...) Não é que eu tenha medo da morte para mim. Eu tenho é medo de perder pessoas que gosto”. Tal remete para a pertinência do fenómeno alucinatório, que advém do sujeito necessitar, de forma vital, da presença de um objecto, que já não pode ser, efectivamente, acedido na realidade externa, ou seja, a alucinação visual revela-se como um movimento projectivo exacerbado contra a elaboração mental da dor psíquica inerente à perda do objecto. Concomitantemente, na prova de escolhas, a angústia de morte e a angústia de perda do objecto parecem estar intrincadas – em que a denegação tenta inelutavelmente separar - enfatizando a natureza imprescindível do objecto. Objecto materno pré-genital que, ao perder-se, acarreta a morte do Self.

Retomando a análise das respostas ao primeiro cartão, o facto do sujeito não conseguir, na resposta 1, manter os limites que diferenciem os elementos conscientes dos elementos inconscientes, implica que a percepção fique “esmagada” na resposta 2, pela força projectiva dos elementos  $\beta$ , que irrompem e marcam um registo excessivamente permeável da barreira de contacto. Sobressai, desta forma, o vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, em que existem conteúdos à procura de um continente que os contenha e signifique.

Todavia, esta resposta evidencia a extrema fragilidade do continente psíquico incapaz de sustentar o conteúdo “mosca”, passando este a “abelha”, e ambos acabam por perder a sua vida de significado para o sujeito, chegando ao inquérito como «coisa-em-si», impensável. De facto, a “coisa” (elementos beta) sucumbe perante o mundo externo que é sentido como persecutório e destrutivo – “coisa esmagada, pelo desenho em si” -, próprio de um modo de funcionamento subjacente à posição esquizo-paranóide e da incapacidade de aceder à posição depressiva, a qual sustentaria a possibilidade de uma relação Eu/Outro, interno/externo, suficientemente harmoniosa (vínculo comensal) ou mutuamente benéfica (vínculo simbiótico). O continente revela características destrutivas, e acaba por não se diferenciar do conteúdo, ou seja, o “desenho em si” e a “coisa” (con)fundem-se, destruindo-se mutuamente.

Face à dispersão de elementos psíquicos, ocorrida na resposta 2, o sujeito inquieta-se na procura, na realidade perceptiva da mancha, de um continente externo – manuseio excessivo do cartão - que contenha a dor psíquica da devastação relacional interna continente-conteúdo. Uma resposta de segunda pele psíquica – “máscara” – é assim mobilizada, realçando uma incidência nos contornos e limites de toda a imagem – reforço de um segundo «rosto» mental, eventualmente capaz de permitir ao sujeito «ver» algo através de “olhos” psíquicos reforçados, como nos mostra o inquérito: “Aqui os olhos”. Desta forma, a temática do «olhar» é novamente evidenciada, sublinhando uma hipervigilância da realidade perceptiva, de cariz persecutório. O sujeito protege-se do impacto do objecto através da “máscara”, mas algo de aterrorizante poderá (novamente) acontecer, realçando um mundo interior em estado de alerta constante. A sensibilidade ao branco intramacular permite o vislumbre de uns “olhos” internos alarmados, sublinhando as lacunas da barreira de contacto, das quais emergem os elementos  $\beta$ , inerentes à angústia persecutória do sujeito.

Assim, este continente com limites sobrepostos (mobilização de um registo impermeável da barreira de contacto) está apenas «mascarado» de continente sustentável, levando a que o sujeito se centre, de seguida, nas características simétricas da mancha, como forma de suprimir abruptamente a dor mental, em vez de proceder à sua transformação significativa através da função  $\alpha$ . O sujeito recorre, assim, a um registo de «remendos» efémeros da barreira de contacto, remédio tóxico anestésico para uma dor psíquica sentida como insuportável, o que suspende a relação entre elementos psíquicos diferenciados, ou seja, paralisa, momentaneamente, a dinâmica de funcionamento da barreira de contacto.

Esse momento de apaziguamento do sujeito revela-se escasso, mostrando a necessidade imperiosa de o intensificar através de uma passagem-ao-acto na sua relação com a realidade física do cartão – tapa e a seguir destapa a metade esquerda da mancha Rorschach.

Ao investir pela primeira vez somente numa parte da mancha, a função  $\alpha$ , por não estar a funcionar de forma suficiente, conduz o sujeito a um registo comportamental em vez de pensante sobre o estímulo Rorschach. Pela resposta subsequente, parece que o sujeito, com a acção de tapar e destapar uma metade da mancha, tenta esconder com a sua mão algo que perceptivamente lhe evoca conteúdos demasiado inquietantes e, por isso, difíceis de nomear, esperando que o acto de destapar, lhe revele, magicamente, um conteúdo contido e bem significado por um continente externo, absolutamente controlado de forma agida pelo sujeito – a sua mão. Desta forma, o sujeito procede a uma fuga à compreensão da experiência emocional com um outro diferenciado, denotando-se no acto sucessório de destapar uma parte da mancha um movimento psíquico no sentido da omnisciência, de um pensamento que surgiria não por pensar a frustração na relação de objecto, mas sim através de uma espécie de ritual de magia que, por isso, pertence ao domínio do irreal, da exacerbação da fantasia inconsciente, universo de ficção psíquica no qual o sujeito apenas precisaria do seu próprio corpo físico para aceder a uma extensa riqueza de conteúdos significados. Tal remete, indubitavelmente, para a relação corporal com o objecto-droga, através do qual o sujeito eliminaria, assim, a dor insuportável da ausência do objecto humano, mas obviamente a «magia» torna-se, invariavelmente, penosa ao revelar a sua ilusão: os conteúdos acabam por ser meras miragens que, na resposta 4, surgem e logo desaparecem na sua relação com uma parte da realidade externa solicitada pela mancha Rorschach (em D), porque não dispõem de um eficaz continente psíquico que os capte, contenha e signifique, numa conciliação harmónica entre a realidade e a fantasia – “(...) elefante (...), porco, (...), bicho esquisito (...)”. A solução do sujeito para lidar com a dor inerente à dispersão de elementos psíquicos passa, então, por um processo de confusão entre esses elementos – “mistura de um elefante com um porco” –, que perdem assim a sua diferenciação, dado o estabelecido vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, realçando uma marcada permeabilidade de funcionamento da barreira de contacto, em que o exercício da posição esquizo-paranóide é preponderante.

### *Cartão II*

No contacto inicial com o estímulo suscitado pelo cartão II, em que surge pela primeira vez a cor vermelha, a qual invoca as pulsões agressiva/sexual, o sujeito desenvolve um processo de mobilização de elementos tóxicos que «remendam» a barreira de contacto face à emergência de uma angústia intolerável, que se expõe nas lacunas daquela membrana psíquica. O comentário de simetria, prévio à primeira resposta, evidencia este processo, ou

seja, um registo de intensa anestesia psíquica que permite ao sujeito eliminar a dor mental. O comentário emitido pelo Gabriel é assim desprovido de angústia, dado que na contração exclusiva nas características simétricas da mancha não existe «dois» diferenciados, nem vestígios de mobilização pulsional, uma vez que só poderiam ocorrer perante a relação com um objecto percebido como minimamente diferente. O sujeito foge, assim, à instrução Rorschach, à construção de uma resposta-símbolo que mobilizasse e conciliasse elementos conscientes e inconscientes. O psiquismo fica, deste modo, temporariamente siderado, num torpor tranquilizante mantido pela sensação de simetria – que os elementos tóxicos produzem - sem a emissão concomitante de qualquer imagem-conteúdo significativa.

Porém, o carácter efémero da barreira de contacto «remendada» manifesta-se, com o rompimento dessas finas linhas tóxicas, e o sujeito verifica uma excessiva permeabilidade na ligação/separação entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, visível através da resposta 5. Esta resposta é particularmente reveladora do próprio processo de rompimento dos «remendos» tóxicos, que o sujeito sustentou durante o tempo de latência (20 segundos), já que o conteúdo de “dois bebés”, indicia uma referência implícita a gémeos (reforçada no final da resposta, bem como no inquérito com a referência a “dois bebés a nascer”) e, dessa forma, à sustentação de um movimento psíquico de desdobramento narcísico inerente ao funcionamento da barreira de contacto remendada. Porém, esta mesmicidade, e a intensa redução de angústia que a mesma permite, é efémera, e o excessivo manuseio do cartão pelo sujeito revela o irromper da sua dor mental, mostrando a “fase negra” a que os dois bebés estão sujeitos, que o Gabriel tenta superar através da pirueta maníaca que faz na alusão ao nascimento, e que se manifesta ainda mais evidente na prova de escolhas, em que este cartão é escolhido positivamente: “Passam por uma parte que não parece muito boa, mas depois já parece que as coisas estão bem, porque estão a nascer”.

Os ténues limites e a escassa diferenciação dos conceitos morte/nascimento associados às fases negra/boa do conteúdo “bebés”, revelam uma permeabilidade excessiva da barreira de contacto, e de uma relação continente-conteúdo muito perturbada, provocando uma severa desorientação espacial, uma vez que não há referência ao «útero» (continente materno) onde os “bebés” (conteúdos) poderiam ser bem acolhidos e processados num «nascimento» nutrido de significado simbólico. Para além disso, verifica-se igualmente uma perturbação temporal, associada à sequência abrupta entre as “fase negra” e “boa” referente ao nascimento, uma vez que ambas parecem sobreponíveis e, por isso, indistinguíveis. De facto, esta perturbação do espaço-tempo, provocada por um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, torna-se ainda mais clara no inquérito – “Pela cor, porque depois sai a mesma cor lá em cima”.

Realçamos que este cartão foi apreendido de forma global (em G), evidenciando um esforço exacerbado do sujeito em encontrar, em toda a realidade externa, um continente que pudesse conter e significar, adequadamente, um fantasma inerente a uma problemática pré-genital muito arcaica, de índole intra-uterina. A perturbação da relação continente-conteúdo é evidente, como se constata na cinestesia (K) mobilizada na construção da resposta – “Dois bebês” –, manifestando conteúdos que não se diferenciam suficientemente, devido à incapacidade de contenção significativa do continente materno. Este é sentido como potencialmente destrutivo, sendo necessário exercer a solução extrema de identificação projectiva expulsiva dos conteúdos, cuja evacuação intensa passa por uma separação abrupta via «nascimento», para salvar os conteúdos-“bebês” da referida “fase negra”. O «útero»-continente materno estará assim associado à “fase negra”, e a uma vivência tenebrosa, praticamente inominável, próxima da intensidade que Bion designou por terror sem nome, enquanto que os “bebês” são movidos por intensas emergências pulsionais (suscitadas pelos pormenores vermelhos da mancha) que parecem ser, fundamentalmente, de índole agressiva, por forma a despoletarem uma abrupta e salvadora separação da malignidade emanada do objecto materno. Porém, estas moções pulsionais são extremamente difíceis de elaborar mentalmente, dada a intensidade da angústia que provocam, designadamente de uma punição onipotente e impiedosa por parte do agredido continente. Daí a necessidade de proceder a uma oscilação entre a anestesia da dor mental pela via dos «remendos» tóxicos na barreira de contacto (sustentada pelo desdobramento narcísico inerente às referências implícitas de gemelaridade – na resposta espontânea “Dois bebês (...) Aqui quando nascem, não sei” e no inquérito: “São dois bebês a nascer”) e as dolorosas vicissitudes intra-uterinas de uma relação continente-conteúdo com vínculo parasitário (salientes no manuseio excessivo do cartão e no discurso do sujeito: “Aqui a passarem um bocado uma fase negra” ).

Por último, salientamos que, na abordagem a este cartão, ainda terá participado a angústia persecutória face ao objecto materno pré-genital evocada no cartão I, já que, ao não ter sido, devidamente elaborada pela via do pensamento, é acrescentada à dor mental suscitada pelo conteúdo latente do cartão II que, a um nível mais regressivo, pode reenviar a uma problemática pré-genital de nascimento, tal como sucedeu com o sujeito.

### *Cartão III*

O Gabriel inicia, novamente, a abordagem a uma mancha Rorschach, através de um comentário de simetria, revelando que a angústia provocada pelo desconhecido do cartão não

consegue ser contida e significada, ou seja, o sujeito não procede a uma transformação da angústia através do pensamento. Perante o desconhecido de natureza relacional que este cartão simbolicamente solicita, o qual apela ao estabelecimento de uma representação de si face ao outro, o sujeito não consegue aceder a um vínculo emocional K, mediante o qual se constrói o conhecimento, em que se procura a verdade através de uma compreensão emocional da experiência com um outro diferenciado.

Os elementos  $\beta$  que emergem, em vez de serem transformados pela função  $\alpha$  em elementos susceptíveis de serem pensados (elementos  $\alpha$ ) são anestesiados por elementos tóxicos para que não se produza dor mental, concretizando-se, assim, um processo de «remendos» temporários na barreira de contacto, que suspende a dinâmica mediadora entre elementos psíquicos diferenciados, entre a percepção e a projecção, entre o Eu e o Outro. Por conseguinte, fica somente a possibilidade de constatação exclusivamente perceptiva da simetria, e a inerente sideração dos movimentos pulsionais, subjacente a uma relação de índole especular, mesmicidade que sustenta a negação de qualquer conflito.

Este movimento de tranquilização tóxica, de cariz narcísico, permite ao sujeito, subsequentemente, construir a resposta cinestésica (K) banal, de duas personagens. A barreira de contacto está, assim, a funcionar predominantemente sob um registo «remendado» de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, uma vez que a emissão da resposta 6 remete para o processo de activação de elementos tóxicos em zonas frágeis daquela membrana psíquica. De facto, as “duas mulheres”, embora não sejam directamente descritas como iguais, encontram-se indiferenciadas, “uma de um lado e outra do outro lado”, e sem qualquer verbo interactivo que as relacionasse e pudesse assinalar diferenças entre o Eu e o Outro. Desta forma, o sujeito revela que ainda mantém, psiquicamente, a referência ao comentário de simetria previamente emitido, com a concomitante dimensão especular da representação de si face ao objecto. Notamos como factor de especial pertinência, a indicação de que o tempo de latência foi exactamente o mesmo do cartão anterior (20 segundos), tendo o sujeito proferido igualmente um inicial comentário de simetria, o que sublinha que, até mesmo ao nível da activação de «remendos» tóxicos na barreira de contacto, parece existir uma mesmicidade psíquica temporal inerente à condução desse processo.

No que respeita à primeira resposta cotável do cartão III, importa sublinhar que o sujeito procede a uma identificação sexual feminina (ambas as personagens são mulheres). Tal assinala uma óbvia problemática de identificação sexual, mas, sobretudo, denuncia uma problemática anterior, de identidade, que subjaz a uma relação de objecto dual, em que o objecto materno é sobre-investido, e do qual o sujeito não consegue proceder a uma adequada

individuação/separação, sendo essa incapacidade denunciada na solução especular da relação sujeito-objecto materno. Na óptica bioniana, o sujeito não consegue, assim, ligar/separar harmoniosamente elementos conscientes e inconscientes, assim como estabelecer uma relação dinâmica continente-conteúdo produtiva e mutuamente benéfica – vínculo simbiótico -, que possibilitasse a constituição de um terceiro elemento integrador, simbólico, no qual continente e conteúdo se mantivessem ligados, mas também diferenciados.

Para além disso, ao descrever as “duas mulheres” com uma considerável margem de distância entre elas – “uma de um lado e outra do outro lado” – e sem qualquer referência relacional, que possibilitasse a construção/desconstrução de algo, o sujeito manifesta uma angústia face à proximidade relacional, tentando manter a siderante barreira de contacto remendada entre o Eu e o Outro, entre elementos conscientes e inconscientes, por forma a impedir a emergência da insuportável dor mental inerente a um fantasma de relação pré-genital, com um concomitante destrutivo vínculo parasitário continente-conteúdo.

Todavia, no inquérito, o sujeito centra-se no espaço da relação, no entre o Eu e o Outro, emitindo uma resposta adicional – “No meio, parece uma fogueira” –, mas parece que praticamente só permanece o espaço entre dois elementos relacionais, uma vez que as “duas mulheres” já não surgem explicitamente, ficando apenas o rasto de uma passagem-ao-acto – “Parece que estão a fazer qualquer coisa” – desprovida de nome, de significado, que denuncia que a função  $\alpha$  se mostrou ineficaz. O desaparecimento do Eu e do Outro parece resultar da emergência pulsional “fogueira”, que «queima» os «remendos» tóxicos que o psiquismo do sujeito teceu na barreira de contacto para suster o embate dos elementos beta. Deste modo, o sujeito fica invadido por uma intensa impressão sensorial proveniente da “fogueira” relacional, não a conseguindo transformar e integrar numa compreensão da experiência emocional da relação, que se reduz, assim, a um acto conjunto, sem sentido, numa «coisa-em-si»: “Parece que estão a fazer qualquer coisa”. Verifica-se, deste modo, no inquérito, um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, em que as duas precauções verbais – “parece” – proferidas pelo sujeito no sentido de promover alguma impermeabilidade da barreira de contacto, manifestam-se como muito frágeis, não conseguindo evitar um processo de destruição mútua dos elementos relacionais – as “duas mulheres” – que perdem a sua definição, os seus limites, esfumando-se no «fogo» pulsional da relação. A barreira de contacto apresenta-se, desta forma, muito permeável, com uma concomitante dispersão de elementos psíquicos, que subjaz ao exercício da posição esquizo-paranóide, na qual se desagrega a relação de objecto e a nomeação com significado da sua experiência emocional.

Este movimento de perda de limites que a prossecução da relação implica para o sujeito, surge, igualmente, na transição das respostas espontâneas, uma vez que na resposta 7, a exploração da realidade da mancha (em D), ao solicitar um desenvolvimento da relação entre o mundo externo e o interno, provoca no sujeito um movimento regrediente: o sujeito não consegue sustentar os conteúdos no humano – “Duas mulheres” –, regredindo ao mundo animal – “galinhas” –, no qual se pode equacionar uma negativa conotação de significado da condição feminina, veiculada pelo sujeito nesta imagem sexuada atribuída por deslocamento ao reino animal, no qual se verifica uma má adequação formal do engrama, uma vez que no seu processo de (des)construção denota-se um peso excessivo da componente projectiva que distorce o percepto.

Face à força pulsional suscitada pelos pormenores laterais vermelhos da mancha, o sujeito não só regride ao nível do âmbito relacional (humano → animal) como também no nível de destruição que a relação implica: de uma difusão das figuras humanas para a morte que se depreende na postura das “galinhas”, conferida no inquérito – “Presas pelas patas”. Porém, o próprio estado de morte associado ao conteúdo “galinhas” encerra o processo de dor mental nele inerente, verificando-se uma severa imobilização dos movimentos pulsionais que termina, temporariamente, o processo hemorrágico de emergência de elementos beta, e suspende o funcionamento da função  $\alpha$ . Desta forma, nesta resposta, como forma de diminuir drasticamente a angústia emergida nas lacunas da barreira de contacto, o sujeito recorre a um mecanismo psíquico de sideração/imobilização pulsional, que sustentámos estar associado à cosedura de finas linhas tóxicas de droga na barreira de contacto de sujeitos toxicómanos.

No *continuum* psíquico de construção de respostas (entre as respostas 7 e 8), o sujeito mostra, mais uma vez, a intensa dor mental que este cartão, de simbolismo relacional humano, lhe evoca, ao agir no cartão, tapando e a seguir destapando a metade esquerda da mancha, tal como já tinha feito no cartão I. Com este comportamento, o sujeito mostra a incapacidade de pensar a dor mental, com a conseqüente necessidade de passagem-ao-acto, cuja acção visa uma intensa contração nas características simétricas da mancha, que se repercute numa tranquilização narcísica inerente a uma percebida ausência de diferenças entre o Eu e o Outro. De facto, o acto de tapar uma parte da mancha revela um processo similar que ocorre ao nível intrapsíquico: o sujeito mobiliza elementos tóxicos disponíveis no psiquismo para «tapar/remendar» a barreira de contacto, siderando temporariamente a dinâmica da barreira de contacto. Assim, ao destapar a metade esquerda da mancha (este acto parece ter o mesmo significado de conclusão de um processo de injeção de droga) o sujeito manifesta estar no registo de funcionamento da barreira de contacto remendada, ao emitir um conteúdo em que se

compreende um movimento de desdobramento narcísico – resposta 8: “Coração dividido ao meio” -, justificado no inquérito como sendo “um coração de duas pessoas”, manifestando que o que pertence, de forma vital, à identidade de um, pode pertencer a dois, numa simbiose especular que torna indistinguível o Eu do Outro. Salientamos que o conteúdo anatómico deverá aludir à emergência de elementos beta (suscitados pela sensibilidade pulsional à cor vermelha) que não são devidamente significados pela função  $\alpha$ , mas cuja sensação de angústia no psiquismo acaba por ser suprimida pelos «remendos» tóxicos produzidos na barreira de contacto, observáveis através do mecanismo de desdobramento narcísico.

#### *Cartão IV*

Mais uma vez, o Gabriel necessita de se centrar nas características simétricas da mancha, como forma de suprimir a dor psíquica associada ao encontro com um objecto desconhecido e distinto de si. Deste modo, o sujeito atribui, projectivamente, ao outro a sua própria imagem, diluindo as diferenças entre os mundos interno e externo, uma vez que em ambas as perspectivas inerentes a uma relação Eu-Outro “é a mesma coisa, igual de um lado e do outro”, evitando, assim, abordar, num primeiro momento, o conteúdo latente associado a este cartão, o qual evoca imagens particularmente activas e potentes.

Salientamos que este estado psíquico de quietude tóxica, prévio à emissão da primeira resposta, necessitou, tal como no cartão II e III, exactamente o mesmo tempo (20 segundos), período psíquico que se repete, e que manifesta um peculiar desdobramento espacio-temporal: a realidade externa muda, ou seja, o Outro altera-se, mas o sujeito molda-o, inicialmente, à mesmidade perceptiva de tempo e de espaço, mediante a contração na simetria da mancha, ou seja, “é a mesma coisa” de tempo e “igual de um lado e de outro” no espaço Rorschach. Tal processo sustenta a activação de remendos nas brechas da barreira de contacto, por forma a estancar uma hemorragia de elementos beta, ou seja, o sujeito agrega elementos tóxicos anestésicos, que não transformam os elementos beta, mas impedem, momentaneamente, a sua actuação dilacerante no psiquismo.

Através da atenuação drástica da dor mental, o sujeito consegue, então, mobilizar recursos psíquicos que mostram já um ligeiro grau de exercício da função  $\alpha$ , através da resposta 9. De facto, esta resposta inicia-se ainda com uma referência à mobilização das características simétricas da mancha – “Juntando os dois lados” – numa união de elementos simétricos a partir do eixo central do cartão, que indicia a realizada junção de remendos tóxicos na barreira de contacto, a qual permite ao sujeito aceder a outros recursos daquela

membrana psíquica, conducentes à emissão de uma imagem objectal íntegra, que mobiliza a globalidade perceptiva da mancha (em G) revelando uma suficiente adequação formal e ressonância ao conteúdo latente do cartão – “Um animal esquisito (...) Um extraterrestre”.

Todavia, verifica-se pouca conexão entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, resultando num símbolo com escassa definição imagética, no qual se percebe a dificuldade/rigidez do sujeito em integrar elementos fantasiosos inconscientes, e em que a própria expressão final “sei lá”, representa uma alusão do sujeito à sua dificuldade em simbolizar. Consideramos ainda pertinente frisar que a ligeira integração de elementos inconscientes na resposta, parece advir de um temor face à natureza do objecto suscitado por este cartão Rorschach, uma vez que o conteúdo é observado “por trás”, referência anal, que sugere a angústia associada à relação com um objecto superegóico, que o sujeito revela dificuldades em conhecer emocionalmente – “esquisito” – (vínculo -K). Por conseguinte, este objecto, que tem de ser observado “por trás”, é “esquisito”, e o sujeito necessita de o deslocar para o domínio animal irreal, já que parece possuir uma potência demasiado ameaçadora para ser pensado adequadamente (a função  $\alpha$  está aqui a funcionar de forma precária), numa relação com ele «de frente» e no domínio das relações humanas reais.

A natureza do objecto evocado no psiquismo do sujeito através deste cartão Rorschach, torna-se, de seguida, mais clara na resposta 10, em que o sujeito, ao centrar a sua atenção num grande detalhe da mancha (D), submete-se à força do processo primário, distorcendo a percepção através de uma grande intensidade projectiva (F-). De facto, ao passar do domínio animal irreal para o domínio humano – “mulher um bocado esquisita” –, e apesar da precaução verbal – “(...) parece” – que denota um esforço psíquico em manter a consciência interpretativa, o sujeito acaba por não conseguir manter a imagem no domínio da realidade, dada a sua sentida onnipotência maléfica – no inquérito: “É uma bruxa”.

Face ao encadeamento das respostas, este cartão parece evocar personagens cuja ressonância fantasmática expressa uma imago materna pré-genital, um objecto superegóico arcaico, bizarro e onnipotente, que só pode ser acedido numa perspectiva de irrealidade animal ou humana. De acordo com a terminologia bioniana, o continente materno, para além de não conter e desintoxicar os conteúdos do bebé, devolve os elementos  $\beta$  ao bebé acrescidos de uma identificação projectiva patológica - elementos inomináveis da psique materna - que provocam um estado de estranheza no bebé – “animal esquisito”; “mulher um bocado esquisita”; “sei lá” – que só podem ser acedidos numa dimensão de irrealidade – “extraterrestre”; “bruxa”.

Por último, salientamos que a extrema dificuldade que o sujeito manifesta em manter a evocação do objecto materno no universo real humano, dado o perigo aterrorizante que a relação dual acarreta, sucedeu igualmente no cartão anterior – de “mulheres” para “galinhas”.

#### *Cartão V*

Neste cartão, o sujeito diminui para metade o tempo necessário para a elaboração da primeira resposta cotável (10 segundos) em comparação com os três cartões anteriores, nos quais se debruçou, inicialmente, sobre as características simétricas da mancha, com o intento de atenuar o impacto fantasmático suscitado.

Esta mudança de registo psíquico, em que não é mobilizado inicialmente um processo tóxico de remendos da barreira de contacto, sustentar-se-á no facto de que a mancha do cartão V é a que está mais próxima de um reconhecimento perceptivo da realidade, possibilitando ao sujeito construir, sem dificuldade, uma resposta de conteúdo banal – “(...) uma borboleta”. Desta forma, a resposta 11 salienta, fundamentalmente, uma marcada leitura perceptiva da realidade, com pouca participação de elementos inconscientes, restringida também pela precaução verbal no discurso – “Parece”.

Neste sentido, face à solicitação simbólica emanada por esta mancha Rorschach, a qual propõe a construção de uma imagem identitária coesa, bem definida nos seus contornos, o sujeito mobiliza-se de forma satisfatória face ao proposto. O acesso à posição depressiva foi, deste modo, minimamente conseguido, possibilitando a integração de elementos psíquicos dispersos numa unidade significada de toda a mancha (em G) , que os elementos perceptivos facilitam dada a natureza coesa desta mancha Rorschach.

Porém, a dor mental evocada pela cor preta manifesta-se como muito significativa e difícil de tolerar pelo sujeito, verificando-se mesmo uma insustentabilidade do esforço na denegação – no inquérito: “Embora a cor... Também gosto do preto! Mas esta cor assim...”. Por conseguinte, a impermeabilidade de funcionamento da barreira de contacto, verificada através de uma resposta adaptativa, banal, sofre, assim, um revés no inquérito, mostrando a dificuldade do sujeito em impedir a emergência da dor depressiva, associada a uma hipersensibilidade à cor preta.

Na sequência espontânea, o sujeito sente, então, a necessidade de lidar com a dor mental através do agir, em vez do pensar, «tapando» uma parte da realidade externa (metade esquerda da mancha), passagem-ao-acto que sustenta uma alucinação negativa, por forma a preservar um outro espaço da realidade de uma invasão intolerável de elementos  $\beta$ . Este acto,

que o sujeito tem vindo a repetir em vários cartões (cartão I, III e IV), parece sugerir uma forma habitual de comportamento, rotina de consumo toxicodependente que se impõe como necessária face a uma exacerbada intolerância à frustração. Importa destacar que o sujeito, tal como nas ocorrências anteriores, tapa a metade esquerda da mancha (sempre a mesma localização) que salienta a relevância da mesmicidade inerente ao acto de consumo toxicómano (sempre o mesmo acto). Este registo de igualdade é também mobilizado na alusão à simetria que o acto do sujeito sugere, uma vez que fica apenas metade da mancha visível, sendo recusada a restante porção da realidade perceptiva, enquanto potencial contributo diferenciado para o processo-resposta Rorschach.

O mecanismo de desdobramento narcísico está, assim, patente nesta conduta do sujeito, mas nem a relação narcísica é sustentada (fica somente uma metade da mancha visível) indiciando que mesmo um Outro, que seja investido somente como reflexo de si mesmo, poderá criar algum grau de angústia ao sujeito. De facto, uma imagem especular carece de substância, de corpo, para além do próprio suporte (continente) inanimado que a sustém. Há, assim, a angústia de o sujeito se confundir totalmente com a sua imagem, que carece de vida. Vislumbra-se, deste modo, o perigo do «nada» pulsional, derivado de um registo psíquico que, ao privilegiar a abolição drástica da dor mental inerente à relação entre elementos psíquicos diferenciados, convida à emergência da angústia branca, subjacente ao esvaziamento do continente, à iminente morte da pulsão, ao anúncio do enterro da relação continente-conteúdo.

Tal se afigura na resposta 12, em que o sujeito, com o prévio acto de tapar a metade esquerda da mancha, inicia um processo de «tapar/remendar» a barreira de contacto, que é acrescido com o recurso ao mecanismo narcísico de imobilização dos movimentos pulsionais, através da referência a “uma pessoa deitada”, imagem siderada reveladora de ínfima força pulsional, sendo insuficiente para marcar uma sexuação da personagem. A postura é de tal forma inerte, que sugere que esse conteúdo humano perdeu toda a possibilidade de se movimentar... É o estado de um defunto que se pode deprender pela típica posição dos membros superiores – no inquérito: “Parece que está com os braços cruzados”. Consideramos pertinente realçar um pormenor inerente ao acto que conduziu a esta resposta: o sujeito ao tapar a metade esquerda da mancha, mantém esse comportamento durante todo o processo de construção da resposta, algo que surge pela primeira vez no protocolo, sugerindo que o sujeito sentiu a necessidade, nesta ocorrência, de «tapar/remendar» a barreira de contacto de forma mais intensa e/ou abrangente. Desta forma, foram mobilizados mais elementos tóxicos para as lacunas da barreira de contacto, levando a uma exacerbção e prolongamento do estado de

sideração/anestesia da dor mental. Tal processo implicou a emissão de uma produção Rorschach direccionada para um destino fatídico da pulsão, que é apenas, fragilmente, embargado pela referência implícita ao estado de morte, e pela precaução verbal que se alia a um ainda eventual «vivo» engrama para o sujeito, ou seja, à esperança que os seus conteúdos possam encontrar um continente adequado, que os contenha e signifique.

### *Cartão VI*

O Gabriel inicia a abordagem à mancha, com um recorrente comentário de simetria (assim o fez no cartão II, III e IV) manifestando o impacto angustiante que o desconhecido tende a provocar-lhe, dor psíquica intolerável que marca a necessidade imperiosa de a suprimir, em vez de a compreender pelo pensamento, através de um eficaz exercício da função  $\alpha$ . Desta forma, o sujeito revela, tipicamente, uma grande dificuldade inicial de mobilizar a capacidade de *rêverie*, face ao apelo de um objecto que necessita de contenção e significação. A solução passa, assim, pela fuga ao pensamento, designadamente através da sideração do processo de transformação dos elementos beta em elementos alfa, que congela temporariamente a dor psíquica. Tal deverá ocorrer através de elementos químicos de droga que são mobilizados da periferia da barreira de contacto para as brechas dessa membrana, constituindo uma fina tela reflectora que distorce as diferenças entre os elementos psíquicos conscientes e inconscientes, produzindo uma imagem especular entre o Eu e o Outro, uma simetria momentânea que remenda a barreira de contacto.

Mediante a tranquilização narcísica, sustentada pela tecedura psico-activa de elementos tóxicos anestesiantes nas zonas mais frágeis da barreira de contacto, o sujeito consegue convocar, então, outros recursos daquela membrana, «despertando» a função  $\alpha$  para a construção de uma resposta capaz de aliar a percepção e a projecção, os elementos perceptivos da mancha com elementos projectivos do seu mundo interno. Apesar da resposta 13 veicular um conteúdo banal, o sujeito exerce a capacidade de desenvolver o processo pré-concepção-concepção, ao conciliar as realidades interna e externa, e preservando-as na ligação/separação que as permite diferenciar. Para tal, existe uma primeira referência ao eixo central do continente invocado na resposta – “gato aberto ao meio” –, ao seu núcleo vital capaz de conter a angústia essencial do sujeito ao lidar com o conteúdo latente deste cartão Rorschach. De facto, a partir do “meio” da mancha, o sujeito salienta, ainda, que os remendos tóxicos da barreira de contacto continuam actuantes, permitindo o acesso psíquico a uma simetria que possibilita a constituição de uma imagem suficientemente coesa. A imagem

possui, fundamentalmente, um cariz bidimensional – “que só tivesse a pele” – que sustenta a possibilidade do objecto ser observado perceptivamente, de ser presente para o sujeito, consubstanciando a realização positiva de uma expectativa do seio, que potencia a nomeação do objecto – “gato” -, e a sua descrição perceptiva – “Em cima, a cabeça com os bigodes e em baixo o resto do corpo” – conjugada com uma dimensão projectiva – no inquérito: “Dá mesmo a sensação que é só a pele”.

Porém, na sequência final da resposta espontânea, o sujeito parece aceder à capacidade de pensar, parcialmente, a ausência do objecto – “ Só que falta-lhe a cauda” – salientando, assim, que a concepção deu lugar a uma nova pré-concepção, com uma parte insaturada, que o sujeito mobiliza através de uma realização negativa, iniciando o processo de pensar a dor da ausência do objecto - um pensamento propriamente dito em construção. Mesmo numa leitura psicodinâmica clássica, a referência à falta de um particular membro corpóreo da imagem-conceito, sustenta a capacidade de nomear a angústia de castração, à mobilização de mecanismos neuróticos da mente, que Bion integra na sua abrangente teoria do pensamento e do aparelho de pensar, como pertencendo à parte não psicótica da personalidade. A construção da resposta sugere que o sujeito conseguiu ir um pouco além do processo de realização positiva da expectativa do seio, ou seja, manifestou a capacidade de tolerar a frustração de determinada qualidade ausente do seio – a falta da “cauda” – que evidencia o acesso ao modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, a qual concilia e diferencia elementos conscientes e inconscientes, o presente e o ausente, a percepção e a projecção. Para além da falta de um determinado membro, o conteúdo de um animal “(...) aberto ao meio, e que só tivesse a pele” evidencia, naturalmente, o carácter de perda de um objecto na realidade, mas que o sujeito consegue evocar as suas características perceptivas e qualidades projectivas, numa rememoração que atesta o modo de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto, num acesso à posição depressiva que parece estar a processar o luto de um objecto, na sua ausência real definitiva.

No entanto, o retomar do contacto perceptivo com a mancha, no inquérito, marca a necessidade de uma relação absolutamente presencial com o objecto, por forma a mantê-lo acessível à consciência, que a perspectiva de relação sensorial, de índole táctil, permite – “Dá mesmo a sensação que é só a pele” –, mas que, simultaneamente, alude ao reconhecimento que o processo de luto deverá ser prosseguido, porque aquele objecto já “é só a pele”. O descrito parece manifestar, assim, a dinâmica de um conflito entre a necessidade de presença do objecto e o desejo de conseguir tolerar a dor mental da sua ausência. Esta perspectiva de esforço e dificuldade em elaborar, de forma consistente, o luto do objecto, sai reforçada na

prova de escolhas, na qual este cartão foi um dos que o sujeito escolheu de forma negativa, justificando: “Como gosto muito de animais, isto parece-me um gato morto! Não gosto!”.

Sublinhamos o facto do cartão I também ter sido escolhido negativamente pelo sujeito, destacando a mesma temática de luto: “Faz-me lembrar morte (...) Eu tenho é medo de perder pessoas que gosto”, evocação da perda de um continente externo, que dada a sua natureza imprescindível (o sujeito ainda não constituiu um consistente e eficaz continente interno) acarreta a mobilização de uma ideação suicida: “Não é que eu tenha medo da morte para mim”.

Por último, salientamos que a resposta ao cartão VI (resposta 13) necessitou de maior tempo para a sua elaboração, em comparação com cartões anteriores, em que o sujeito emitiu, face à primeira resposta, um prévio comentário de simetria – cartões II, III e IV. Eventualmente, tal acréscimo de tempo (5 segundos) poderá ser justificado pelo processo de construção de uma resposta que revela um modo psíquico mais evoluído, de qualidade semi-permeável da barreira de contacto, tempo fundamentalmente elaborativo, que surge após o tempo habitual (20 segundos), associado à activação de elementos tóxicos na barreira de contacto.

### *Cartão VII*

O sujeito retoma, neste cartão, o habitual tempo de elaboração prévio à primeira resposta (tempo de latência de 20 segundos), que está associado à activação de remendos tóxicos na barreira de contacto, embora, nesta ocasião, a explicitação do comentário de simetria surja durante o discurso da resposta cotável.

De facto, face a este estímulo Rorschach, o qual impele o sujeito a situar-se em relação à imago materna, o sujeito emite, assim, uma primeira resposta que denota um intenso desdobramento narcísico, promovendo uma igualdade entre o Eu e o Outro, apesar da tentativa de ínfima diferenciação mediante o artifício imagético de emissão de duas imagens - “Duas imagens de duas crianças” -, que, no fundo, são uma só imagem de duas personagens humanas idênticas, em virtude do comentário de simetria subsequente - “É igual de um lado e do outro”. Este comentário sustenta, de seguida, a emissão de um claro conteúdo claro de qualidade especular: “São dois gémeos”. Neste sentido, o sujeito apresenta uma imagem regressiva de uma relação com escassa diferenciação entre a imagem materna e a representação de si – “duas crianças” – mas este tipo de relação ainda pode configurar algum

tipo de conflito; daí o comentário de simetria que culmina na definição da gemelaridade das personagens infantis.

A tentativa (es)forçada de colocar o Eu e o Outro (mera imagem da representação de si) em espaços diferentes, parece ser uma forma de garantir uma grande margem de distância relacional (“duas imagens de duas crianças”, e uma “de um lado” e a outra do “outro”), como sucedeu igualmente no cartão III – “Duas mulheres. Uma de um lado e outra do outro lado”. De facto, poder-se-á pensar que o Gabriel não consegue conceber a possibilidade de relação entre o Eu e o Outro, não só enquanto seres diferenciados, mas inclusive numa relação narcísica, tal como sucede também ao longo do protocolo quando o sujeito tapa a metade esquerda da mancha. Neste sentido, mesmo a imagem projectada de si é incómoda para o sujeito, uma vez que mostra o seu vazio, a fina espessura da barreira de contacto, feita de remendos tóxicos que se rompem facilmente. A dor psíquica está sempre na iminência de surgir, trespassando, partindo o espelho de um Outro que desaparece do mundo interno do sujeito, levando a que o próprio objecto narcísico tenha que ser colocado, face ao sujeito, em mais do que uma imagem – “Duas imagens de duas crianças” – duplo desdobramento narcísico, na tentativa de garantir uma mínima integridade do Eu.

Salientamos que a resposta seguinte foi separada do conteúdo emitido pelo sujeito na resposta 14, fundamentalmente para efeitos de cotação, devendo ser considerada como fazendo parte do mesmo processo de construção imagética. A resposta 15 acrescenta, assim, um valor compreensivo à natureza da (a)relação das personagens (determinante K de petrificação relacional), uma vez que as imagens humanas estão presas por um “cadeado”, que sublinha a necessidade de uma segurança vital, de ligação corporal permanente, a qual parece desempenhar a mesma função de “um coração de duas pessoas” (inquérito da resposta 8).

Ressalvamos que, em comparação com o determinismo biológico da ligação simbiótica expressa na resposta 8 (cartão III), os “gémeos” do cartão VII são de cariz siamês à «força», através de uma imposição relacional com recurso a “cadeado”, que garante, de forma drástica e contínua, a presença do objecto, apesar de este estar reduzido a uma mera imagem projectada do sujeito. Esta securização aprisionante da relação Eu/Imagem de si revela a impossibilidade de elaborar a relação de tipo narcísico, porque não existe a distância mínima necessária para que o sujeito possa relacionar-se com a projecção da sua imagem no outro, eventualmente porque através de uma relação sem “cadeado”, o sujeito não conseguiria mobilizar recursos psíquicos suficientes para sustentar a identificação projectiva da sua imagem no Outro, ou seja, confrontar-se-ia, assim, inevitavelmente com a diferença e com a sua dor inerente: a angústia de separação física e psíquica. Todavia, este “cadeado” assegura que o

último bastião do Self não se dissolva (a união simbiótica entre o Eu e a sua imagem), permitindo, também, que o sujeito não sucumba psiquicamente face à confusão entre o Eu e a sua imagem, entre um corpo física e mentalmente vivo, ainda animado por vestígios pulsionais, e uma imagem de si sem vida, incorpórea, sempre na iminência de desaparecer. Apresenta-se, deste modo, uma fina linha separadora entre a vida e a morte, ténue e frágil barreira de contacto prestes a romper-se definitivamente e, por isso, o esforço psíquico em manter recluso um fantasma de morte, que parece apelar ao sujeito para a via eterna da fuga à dor mental, por meio da solução suicidária. Paradoxalmente, a resposta 15 – “Presos por um cadeado” – representa um severo movimento de imobilização dos movimentos pulsionais, que permite manter resguardada, protegida, a possibilidade da vida pulsional.

De facto, no inquérito, o sujeito mobiliza o desejo de libertar-se da relação petrificada consigo próprio – “Estão a querer sair” –, mas logo se vislumbra a angústia de morte, no Eu e a sua imagem a “levantar voo”, aparente fenómeno anti-gravítico que sublinharia uma fuga do *Self* para o mundo dos mortos, ao perder a vida consubstanciada no peso corpóreo, tornando-se o Eu exactamente igual à sua imagem, em que ambos se perderiam na «atmosfera», no continente ilimitado e eterno da ausência de vida. Daí, a necessidade imperiosa, de invocar, novamente, a (re)forçada ligação simbiótica, ultra-siderante entre os duplos narcísicos, mas, nesta situação, já sem a força siderante da definição de um “cadeado” – “está aqui qualquer coisa”. Esta “coisa-em-si”, que o sujeito não consegue nomear, sublinha a emergência de elementos  $\beta$ , os quais desvanecem a nitidez da imagem “cadeado”, e em que a subsequente denegação – “não é a prendê-los, é a uni-los” –, acaba por manifestar a ingerência do desejo relacional em conflito com a função hiper-defensiva da imobilização dos movimentos pulsionais, que congela a possibilidade de autêntica vida relacional com um Outro diferenciado.

Por conseguinte, neste cartão, o sujeito evidencia que a sua barreira de contacto foi «remendada» pela via tóxica anestésica da dor mental, ou seja, através de «remendos» que cumprem a função de “cadeado”, em localizações extremamente permeáveis daquela membrana psíquica, mas, no entanto, revelam-se, invariavelmente, como frágeis e efémeros objectos químicos de sideração, prestes a “levantar voo”.

Recordamos que, no inquérito à primeira resposta dada pelo sujeito no protocolo, a imagem emitida parece que também está prestes a «voar» – “Vê-se bem as asas” –, ou seja, a perder-se no psiquismo do sujeito, por falta de um continente adequado para conter e relacionar-se com esse conteúdo. Tal como sucedeu nessa resposta, o continente evocado no cartão VII é o materno, mas a relação com esse continente afigura-se como extremamente

ameaçadora para o sujeito, existindo um risco de destruição mútua, pelo eventual exercício de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo. Por conseguinte, como constatámos nas respostas ao cartão VII, a solução, transitória, passa pela negação do conflito com o objecto materno de natureza pré-genital, através da sideração da dinâmica continente-conteúdo, associada à efémera reparação tóxica da barreira de contacto.

Por último, salientamos que o sujeito, na prova de escolhas, escolheu este cartão positivamente, devido a uma idealização das suas representações infantis – “Gosto muito de crianças” –, que não permite a elaboração mental da frustração inerente à relação precoce com o objecto materno, sendo relevante realçar que o movimento de idealização do sujeito se sustém no registo narcísico, através da relação especular – “Olhei para isto como se fossem gémeos”. Neste sentido, na prova de escolhas, a emergência emocional de idealização da imagem infantil – “Gosto muito de crianças” – associada ao desdobramento narcísico – “gémeos” – representa a mobilização de um registo impermeável da barreira de contacto (o intenso estado anestésico da barreira de contacto remedada não se coaduna com a mobilização psíquica de qualquer emergência emocional), em virtude da expressiva emergência emocional atribuída pelo sujeito a si próprio e, projectivamente, à sua imagem no objecto, a qual torna extremamente rígido e difícil o acesso psíquico à diferença, subjacente à ligação/separação entre distintos elementos conscientes e inconscientes.

### *Cartão VIII*

O Gabriel manifestou um significativo tempo de elaboração prévio à primeira resposta (tempo de latência de 15 segundos), que evidencia a dificuldade de emissão de uma imagem que ligue/separe a percepção com a projecção. Assim, face ao primeiro cartão com cores pastel, que solicita as possibilidades de mobilização relacional e afectiva com um Outro, o sujeito apresenta uma nítida e severa dificuldade de nomear as emoções e contê-las numa imagem bem definida, ficando assim, de início, o vago de uma «coisa-em-si» por representar, que implicaria o exercício de consciência interpretativa, a qual o sujeito tenta mobilizar através de uma precaução verbal, mas que acaba por manifestar, sobretudo, a incapacidade de aceder a uma imagem com significado – “Parece uma imagem. Qualquer coisa estranha”. Deste modo, este discurso evidencia, claramente, a emergência de elementos beta à espera de serem transformados e significados pela função  $\alpha$ .

O sujeito tenta, então, conter a angústia suscitada pelo cartão, numa resposta global (em G), por forma a incluir todos os elementos perceptivos da mancha, desencadeadores de

emoções dispersas e insignificadas. Este esforço é retomado, no inquérito, na tentativa de justificação perceptiva de vários elementos pertencentes à imagem “armadura”, que se consubstancia numa imagem com má adequação formal (F-), mas que protege o sujeito de uma maior invasão emocional, que o conceito “armadura” parece encerrar. Este continente rígido garante que muito poucos conteúdos possam nele entrar, mas também dele sair, perante um perigo destrutivo que se pressente, quer na realidade externa quer na interna. As armaduras servem para evitar ferimentos provocados por um Outro exterior, mas também tendem a entorpecer os movimentos, a reduzir a actividade do Eu no mundo, derivada das moções pulsionais, e consistindo numa defesa contra o estabelecimento do vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, que evidencia o modo impermeável da barreira de contacto que se estabelece entre o fantasma e o percepto, entre o Eu e o Outro.

Esta resposta sublinha, assim, um movimento de reforço da espessura da barreira de contacto, cuja função é impedir uma emergência incontida de elementos beta. A função  $\alpha$  está, deste modo, a funcionar precariamente, manifestando uma escassa transformação de elementos beta em elementos alfa. Assiste-se a uma tentativa de centração em elementos perceptivos da mancha – no inquérito – mas tal movimento revela-se desadequado, por ser pouco conforme com a realidade objectiva da mancha, sendo esta distorcida pela rigidez defensiva imposta pelo sujeito (solução necessária para oprimir emergentes e intensos movimentos projectivos, parecendo que a implícita alusão bélica, inerente à “armadura”, indicia o perigo de irrupção de um fantasma destrutivo).

Realçamos a possibilidade de existir uma associação de significado entre o “cadeado”, emitido pelo sujeito no cartão anterior, e a “armadura”, proferida nesta resposta. A sideração é manifesta em ambas as respostas, mas no conceito de “armadura” existe, ainda assim, algum potencial de movimento, e tal imagem serve como sustentação de um continente rígido e resistente, enquanto o “cadeado” foi utilizado para preencher, prender e paralisar o espaço dinâmico que medeia o continente e o conteúdo, o espaço da relação entre o Eu e o Outro, ou seja, a barreira de contacto.

Por conseguinte, o movimento de impermeabilização da barreira de contacto suscitado na resposta 16, permite que o sujeito consiga, no elaborativo momento psíquico subsequente, uma maior adaptação à realidade externa (F+), numa conciliação banal entre o mundo interno e o mundo externo, inerente ainda a um modo de funcionamento rígido (mas mais atenuado em comparação com a resposta anterior) de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes. De facto, parece que o escasso potencial de movimento que a “armadura” permite foi accionado, já que o sujeito consegue emitir a típica resposta de “bichos que estão a

subir”, na qual é manifesta a reduzida contribuição cinestésica do mundo interno do sujeito, em virtude da resposta ter ocorrido através da observação do cartão na posição habitual, sendo esta favorável à atribuição de movimento a conteúdos animais associados aos elementos perceptivos laterais, de cor rosa. Para além disso, destacamos a incapacidade evidenciada em definir com nitidez o conteúdo animal – “bichos” –, rigidez essa que assinala a impermeabilidade de funcionamento da barreira de contacto, a qual está ao serviço de uma diminuição da inquietante ressonância fantasmática, na construção da resposta Rorschach.

### *Cartão IX*

Face a este cartão, que invoca movimentos regressivos, de índole pré-genital, verifica-se um aumento excessivo do tempo de latência (choque manifesto). Este sugere um marcado esforço do sujeito em estabelecer uma resposta que integrasse, através do acesso à posição depressiva, elementos psíquicos dispersos no todo da mancha Rorschach, mas o sujeito acaba por manifestar as dificuldades em ligar/separar convenientemente a percepção com a projecção. De facto, o Gabriel parece ter estado, durante o tempo de latência, a tentar formar uma imagem íntegra, capaz de incluir toda a mancha Rorschach, como forma de a conter num continente global (em G) todos os conteúdos arcaicos evocados pelos elementos perceptivos do cartão, elementos  $\beta$  que o sujeito tem dificuldades em nomear, ou seja, de transformar essas impressões sensoriais, sem nome, em elementos psíquicos significados ( $\alpha$ ), que resultariam de um bom desempenho operativo da função  $\alpha$ .

Assim, julgamos que se deve considerar as duas respostas atribuídas, neste cartão, como uma tentativa de agregação de elementos perceptivos e projectivos, numa soma forçada das partes que resultasse num símbolo coeso e bem definido. Esta hipótese interpretativa parece-nos reforçada pela diferença mínima verificada entre o tempo de latência e o tempo total do cartão (5 segundos).

Por conseguinte, o sujeito emite uma primeira resposta de conteúdo animal parcial – “Parece o focinho de uma vaca” -, com uma suficiente adequação formal face ao grande detalhe perceptivo mobilizado. Porém, a natureza parcial do conteúdo acedido revela uma forte restrição da projecção na sua conexão com a percepção, manifestando, deste modo, um registo rígido de funcionamento da barreira de contacto, necessário, ainda assim, para preservar a capacidade de adaptação à realidade externa (F+), face à possibilidade de uma irrupção excessiva de elementos  $\beta$ , sendo esta uma quantidade de «matéria-prima», em estado

bruto, do pensamento, muito superior à disponível capacidade transformativa da função  $\alpha$ . Salientamos que, no inquérito, o esforço restritivo de mobilização de elementos inconscientes fracassa, uma vez que o sujeito perde a consciência que está a interpretar, desaparecendo a precaução verbal “parece” (utilizada na resposta espontânea) face ao poder da identificação projectiva – “É a cabeça de uma vaca” –, que revela elementos projectivos de cariz persecutório – “Parece que está escondida atrás de qualquer coisa”. Neste sentido, a dimensão persecutória da imagem, expressa, de forma evidente, o vínculo parasitário da relação continente-conteúdo que se descobre, paradoxalmente, ao estar «escondido». De facto, o conteúdo “cabeça de uma vaca” fica «escondido» da percepção do sujeito, pois torna-se angustiante, encontrando-se “atrás de qualquer coisa” que não se consegue nomear, continente que não se revela adequado para conter e significar a angústia. Tal resulta na emergência de elementos psíquicos dispersos que se misturam, de forma confusional, à imagética inicialmente emitida pelo sujeito – “Em cima, vêem-se os cornos” – desvendando o potencial destrutivo do fantasma.

Na realidade, a tentativa de adaptação à realidade externa, atribuída na resposta espontânea, manifesta, no inquérito, a pouca sustentabilidade do modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto, acabando o sujeito por se submeter à excessiva potência da identificação projectiva, mecanismo psíquico associado ao registo desintegrativo da posição esquizo-paranóide. Consideramos pertinente realçar a modificação da designação atribuída à imagem, a qual ocorreu da resposta espontânea para o inquérito: de “focinho de uma vaca” para “cabeça de uma vaca”. Note-se que, embora esta última nomeação ainda esteja no domínio dos conteúdos animais, a ligeira expansão do conteúdo parcial para uma designação imagética que também pode abarcar um determinado conteúdo humano parcial – “cabeça” – sugere a ocorrência de uma atenuação do movimento defensivo de deslocamento para o reino animal, conducente a um vislumbre da relação eminentemente humana – “Parece que está escondida atrás de qualquer coisa” – na qual se denota um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo.

Por conseguinte, face a um conteúdo parcial, reveladora da natureza parcial e persecutória do objecto materno pré-genital, cuja dor mental se torna insuportável no psiquismo do sujeito, este tenta, na resposta seguinte (19), unificar o disperso. Todavia, esse movimento não resulta de um acesso à posição depressiva, mas sim da mobilização de mais um conteúdo parcial através do modo de funcionamento da posição esquizo-paranóide – “(...) umas patas” – num pequeno pormenor, raramente invocado (Dd), que merece, ainda assim, uma inicial precaução verbal – “Parecem (...)” – mas sem sustentabilidade ao nível da

consciência interpretativa, uma vez que o sujeito tenta «colar» o novo engrama, com todo o custo perceptivo (F-), à resposta anterior – “São as patas da vaca”.

O domínio da posição esquizo-paranóide torna-se assim evidente nesta resposta, bem como no inquérito da resposta 18, mostrando um vincado modo de funcionamento permeável da barreira de contacto. Desta forma, podemos conceber que, para o sujeito, entre o “focinho de uma vaca” e as suas “patas”, existe toda uma área esburacada, inominável, uma rasgadura muito extensa da barreira de contacto.

### *Cartão X*

Este cartão Rorschach possui o significado particular de ser o último, solicitando, deste modo, a elaboração da angústia de separação por parte do sujeito. Adicionalmente, as características fragmentadas da mancha apelam à emergência de uma dor mental de nível mais arcaico (a angústia de fragmentação), sendo invocada a capacidade de integrar os elementos dispersos derivados do funcionamento da posição esquizo-paranóide, através do acesso subsequente à posição depressiva.

Desta forma, face à desintegração do estímulo Rorschach, o Gabriel manifesta a necessidade de um longo tempo prévio à emissão da primeira resposta a este cartão (tempo de latência de 25 segundos), durante o qual, recorre à acção de tapar a metade esquerda da mancha, comportamento recorrente ao longo da prova (cartões I, III, V e X). Contudo, sublinhamos que, somente neste cartão, tal acção é mobilizada no processo de construção da primeira resposta, o que indicia um maior impacto fantasmático desse estímulo no sujeito, repercutindo-se numa menor capacidade de suste e elaborar a dor suscitada no domínio mental, designadamente através de um adequado continente psíquico.

A angústia de fragmentação mobilizada parece ser, assim, intensa no psiquismo do Gabriel, ou seja, a invocação do processo primário é demasiado forte, ancorando-o excessivamente na posição esquizo-paranóide. Tal repercute-se na necessidade de expulsar parte dessa dor por meio do registo comportamental, designadamente através da habitual passagem-ao-acto do sujeito face ao objecto Rorschach (tapar a metade esquerda da mancha, podendo ou não ser seguida de um destapar antes da emissão da resposta). Recordamos que o valor compreensivo deste peculiar comportamento, o qual é recorrente, parece estar associado à conduta toxicómana do sujeito, designadamente aos actos de consumo de drogas, de contração corporal, constituindo esta uma solução habitual face à dor psíquica que não consegue ser contida e transformada no domínio mental, dada a intensa intolerância à

frustração. Através deste acto há, novamente, uma alusão à simetria (é tapada uma metade da mancha Rorschach), que, por várias vezes, foi comentada explicitamente pelo sujeito como característica inerente às manchas Rorschach. Desta forma, ao recorrer a esse comportamento, o sujeito enfatiza que basta ter acesso perceptivo a uma parte da realidade externa da mancha, uma vez que a restante é exactamente idêntica e, por isso, desnecessária. Ora, tal acto é, obviamente, uma recusa selectiva das realidades externa e interna, designadamente o facto de que o Outro é diferenciado do Eu, dor que é de tal forma insuportável que leva a uma acção de desinvestimento das relações humanas, através de uma particular passagem-ao-acto de centração próprio-sensorial: o tapar de uma metade da mancha, corresponde a um tapar do Outro que é reduzido a uma imagem projectada de si, acabando a mesma por ser obscurecida, apagada, como consequência de um extremado retraimento pulsional. Por conseguinte, a própria imagem reflectida no Outro revela-se insuportável para o sujeito, ficando apenas um Eu sem objecto nem imagem de si.

Todavia, tal como no cartão I e III, o sujeito faz, de seguida, um ligeiro movimento progrediente, ao destapar a mancha antes da emissão da resposta, acedendo, novamente, a toda a realidade externa do cartão. O descrito parece sugerir que, pelo menos, a relação do Eu com a sua imagem é recuperada e mobilizada, ocorrendo um acesso, nem que seja apenas potencial, à relação com um Outro, mais ou menos transfigurado pela intensidade do desdobramento da representação de si.

Em síntese, ao nível intrapsíquico da barreira de contacto do sujeito, consideramos que o acto de tapar uma parte da mancha representa o processo de inscrição activa de elementos tóxicos nas fendas daquela membrana psíquica, enquanto o contra-acto de destapar, marca o início do processo de desgaste/rompimento dos remendos efectuados.

Porém, importa salientar, ainda, uma nova particularidade, inerente ao comportamento do sujeito de tapar e destapar a metade esquerda da mancha, e que surge apenas neste cartão: entre o tapar e o destapar, e o destapar e a emissão da resposta, o sujeito manipula o cartão, actos intercalares de todo um processo actuante que parecem ser necessários para orientar a percepção, face às etapas intrapsíquicas do processo de reparação tóxica e efémera da barreira de contacto. Curiosamente, parece existir neste processo um mediador agido, em vez de psíquico, de ligação/separação entre actos extra-psíquicos (tapar, manuseio da orientação do cartão, destapar, manuseio da orientação do cartão) e algo que podemos designar de actos intra-psíquicos (*acting-in* na barreira de contacto, inerente ao processo de inserção e consumo de elementos tóxicos nas lacunas da barreira que procede à ligação/separação de elementos conscientes e inconscientes). Por conseguinte, este mediador agido parece ser investido pelo

sujeito somente em ocorrências de enorme dor mental (a angústia de fragmentação suscitada por este cartão parece ser dessa magnitude) as quais, ao mobilizarem uma forte defesa tóxica siderante, suscitam um movimento de reorganização actuante da percepção, como forma de manter um contacto mínimo não só com a realidade externa, mas também com a realidade interna que aquela evoca. Desta forma, o sujeito evita que a anestesia da dor mental atinja o nível da *overdose*, que conduziria, no limite, à morte, mental e física.

Com a conclusão do processo de suspensão da dinâmica da barreira de contacto, sustentado no modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, o sujeito, com a supressão da intolerável sensação de angústia (que o estado anestésico promove em determinados pontos «remendados» da barreira de contacto) consegue, de seguida, mobilizar a dinâmica associada a outra localização da barreira de contacto, em que a sua qualidade, embora rígida, possibilita a construção de uma resposta adaptativa, de conteúdo banal. Porém, salientamos que essa resposta (20) é marcada por um retomar da imagem pouco definida de “bichos”, emitida no cartão VIII “a subir”, e que no cartão X parece que já estão “aqui em cima”.

Apesar de as imagens emitidas nessas respostas apresentarem adequação formal, a rigidez, participante nos seus processos de elaboração, assinala um indubitável e intenso esforço em restringir/impedir a emergência de elementos inconscientes. De facto, entre a resposta 17 (última do cartão VIII) e a resposta 20 (primeira do cartão X) parece que os “bichos” ao “subir” tiveram que dar um «salto» sobre a intensa angústia, de tipo pré-genital, suscitada pelo cartão IX, para poderem ser, então, apreendidos “aqui em cima” no cartão X. Para que o «salto» não resulte numa «queda» perigosa no modo de funcionamento permeável da barreira de contacto suscitado, em grande medida, no cartão IX, o sujeito precisa fazer uma ligeira derrapagem no processo primário, através de uma «colagem» do conteúdo à realidade perceptiva do cartão X, designadamente através da expressão de securização espacial “aqui”. Anotamos que a mesma expressão de tipo «adesivo» foi veiculada pelo sujeito na resposta 17 (cartão VIII), o que reforça a natureza de ligação «colada» entre as imagens proferidas nas respostas 17 e 20. Para além disso, a precaução verbal – “parecem” –, surge em ambas as respostas, eventualmente para atenuar, ligeiramente, a carga projectiva da expressão “aqui”.

Consideramos importante frisar que os conteúdos das respostas 17 e 20 aglutinam-se em vez de serem integrados, ligados/separados, devido, fundamentalmente, à ausência de um continente adequado face ao estímulo do cartão IX, cartão que na sua significação simbólica materna, pré-genital, provoca no sujeito uma ressonância fantasmática de severa insuficiência nutritiva do psiquismo, derivada da relação precoce com um seio ausente (física e/ou

emocionalmente). Por conseguinte, o sujeito manifesta que não consegue elaborar, em pensamentos, as experiências de frustração com o continente materno, que decorreriam de um processo inerente à realização negativa do seio. Aliás, não é apenas entre a resposta 17 e 20 que existe um «salto» psíquico, mas também no próprio vazio que as medeia, ou seja, no salto intra-imagético da figura da “vaca” do cartão IX, uma vez que entre o “focinho de uma vaca” (resposta 18) e as suas “patas” (resposta 19), há uma grande parte dessa imagem que está esburacada, revelando uma fragmentação da representação corporal extremamente dolorosa, que é evocada no cartão X, por ser este o cartão que mais solicita a mobilização desse tipo de angústia.

Naturalmente, um «salto» psíquico provoca um efeito perturbador, disruptivo na continuidade psíquica do sujeito, ou seja, a «queda» evitada acaba por se concretizar nas respostas seguintes, e finais, do protocolo.

Antes de proceder a uma análise dessas respostas, importa explicitar o processo conducente aos momentos psíquicos da sua emissão. Assim, consideramos relevante realçar que as respostas 17 e 20 mostram conteúdos aglutinados e praticamente indistintos, uma vez que existe apenas uma inusitada mudança espaço-temporal (entre a última resposta do cartão VIII e a primeira do cartão X) que ocorre mediante uma espécie de «teletransporte» imagético, entre os locais de partida e de chegada dos “bichos”. Este processo assinala a insustentabilidade da rigidez de funcionamento da barreira de contacto, já que a aglutinação e indiferenciação são características associadas a equações simbólicas. Significante e significado «colam-se» e perdem a sua diferenciação. Neste sentido, o sujeito não conseguiu evitar, através do «salto» psíquico que fez, a «queda» numa «cratera» da barreira de contacto. Esse grande rompimento da barreira de contacto resulta de uma elevada potência fantasmática, de índole materna pré-genital, que irrompe de forma severa no cartão IX, e que o sujeito arrasta-a na abordagem ao cartão X, tentando-a paralisar através do processo de «remendos» da barreira de contacto, que ocorre preliminarmente à primeira resposta cotável.

Todavia, a acrescer à dor mental suscitada pelo cartão IX, o sujeito tem que enfrentar também a angústia de fragmentação despoletada pelo conteúdo latente do cartão X, bem como a angústia de separação (o cartão X é o último da prova Rorschach), que acabam por romper os frágeis remendos tóxicos tecidos na barreira de contacto. Assim, logo após a concretização do «salto» o sujeito incorre intensamente no processo primário, com a concomitante emergência da tela beta através do enorme «buraco» ocorrido na membrana psíquica que procede à mediação de elementos conscientes com elementos inconscientes.

Desta forma, o sujeito sucumbe ao registo da posição esquizo-paranóide, através de conteúdos anatómicos nas respostas 21 e 22, que manifestam a fragmentação suscitada no psiquismo do sujeito, resultando pela sequência de registos Ps → Ps, uma efectiva instauração da tela beta. Nesta medida, o continente mostra-se tão frágil e transparente que se rasga, levando a uma extensa perda dos seus limites, expondo, assim, de forma crua, e recorrente, os seus conteúdos (“coração” na resposta 21 e “pulmões” na resposta 22), realçando a cabal degradação da barreira de contacto, que é substituída pelo modo de funcionamento da tela beta, em que a desintegração psíquica é muito intensa, por forma a eliminar toda a fonte de dor mental.

Para além disso, realçamos que o sujeito procede, no inquérito da resposta 21, a um movimento de evacuação de «algo» associado à imagem “coração”, «coisa-em-si» que não consegue ser significada e, por isso, só pode ser expelida – “Dá para ver aquela coisa que sai do coração”. Assim, o “coração de duas pessoas” (inquérito da resposta 8 do cartão III) parece perder com o final da prova uma das “pessoas”, objecto que esteve investido de forma simbiótica, e cuja dor da separação é de tal forma dilacerante que o sujeito não consegue nomear o objecto, ficando apenas a impressão sensorial inominável – “Dá para ver aquela coisa que sai (...)”. Neste discurso, subjacente aos momentos finais da relação Rorschach, é notório também o apelo implícito feito ao técnico, para que identifique (capacidade de rêverie), contenha (qualidade do continente) e signifique (função  $\alpha$ ) a dor do sujeito inerente à separação – “aquela coisa que sai (...)”.

### 6.1.2. Análise do psicograma e grelha I

No psicograma do protocolo A, podemos constatar que o número de respostas emitidas (22) enquadra-se nos valores normativos que, associado ao facto de não ter ocorrido nenhuma recusa, revela que o Gabriel investiu, suficientemente, na prova, no sentido de emitir respostas que correspondem à solicitação proposta pela instrução Rorschach. Porém, o tempo total de realização da prova (16’25”) foi claramente escasso, e o tempo por resposta (43”) manifesta também um pouco essa orientação, embora de forma mais atenuada, revelando, assim, uma insuficiente exploração na relação com o objecto Rorschach e, igualmente, com o clínico.

Sublinhamos que tal dificuldade em estabelecer um vínculo K, promotor do conhecimento emocional do objecto Rorschach e de uma compreensão da experiência

emocional decorrente da relação com o clínico, parece dever-se a uma intensa angústia face ao desconhecido, ao diferente, que a apresentação de cada cartão Rorschach evoca, e que é manifestada por um acentuado tempo de latência médio (22''). Neste tempo de latência médio, destacamos que o sujeito, em vários cartões (II, III, IV e VI), emitiu um comentário de simetria, no decorrer do tempo prévio à emissão da primeira resposta, que associámos a um investimento psíquico de remendos tóxicos na barreira de contacto, por forma a anestesiar a dor mental que emerge nas lacunas daquela membrana psíquica, face à apresentação de um objecto com características ambíguas. De facto, perante uma informe mancha Rorschach, e face à instrução da prova, é invocado o exercício da função  $\alpha$ , ou seja, a própria actividade e consequente manifestação da qualidade da barreira de contacto, que se evidencia na forma como são conciliados os elementos perceptivos conscientes, inerentes ao objecto Rorschach, com os elementos projectivos inconscientes que são evocados no psiquismo do sujeito. Por conseguinte, o Gabriel não manifestou nos cartões supra referidos uma mobilização suficiente da função natural de significação da dor mental (função  $\alpha$ ), que expressa a actividade da barreira de contacto. De facto, o sujeito procedeu - através de iniciais comentários de simetria face a cartões Rorschach -, a fugas ao pensamento, mediante movimentos tóxicos paralisantes da barreira de contacto, soluções «remendadas» e, por isso, efémeras para lidar com a dor mental suscitada pela experiência Rorschach, solicitante de um continente psíquico adequado para conter e significar essa angústia, mas que o sujeito, nesses momentos psíquicos, denotou não possuir.

Para além disso, realçamos que o tempo por resposta (43'') enquadra-se dentro dos valores normativos, embora tal não signifique, por esse factor, que o processo de construção das respostas tenha seguido, preferencialmente, um registo psíquico hiperadaptado, ou mesmo banal, à realidade externa, associado a um modo de funcionamento rígido da barreira de contacto.

De facto, tal como podemos observar na grelha I, apenas 8 (das 22 respostas proferidas pelo Gabriel) estão assinaladas como reveladoras do exercício de uma qualidade impermeável de funcionamento da barreira de contacto, no qual o aumento efectivo de elementos  $\alpha$  na barreira de contacto é inexpressivo, dado o escasso funcionamento da função  $\alpha$ . Aliás, na mesma grelha, face a esse número de respostas - marcadas por uma construção rígida na ligação/separação entre elementos perceptivos e projectivos -, constatamos uma expressão numérica similar de imagens (7 respostas) que revelam movimentos regressivos, de degradação da barreira de contacto, na qual ocorre uma excessiva emergência de elementos

inconscientes, com uma dominância da projecção sobre a percepção no processo-resposta Rorschach, nas quais destacamos 6 respostas de registo permeável da barreira de contacto e, num momento da prova (resposta 22), a ocorrência da instauração da tela beta, dada a sequência de movimentos desintegrativos (Ps→Ps).

No que concerne à expressão da barreira de contacto remendada, para além dos comentários de simetria ocorridos durante os tempos de latência, associados à emissão de uma primeira resposta cotável aos cartões II, III, IV e VI, destacamos que um outro comentário de simetria foi proferido pelo sujeito num momento de anestesia da dor mental inter-respostas (entre as respostas 3 e 4) ao cartão I, e durante o processo de construção da resposta 14 proferida no cartão VII, em que esta favoreceu o acesso a uma imagem nítida de conteúdo especular – “(...) dois gémeos –, manifestando, indubitavelmente, o exercício do desdobramento narcísico. Para além disso, salientamos que o Gabriel emitiu um total de 6 respostas, nas quais o registo psíquico da barreira de contacto remendada foi evidente (emitidas nos cartões III, V e VII). Desta forma, apesar dos registo impermeável (8 respostas) da barreira de contacto, ter revelado maior expressão numérica de respostas na prova, em comparação com o observado modo de funcionamento da barreira de contacto remendada (6 respostas), os diversos comentários de simetria emitidos (nos cartões I e VII, e durante o tempo de latência dos cartões II, III, IV e VI), assim como o comportamento recorrente de tapar/destapar a metade esquerda da mancha (cartões I, III e X), enfatizam a expressão significativa de um processo psíquico de desdobramento da representação de si, que promove a sustentação efémera da barreira de contacto remendada, em vários momentos da situação Rorschach.

Por outro lado, realçamos que, só na resposta 13 (cartão VI), o sujeito manifestou a capacidade de conciliar, adequadamente, elementos psíquicos decorrentes da percepção com emergentes elementos projectivos, ou seja, apenas no processo de construção dessa resposta, o Gabriel revelou um exercício efectivo e eficaz da função  $\alpha$ , associado a uma qualidade semi-permeável de funcionamento da barreira de contacto.

No que concerne aos modos de apreensão, ao analisarmos o psicograma, constatamos que a maior parte das respostas (8) seguiu o modo de apreensão global (em G), cuja percentagem (41%, que inclui, ainda, uma resposta global com inclusão de pormenores brancos intramaculares – Gbl -) manifesta-se, significativamente, superior aos valores normativos. Tal incidência neste modo de apreensão deve-se, essencialmente, a um processo psíquico de sobre-investimento da realidade perceptiva da mancha Rorschach, por forma a restringir a emergência de angustiantes elementos inconscientes. De facto, metade das

respostas globais (4 respostas) emitidas pelo sujeito, manifestam o modo de funcionamento rígido da barreira de contacto, sendo as restantes respostas, reveladoras de uma mobilização praticamente repartida, de forma equitativa, por outros registos de funcionamento da barreira de contacto (semi-permeável, permeável e remendada), tal como pode ser observado no registo que efectuámos na grelha I. Realçamos que a resposta 3 (cartão I) – “(...) uma máscara” –, cujo modo de apreensão foi em Gbl, manifesta, igualmente, um registo rígido da barreira de contacto, no qual se procura estabelecer um reforço dos limites entre o dentro e o fora, entre o Eu e o Outro, entre a projecção e a percepção. Desta forma, o sujeito denota um esforço em travar a hemorragia de elementos  $\beta$  infligida na membrana psíquica mediadora entre o consciente e o inconsciente, por decorrência da resposta anterior, em que ocorreu uma excessiva permeabilidade da barreira de contacto – “(...) mosca esmagada (...) abelha esmagada”.

No que concerne às respostas, cujo modo de apreensão se centra em pormenores das manchas mobilizados frequentemente (D), verificamos que 12 respostas se enquadram neste registo de apreensão do material Rorschach, valor percentual (54%) que é um pouco inferior aos valores normativos. Tendo em consideração os dados referentes à grelha I, verificamos que nenhuma resposta em D é mobilizada de acordo com um registo adequado de semi-permeabilidade de funcionamento da barreira de contacto, tendo sido a maior parte das respostas de grande detalhe (5 respostas) construídas de acordo com o modo psíquico da barreira de contacto remendada, em que o sujeito procurou suspender a dinâmica de ligação/separação entre elementos perceptivos e elementos projectivos, por forma a anestesiar a dor mental suscitada nessas respostas, ou seja, o sujeito não foi capaz de recorrer à função  $\alpha$  por forma a significar adequadamente os elementos  $\beta$ , que emergiram nesses momentos da situação Rorschach (cartões III, V e VII). Para além disso, o número de respostas, em D, em que se verificam movimentos regressivos, na óptica conceptual bioniana da barreira de contacto, é expressivo (4 respostas: 3 respostas referentes ao modo de funcionamento permeável da barreira de contacto e 1 resposta que assinala a instauração da tela beta). Neste sentido, estas respostas manifestam que, para o Gabriel, a interpretação selectiva da realidade externa está associada, frequentemente, a uma dor mental, cuja intensidade é muito difícil de conter, uma vez que elementos parciais da realidade externa tendem a evocar, no sujeito, objectos com parcial e insuficiente qualidade de continente. Por último, apenas três respostas interpretadas em D, foram construídas segundo o registo rígido da barreira de contacto.

Por conseguinte, enquanto as respostas do sujeito, com modo de apreensão em G, revelam, predominantemente, um modo impermeável de funcionamento da barreira de contacto, a angústia inominável que determinados elementos perceptivos das manchas Rorschach suscitaram no Gabriel, não possibilitaram o recurso frequente a um reforço defensivo da espessura da barreira de contacto, uma vez que a irrupção dos elementos beta evocados por essas partes das manchas foi demasiado intensa. Essa evidência foi, igualmente, notória na única resposta - a 19, referente ao cartão IX - em que o Gabriel mobilizou um pequeno detalhe (raramente isolado), ou seja, em Dd, na qual fica, exemplarmente, manifesta a severa incapacidade de integração de um elemento parcial num objecto total bem significado - “Parecem ser umas patas. São as patas da vaca” -, uma vez que o sujeito forçou, projectivamente, a constituição de uma unidade imagética, que aliasse a resposta 18 - “(...) o focinho de uma vaca” com umas “patas da vaca” da resposta 19, ficando patente, entre essas respostas, todo um buraco inerente ao «corpo» da imagem emitida e, por conseguinte, da barreira de contacto. Neste sentido, essa resposta realçou a impossibilidade de aceder à posição depressiva, submetendo-se o sujeito ao processo primário subjacente ao modo de funcionamento permeável da barreira de contacto.

No que respeita aos determinantes, salientamos uma preponderância de respostas com determinante formal (17 respostas em 22), associado ao F% (77%) um pouco acima dos valores normativos. Contudo, somente 7 respostas com determinante formal manifestaram uma adequação aos elementos perceptivos das manchas (F+), sendo todas estas derivadas de um registo de funcionamento impermeável da barreira de contacto - tal como se pode constatar na grelha I -, mediante o qual o sujeito se focou nos elementos da realidade externa dos cartões, restringindo, em demasia, a participação/ligação de elementos inconscientes no processo de construção dessas respostas. Neste sentido, o Gabriel manifesta, nessas 7 respostas, um sobre-investimento na adaptação aos elementos da realidade externa, por forma a impedir uma aterrorizante invasão fantasmática.

Porém, esse modo de funcionamento rígido da barreira de contacto não é suficientemente sustentável no psiquismo do Gabriel, como comprovam as suas restantes respostas com determinante formal, as quais evidenciam, sobretudo, uma grande dificuldade em ligar/separar a percepção com a projecção, dada a grande intensidade projectiva inerente a conteúdos que passam, com escassa contenção, pelas lacunas da barreira de contacto. De facto, 10 respostas revelam uma má determinação formal (F-), das quais metade correspondem a um nítido processo degradativo da barreira de contacto, inerente a um registo demasiado permeável dessa membrana psíquica, e uma resposta assinala mesmo a instauração

da tela beta (resposta 22), tal como podemos observar na grelha I. Para além disso, realçamos que três respostas evidenciam um processo tóxico anestésico da dor mental, subjacente ao modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, com implicações num «adormecimento» perceptivo da realidade externa. Realçamos ainda que o sujeito proferiu uma resposta com má adequação formal, sob o registo rígido da barreira de contacto (resposta 16, ao cartão VIII), revelando um intenso esforço de constituição de uma “armadura” protectora face a uma massiva emergência de elementos  $\beta$ .

Por conseguinte, no psicograma do Gabriel, constatamos que o  $F+\%$  é muito baixo (41%), manifestando um fraca capacidade de conciliar a realidade externa com a actividade fantasmática, já que esta tende a sobressair, manifestando uma exacerbação da componente projectiva sobre a perceptiva no processo de construção das respostas.

No que respeita a outros determinantes, salientamos a presença de 4 respostas com cinestésias maiores (K), mas a maior parte dessas respostas revela o modo de funcionamento específico da barreira de contacto remendada, no qual é suspensa a relação entre um Eu e um Outro diferenciados, através de uma anestesia tóxica da dor mental decorrente da experiência emocional. De facto, duas dessas respostas revelam a incidência defensiva do desdobramento da representação de si (respostas 6 e 14), e a resposta 12 manifesta uma intensa imobilização dos movimentos pulsionais. Por conseguinte, os processos psíquicos conducentes à emissão dessas respostas, não permitem a nomeação significativa de conteúdos humanos dinâmicos, uma vez que tal implicaria a sustentação de uma relação entre personagens/elementos psíquicos diferentes, com uma concomitante evocação de experiências intoleráveis de frustração no psiquismo do sujeito. Para além disso, salientamos que a resposta 5 regista, igualmente, um determinante cinestésico maior no seu processo de emissão, no qual se constata a incidência de movimentos psíquicos de activação de elementos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto, observáveis através do recurso ao desdobramento da representação de si. Porém, na continuidade do discurso inerente à resposta 5, sobressai um dominante registo permeável da barreira de contacto, uma vez que os remendos tóxicos tecidos na barreira de contacto rompem-se rapidamente, em virtude de uma intensa emergência de elementos  $\beta$ , suscitada, sobretudo, pelos pormenores vermelhos da mancha do cartão II, mas também pela disforia provocada pelos elementos perceptivos de cor negra.

Consideramos ainda pertinente salientar que a única resposta em que observámos um registo adequado (semi-permeável) de funcionamento da barreira de contacto (resposta 13), apresenta um determinante duplo associado ao seu processo de elaboração (FE), no qual a integração global (em G) de vários elementos perceptivos bem definidos em termos de

adequação formal (F+), constituiu-se como um continente suficientemente eficaz para conter uma ressonante projecção de conteúdos emocionais, de índole sensorial (E).

No que concerne a conteúdos, o protocolo do Gabriel apresenta um número adequado de conteúdos banais (6) que, correspondem, essencialmente (4 respostas), a movimentos hiperadaptativos à realidade externa, consubstanciados na mobilização de um registo rígido da barreira de contacto, por forma a inibir uma aterrorizante e, por isso, intolerável, emergência fantasmática. Para além disso, realçamos que a expressão percentual da emissão de conteúdos animais (A%) enquadra-se dentro dos valores normativos (excluindo e incluindo conteúdos animais fictícios, respectivamente, 36% e 50%), e a percentagem de conteúdos humanos apresenta-se, igualmente, de acordo com a norma, embora o valor percentual que inclui conteúdos humanos irrealis (H%- 23%) se encontre ligeiramente superior aos valores normativos. Destacamos que duas das três respostas com conteúdos animais irrealis (respostas 2 e 4), manifestam um modo de funcionamento permeável da barreira de contacto, no qual o fantasma impõe-se claramente à percepção, através das brechas daquela membrana psíquica, o mesmo sucedendo na única resposta com conteúdo humano irreal (resposta 10) emitida pelo Gabriel. De facto, nessas respostas, fica evidente a actividade de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, cuja grande intensidade do ódio não permite uma ligação/separação adequada entre elementos conscientes e inconscientes, provocando a expressão de um tema de destrutividade (resposta 2), de severa amálgama/confusão entre elementos psíquicos (resposta 4) e de irrupção do carácter maligno do objecto materno pré-genital (resposta 10). Para além disso, frisamos que a maior parte das respostas com conteúdos humanos reais realçam o registo psíquico da barreira de contacto remendada, em que a representação de si (resposta 12) ou a representação das relações (respostas 6 e 14) ficam sideradas, dada a intolerável dor mental que suscitam no sujeito. Em tal processo paralisante da actividade da barreira de contacto, participam uma imobilização dos movimentos pulsionais (resposta 12) e um desdobramento da representação de si (respostas 6 e 14), que suspendem a dolorosa dinâmica da relação continente-conteúdo através de remendos tóxicos tecidos nas lacunas da barreira de contacto. Adicionalmente, salientamos a presença de três respostas com conteúdos anatómicos, as quais evidenciam extensos rasgos da barreira de contacto, mas que sublinham três modos diferentes de funcionamento psíquico: o conteúdo inerente à resposta 8, evidencia a exposição explícita do interior de um «corpo»/continente, mas cuja intensa dor mental é anestesiada toxicamente através do mecanismo de desdobramento narcísico, que permite a sustentação efémera da barreira de contacto remendada; na resposta 21 observa-se um movimento regressivo à posição esquizo-

paranóide, no qual a quebra de limites entre o dentro e o fora manifesta o registo permeável da barreira de contacto; por último, a resposta 22 revela a persistência em movimentos psíquicos desintegrativos, promovendo a instauração da tela beta. Aliás, realçamos que o índice de angústia, para o qual contribuiu, exclusivamente, as respostas com conteúdos anatómicos dadas pelo Gabriel, mostra um valor (14%) um pouco elevado face aos valores normativos, denotando, assim, o peso significativo de conteúdos referentes à expressão da angústia de fragmentação, no protocolo do sujeito.

Consideramos ainda pertinente frisar a relevância dos conteúdos objecto emitidos pelo Gabriel (respostas 15 – “(...) cadeado” - e 16 – “(...) armadura”), que manifestam o esforço do sujeito em mobilizar imagens que expressam dureza e resistência face a uma pressentida emergência fantasmática aterrorizante. Porém, as funções que esses objectos desempenham são diferentes. De facto, o “cadeado”, da resposta 15, impede, por um lado, a desintegração da representação de si, associada à separação total (sem qualquer ligação) entre o Eu e a sua própria imagem, mas também previne a diluição/fusão do Eu numa mera imagem especular incorpórea. Neste sentido, essa imagem de um “cadeado” remete para a função de um remendo tóxico na barreira de contacto, que imobiliza/sidera, severamente, a dinâmica entre o interno e o externo, através de um fino tecido reflector que igualiza, temporariamente, elementos psíquicos conscientes e inconscientes. Para além disso, a conjugação desses elementos tóxicos num particular lugar psíquico esburacado da barreira de contacto, promove, pelo espaço mediador que ocupa, uma separação mínima entre o dentro e o fora, impedindo uma confusão dilacerante entre o Eu e o Outro (neste caso, distorcido, projectivamente, a uma mera imagem especular de si). Por outro lado, a imagem da “armadura”, emitida na resposta 16, não manifesta o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, que sobressai na construção da resposta precedente, mas sim um esforço psíquico do sujeito em impedir a emergência de um fantasma com características destrutivas. Tal imagem mostra o reforço da espessura do continente psíquico, mas permite ainda alguma mobilidade na dinâmica relacional continente-conteúdo, conducente, aliás, à emissão, imediatamente subsequente, de uma resposta banal em que o sujeito confere movimento à imagem, apesar de muito facilitado pelas características do cartão VIII. O esforço em aumentar a espessura da barreira de contacto, torna-se, igualmente, evidente na emissão de um conteúdo de máscara (resposta 3), por forma a «encobrir»/restringir uma excessiva emergência de elementos  $\beta$ .

No que concerne à análise do tipo de ressonância íntima (T.R.I.), verificamos um resultado que expressa um tipo introversivo puro, dadas as quatro respostas com cinestésias humanas (K) e nenhuma resposta com determinante cor (C). A inexistência de respostas cor,

associado ao prevalecente modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, que participa na construção das respostas com determinante K (mesmo na resposta 5, na qual sobressai um funcionamento permeável da barreira de contacto, os remendos tóxicos são mobilizados para atenuar/anestesiá-la a dor mental), salientam uma evidente paralisação tóxica da actividade psíquica mediadora entre o Eu e o Outro. Tal assinala a grande dificuldade do sujeito – frágil função  $\alpha$  - em proceder a uma transformação dos elementos de angústia (elementos  $\beta$ ), em elementos psíquicos significados (elementos  $\alpha$ ) e, por isso, susceptíveis de serem utilizados para a constituição de pensamentos propriamente ditos. Por outro lado, a fórmula complementar manifesta uma tendência oposta, no sentido extratensivo, mas a sua expressão é praticamente insignificante, uma vez que não ocorreram respostas com cinestésias menores ( $k_{an}$ ,  $k_{ob}$  e  $k_p$ ), e houve somente uma resposta em que o determinante esbatimento (E) foi evidente - e apenas como segundo determinante (FE). Essa imagem (resposta 5), apesar de manifestar a capacidade de aceder, suficientemente, ao modo semi-permeável da barreira de contacto, numa ligação/separação adequada entre elementos psíquicos conscientes (mais associados ao determinante F+) e elementos psíquicos inconscientes (mais associados ao determinante E), foi antecedida por um comentário de simetria que suspendeu, em determinadas localizações excessivamente permeáveis da barreira de contacto, a dinâmica entre o mundo interno e o mundo externo, funcionando, assim, como uma barreira tóxica face a uma iminente e dilacerante invasão fantasmática.

No que respeita à reactividade à cor (RC%), o valor percentual de respostas referente aos três últimos cartões Rorschach face ao total de respostas (32%) enquadra-se nos valores normativos. Porém, este valor não expressa a capacidade de mobilizar a cor na construção das respostas, uma vez que, nesses cartões cromáticos, apenas foram proferidas respostas com determinante formal (3 respostas com adequada qualidade formal e 4 respostas inadequadas em termos formais ao estímulo). Realçamos, contudo, que três dessas respostas manifestam uma permeabilidade excessiva da barreira de contacto (respostas 19, 21 e a 22, que assinala a instauração da tela beta), que evidenciam a incapacidade do sujeito em conter e significar os elementos  $\beta$  evocados pelo material cromático Rorschach. As restantes quatro respostas aos três últimos cartões mostram, através do registo impermeável da barreira de contacto, o esforço do sujeito em centrar-se em elementos da realidade perceptiva dos cartões: nas respostas 17 e 20, numa hiperadaptação à realidade externa através da emissão de conteúdos banais; na resposta 16, em que a imagem “armadura” denota um movimento psíquico de reforço da espessura da barreira de contacto, face à iminência de irrupção de um fantasma

destrutivo; e a resposta 18, cuja selecção de elementos perceptivos do cartão (em D), permitem o acesso a uma imagem com adequabilidade formal, mas que revelam a natureza parcial do objecto materno pré-genital, que o sujeito não consegue unificar na resposta seguinte, dada a incapacidade de aceder, de forma consistente, à posição depressiva.

Desta forma, para além da análise do RC%, em que verificámos a inexistência de respostas com determinante cor, assinalamos, igualmente que, ao nível global do protocolo do Gabriel, se verifica uma preponderância de respostas com determinante formal (17 respostas num total de 22), o que perfaz uma percentagem de 77% (F%), sendo esta superior aos valores normativos. Todavia, apesar da tendência do sujeito em centrar-se nos elementos da realidade perceptiva, esse esforço acaba por fracassar no seu intento, dada a intensidade projectiva que oprime a função psíquica da percepção, como se conclui pela muito baixa percentagem de respostas com boa qualidade formal (F+%: 41%). Salientamos que as respostas com má qualidade formal estão associadas, fundamentalmente, ao modo permeável da barreira de contacto, em que a irrupção do fantasma é evidente, e ao registo da barreira de contacto remendada, em que face à emergência da dor mental intolerável, elementos tóxicos inscrevem-se nas lacunas daquela membrana psíquica, promovendo uma paralisação, momentânea, da relação continente-conteúdo (responsável pela construção de respostas-símbolos que liguem/separem, devidamente, os elementos conscientes com os elementos inconscientes). Nesta medida, consideramos pertinente frisar que o registo psíquico da barreira de contacto remendada serve a função de siderar a dinâmica da barreira de contacto, em locais especialmente permeáveis dessa membrana psíquica, mas tal não visa a promoção de um melhor ou pior desempenho ao nível da inteligibilidade perceptiva da realidade externa, uma vez que a função dos remendos tóxicos é somente suspender, momentaneamente, a dor mental que irrompe pelas brechas da barreira de contacto, face à fragilidade do exercício da função  $\alpha$ .

De facto, ao nível da inteligibilidade perceptiva da realidade externa, invocamos o conceito de barreira sensível (Farate, 1998, 2000), uma vez que este é especialmente relevante para avaliar a evolução/involução da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes. A função da barreira sensível é assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, e esta capacidade deve melhorar/piorar como consequência da progressão/regressão da qualidade da barreira de contacto em sujeitos toxicómanos. Realçamos ainda que, segundo o autor, um aumento/diminuição da inteligibilidade perceptiva do mundo externo provocará, secundariamente, uma oscilação, no mesmo sentido, ao nível da significação dos objectos internos.

Ao nível do psicograma, a análise do valor registado no indicador F+% alargado permite uma expressão compreensiva e unificada do registo da barreira sensível ao longo da prova Rorschach. Neste sentido, assinalamos que essa percentagem se cifrou apenas nos 50%, realçando que, apesar de todas as respostas do protocolo do Gabriel revelarem dominância formal (F% alargado: 100%), apenas em metade das respostas do sujeito se verificou uma suficiente adequação formal aos estímulos Rorschach. Este resultado salienta, assim, uma instabilidade ao nível da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, que não permite uma consistente re-significação conceptual dos objectos internos, dada a incapacidade de aceder, de forma consistente, ao exercício significante e integrativo da posição depressiva. De facto, tal manifesta uma perturbação na oscilação dinâmica Ps ↔ D, em que o sujeito mostra grandes dificuldades em proceder a movimentos progredientes/integrativos após ter incorrido em movimentos regredientes/desintegrativos. Por conseguinte, a instabilidade verificada ao nível da barreira sensível demonstra a mesma dinâmica perturbada da barreira de contacto do Gabriel. Na realidade, só por um momento no decorrer da prova (resposta 13), o sujeito manifestou uma efectiva elaboração psíquica desenvolvutiva da barreira de contacto – qualidade semi-permeável na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes – e, por conseguinte, da barreira sensível. Nas restantes respostas, o melhor desempenho psíquico do sujeito cifrou-se apenas numa ligeira ou mesmo ínfima evolução na barreira de contacto e na barreira sensível, através do registo impermeável de conexão entre o Eu e o Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, constatado em 8 respostas. Para além do sobre-vestimento no reforço da espessura da barreira de contacto - através de um modo rígido de ligação/separação entre elementos perceptivos (privilegiados) e elementos projectivos (oprimidos), por forma a impedir uma desorganizante irrupção fantasmática -, o Gabriel manifestou ainda uma expressiva tendência em reagir à dor mental mediante um processo tóxico de remendos da barreira de contacto, designadamente através da emissão de 6 respostas que assinalam esse registo, mas também de vários comentários de simetria e de peculiares manipulações dos cartões ao longo da prova (tapar/destapar uma metade da mancha), que salientam o efémero modo anestésico da barreira de contacto remendada. Note-se que, nesses momentos da prova, o modo tóxico paralisante do natural funcionamento da barreira de contacto promoveu, igualmente, uma suspensão da actividade da barreira sensível. Por último, enfatizamos os diversos momentos desintegrativos/involutivos da barreira de contacto e da barreira sensível, registados em 7 respostas (6 respostas de registo permeável da barreira de contacto e uma de instauração da tela beta).

### 6.1.3. Análise da grelha II

Ao analisarmos a grelha II - observação do modo de funcionamento e evolução da barreira de contacto, tela beta e barreira sensível (protocolo do sujeito A) – constatamos uma predominância de registos que salientam o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada (6 respostas, 5 comentários de simetria – sem estarem inseridos no discurso de respostas – e três manipulações de cartões - tapar/destapar a metade esquerda da mancha -). Das respostas proferidas sob o modo remendado da barreira de contacto, consideramos, especialmente elucidativo, o facto das três respostas ao cartão III terem sido emitidas mediante a inscrição activa de elementos tóxicos nas fendas da barreira de contacto, manifestando a intensa dor mental suscitada por um estímulo que remete claramente para a relação entre o Eu e o Outro, e que, por isso, provocou no sujeito uma severa suspensão tóxica da dinâmica da sua barreira de contacto. Tal processo de sideração tóxica revela-se pela notória incidência do mecanismo de desdobramento narcísico (respostas 6 e 8), mas também pela imobilização dos movimentos pulsionais, na resposta 7 (verificada no inquérito). Do mesmo modo, as respostas ao cartão VII verificaram o registo psíquico da barreira de contacto remendada, manifestando a incapacidade do sujeito em proceder a uma ligação/separação diferenciadora entre o Eu e o evocado objecto interno materno. Realçamos que essas duas respostas revelam apenas a emissão de uma imagem pelo sujeito, mas cujo discurso foi dividido, por forma a destacar aspectos particulares que contribuíram no seu processo de construção (o desdobramento narcísico, evidente na resposta 14: “(...) dois gémeos”; e a sideração dos movimentos pulsionais, na resposta 15: “Presos por um cadeado”).

Na contínuo de respostas dadas pelo Gabriel, destacamos também as sucessivas respostas de registo rígido da barreira de contacto emitidas no cartão VIII, sendo a primeira (resposta 16 – “(...) uma armadura”), reveladora de um grande investimento psíquico impermeável, por forma a impedir as emergências pulsionais suscitadas pela presença do primeiro cartão com cores pastel. Essa intensa impermeabilização no modo de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, permitiu, de seguida, a emissão de um conteúdo banal, em que se verificou uma atenuação da restrição à mobilização de elementos  $\beta$ , embora o sujeito ainda apresentasse um modo de funcionamento rígido da barreira de contacto, que prossegue, ainda, na abordagem ao cartão IX (resposta 18), através da emissão de uma resposta com suficiente adequabilidade formal, mas em que a

parcialização de um objecto interno (conteúdo parcial) e de um objecto externo (em D), promove uma restrição da ligação/separação entre o Eu e o Outro.

Anotamos, igualmente, que as duas últimas respostas ao protocolo manifestaram uma persistência de movimentos desintegrativos (Ps → Ps), denotando um término da prova marcado pela instauração da tela beta, dada a enorme dificuldade do sujeito em significar a angústia de perda do objecto – que o aproximar do fim da prova suscita –, mas também a incapacidade em aceder a objectos totais e coesos, face a um estímulo Rorschach que invoca um continente psíquico adequado para conter a angústia de fragmentação.

Para além das supra analisadas recorrências em modos específicos de funcionamento da barreira de contacto, sublinhamos a evidência de uma oscilação dominante, no protocolo, entre os registos impermeável, permeável e remendado da barreira de contacto, que não possibilitam um acesso progrediente e eficaz à posição depressiva, a qual está inerente ao exercício da qualidade semi-permeável de ligação entre elementos psíquicos diferenciados. O facto de, apenas na resposta 13, o sujeito ter conseguido proceder a um movimento de evolução significativa da qualidade de funcionamento da barreira de contacto (modo semi-permeável), manifesta que a dispersão psíquica, provocada pelas 7 respostas (6 respostas de registo permeável da barreira de contacto e 1 de instauração da tela beta), marcadas pela actividade da posição esquizoparanóide, não foi, subsequentemente, integrada em respostas-símbolos consagradas pelo registo da posição depressiva.

Ao nível de uma compreensão integrada do modo de funcionamento predominante do sujeito, registamos que os dois primeiros cartões foram marcados pela disruptividade inerente ao modo de funcionamento permeável da barreira de contacto. Nessa sequência suscitadora de uma persistente e intolerável dor mental, o sujeito apenas conseguiu atenuar a intensidade desses movimentos desintegrativos, através de algumas respostas enquadradas no registo rígido da barreira de contacto (respostas 1 e 3 do cartão I), bem como com comportamentos de tapar/destapar uma metade da mancha (cartão I) e comentários de simetria (cartões I e II) – registos da barreira de contacto remendada - que estancavam, apenas momentaneamente, a hemorragia provocada pela irrupção de elementos  $\beta$ .

Desta forma, a hemorragia provocada na membrana psíquica mediadora entre o consciente e o inconsciente, não foi suficientemente debelada aquando da abordagem ao cartão III, em que esse estímulo Rorschach provoca uma clara evocação da relação Eu/Outro, suscitando um continente psíquico capaz de conter adequadamente a frustração inerente às relações humanas. Assim, face à permeabilidade excessiva da barreira de contacto decorrente da abordagem aos cartões I e II, acresce, no cartão III, uma solicitação mais evidente da

relação entre o Eu e o Outro, entre elementos perceptivos e projectivos, fazendo emergir uma dor mental ainda mais intensa na fronteira esburacada de ligação/separação entre o consciente e o inconsciente. Nesses locais psíquicos, por onde irrompem elementos  $\beta$ , a função  $\alpha$  mostra-se ineficaz na transformação desses elementos de angústia em elementos psíquicos, com características susceptíveis de serem pensados – elementos  $\alpha$ . O sujeito recorre, então, no cartão III, a uma solução toxicodependente face à dor mental, ao proceder à cosedura de remendos efémeros na barreira de contacto, com os elementos tóxicos disponíveis no psiquismo, sendo esse processo consubstanciado em três respostas que manifestam o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, para além de terem ocorrido outros elementos qualitativos inerentes ao mesmo registo psíquico – um comentário de simetria e uma acção de tapar/destapar a metade esquerda da mancha.

Este modo de funcionamento tóxico da barreira de contacto prossegue na abordagem ao cartão IV – comentário de simetria -, dada a necessidade de impedir a emergência de conteúdos demasiado dilacerantes, em virtude do conteúdo latente deste cartão evocar imagens com muita força e potência pulsional, especialmente de índole agressiva. O sujeito recorre ainda a uma imagem vaga e de natureza irreal na resposta 9 – modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto -, por forma a impedir a irrupção de um fantasma revelador da qualidade maléfica do objecto materno pré-genital, mas tal acaba por surgir na última resposta a este cartão, mostrando a qualidade essencialmente permeável da barreira de contacto, que marcou a actividade psíquica do sujeito face ao cartão IV.

No cartão V, o sujeito acede, inicialmente, a uma imagem banal, num estilo rígido de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, por forma a salvaguardar a integridade da representação de si. Porém, a intensidade de sentimentos disfóricos evocados pela cor preta do cartão – revelados no inquérito -, resvalam para uma desvitalização da imagem de si, no qual se vislumbra o fim pulsional, a sideração cabal e eterna dos movimentos pulsionais, dada a temática depressiva de morte que emerge, mas, paradoxalmente, o estado de total inércia associado à postura típica de um defunto, permite a suspensão da insuportável dor mental, consagrando, neste cartão, a relevância do modo de funcionamento remendado da barreira de contacto.

Na abordagem ao cartão VI, o sujeito prossegue ainda, de início, com o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, através de um comentário de simetria, que permite manter um registo anestesiado da dor mental, face a um cartão que remete para conteúdos de implicações sexuais, sobretudo de dimensão simbólica fálica. O tempo de latência, marcado pela suspensão da dor psíquica em locais particularmente permeáveis da

barreira de contacto, possibilitou o acesso a outros pontos daquela membrana psíquica em que um eficaz desempenho da função  $\alpha$  conduziu à elaboração de uma resposta que evidencia, fundamentalmente, um registo semi-permeável de conexão entre a percepção e a projecção, embora sustentado, inicialmente, num elemento rígido, mas organizador, da ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes: o eixo central do cartão.

No que concerne ao cartão VII, este foi marcado pelo modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, expressando a incapacidade do sujeito em diferenciar-se do objecto materno arcaico, através de uma intensa sideração do processo de individuação/separação entre o Eu e o Outro, que paralisa a actividade da barreira de contacto e, como tal, anestesia a dor psíquica que poderia ser contida e metabolizada através do exercício de uma adequada relação continente-conteúdo, de vínculo simbiótico.

Em relação aos cartões pastel, nos cartões VIII e IX, o sujeito esforça-se por impedir – através do modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto – a irrupção de uma dolorosa e intensa emergência de elementos  $\beta$ , cujas sensações emocionais, por significar, são evocadas pelos estímulos cromáticos. Nesta medida, no cartão VIII, o registo impermeável da barreira de contacto sobressai nas duas respostas proferidas pelo Gabriel, denotando, face ao conteúdo latente do cartão, uma dificuldade/restricção na mobilização de conteúdos inerentes a uma troca e expressão afectiva com o mundo exterior. No cartão IX, realçamos que a maior parte do tempo despendido pelo sujeito neste estímulo Rorschach, antecede a primeira resposta cotável - excessivo tempo de latência, que representa um choque manifesto – na qual se manifesta um processo de elaboração, difícil e prolongado, de uma imagem que configura um registo rígido da barreira de contacto, e que assinala, assim, o modo psíquico predominante face a este cartão. De facto, a resposta 18, expressa um conteúdo animal parcial formalmente adequado ao percepto, que assinala uma severa restricção de elementos inconscientes, por forma a impedir o exercício de uma relação continente-conteúdo de vínculo parasitário, em que a natureza fantasmática do objecto materno pré-genital, persecutório e potencialmente destrutivo, é revelada no inquérito. Na resposta seguinte, e última a este cartão, a contração rígida num elemento parcial da realidade externa, que mobiliza a incompletude do objecto materno pré-genital, promove que outros elementos parciais do objecto sejam «colados» projectivamente à realidade externa sustentada na mancha Rorschach – modo de funcionamento permeável da barreira de contacto -, configurando uma aglomeração de elementos parcelares, na união das duas respostas, que não sustentam uma imagem coesa e inteira do objecto evocado.

No que respeita ao último cartão Rorschach, os movimentos regressivos e reveladores de conteúdos fragmentados das duas últimas respostas do protocolo, sublinham um predomínio psíquico do processo de instauração da tela beta, perante um cartão que solicita um continente psíquico adequado face à arcaica angústia de fragmentação, mas também à angústia de separação, em virtude do cartão X ser o último cartão da prova Rorschach.

Por último, ao observarmos a grelha II, sublinhamos, em forma de síntese, que os movimentos psíquicos de degradação da barreira de contacto e da barreira sensível, foram mais evidentes nos dois primeiros cartões, no cartão IV e no último cartão, ocorrendo apenas um processo nítido de evolução da barreira de contacto e da barreira sensível no cartão VI. Salientamos ainda que a expressão siderante da actividade da barreira de contacto – barreira de contacto remendada – e da barreira sensível foi mais evidente nos cartões III, V e VII, enquanto uma evolução praticamente estagnada (rígida) da barreira de contacto e da barreira sensível foi mais notória, no processo-resposta Rorschach do sujeito, face aos cartões pastel VIII e IX.

Neste sentido, afigura-se como evidente uma problemática ao nível da definição dos limites que, à luz da concepção bioniana, podemos denominar como patologia da membrana psíquica que medeia a relação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, entre o Eu e o Outro. De facto, o que descreve melhor a realidade psíquica do Gabriel é um doloroso funcionamento permeável da barreira de contacto, que se expressa de forma mais incisiva em quatro cartões (cartões I, II, IV e X), mas que se mostra especialmente patente no início (cartão I) e fim (cartão X) da relação com a situação Rorschach, ou seja, em momentos particularmente significativos da forma como o sujeito aborda a relação com um objecto desconhecido (cartão I), e vivência a situação de ruptura relacional (cartão X). Nestes momentos fronteiriços de «entrada» e «saída» da relação Rorschach, o Gabriel revela uma profunda dor mental que não consegue conter suficientemente, por falta de um continente psíquico adequado, dado o exercício de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo. Nestas condições, o psiquismo do sujeito depara-se com uma invasão de elementos  $\beta$ , que irrompem à consciência sem serem devidamente significados pela função  $\alpha$ . Para além disso, nestas circunstâncias de intensa desintegração psíquica, o sujeito não consegue aceder, suficientemente, a outros modos de funcionamento psíquico – registos impermeável e remendado da barreira de contacto – por forma a estancar a hemorragia de elementos de angústia, que trespassam a membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes.

Noutros momentos da prova, o sujeito acede, de forma predominante, a um processo toxicodependente de suspensão da dor mental (cartões III, V e VII). Assim, os cartões III e V salientam a (in)capacidade adaptativa do sujeito face a estímulos perceptivos muito próximos da realidade externa: o cartão III sugere a imagem de duas figuras humanas, cuja relação o sujeito esforça-se por manter siderada, dada a frustração intolerável que as relações humanas lhe evocam; e no cartão V, o sujeito não consegue manter uma representação de si com um mínimo de vitalidade pulsional, que só poderia subsistir numa relação minimamente sustentável entre o Eu e o Outro. Para além disso, no cartão VII sobressai a dor dilacerante da separação face ao objecto materno, levando o sujeito a enveredar pela solução da indiferenciação subjacente à relação especular com o objecto primordial, sustentada pela via tóxica dos remendos anestésicos da barreira de contacto.

Realçamos ainda que o sujeito, nos cartões pastel VIII e IX, acedeu, predominantemente, a um modo impermeável da barreira de contacto, restringindo, assim, a mobilização de elementos  $\beta$ , aos quais está associado um exacerbado nível de angústia, evocado pelas características cromáticas dos estímulos. Enquanto o modo impermeável da barreira de contacto foi sustentável no cartão VIII (ambas as respostas remetem para esse registo psíquico) a interpenetração das cores evidente no cartão IX (no cartão VIII, o estímulo mostra diferentes elementos perceptivos, suficientemente, delimitados em termos de formas e de cores associadas) permitiu a emissão de uma resposta inicial (resposta 18), cujo estilo rígido da barreira de contacto apenas conseguiu adiar a eclosão de um intenso processo psíquico desintegrativo, associado a uma permeabilidade excessiva da barreira de contacto.

Em suma, no protocolo do Gabriel manifesta-se, sobretudo, a incapacidade de pensar a dor psíquica, dado não haver um continente interno bem definido e, nessa medida, quando a emergência de elementos  $\beta$  atinge uma proporção e intensidade maiores (cartões I, II, IV e X), o sujeito sucumbe ao registo da posição esquizo-paranóide, expondo a permeabilidade excessiva da sua barreira de contacto ou, então, recorre à drástica solução toxicodependente de suspensão efémera da actividade da barreira de contacto – modo remendado da barreira de contacto – (principalmente, nos cartões III, V e VII); noutras situações da prova (com maior predominância nos cartões pastel VIII e IX), o sujeito acaba por proceder a um reforço da espessura da membrana psíquica que liga/separa os elementos conscientes e os elementos inconscientes, sublinhando, assim, uma porosidade excessiva da barreira de contacto que o sujeito sente a urgência em impermeabilizar, possibilitando, dessa forma, uma diminuição do elevado nível de actividade exigido à função  $\alpha$ .

## 6.2. ANÁLISE DO PROTOCOLO B (Inácio)

### 6.2.1. Análise das respostas cartão a cartão

#### *Cartão I*

O sujeito aborda este primeiro cartão Rorschach, com uma entrada praticamente directa na expressão, revelando incapacidade de conter e significar devidamente a angústia suscitada pelo estímulo. De facto, consideramos que o curto tempo de latência (5 segundos) cumpre, praticamente, os requisitos para a cotação de um elemento qualitativo de equivalente choque, na medida em que indicia uma forte emergência de elementos  $\beta$ . Tal conduz o sujeito a recorrer a um movimento mental reactivo de reforço da barreira de contacto, através de uma resposta global de segunda pele psíquica, que inclui os brancos intramaculares - “Uma máscara”.

Na sequência da resposta, o sujeito parece revelar o que motivou o movimento de segunda pele psíquica, ao desvendar a angústia-sinal - “Feia, por sinal!” -, que provoca a necessidade dessa evocada dor mental ser evacuada, através de risos, de natureza defensiva maníaca, os quais evidenciam uma luta anti-depressiva. Sendo esta a primeira resposta do protocolo, sugere-nos que o «feio»/mau objecto evocado pelo estímulo Rorschach é o objecto primordial, materno, de cariz pré-genital, continente materno frustrante, com uma fina superfície psíquica, necessitando, por isso, de reforço. Esta superfície pouco acolhedora, produz no sujeito uma reacção emocional depreciativa, através da qualificação da imagem como “feia”.

Naturalmente, a imagem-conceito atribuída revela não só a natureza do continente evocado, mas igualmente do «feio» vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, relativamente ao qual o sujeito se tenta defender, por meio de um reforço da membrana psíquica entre o Eu e o Outro. Porém, essa referência adjetivante da imagem, assinala não só a angústia-sinal, que desencadeou o processo de resposta, mas também um processo, imediatamente subsequente, de degradação da segunda pele psíquica mobilizada, ilustrativa da fragilidade defensiva do sujeito face ao poder fantasmático da relação com o objecto materno, que trespassa, sobretudo, pelo vazio suscitado pelos brancos intermaculares da “máscara”. Esses orifícios/lacunas correspondem a uma ausência perceptiva evocativa de uma dor (a dor do seio ausente) que não foi contida e elaborada pelo pensamento e, por isso,

produziu buracos da barreira de contacto, os quais o sujeito se esforça por «mascarar», mas cuja imagem possibilita ver as brechas por onde os elementos  $\beta$  irrompem sem significação, dado o insuficiente desempenho da função  $\alpha$ .

De seguida, na resposta seguinte, as lacunas da barreira de contacto tornam-se demasiado evidentes, marcando um registo de funcionamento permeável, com perda de observação adequada da realidade perceptiva (F-). A “máscara” «cai», deixando emergir um «feio» conteúdo animal parcial, em que este evoca, por deslocamento, o objecto materno parcial, pré-genital, mas que só consegue ser devidamente nomeado no inquérito: “cara de um lagarto”. De facto, esta “cara” que fica exposta, provoca uma dor de difícil elaboração, na medida em que o sujeito revela dificuldades em significar esse mesmo conteúdo (através do processo de transformação dos elementos de angústia ( $\beta$ ) em elementos constituintes do pensamento ( $\alpha$ ), inerente ao exercício da função  $\alpha$ ), designadamente através da insuficiente definição da resposta, verificada na sequência de produção espontânea - “Um animal. Talvez um lagarto”.

De seguida, o sujeito realiza um movimento progrediente, consubstanciado numa maior distância face ao seu mundo interno, centrando-se, assim, sobretudo na percepção pouco definida da mancha Rorschach, - “No abstracto (...)” - mas que lhe possibilita a elaboração de uma resposta próxima da realidade perceptiva do cartão - “um morcego”. Esta resposta de conteúdo banal assinala, deste modo, o acesso a uma modalidade de funcionamento rígida da barreira de contacto, a qual o sujeito consegue mobilizar, de forma a impedir a continuidade hemorrágica naquela membrana psíquica, que estava a ocorrer desde o retirar da “máscara”.

Todavia, no inquérito, o sujeito recorre a uma expressão reveladora de uma maior mobilização da componente projectiva - “Para ver (...)”-, em comparação com a contração perceptiva dada espontaneamente - “No abstracto (...)”-, denotando que, aquele movimento projectivo mais intenso, estará associado à referência de algum contributo da cor no processo de construção da resposta. De facto, a cor preta remete para uma emergência emocional de cariz disfórico, mas que o sujeito consegue minimizar a intensidade da sua irrupção, através de um esforço de ancoragem à realidade perceptiva, que podemos depreender pela emissão espontânea do conteúdo banal “morcego”, na qual sublinhamos, ainda, o esforço do sujeito em confinar a mobilização da cor acromática a um mero elemento perceptivo sensorial associado ao engrama e, por isso, promotor de uma imagem de superfície mais nítida.

*Cartão II*

Após um tempo de latência moderado (10 segundos), o Inácio inicia a abordagem ao segundo cartão com uma resposta cujo conteúdo – “borboleta” – é frequente no protocolo (5 vezes), independentemente da sua maior ou menor adequação formal ao estímulo Rorschach. No inquérito a esta resposta, torna-se evidente o esforço do sujeito em justificar com elementos perceptivos a imagem-conceito que emitiu, com má adequação formal (F-), entre os quais a referência à simetria, que permite alguma anestesia da dor mental associada às emergências emocionais, despoletadas pelas cores do estímulo – “A borboleta tem sempre aquela simetria, e tem sempre cores”. De facto, a menção às características de simetria, associadas ao conteúdo emitido, alude a um movimento de reparação tóxica das lacunas da barreira de contacto, face a uma intensa emergência pulsional agressiva/libidinal, que o sujeito se esforça em recusar, embora só o consiga de forma parcial (exclui os vermelhos superiores, mas mobiliza o vermelho inferior – “Aqui, a cabeça”).

Concomitantemente, o sujeito demonstra uma susceptibilidade intolerável à localização intramacular do cartão, dada a sua vulnerabilidade ao vazio, à angústia de perda de objecto, enfim, às falhas da relação continente-conteúdo que culminam em buracos na barreira de contacto – “O branco não. Só se tivesse preenchido”.

No entanto, a força pulsional suscitada pela percepção das cores, assim como a angústia de falta primordial, associada ao branco interior da mancha, não permitem a sustentabilidade do modo de funcionamento «remendado» da barreira de contacto, uma vez que os «remendos» rompem-se perante a intensidade actuante dos elementos beta.

Por conseguinte, o sujeito, de seguida, na resposta 5, mobiliza os elementos perceptivos de cor vermelha, que foram recusados na resposta anterior, emitindo mais uma resposta com má qualidade formal, (F-) – “Consigo também imaginar uns cornos”. Esta imagem realça um objecto parcial que surge através de uma grande intensidade projectiva de índole agressiva, e cuja solicitação ao técnico – “É para ver em algo concreto, não é?” –, manifesta a extrema dificuldade em observar a realidade perceptiva, dada a emergência do fantasma que se sobrepõe à percepção, denotando-se, neste processo, o sarcasmo inerente à tonalidade afectiva do discurso, que participa no processo de projecção para as qualidades da prova, e do técnico, de uma marcada desvalorização de si ao nível da capacidade de simbolizar. De facto, o sujeito parece proceder a um elogio de si, das suas capacidades de “imaginar”, atribuindo ao material ambíguo e ao técnico (que na perspectiva projectiva do

sujeito deverá manter um invejado vínculo K com o objecto Rorschach), as suas próprias e reais dificuldades em conciliar a percepção com a projecção. O sujeito termina o discurso com a necessidade de proceder a um movimento de evacuação da angústia, através de risos, que possuem, também, o valor de mascarar/atenuar a agressividade veiculada na resposta e na relação com o técnico.

No momento prévio à entrega do cartão, parece que o sujeito fica absorvido pela angústia do vazio, que não conseguiu elaborar no inquérito à primeira resposta ao cartão – “O branco não. Só se tivesse preenchido” –, uma alusão ao que sucedeu na sequência espontânea da última resposta, em que, face à aproximação do momento de abandonar aquela particular realidade perceptiva (entrega do cartão), o sujeito sente a necessidade imperiosa de «preencher» com um conteúdo o vazio suscitado pelo branco intramacular do cartão. Estamos, assim, perante a angústia de perda do objecto, que é reactivada no momento da «despedida» das produções a este cartão.

Salientamos que o cartão II, por ser de configuração bilateral, e estar colorido parcialmente com a cor vermelha, solicita a capacidade do sujeito se relacionar afectivamente com um Outro, integrando nesse processo as pulsões agressiva/libidinal, mas também de suportar/tolerar a ausência do objecto, suscitada pelo grande detalhe branco intramacular. Neste sentido, o sujeito revela uma enorme incapacidade em emitir uma resposta, que concilie de forma semi-permeável os elementos perceptivos da mancha com o conteúdo latente do cartão. Tal incapacidade deriva de uma irrupção invasora de elementos beta suscitados pela impacto pulsional associado à cor vermelha, e pelo vazio insuportavelmente inquietante do branco intramacular, que revelam largas fendas da barreira de contacto, apenas momentaneamente, “remendadas” na primeira resposta.

De facto, os “cornos”, apreendidos nos vermelhos superiores do cartão, surgem enquanto conteúdos que emergem com a força pulsional desmedida do processo primário, objectos parciais desconexos de um «corpo»/continente íntegro, que está ausente, que não consegue ser acedido, porque destituído de capacidade de *rêverie*. Fica, assim, o registo do ódio, veiculado pelo cariz persecutório dos “cornos”, face ao objecto ausente. Contudo, a mobilização do ódio acarreta um perigo: a perda definitiva do objecto devido à severa agressividade infligida pelo sujeito, provocando uma angústia de vazio de tal forma dilacerante, que o sujeito tem, forçosamente, de a «preencher».

Por conseguinte, o sujeito centra-se, finalmente, no grande pormenor branco intramacular, emitindo uma resposta (a 6) com boa qualidade formal, e inclusive com potencialidade cinestésica – “avião” – mas acaba por a paralisar ao colocá-la num desenho,

«pôr em quadro» que realça um registo psíquico de imobilização dos movimentos pulsionais. A falta é, assim, «preenchida» por elementos tóxicos que se inserem nos buracos da barreira de contacto, mecanismo que promove, temporariamente, a sideração psíquica, impedindo, deste modo, a transformação dos elementos de angústia pelo pensamento, que resultaria de um eventual funcionamento adequado da função  $\alpha$ .

### *Cartão III*

Neste cartão, de configuração bilateral, cujos elementos perceptivos favorecem a emissão de uma resposta de duas figuras humanas em relação, o sujeito não consegue mobilizar esse conteúdo banal, acedendo somente a uma figura humana que abrange toda a mancha (resposta 7). Esta resposta denota, no seu processo de (des)construção, um registo fusional de elementos psíquicos que elimina qualquer possibilidade de relação com um Outro diferenciado. Neste sentido, pode-se compreender o tempo de latência relativamente extenso (14 segundos), enquanto tempo psíquico em que o sujeito verifica uma incapacidade de significar adequadamente a dor emergente, inerente a uma emergência de elementos beta, suscitada, em grande medida, pelo detalhe central vermelho da mancha. De facto, apesar da interpretação revelar uma boa adequação formal – “um laçarote no meio” –, não promove no psiquismo uma distância mínima entre o Eu e o Outro, acabando por participar no exercício de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, no qual é evidente a indiferenciação de elementos psíquicos, não permitindo a sua integração na criação de um símbolo que os ligue/separe.

Desta forma, a imagem inicial - “o pescoço de uma pessoa” - surge como extensão projectiva de um elemento perceptivo bem percebido – “Tem um laçarote no meio...”. Este elemento constitui-se, deste modo, enquanto continente inadequado para a projecção do conteúdo – “O pescoço de uma pessoa” – uma vez que a dimensão angustiante do conteúdo é superior à área contentora do continente. Na sequência do intenso movimento projectivo, o conteúdo prossegue a sua distorção da realidade perceptiva, ao aumentar o seu campo de acção projectiva para toda a realidade externa, ou seja, toda a mancha Rorschach (modo de apreensão em G confabulado: DG), culminando o processo de generalização arbitrária em “um homem”. Este processo de confusão psíquica entre uma parte e o todo, manifesta, indubitavelmente, um modo de funcionamento excessivamente permeável da barreira de contacto, em que há uma emergência incontida de elementos inconscientes que restringem a capacidade de conciliar a percepção com a projecção a um mero detalhe da realidade externa -

“um laçarote” – que parece servir a função de um último «nó» de ligação/separação bem estabelecida entre elementos conscientes e inconscientes, mas que o sujeito «estica» desmesuradamente, levando a uma vasta indiferenciação/confusão entre elementos perceptivos e elementos projectivos.

No inquérito, o próprio elemento da realidade do cartão bem interpretado pelo sujeito – “um laçarote” – perde a sua definição diferenciada, uma vez que se torna “colarinho”, que manifesta um eventual esforço do sujeito em conter de forma mais alargada a imensidão do seu movimento projectivo, uma vez que a solicitada “camisa” constituiria um continente mais abrangente do que “laçarote”. Neste sentido, o sujeito indicia uma tentativa de estabelecer uma sustentável relação continente (“camisa”)-conteúdo (“colarinho”). Todavia, tal relação torna-se inviável, uma vez que o próprio sujeito reconhece que a imagem “camisa” manifesta uma má adequação formal – “O colarinho, não necessariamente de uma camisa”.

Por conseguinte, segue-se um debitar projectivo com uma ínfima conexão com a realidade perceptiva – “À volta seria o pescoço, e em cima a cabeça. Em baixo, seria o tronco”. Esta sequência manifesta que a observação da realidade externa mantém-se, fundamentalmente, ao nível de uma capacidade mnésica de identificação espacial de vários elementos constituintes da imagem “homem”, mas que se mostram perceptivamente desadequados ao estímulo Rorschach.

O sujeito conclui a resposta ao inquérito acedendo, novamente, ao ponto de partida da generalização arbitrária que culminou numa resposta formalmente descabida que inclui toda a mancha, revelando um desmesurado esforço de ancoragem à realidade perceptiva após todo um intenso e desorganizante movimento projectivo – “O laçarote é o que se destaca na imagem, pela cor”. Para além disso, a invocação da pertinência da cor, enfatiza a enorme potência da emergência pulsional agressiva/libidinal, que o sujeito não conseguiu, neste cartão, significar devidamente através da função  $\alpha$ , desencadeando um rompimento da membrana psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes, entre a percepção e a projecção, entre o Eu e o Outro, cuja relação o sujeito reconhece como possível no inquérito de limites, mas assinala o estado actual do seu registo de indiferenciação/confusão, ou seja, o modo de funcionamento permeável da barreira de contacto – “Sim, mas parece-me mais um homem”.

Importa ainda assinalar que o sujeito deverá ter «transportado» uma parte da angústia de vazio, suscitada no cartão II, para este cartão, particularmente, a resposta de «preenchimento» do branco intramacular do cartão II com elementos tóxicos de sideração do psiquismo (resposta 6), os quais se efectivaram em «remendos» da barreira de contacto que

não conseguem resistir perante o apelo relacional humano suscitado pelo cartão III. De facto, na distância entre o Eu e o Outro, ou seja, no espaço da relação de objecto mobilizado pelo “laçarote no meio”, manifesta-se um derivado pulsional, cuja potência, “pela cor”, revela-se demasiado intensa face à (falta de) qualidade do continente psíquico disponível, tornando inviável a sustentabilidade da relação e, daí, a sua regressão desorganizante a apenas uma figura humana.

#### *Cartão IV*

O Inácio inicia a primeira, e única, resposta ao cartão IV, com a emissão de um conteúdo que alude à solicitação simbólica de força e dominação, sugerida por essa mancha Rorschach, ao mobilizar um fantasma de grande potência pulsional agressiva – “(...) um monstro” -, mas conseguindo manter suficiente consciência interpretativa ao utilizar a expressão “Pode ser (...)”. Concomitantemente, face à emergência fantasmática, o sujeito consegue aceder a um continente formal abrangente (em G) para conter, suficientemente, toda aquela angústia potencialmente destrutiva (FClob), operando uma integração de vários pormenores perceptivos da mancha, numa adequada ligação/separação com diversos elementos inconscientes, que participam na constituição da imagem-conceito definida. Nesse sentido, se compreende o tempo de latência um pouco extenso (13 segundos), na medida em que o mesmo se revela como um tempo de labor psíquico, por forma a conciliar, numa resposta, a percepção com a projecção.

Desta forma, o Inácio elabora uma imagem-conceito que sustém uma adequação satisfatória entre os conteúdos manifesto e latente do cartão, ou seja, acede a um registo progrediente, de desenvolvimento formativo da barreira de contacto, através de uma qualidade semi-permeável de conexão do domínio perceptivo com o domínio projectivo, demonstrando uma adequada oscilação dinâmica Ps ↔ D. De facto, após um movimento inicial regressivo à posição esquizo-paranóide, ilustrado no conteúdo bruto e ameaçador “monstro” (regressão parcial, dada a expressão de consciência interpretativa - “Pode ser (...) -), o sujeito consegue, de seguida, nomeá-lo descritivamente, integrando diversos elementos perceptivos e projectivos num todo significativo e coeso, demonstrando, assim, um acesso bem sucedido à posição depressiva. Porém, salientamos, neste processo, que a primeira identificação que o sujeito faz de uma parte do conteúdo no percepto – “Aqui as patas” – é de especial valor psicodinâmico, uma vez que permite sustentar/apoiar todo o «corpo» do conteúdo, ou seja, parece que o sujeito sentiu a necessidade de uma firme «âncora» a um elemento que se

destaca pelo seu frequente reconhecimento perceptivo, para prosseguir o processo de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes. Aliás, no inquérito, a referência às “patas” já não surge, o que sugere que já tinha cumprido com a sua parcial, mas importante função de sustentabilidade/continência para a emissão do conteúdo proferido na resposta espontânea. Porém, também no inquérito, manifesta-se o impacto fantasmático que o cartão provocou no sujeito – “Pareceu-me logo um monstro” –, revelando, neste reactivar da angústia destrutiva, a necessidade de minimizar/desvitalizar a força pulsional agressiva do conteúdo – “(...) a cabecinha” – que permite enunciar, de seguida, um pormenor de simbolismo falo-anal “(...) a cauda...”, por onde pode ser veiculada, sobretudo, a intensa pulsão agressiva, suscitada pela imagem «monstruosa».

Sublinhamos que este cartão, apesar de satisfatoriamente elaborado pelo sujeito, foi considerado por este, na prova de escolhas, como um dos cartões que menos gostou, uma vez que suscitou uma tonalidade emocional disfórica. Neste sentido, nesse momento da aplicação da prova, o sujeito tenta proceder a uma imobilização dos movimentos pulsionais que ainda persistem, ao colocar o conteúdo «em quadro» – “Pelo desenho em si” –, sideração que não é sustentável, já que emerge, logo de seguida, o inquietante colorido emocional – “Acho-o feio!”.

#### *Cartão V*

O Inácio manifesta uma entrada praticamente imediata na expressão (tempo de latência de 3 segundos, correspondendo a um equivalente choque) que parece derivar ainda, em parte, da carga ansiosa suscitada no cartão anterior, no qual o sujeito teve que empregar muitos dos seus recursos psíquicos para significar a angústia de forma adequada, implicando um exercício bastante activo da função  $\alpha$ .

Desta forma, face ao estímulo Rorschach do cartão V, cuja mancha compacta é a que está mais próxima do reconhecimento de uma determinada realidade perceptiva (frequentemente interpretável de forma global, com conteúdos coesos), o sujeito emitiu, praticamente de imediato, um conteúdo – “Uma borboleta” – que abrange toda a mancha (em G). Deste modo, apesar de se constituir como uma resposta banal face a este cartão, a recorrência com que essa imagem é emitida pelo Inácio, as características de simetria que o sujeito “sempre” associa a esse conteúdo – menção proferida no inquérito da resposta 4 –, assim como a ínfima ressonância fantasmática que essa imagem denota, manifestam as qualidades funcionais de um célere recurso psíquico de «remendo» tóxico da barreira de

contacto, face a uma inicial, e intolerável, emergência de elementos  $\beta$ , sublinhada pelo curto tempo de latência.

No seguimento à abordagem deste cartão, apercebemo-nos que o conteúdo-«remendo» emitido, (revelador do funcionamento da barreira de contacto remendada), degrada-se de tal forma, que se rompe, através do carácter cortante do mecanismo de defesa da clivagem de objecto, evidenciando a intensa contaminação pelo ódio a que a imagem “borboleta” foi sujeita – “É mais uma traça. Uma borboleta mais feia” –, isto é, o sujeito não se mostra capaz de manter uma imagem-conceito íntegra, em virtude da mobilização da posição esquizo-paranóide, em que a clivagem do objecto é exercida. Curiosamente, o Inácio recorre a uma expressão “É mais uma (...)” que parece evidenciar um esforço de contração na realidade perceptiva, mas que elucida, de forma mais clara, a sua inquietação pela recorrência com que acaba por fazer movimentos regredientes, que melhor se podem designar por «quedas» regressivas no registo da posição esquizo-paranóide (Ps  $\rightarrow$  Ps), dada a dificuldade do sujeito em proceder a subsequentes movimentos progredientes. “É mais uma (...)” «queda» em que o sujeito envereda, diríamos nós, uma vez que tal se confirma na resposta seguinte.

De facto, a sequência de respostas mostra uma continuidade da intensificação do funcionamento excessivamente permeável da barreira de contacto (marca de instauração da tela beta) uma vez que, após a clivagem do objecto, a resposta 11 manifesta uma confusão de conceitos, produzindo um conteúdo bizarro – “Um caracol com asas”. Esta inusitada resposta evidencia uma marcada indiferenciação entre o Eu e o Outro, entre elementos psíquicos distintos, conscientes e inconscientes, que, em vez de se ligarem/separarem, sofrem um processo de fusão. O inquérito ilustra, claramente, este processo confusional: “Veio-me à cabeça a cabeça de um caracol”, em que a “cabeça” do sujeito e a “cabeça” do objecto se confundem drasticamente no discurso. De seguida, o Inácio tenta justificar, a partir de um elemento perceptivo adequadamente interpretado – “cabeça de um caracol” –, o todo a que essa parte pertence, procurando um apoio nuclear para a definição da imagem no eixo central da mancha – “e continua aqui o corpo”. Contudo, ao não possuir um continente válido – “(...) mas sem carapaça” – para proceder a uma nomeação da imagem com limites bem definidos, o conteúdo ganha “asas”, tornando-se bizarro através de próteses projectivas que implicam um «esvoaçar» da observação da realidade externa.

### *Cartão VI*

Neste cartão, destaca-se, desde logo, um aumento muito significativo do tempo de latência (55 segundos), correspondendo a um choque manifesto, em que o sujeito revela, assim, o enorme impacto fantasmático produzido pelo conteúdo latente do cartão, com particular destaque para a dimensão fálica suscitada por um detalhe perceptivo (D superior), que acaba por ser mobilizada na primeira resposta – “Parece-me uma cruz, um género de crucifixo” – em que a imagem denota uma adequada conformidade perceptiva com o associado elemento da mancha.

Aliás, no inquérito, a forma de “cruz” e as suas qualidades pulsionais de índole sexual – “adornos” – ilustram devidamente a mobilização adequada de tal representação fálica, apesar da imagem ser demasiado próxima da realidade perceptiva do cartão, restringindo a participação de elementos inconscientes no seu processo de construção. Para além disso, salientamos que o sujeito parece revelar, inicialmente, alguma inquietação em circunscrever a imagem – “Só parte de cima” –, como se essa imagem pudesse invadir o resto da realidade perceptiva do cartão. Notamos, igualmente, o investimento psíquico do sujeito em centrar, o mais possível, a imagem numa realidade perceptiva destituída de solicitação simbólica – “Porque já vi muitos crucifixos (...)” –, por forma a minimizar a emergente dimensão fantasmática, de cariz fálico, inerente à “forma de cruz” e aos seus “adornos”. Por conseguinte, a referência pessoal visa legitimar a resposta através de dados mnésicos da realidade, funcionando como um reforço do continente externo referente ao isolado elemento da mancha, e assinalando, desse modo, uma intensificação do registo impermeável da barreira de contacto, evidenciado na construção da resposta espontânea. Concomitantemente, a recordação perceptiva cumpre uma função de securização narcísica, que parece ser necessária para a constituição de um símbolo íntegro, apesar de escassamente investido por elementos inconscientes, uma vez que o sujeito se esforça em impedir a sua irrupção angustiante.

Contudo, a dimensão inconsciente, associada ao conteúdo fálico “crucifixo”, acaba por emergir, de forma invasiva e destrutiva, «esmagando» projectivamente a realidade perceptiva dos restantes elementos da mancha. De facto, na resposta seguinte, o “insecto” (continente) não tem vida nem limites, uma vez que suportou o «peso» impiedoso do “crucifixo” (conteúdo) – “Tirando a parte de cima (D superior), (...) um insecto esmagado” – manifestando, claramente, toda a destrutividade inerente a um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, cujo impacto é, infimamente, atenuado através da precaução verbal presente no discurso – “parece-me”. Desta forma, ocorre o desaparecimento de ambos os

elementos da relação: o continente “pelo facto de não ter mais forma nenhuma” (no inquérito) e o conteúdo que, ao ter sido retirado da sua relação com o continente – “Tirando a parte de cima” –, dispersa-se, de tal forma, que deixa de produzir qualquer ressonância com a percepção.

Consideramos pertinente reiterar que o sujeito tentou manter o conteúdo “crucifixo” circunscrito a um continente perceptivo – “Só parte de cima” – mas o poder fanstasmático, de cariz fálico, tornou-se demasiado intenso para que pudesse ser elaborado, adequadamente, numa ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes. Deste modo, a ruptura associativa entre a percepção e a projecção foi a consequência óbvia de uma incapacidade de sustentar a triangulação evocada pelo conteúdo de simbolismo fálico, ou seja, o sujeito procede a um intenso movimento regrediente, após um ligeiro movimento de acesso à posição depressiva que não consegue ser sustentado.

Na condução deste intenso movimento regrediente, parece participar a evocação de um superego arcaico, extremamente punitivo e, por isso, destrutivo. Este, ao associar-se simbolicamente ao conteúdo “crucifixo”, esmaga, com o seu excessivo «peso» superegóico, o “insecto”. De facto, este particular elemento fálico está carregado simbolicamente de regras morais e limitações ao exercício das pulsões agressiva/sexual, que suscitam, exacerbadamente, no sujeito a mobilização de um superego onnipotente.

Note-se que a alusão à “forma” do crucifixo solicita a moção da pulsão sexual, assim como da pulsão agressiva, enquanto que os “adornos” parecem ser, fundamentalmente, um derivado simbólico da pulsão sexual. Contudo, o conteúdo “crucifixo” (que mobiliza a dinâmica pulsional na sua “forma” e “adornos”), acaba, devido ao peso do superego, por desaparecer – “Tirando a parte de cima”. Realçamos que a intensa força pulsional e o poder superegóico parecem fundir-se destruindo tudo ao seu redor, ou seja, quer o conteúdo (“crucifixo”) quer o continente (“insecto”), que acabam por ficar confundidos numa efectivada diluição de limites. Neste sentido, o inquérito à resposta 13 parece referir-se tanto ao destino fatal do “insecto”, como ao do “crucifixo” – “Pelo facto de não ter mais forma nenhuma. Assim, parece que foi esmagado”, ou seja, continente e conteúdo tornam-se indistintos e sucumbem, através do vínculo parasitário da sua relação, na qual está evidente o carácter extremamente persecutório e destruidor do superego.

Por último, sublinhamos o facto deste cartão ter sido seleccionado negativamente, na prova de escolhas, na qual o sujeito refere: “Mesmo de uma forma abstracta, neste vejo o tal crucifixo e acabo por ver o insecto esmagado. Acho-o feio!”. Na justificação da escolha, “mesmo” o rígido movimento defensivo face ao conteúdo latente do cartão Rorschach – “de

uma forma abstracta” – acaba por ser “esmagado” pela intensidade projectiva que «vê» a destruição na, e da, relação continente-conteúdo. Destacamos, ainda, que o sujeito na prova de escolhas associou os cartões IV e VI, assinalando a pertinência da cor nessas escolhas depreciativas – “Por serem todos pretos” –, o que revela uma hipersensibilidade à cor preta. Todavia, o facto de outros cartões Rorschach também apresentarem essa característica perceptiva – cartões I, V e VII –, sugere que a imagem de capacidade destrutiva potencial, suscitada pelo cartão IV (“um monstro”), se efectivou no cartão VI (“um insecto esmagado”), manifestando o exercício de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo, na passagem da angústia de morte para a sua temida concretização, em cujo processo contribui a disfórica impressão sensorial da cor preta. Adicionalmente, salientamos que o cartão IV apresenta um conteúdo latente que apela à emissão de uma imagem reveladora da natureza do objecto superegóico presente no psiquismo do sujeito, “monstro” que é reevocado na construção da resposta “crucifixo” do cartão VI, em que apesar de ser uma imagem de superfície (próxima de um mero reconhecimento perceptivo no pormenor da mancha mobilizado), apresenta-se como um símbolo de protecção religioso (de natureza superegóica), mas que não consegue manter essa qualidade, uma vez que acaba por dele irromper uma malignidade «monstruosa» que se verifica, subsequentemente, na resposta 13 (e no inquerito). Nesta medida, verifica-se que um objecto que deveria proteger e estabelecer limites distintivos entre o bem e o mal, a vida e a morte, revela-se, afinal, persecutório e destruidor de todas as diferenciações, provocando um «esmagamento» das pulsões e, por consequência, da vida – “insecto esmagado”. Por conseguinte, também é condenado ao «desaparecimento» o próprio objecto agressor – resposta 13: “Tirando a parte de cima (...)” –, em virtude da indiferenciação destrutiva que se verifica na relação continente-conteúdo.

### *Cartão VII*

Face ao conteúdo latente deste cartão Rorschach, que apela à construção de uma resposta-símbolo representante da relação do sujeito com a imago materna, verifica-se um longo tempo de elaboração para a emissão de uma imagem-conceito (tempo de latência de 20 segundos), culminando numa primeira resposta, de conteúdos humanos parciais – “duas cabeças” – a qual manifesta a incapacidade do sujeito em aceder, de forma consistente, à função integrativa da posição depressiva, assinalando um registo de relação de objecto de índole pré-genital. A intensa dor mental que se manifesta na parcialização da imagem, que subjaz à vivência dispersiva da posição esquizo-paranóide, ilustra a incapacidade de pensar,

de forma unitária e coesa, a ausência do objecto materno, acarretando, por isso, a insuficiência de integridade da representação de si. A distinção entre continente e conteúdo parece confinar-se a uma “cabeça” a “olhar para a outra”, o que implica o perigo de total confusão/indiferenciação. Tal precária diferenciação está associada a uns ínfimos vestígios de capacidade de *rêverie* veiculados por uma parte do objecto materno, constituintes de um sonho maternal extremamente parcial que parcializa, na mesma medida, a capacidade do sujeito de sonhar, de simbolizar, de estabelecer ligações/separações entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, de constituir um Eu e um Outro íntegros, porque diferenciados.

Por conseguinte, através desta resposta, o sujeito fica invadido por uma intensa angústia de fragmentação, tornando-se, obviamente, insustentável a prossecução de uma relação entre “duas cabeças”. Tal mostra que o vínculo parasitário da relação continente-contéudo encontra-se no limiar dinâmico da cabal morte psíquica dos seus elementos de relação, sugerindo que a destrutividade psíquica, ocorrida no cartão anterior, ainda ecoa fantasmaticamente no sujeito. A (con) fusão entre continente e conteúdo é, de facto, extrema, mas mostra uma solução possível no psiquismo do sujeito: a solução da relação narcísica, que possibilita a integridade da imagem do Eu, ao representar o Outro como exactamente igual a si.

Desta forma, o Inácio, no processo de construção da resposta 15, faz uma referência implícita à primeira resposta deste cartão – “Assim, no todo, (...) –, salientando, desse modo, que os conteúdos humanos parcelares “duas cabeças”, da resposta 14, se tornam totais, inteiros, mas tal só se manifesta possível através do exercício do mecanismo de desdobramento narcísico, que promove a construção da imagem de “gémeas”. Para além disso, no exacto momento antecedente à emissão do conteúdo especular, o sujeito no processo de elaboração dessa resposta necessitou de impermeabilizar a ligação/separação entre elementos conscientes, acedidos na percepção da mancha, e a mobilização projectiva de elementos inconscientes, como forma de impedir uma confusão total entre o Eu e o Outro – “de maneira abstracta”. Tal permite uma maior consistência da integridade da representação de si, que é constituída à imagem e exacta igualdade do objecto materno, através do feminino conteúdo especular “gémeas” que, por serem “siamesas”, estão permanentemente “ligadas”, manifestando um vincado movimento de imobilização pulsional, que anestesia fortemente o psiquismo face à dor mental da separação Eu/Outro, sentida como insuportável.

Adicionalmente, o facto das “gémeas siamesas” estarem permanentemente “ligadas”, sugere o exercício de uma (derradeira) defesa contra o risco de fusão, que implicaria a desintegração da representação da si, ou seja, a defesa de “ligação” permanente, de tipo

simbiótico, permite, simultaneamente, que nem a separação nem a fusão possam ocorrer. Neste sentido, o sujeito demonstra que a defesa narcísica do desdobramento narcísico, inerente ao conteúdo “gémeas”, não é, por si só, suficientemente forte para impedir a emergência da confusão Eu/Outro, que desintegraria os limites do Eu, suscitando, assim, a necessidade de reforçar a ligação Eu/imagem de si através da natureza «siamesa» do conteúdo.

Anotamos, igualmente, a relevância da centração na simetria da mancha, invocada no inquérito (resposta 15), que intensifica o registo psíquico de mesmicidade, de ausência de diferenças entre o Eu e o Outro, que promove a supressão da dor mental do sujeito inerente à intolerável frustração associada à relação com um real ser desejante e diferenciado: o objecto materno evocado simbolicamente por este cartão.

Realçamos que a resposta 15 denuncia uma prévia instauração da tela beta tóxica, promovida nas respostas 13 e 14, em que nesses sucessivos movimentos desintegrativos, Ps → Ps, participaram elementos tóxicos excitatórios - com características hiperactivas -, que, aliados aos emergentes elementos  $\beta$ , promoveram a instauração da tela beta tóxica, onde a dor mental é superada por essa via toxicodependente de exacerbação do princípio do prazer. Porém, após o «high» de instauração da tela beta tóxica, o sujeito confronta-se, novamente, com a dor mental inerente às fendas da sua barreira de contacto, onde os elementos tóxicos, anteriormente hiperactivos, encontram-se agora desgastados, possuindo as características inertes indicadas para se inscreverem nas lacunas da barreira de contacto, e promoverem a paralisação da actividade entre elementos conscientes e inconscientes, verificada na resposta 15.

No entanto, há uma referência, no discurso espontâneo do sujeito, que mostra, desde logo, a insustentabilidade dos remendos tóxicos criados na barreira de contacto – “(...) eram duas gémeas (...)” –, na medida em que esses elementos tóxicos de droga permitem apenas um estado transitório e muito efémero de anestesia/sideração da dor mental, o qual se esvai rapidamente para o «passado». Assim, na sequência da resposta, podemos considerar a imediata referência à «ligação» siamesa como uma renovada mobilização de elementos tóxicos, de qualidade anestésico, para as lacunas da barreira de contacto, que se revela como uma última tentativa de manter «presente» o efeito suspensivo da dor psíquica, reforçado pela justificação projectiva da imagem “siamesa” no tempo verbal do presente do indicativo – “porque estão ligadas”. Neste sentido, a nomeação da ligação siamesa das “gémeas” é um «remendo» que se tece numa lacuna que irrompe entre o Eu e a imagem projectada de si,

constituindo-se como uma junção tóxica que evita a desintegração da representação íntegra de si.

Porém, também esta «ligação» remendada se rompe rapidamente, suscitando a emergência, associada àquela localização perceptiva da mancha, de um objecto parcial feminino/materno – “o início das pernas de uma mulher”. De facto, com a queda das defesas narcísica e simbiótica, irrompe, de forma pujante, o funcionamento da posição esquizo-paranóide, que promove a dispersão de elementos psíquicos, conducentes à produção de uma rara, e inadequada, imagem humana parcelar, face ao pormenor da mancha mobilizado (D F-Hd). A resposta 16 revela, assim, uma imagem feminina associada a uma específica localização corporal de significação simbólica praticamente transparente, continente de dimensão demasiado reduzida para fazer face à atracção que suscita de intensos conteúdos mobilizados pela pulsão sexual.

Por conseguinte, o Inácio manifesta, de seguida, um intenso registo de funcionamento da tela beta, através de uma emergência bruta da pulsão sexual – “No meio, parece ser uma vagina”. Apesar de formalmente conforme com o percepto (F+), a crueza do conteúdo não permite a sua integração numa imagem de um corpo coeso, inerente a um inteiro ser humano desejante, não parecendo diferenciar-se, assim, de uma «coisa-em-si», correspondendo a elementos  $\beta$  que sustentam o modo de funcionamento da tela  $\beta$ . Revela-se, assim, a primazia do princípio do prazer através de intensas impressões sensoriais efectivantes de uma gratificação exacerbada e imediata do desejo, na qual é mobilizada, de forma exacerbada, a pulsão sexual.

Realçamos que este cartão foi escolhido positivamente pelo sujeito na prova de escolhas, supostamente por motivações toxicodependentes: a anestesia da dor mental – “Este aqui por estarem duas gémeas siamesas” – (evocação da resposta 15, cujo registo psíquico considerámos como remetendo para o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada); e a satisfação de uma necessidade, sentida como premente e inadiável, inerente a uma ampla prevalência do princípio do prazer – “(...) e aqui estarem as pernas de uma mulher” (excitação sensorial face a um objecto feminino parcial, que remete para a natureza da relação arcaica com o objecto materno pré-genital, na qual a frustração é intolerável pelo sujeito, sublinhando a incapacidade de esperar pela realização positiva do seio).

*Cartão VIII*

O Inácio manifesta um longo tempo de elaboração da primeira resposta (tempo de latência de 25 segundos), eventualmente derivado da dificuldade do sujeito em mobilizar um continente psíquico adequado após a hemorragia na barreira de contacto provocada pelos movimentos regressivos das duas últimas respostas ao cartão VII (mormente, a resposta 17, de conteúdo cru, e que antecede o contacto com o cartão VIII). Para além disso, o extenso tempo de latência poderá, também, advir da elevada qualidade do continente solicitado, no psiquismo do sujeito, por este estímulo Rorschach, por forma a conter o impacto angustiante das emergências emocionais suscitadas pelas cores pastel, que apelam ao exercício da capacidade de comunicação efectiva, porque afectiva, entre o Eu e o Outro.

Neste sentido, face à dor mental por elaborar do cartão anterior, acrescida pelo «convite» à emergência de elementos beta, subjacente ao estímulo cromático do cartão VIII, o Inácio tenta mobilizar um registo impermeável da barreira de contacto (sobreinveste na dimensão perceptiva e oprime a mobilização da projecção portadora de elementos  $\beta$ ), ao emitir uma resposta de conteúdo banal – “Dois répteis, um de cada lado”. Realçamos que o sujeito construiu esta imagem sem aceder à frequente cinestesia de conteúdo animal que os elementos perceptivos da mancha (D laterais) favorecem, como forma de restringir, assim, a mobilização de elementos inconscientes.

Todavia, a centração na realidade perceptiva torna-se progressivamente mais difícil, dada a presença excitatória das cores, as quais fazem com que o conteúdo emitido tenha que se revestir de especiais capacidades de adaptação face a um meio/continente sentido como extremamente volátil – “Parecem camaleões”. Para além disso, o sujeito tenta debelar a notória instabilidade de percepção sensorial da imagem, através de uma precaução verbal que fracassa no seu intento, uma vez que o engrama não se mantém estável, como símbolo Rorschach que faz a ligação/separação entre elementos perceptivos conscientes e elementos projectivos inconscientes. De facto, a resposta termina com uma ilustração da severa dificuldade de pensar do sujeito, ou seja, da debilidade de funcionamento da função  $\alpha$  – “Não sei”.

Neste sentido, denota-se a tentativa de promover um funcionamento impermeável da barreira de contacto, mas tal esforço psíquico fracassa, como se revela na continuidade psíquica da formulação da resposta 18, a qual mostra o aparecimento progressivo de

lacunas/brechas na barreira de contacto, por onde emerge a dor mental impensável, sob a forma de elementos  $\beta$ .

Por conseguinte, a dor psíquica torna-se intolerável, levando a que o sujeito emita, na resposta 19, o seu habitual conteúdo-«remendo» – “borboleta” – por forma a suprimir a sensação dolorosa associada à emergência de elementos  $\beta$  que são, assim, siderados na sua actuação através da intervenção de elementos tóxicos. Apesar da suficiente adequação perceptiva (F+) ao pormenor do estímulo Rorschach, acedido (em D), a recorrência do conteúdo “borboleta” realça, uma vez mais, que a sua emissão é, em grande medida, independente de uma maior ou menor conformidade formal à realidade externa, facto que o sujeito tenta mascarar/encobrir através de uma precaução verbal – “parece” –, e que visa transmitir um efectivo exercício de consciência interpretativa de um conteúdo que, por si só, revela uma ínfima ressonância fantasmática. De facto, o processo de construção da imagem “borboleta” denota, essencialmente, a momentânea função dessensibilizadora da dor mental, através de uma tecedura rápida das brechas da barreira de contacto, com linhas finas e quebradiças de elementos tóxicos.

No inquérito, o sujeito refere que o conteúdo emitido “não tem a cabeça”, que se configura como um clara ilustração de impossibilidade de pensar, ou seja, de uma extrema inoperância da função  $\alpha$ . Desta forma, em vez de ser elaborada a dor mental através do pensamento, o sujeito opta pela via de sideração/anestesia da dor psíquica, através da solução toxicodependente de agregação de elementos tóxicos nas fendas da barreira de contacto. A sequência do inquérito mostra que, estando suspenso o funcionamento da função  $\alpha$ , ficam apenas “asas” de cor, emoções que não conseguem ser compreendidas, pensadas, sem um corpo/continente disponível que as contenha e signifique. Desta forma, estas “asas” sem corpo, que se exibem no inquérito, são o vislumbre de elementos beta, ou seja, “coisas-em-si” sobre as quais os elementos tóxicos actuaram, para impedir a continuidade da insuportável dor mental. É a cor que sobressai – “Aqui é importante a cor” –, correspondendo a intensa impressão sensorial que o sujeito opta por não metabolizar pelo recurso ao pensamento, mas sim, meramente, atenuar para níveis suportáveis através da função siderante dos remendos tóxicos na barreira de contacto, já que a excitação da sensorialidade cromática desempenha o papel de fuga à insuportável dor do vazio: “(...) a preto era capaz de me parecer nada”.

Por último, salientamos que, com a resposta 19, cuja construção denota um movimento psíquico sustentador do funcionamento da barreira de contacto remendada, confirma-se e finda um período psíquico de instauração da tela beta tóxica, que foi,

inicialmente, mobilizada através dos movimentos regressivos subjacentes às respostas 16 e 17 (emitidas no cartão VII), prosseguindo com esse mesmo registo psíquico na resposta 18 (proferida no cartão VIII). De facto, realçamos que, nas respostas 16 e 17, o sujeito parece ter procedido à evocação de um efeito sintomático de consumo de uma droga excitatória (por exemplo, a cocaína), que não permite uma fixação dos «remendos» tóxicos na barreira de contacto, efectivados no processo de construção da resposta 15. Neste sentido, as respostas 16 e 17 remetem para um registo psíquico em que elementos tóxicos são movidos, momentaneamente, pela força hiperactiva produzida pelos efeitos de uma droga estimulante. Nesse processo, esses «frenéticos» elementos tóxicos associam-se aos elementos  $\beta$ , provocando a aceleração de um movimento evacuativo da dor mental, que conduz à instauração da tela beta tóxica, com uma intensa primazia do princípio do prazer – resposta 16: “(...) o início das pernas de uma mulher”; e resposta 17: “(...) uma vagina”. Desta forma, após o «high» da instauração da tela beta tóxica, verifica-se, na resposta seguinte (a primeira do cartão VIII, resposta 18), um «down» psíquico de actividade tóxica, em que o sujeito passa do registo da instauração da tela beta tóxica para o modo de funcionamento da barreira de contacto permeável. De facto, apesar de o sujeito ter tentado, no início da resposta 18, aceder a um registo impermeável da barreira de contacto, tal esforço fracassa perante a angústia que emerge das lacunas daquela membrana psíquica, dor mental que acaba por ser anestesiada de forma tóxica, na resposta 19, por elementos tóxicos inertes, que se encontram próximos das lacunas da barreira de contacto, após terem sido consumidos, na sua qualidade hiperactiva, no prévio processo de instauração da tela beta tóxica. Nesta medida, esses elementos tóxicos podem, então, exercer a função suspensiva da dor mental, concretizada na emissão do conteúdo-«remendo» “(...) uma borboleta”, que confirma o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, como imediatamente subsequente ao declínio da instauração da tela beta tóxica (no qual se renova o registo da barreira de contacto permeável – revelado na resposta 18).

### *Cartão IX*

O cartão IX pauta-se por uma intensa solicitação à regressão, remetendo para um simbolismo materno pré-genital, nomeadamente ao evocar temáticas de simbolismo gravídico ou de nascimento.

Face a este apelo regressivo, o Inácio mostra severas dificuldades em conciliar a irrupção de elementos projectivos com os elementos perceptivos da mancha, pronunciando-se a invasão fantasmática num tempo de latência extraordinariamente longo (50 segundos), que representa, assim, um equivalente choque. Perante esta emergência insuportável da dor mental, o sujeito parece recorrer a uma parte do seu recorrente conteúdo-«remendo» “borboleta”, umas “asas” – “A parte cor de laranja parecem ser umas asas” – que remetem, desta forma, para as “asas” sem corpo, desvendadas no inquérito à última resposta do cartão anterior.

Desta forma, ao não conseguir pensar, simbolizar, através de uma resposta que concilie a percepção da presente mancha com a projecção solicitada, o sujeito parece regredir ao momento anterior de elaboração da prova Rorschach (resposta 19), para aceder a uma imagem que lhe suprimiu a sensação de angústia. Todavia, o sujeito não consegue recuperar, espontaneamente, toda esse conteúdo-«remendo» - “borboleta” -, mas somente umas “asas” sem um corpo/continente, o que suscita a necessidade imperiosa de encontrar um qualquer continente, mas o melhor que o sujeito consegue descobrir, nessa exploração psíquica, é um continente irreal – “anjo” – sem corpo e tão intangível como as finíssimas linhas tóxicas que remendam a sua barreira de contacto. Para tal, o sujeito precisou de siderar as “asas” (para que elas não «voassem», tornando-se inacessíveis no seu psiquismo), colocando-as «em quadro» nos elementos perceptivos da mancha – “Pela maneira como estão expostas no desenho, parecem ser as asas de um anjo” – numa severa imobilização dos movimentos pulsionais, que sustenta o processo de activação de «remendos» tóxicos da barreira de contacto.

Realçamos que participam na imobilização/sideração pulsional da resposta 20, não só o «pôr em quadro» do conteúdo “asas” – “expostas num desenho” – mas também o continente místico-religioso “anjo”, que revela a prossecução de um estado de ausências de desejo, de angústia e mobilização pulsional agressiva/sexual, imagem de tal forma irreal e incorpórea, que o sujeito só consegue observar, projectivamente, as suas “asas”.

No que respeita à adequação da resposta face ao conteúdo latente do cartão, especificamente ao simbolismo da relação com o materno, numa perspectiva regressiva intra-uterina que esta mancha Rorschach pode solicitar, o sujeito, através da resposta “asas de um anjo”, parece evocar aquele meio/continente, uma vez que são “asas” que representam as qualidades para conter/acolher do continente “anjo”, o qual, por sua vez, remete para a imagem de um paraíso narcísico. Todavia, a resposta confina-se a um conteúdo parcial fictício, “asas”-«remendos» de um corpo/continente materno que pertence a um outro mundo,

de fantasia inconsciente, de uma expectativa frustrada de um seio materno que não aparece, ausência essa que o sujeito não conseguiu elaborar adequadamente, pelo pensamento, dada a sua intensa intolerância à frustração.

Por conseguinte, a má «colagem» do conteúdo (F-) a um grande pormenor perceptivo da mancha (D laranja) acaba por revelar-se no inquérito – “A parte com bicos é que parece estar a mais” – no qual se apercebe que os «remendos» tóxicos produzidos na barreira de contacto começaram a romper-se, levando a uma incapacidade do sujeito em pensar, ou seja, significar através da função  $\alpha$  os elementos  $\beta$  que emergem à consciência, repercutindo-se num movimento evacuativo de identificação projectiva desses elementos, dada a insuportabilidade da dor mental que lhes está inerente. Realçamos que “a parte com bicos” representa uma mobilização pulsional agressiva/sexual: são “bicos” agressivos que podem ferir, assim como elementos fálicos que mobilizam a pulsão sexual. Desta forma, esses elementos parciais não se adequam à intensa sideração, de beatitude narcísica, imposta na resposta espontânea e, por isso, são recusados pelo sujeito.

Neste sentido, face à insustentabilidade dos «remendos» produzidos na barreira de contacto, o sujeito reforça esse processo na resposta 21, através do recurso aos seus habituais «adesivos» tóxicos, na forma de “borboleta” (respostas 4, 9, 19 e 21). As feridas/lacunas da membrana psíquica, mediadora entre o consciente e o inconsciente, são, assim, tratadas toxicamente, sem que ocorra um investimento psíquico suficiente na adequação do conteúdo à realidade perceptiva (F-) – o próprio Inácio reconhece no inquérito: “Mas talvez não seja muito parecido com uma borboleta. De facto, o fundamental é impedir, momentaneamente, uma hemorragia de elementos beta, que só seria efectivamente «curada» através da utilização do «medicamento» natural do psiquismo: a função  $\alpha$ .”

No inquérito, o Inácio justifica claramente as qualidades tóxicas inerentes à resposta-«remendo» “borboleta”:

- “Pela sua forma simétrica” (qualidade igualmente anotada pelo sujeito na resposta 4, do cartão II ), que alude ao desdobramento da representação de si, possibilitando a anulação do conflito, e a sua inerente dor mental, que subjaz a uma relação entre um Eu e um Outro, uma vez que o Outro fica reduzido a uma projecção da imagem de si, na relação de tipo especular;
- A relevância da cor, cujo estímulo constitui-se como angústia-sinal para a mobilização do recurso tóxico de «remendos» da barreira de contacto – “Se estivesse a preto, se calhar não me passava tanto pela cabeça uma borboleta”. A pertinência da cor no processo de construção da resposta “borboleta”, ou

seja, enquanto angústia-sinal, torna-se evidente, na medida em que o sujeito faz referência a essa qualidade cromática no inquérito às várias respostas em que emitiu esse conteúdo (respostas 4, 19 e 21), com excepção da resposta inicial ao cartão V (resposta 9), cuja mancha é toda de cor preta. Porém, no cartão V, perante a solicitada tarefa mental de manter íntegra a representação de si, a angústia-sinal foi extremamente evidente, designadamente através da modalidade de entrada directa na expressão, inerente a um tempo de latência demasiado curto.

Por fim, consideramos pertinente salientar o facto do sujeito ter utilizado, em ambas as respostas deste cartão (IX), a precaução verbal “parece” que, sobretudo, sugere a manifestação de uma «máscara» exibida no discurso (literalmente utilizada como conteúdo da primeira resposta do protocolo), que visa um encobrimento de uma real fragilidade na capacidade de simbolizar, a qual é facilmente desvendada pela má adequação formal (F-) das respostas.

#### *Cartão X*

O cartão X, sendo o último da prova Rorschach, apresenta-se como cartão de ruptura relacional, solicitando, assim, a capacidade de elaboração mental da angústia de perda do objecto. Para além disso, realçamos o carácter perceptivo fragmentado da mancha, que suscita a angústia desintegrativa, de fragmentação, e as possibilidades psíquicas do sujeito em significar o disperso num todo significativo da mancha e/ou, mediante uma centração na delimitação perceptiva das suas cores, exercer a capacidade de construir nomeações simbólicas desses parcelares elementos perceptivos.

Face ao proposto pelo conteúdo latente do cartão, o sujeito fracassa na capacidade de simbolizar, de construir respostas que liguem/separem, adequadamente, os manifestos elementos conscientes aos fantasmáticos elementos inconscientes. De facto, logo na primeira resposta, o longo tempo de latência (20 segundos), parece revelar a dor mental subjacente ao rompimento de um continente psíquico frágil perante o estímulo da realidade externa, levando à conseqüente exposição do seu interior, sob a forma de um conteúdo anatómico – “pulmões”. A permeabilidade da barreira de contacto é aqui extremada, na medida em que a diferenciação entre os elementos perceptivos da mancha e o mundo interior do sujeito esbate-se drasticamente. De facto, a emissão de um conteúdo cru, já sem continente psíquico, torna

premente a necessidade de uma passagem-ao-acto por forma a «colar» aquela parte anatómica – “pulmões” – ao corpo externo da mancha (o sujeito aponta para “esta parte cinzenta” (D superior) do cartão).

No inquérito, o sujeito retoma a confusão entre o que é seu e o que é do cartão, ao proceder a uma anáclise dos “pulmões”, que parecem ser os seus, com algo da realidade perceptiva – “A parte do meio é aquela parte que está agarrada aos pulmões”. A ilustração da relação anaclítica Eu/Outro, sujeito/cartão, prossegue na referência à “ajuda” que a cor do cartão proporcionou ao sujeito: “O facto de ser escuro ajudou-me a ver os pulmões. A cor ajudou a ver a forma”. Porém, o risco, sempre presente, de uma temida separação inerente à relação de tipo anaclítico, suscita um cenário angustiante de ruptura total entre o Eu e o Outro, a qual derivaria num deserto psíquico de conteúdos: “Se calhar se tivesse uma cor mais viva, não teria visto os pulmões”, o que poderá significar que nem os “pulmões” teria visto. Neste sentido, parece que, caso o Outro se torne mais «vivo», poderá esvaziar o mundo interno do sujeito, levando com ele os “pulmões” do sujeito, ou seja, algo de vital (os pulmões sustentam a função de respirar), enfim, a sua capacidade de se manter vivo.

No entanto, também se pode conceber, igualmente, um movimento psíquico inverso: o risco de uma invasão excitatória do Eu, através de uma «vivacidade» excessiva do Outro, que consome a vitalidade do Eu, culminando numa eventual «asfixia» derivada do sujeito ficar engolfado no Outro. Trata-se, assim, de uma identificação projectiva maciça que conduz a uma fusão, a uma perda de si no objecto, a uma eliminação do conteúdo no continente.

É neste último sentido que podemos compreender a resposta final do Inácio à prova Rorschach – “Nos azuis, parecem umas algas” – conteúdo que não se distingue/diferencia do extenso e quase ilimitado continente invocado – no inquérito: “Associei o azul ao mar”. Desta forma, o sujeito parece «afogar-se» dentro do objecto de simbolismo materno intra-uterino, no qual se manifesta o risco de uma iminente morte por «asfixia», que só parece ser evitada através de um novo «agarrar» à realidade perceptiva, movimento anaclítico desta feita de pendor mnésico. Nesta medida, o sujeito recorre à sua capacidade de memória de reconhecimento, através da fundamental presença perceptiva de um objecto (neste caso de um cartão Rorschach), para evocar um tempo psíquico de alguma diferenciação entre o que é interno e externo – “Eu já vi algumas algas parecidas com isso”. O descrito revela também a necessidade de manter o vínculo relacional com a prova Rorschach, mediador da relação humana estabelecida entre o sujeito e o clínico, face à angústia de separação, cuja intensidade aumenta com o aproximar do final da prova. Todavia, evidencia-se, igualmente, um movimento defensivo de desprezo maníaco face ao objecto Rorschach e, associado a esse, ao

técnico, através do discurso – “parecidas com isso” – «isso» desprezível que «mascara» a importância vital da presença do objecto para o sujeito.

Com o fim anunciado da prova e da separação/ruptura relacional com o técnico, parece esvair-se a (pouca) função  $\alpha$  do sujeito, uma vez que este indicia que a sua capacidade de pensar foi sustentada, anacliticamente, pela presença do objecto-técnico – “Não consigo imaginar mais”. Assim, parece que a última resposta cotável do Inácio é indicativa de um movimento de identificação projectiva invasiva, de uma parte substancial do ego, para dentro do objecto “mar”, com o objectivo que este não «fugisse», não desaparecesse da realidade presencial externa, mas essa «imersão» num continente materno sem limites, levou à perda da (frágil) capacidade de simbolizar do sujeito, à sua «absorção» psíquica pelo objecto, à «diluição» da precária função  $\alpha$  do sujeito no espaço psíquico do Outro. O sujeito já nada tem para dar em termos psíquicos, uma vez que já deu tudo o que tinha ao Outro: a sua função  $\alpha$  e, por isso, já não consegue “imaginar mais”. Porém, esse imaginar foi, ao longo da prova Rorschach, essencialmente de «parecência», como revelam as expressões verbais “parece”, nas respostas a este último cartão, que manifestam, exemplarmente, a sua contribuição para uma «máscara», cuja função foi encobrir as recorrentes falhas da função  $\alpha$  do sujeito, consubstanciando-se num rígido disfarce psíquico de ocultação das lacunas insuportáveis da sua barreira de contacto.

### 6.2.2. Análise do psicograma e grelha I

Ao observarmos o protocolo B, constatamos que o número de respostas emitidas (23) enquadra-se nos valores normativos. Este facto revela que o Gabriel investiu na prova, no sentido de emitir um número suficiente de respostas face à solicitação proposta pela instrução Rorschach. O tempo total de realização da prova (17’30’’) foi um pouco inferior ao esperado, embora o tempo por resposta (46’’) esteja de acordo com os valores normativos.

Sublinhamos a relevância de um acentuado tempo de latência médio (22’’) que, pela observação do protocolo, reside numa diferença notória entre os tempos de latência curtos (cartão I e cartão V) e próximos dos médios (cartões, II, III e IV), apresentados nos primeiros cinco cartões, e os tempos de latência claramente excessivos ocorridos nos últimos cinco cartões. Esta discrepância de tempos de latência parece assinalar, sobretudo, um desgaste psíquico evidente no Inácio com o decurso da prova, provocando uma eficiência decrescente no exercício da sua função  $\alpha$ .

Para além disso, a análise da grelha I permite realçar a precária natureza da função  $\alpha$  do Inácio, comprovada pelas 12 respostas em que se verificam movimentos regredientes, nos quais se assinalam processos de desintegração/dispersão de elementos psíquicos, dada a incidência de funcionamento no registo da posição esquizo-paranóide (8 respostas evidenciam uma qualidade permeável da barreira de contacto, 2 respostas marcam a instauração da tela beta e 2 respostas ilustram a instauração da tela beta tóxica). O sujeito revela, assim, tipicamente, a incapacidade de conter e significar a dor mental, dada a porosidade dos continentes psíquicos disponíveis e a associada fragilidade da função  $\alpha$ .

De facto, é a invasão de elementos  $\beta$  que sobressai, de forma predominante, no protocolo do Inácio, e o sujeito apenas consegue impedir/estancar, temporariamente, a expressão dessa intolerável dor mental, através de escassas respostas que promovem uma impermeabilização da barreira de contacto (3 respostas) e, sobretudo, através da solução tóxica anestésica da barreira de contacto remendada (7 respostas). Acrescentamos, igualmente, que as 2 respostas que assinalam a instauração da tela beta, assim como as 2 respostas que revelam a instauração da tela beta tóxica, promovem uma via de superação da dor mental, através do primado do princípio do prazer, no qual se procede a uma evacuação psíquica dos elementos de angústia (elementos  $\beta$ ), mediante sucessivos processos psíquicos desintegrativos ( $Ps \rightarrow Ps$ ).

Por outro lado, realçamos que, só na resposta 8 (cartão IV), o sujeito demonstrou a capacidade de efectuar um nítido movimento evolutivo da barreira de contacto, conducente a uma efectiva reparação das lacunas daquela membrana psíquica, uma vez que o exercício de uma qualidade semi-permeável de ligação/separação entre elementos perceptivos e projectivos, resulta num aumento significativo de elementos  $\alpha$ , que se inscrevem - e passam a estar disponíveis para a formação de pensamentos propriamente ditos - na barreira psíquica mediadora entre elementos conscientes e inconscientes.

No que concerne aos modos de apreensão, ao analisarmos o psicograma, constatamos que as 9 respostas construídas de acordo com o modo de apreensão global, representam uma percentagem de 39%, que se revela significativamente superior aos valores normativos. Nesse sentido, o número substancial de imagens interpretadas na totalidade das manchas Rorschach, sublinham um esforço do sujeito em aceder a continentes perceptivos externos, e abrangentes, para conter particulares angústias interiores, cujos conteúdos não se conseguem relacionar dinamicamente com adequados continentes psíquicos - com excepção da resposta 8 que, como frisámos, foi construída sob o modo semi-permeável da barreira de contacto.

Verificamos, assim, que 6 respostas correspondem a imagens interpretadas, de forma directa, às manchas inteiras (G simples), 1 resposta global inclui pormenores brancos (Gbl) e 2 respostas correspondem a G confabulados (DG).

No que concerne às duas respostas construídas num modo de apreensão global confabulado, realçamos que determinados elementos perceptivos parcelares foram bem interpretados de um ponto de vista formal, mas foram sujeitos a um processo de generalização à totalidade das manchas Rorschach, que culminaram em imagens reveladoras de uma arbitrariedade de associações, onde a confusão entre as partes e o todo é manifesta. Por conseguinte, são respostas que denunciam movimentos de degradação da membrana psíquica que liga/separa elementos conscientes e inconscientes (a resposta 7 demonstra uma permeabilidade excessiva da barreira de contacto, enquanto a resposta 11 assinala a substituição do modo de funcionamento da barreira de contacto por uma efectiva instauração da tela beta).

Para além disso, a análise das 6 respostas cujo modo de apreensão global foi simples (em G), mostram a fragilidade de funcionamento da função  $\alpha$ , uma vez que somente 1 resposta assinala a capacidade de fazer a conexão psíquica de elementos psíquicos diferenciados - conscientes e inconscientes - de forma semi-permeável (resposta 8). De facto, frisamos que 2 respostas, com modo de apreensão em G, denunciam dores psíquicas incontidas, subjacentes ao modo permeável da barreira de contacto (respostas 2 e 10); e 2 outras respostas (respostas 9 e 15) revelam a suspensão do acesso psíquico à experiência de frustração intolerável inerente à relação entre o Eu e o Outro, através do modo de funcionamento da barreira de contacto remendada. Para além disso, salientamos que apenas uma resposta com modo de apreensão global simples (resposta 3) e uma resposta cuja imagem incide na totalidade da mancha com inclusão de pormenores brancos (resposta 1), assinalam um investimento psíquico no reforço da espessura da membrana psíquica constituída por elementos  $\alpha$  - registo rígido da barreira de contacto -, por forma a impedirem irrupções desmedidas de elementos  $\beta$ , face à débil capacidade transformativa da função  $\alpha$  do sujeito.

No que respeita às 13 respostas proferidas em localizações de pormenor corrente das manchas Rorschach (em D), salientamos que a percentagem de respostas, nesse modo de apreensão (57%), encontra-se um pouco aquém dos valores normativos. A análise das respostas em D, demonstra que, no psiquismo do Inácio, a selecção de elementos da realidade perceptiva evoca, tipicamente, experiências relacionais com objectos parciais, pré-genitais, inerentes ao exercício de perturbadas relações continente-conteúdo, que não permitem uma

suficiente contenção e metabolização dos conteúdos angustiantes que emergem do inconsciente, e que, por isso, danificam a barreira de contacto. Nesta medida, a análise das respostas em D, sublinham, em grande medida, a precária capacidade de integração de elementos psíquicos dispersos, dado o insuficiente acesso à posição depressiva, que não permite, assim, a constituição de símbolos coesos, fundados numa actividade de ligação/separação semi-permeável entre a componente perceptiva e projectiva no processo-resposta Rorschach. De facto, 8 respostas manifestam movimentos de desintegração psíquica subjacentes a uma degradação da barreira de contacto, com características singulares: 5 respostas evidenciam uma dor psíquica que não foi sujeita a uma suficiente significação – elementos  $\beta$  que não foram transformados, pela função  $\alpha$ , em elementos  $\alpha$  -, que passa pelas lacunas da barreira de contacto de registo permeável; 1 resposta denuncia a substituição do modo de funcionamento da barreira de contacto pela instauração da tela beta, decorrente da recorrência psíquica em movimentos regressivos, inerentes a uma hegemonia de funcionamento da posição esquizo-paranóide, em que a fuga ao pensamento institui-se como única solução viável, dada a excessiva intolerância à frustração; e 2 respostas assinalam a instauração da tela beta tóxica, em que a desintração pulsional é intensificada por elementos tóxicos que se associam a elementos  $\beta$ , por forma a «acelerarem» o processo de ascensão da tela beta, na qual o princípio do prazer triunfa, de forma esmagadora, sobre o princípio da realidade.

Adicionalmente, registamos que, por forma a estancar a dor mental que emerge das lacunas da barreira de contacto, o Inácio emitiu apenas 1 resposta, em D, em que se denota um sobre-investimento psíquico nos limites mediadores – membrana psíquica - entre elementos conscientes e inconscientes, reforçando a rigidez de funcionamento da barreira de contacto, operacionalizada numa restrição do fluxo de elementos  $\beta$  provenientes do inconsciente. De uma forma mais intensa, a restrição exacerbada de movimentos pulsionais, consolida-se numa suspensão da própria actividade da barreira de contacto – registo toxicodependente da barreira de contacto remendada - sustentada em remendos tóxicos efectuados nos rasgos (derivados de uma insuficiente actividade da função  $\alpha$ ) ocorridos no tecido constituinte da membrana psíquica, que é responsável pela formação da actividade simbólica. Neste registo, salientamos, assim, a evidência de 4 respostas Rorschach, cujas imagens foram interpretadas em grandes pormenores das manchas (em D), e que sublinham a activação de elementos tóxicos promotores da paralisação da dinâmica subjacente à barreira de contacto do sujeito, permitindo, desse modo, uma suspensão, temporária, da dor mental

insuportável decorrente da relação entre o Eu e o Outro. Por conseguinte, quer o modo impermeável quer o modo remendado da barreira de contacto, acedidos na construção de respostas referentes a partes delimitadas de manchas Rorschach, denunciam que o acesso a parciais elementos da realidade externa evocam, no sujeito, objectos com parcial capacidade de rêverie. A relação com esses objectos parece suscitar uma intensa frustração, que o Inácio não consegue tolerar, levando à necessidade de restringir (modo rígido da barreira de contacto) ou, de forma mais frequente, suspender (exercício da barreira de contacto remendada) a actividade relacional entre o Eu e o Outro, impossibilitando uma compreensão emocional da experiência (vínculo K) subjacente à dinâmica continente-conteúdo.

No que respeita a respostas centradas em pormenores brancos intramaculares (Dbl), regista-se uma imagem emitida (resposta 6) nesse modo de apreensão, cuja percentagem (4% do total de respostas) é ligeiramente superior ao valor normativo. A este propósito salientamos, que o Inácio, face ao espaço interior intramacular da mancha do cartão II, profere uma resposta adaptativa, formalmente adequada e com potencial de mobilização pulsional apreciável, mas que o sujeito sidera, assinalando, dessa forma, que aquele pormenor branco da mancha evocou uma experiência de falta, de vazio intolerável, levando à fixação de elementos tóxicos nas fendas da barreira de contacto, que anestesiam, assim, a dor mental decorrente da angústia de perda de objecto.

Realçamos que o sujeito não emitiu qualquer resposta face a pequenos pormenores das manchas Rorschach (Dd), o que parece indiciar um evitamento da mobilização de elementos parcelares das manchas que não se impõem à percepção, por forma a não invocar a emergência de elementos psíquicos dispersos e fragmentados, cuja angústia é excessiva face à fragilidade dos continentes psíquicos disponíveis.

Ao procedermos a uma análise dos determinantes inerentes ao processo de construção das respostas evidenciadas no protocolo B, observamos um expressivo número de respostas em que o factor formal é preponderante (17 respostas em F, sendo o único determinante assinalado), mas ressaltamos que a maior parte dessas respostas (9), evidenciam uma insuficiente adequação perceptiva aos estímulos Rorschach. Deste modo, embora a percentagem de respostas com determinante formal exclusivo seja significativa (F%: 74%) - sendo inclusive ligeiramente superior aos valores normativos -, a percentagem referente a respostas formais com boa adequação aos elementos perceptivos das manchas é extremamente baixa (47%), sublinhando, assim, que o sujeito denota uma frágil capacidade de manter a observância da realidade (consciente) face ao forte poder projectivo do fantasma (inconsciente), que emerge, frequentemente, sob o domínio do processo primário. Realçamos

que a maior parte das respostas cotadas com insuficiente adequação formal ao estímulos Rorschach (F-) remetem para movimentos regressivos, associados ao registo da posição esquizo-paranóide, nos quais a ineficácia/inoperância da função  $\alpha$  é muito evidente (5 respostas demonstram o modo de funcionamento permeável da barreira de contacto e 1 resposta denuncia a instauração da tela beta). Para além disso, evidenciam-se 3 respostas com má adequação formal, em que a dor mental decorrente da mediação entre as realidades externa e interna, não é devidamente significada numa conciliação simbólica possível entre elementos conscientes e inconscientes, mas os conteúdos-«remendo» (registo da barreira de contacto remendada), emitidos pelo sujeito, revelam que elementos tóxicos cumpriram a sua função anestesiante nas lacunas da barreira de contacto, acarretando, para além de uma sideração dos elementos  $\beta$ , um nítido «adormecimento» da função perceptiva.

Consideramos ainda pertinente salientar que a maior parte das imagens, interpretadas sob um determinante formal, e que se revelaram inadequadas aos elementos perceptivos dos estímulos (F-), são respostas apreendidas em D (6 respostas), manifestando a fragilidade dos continentes psíquicos do sujeito face à angústia de conteúdos parciais, suscitados por uma selecção da realidade externa através das manchas Rorschach. Aliás, apenas 1 resposta apreendida, directamente em G, veicula um imagem construída com incidência exclusiva na componente formal, e que se mostra inadequada ao percepto. Tal imagem (resposta 2) revela, igualmente, a dificuldade do sujeito em significar elementos  $\beta$ , provenientes da sua realidade interna sob a forma de um conteúdo parcial que não consegue ser adequadamente contido pelo sujeito, apesar de ser remetido a um abrangente objecto externo (em G), que denuncia um claro esforço em procurar um continente externo com ampla capacidade de conter e metabolizar a angústia do sujeito. Para além disso, frisamos a ocorrência de duas respostas apreendidas em G confabulado (DG), que revelam momentos psíquicos de incapacidade do Inácio em observar a realidade formal externa (F-), devido a um processo confusional entre a significação de partes e o todo dos objectos, realçando a precária actividade da função  $\alpha$  do sujeito, face a uma irrupção excessiva de elementos  $\beta$  (1 resposta manifesta o modo de funcionamento permeável da barreira de contacto e 1 outra resposta marca a instauração da tela beta).

No que respeita a respostas, cujo único determinante incide na componente formal do estímulo, e manifestam imagens com suficiente adequação perceptiva às manchas Rorschach, salientamos que, ainda assim, 3 dessas imagens foram construídas, predominantemente, no modo desintegrativo da posição esquizo-paranóide (2 respostas no registo da barreira de

contacto permeável e 1 resposta que anuncia a instauração da tela beta tóxica). Desta forma, nessas 3 respostas, apesar da componente perceptiva estar minimamente preservada, a dor mental subjacente a essas observações da realidade está impregnada com excessivos elementos  $\beta$ , que realçam a precariedade e instabilidade das respostas-símbolo emitidas, uma vez que a ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes está demasiado marcada pelo registo da posição esquizo-paranóide. Adicionalmente, 3 respostas, que sublinham a determinação exclusiva da suficiente adequação formal (F+), remetem para uma paralisação tóxica dos elementos  $\beta$  nas lacunas da barreira de contacto e, como tal, é vincada a anestesia da dor mental que decorre do modo de funcionamento da barreira de contacto remendada. Para além disso, registamos a evidência de 2 respostas em que um único determinante formal, correspondeu a um modo de funcionamento hiper-adaptativo aos elementos perceptivos da realidade externa (F+), por forma a reforçar a espessura da barreira de contacto (ligação/separação muito rígida entre elementos conscientes e inconscientes), face à intensa angústia associada a uma iminente emergência excessiva de elementos  $\beta$ .

Na combinação de um determinante formal (F) com um determinante sensorial acromático (C'), assinalamos a relevância maior do primeiro sobre o segundo na construção de 2 respostas: uma das quais, essencialmente, convencional, na qual à banalidade do conteúdo emitido poucos elementos inconscientes são mobilizados, embora estes remetam, em virtude da explicitação da relevância da cor preta, para uma vivência disfórica que é minimizada na rigificação formal à realidade externa global (em G) a que o sujeito adere (modo impermeável da barreira de contacto), que permite somente uma via muito estreita a uma expressão fantasmática dilacerante; uma outra resposta, veicula um registo muito permeável da barreira de contacto, em que a componente formal da imagem remete para um continente muito precário, que expõe, dada a ausência de um «corpo» com circunscrição de limites, um conteúdo de natureza anatómica, que corresponde a elementos dispersos que o sujeito não conseguiu integrar numa imagem-conceito unitária, dada a incapacidade de aceder suficientemente à posição depressiva (a apreensão de um elemento parcial da mancha Rorschach - em D -, terá suscitado a invocação do modo desintegrativo da posição esquizo-paranóide, face ao qual o sujeito não mostrou capacidade de promover um subsequente movimento evolutivo, inerente à oscilação dinâmica Ps  $\leftrightarrow$  D, necessária para a elaboração de um símbolo que une, e simultaneamente diferencia, elementos perceptivos e elementos projectivos). Anotamos como especialmente relevante o facto de, apenas na última resposta do protocolo, o sujeito ter emitido uma imagem, predominantemente, marcada pela excitação

sensorial da cor (CF), na qual a componente formal, contributiva da definição de limites distintivos entre o dentro e o fora, é pouca expressiva. Tal parece indiciar a manifestação de um esforço, ao longo da prova, de ancoragem à realidade externa (através de uma dominante expressão formal – F% acima da média), por forma em impedir a invasão fantasmática que as cores (cromáticas e acromáticas) invocam, mas que a intensa dor mental associada ao final da prova (angústia de perda do objecto) permite, finalmente, uma via para se expressar de forma mais directa (determinante C como principal na construção da resposta).

Para além disso, registamos 1 resposta em que o determinante Clob expressa uma angústia exacerbada, mas integra-se numa imagem bem definida a nível formal (FClob), revelando a capacidade do Inácio em conter e significar, suficientemente, uma dor mental intensa (irrupção de um elevado número de elementos inconscientes). De facto, esse momento da situação Rorschach, realça o exercício bem sucedido da função  $\alpha$  do sujeito, na medida em que conseguiu operar uma significação discriminativa de vários elementos dispersos ( $\beta$ ), integrando-os, pelo inerente acesso à posição depressiva, numa nomeação imagética unitária possível, e adequada, na conciliação entre o conteúdo manifesto e latente da mancha Rorschach.

Destacamos ainda, ao nível dos determinantes, a presença de 2 respostas cinestésicas maiores (K) - que foram emitidas uma imediatamente a seguir à outra no cartão VII -, que configuram imagens de uma relação entre personagens extremamente indiferenciadas, em que o movimento, acção ou intenção entre elas é inexistente: na primeira resposta, é meramente uma atitude passiva que sobressai entre dois elementos humanos parciais – evocados por elementos perceptivos discriminados do todo da mancha (em D) -, que consagram, assim, uma relação de objecto pré-genital, marcada pelo exercício desintegrativo da posição esquizo-paranóide associado a um modo permeável da barreira de contacto; na resposta seguinte, o sujeito apreende toda a mancha (em G), e essa mobilização de toda a realidade externa funciona como um facilitador perceptivo para uma unificação viável das personagens, permitindo uma integridade da representação de si, mas que não possibilita uma relação entre um Eu e um Outro diferenciados (relação especular, em que o desdobramento narcísico é reforçado por uma expressão simbiótica entre o Eu e a sua imagem), ou seja, a dolorosa actividade conectiva entre distintos elementos conscientes e inconscientes é suspensa pela solução anestésica tóxica do modo de funcionamento remendado da barreira de contacto.

No que concerne à análise dos conteúdos, verificamos que o Inácio apenas emitiu 3 respostas com imagens banais, o que remete para uma insuficiente inteligibilidade perceptiva dos objectos externos. Porém, as percentagens de conteúdos animais e humanos (A%: 48%;

H%: 17%) enquadram-se nas respectivas médias de registos de psicogramas Rorschach, embora, em ambos os casos, observamos que as percentagens que incluem imagens irreais ou fictícias (A%: 57%; H%: 22%) estejam um pouco acima dos valores normativos. Realçamos que os valores suficientes de respostas com conteúdos animais e humanos reais remetem para uma adaptação minimamente consistente à realidade externa, mas somente ao nível de actividade mnésica de objectos do mundo real, uma vez que a qualidade perceptiva, que participa na construção compreensiva dos objectos actuais do mundo externo, fracassa (F-), por diversas vezes (7 respostas de conteúdos humanos ou animais reais com má qualidade formal), face à intensidade inerente à emergência de projectivos elementos inconscientes. Adicionalmente, destacamos que, nas 9 respostas com conteúdos animais unitários reais, observamos, uma expressão numérica relevante e semelhante nos modos de funcionamento da barreira de contacto permeável e remendada (3 respostas sob o registo permeável e 4 respostas que expressam o exercício de remendos tóxicos anestésiantes da dor mental), denotando duas formas básicas de construção destas imagens: uma em que ocorre a emergência dolorosa da tela beta e outra em que se procede à activação de remendos tóxicos que suspendem a dor mental. Para além disso, salientamos que 1 resposta de conteúdo animal inteiro (a última do protocolo) manifesta a instauração da tela beta (movimentos sucessivos Ps → Ps), dada a incapacidade do sujeito em proceder a um movimento progrediente face à permeabilidade excessiva da barreira de contacto verificada na resposta anterior, assinalando uma situação mental de recorrente dispersão de elementos psíquicos, para o qual contribui a angústia de ruptura entre o Eu e o Outro que é anunciada pelo iminente fim da prova. Por último, realçamos que o Inácio não emitiu qualquer resposta de conteúdo animal inteiro, em que tenha procedido à construção de um símbolo que conciliasse adequadamente elementos perceptivos e projectivos – qualidade semi-permeável da barreira de contacto -, assinalando-se somente 1 resposta, desse tipo de conteúdos, em que o seu processo de construção foi marcado pela rigidez na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, consubstanciado num privilegiar da percepção sobre a projecção, que contribuiu para a emissão de um conteúdo com características banais.

No que respeita a conteúdos humanos inteiros (H), verificamos duas respostas que se constituem através do exercício de registos específicos de funcionamento da barreira de contacto, em que a dor mental não é suficientemente elaborada através do processo transformativo que subjaz à actividade da função  $\alpha$  (1 resposta é emitida através do modo permeável da barreira de contacto e 1 resposta é resultante do «preenchimento» tóxico das

lacunas – permeáveis – da membrana psíquica constituída por elementos  $\alpha$ ). Tal salienta que as evocações de imagens humanas remetem para experiências de frustração intolerável, dada a precariedade da relação continente-conteúdo do sujeito. Anotamos que, ambas as respostas, foram emitidas em cartões bilaterais (III e VII) - susceptíveis de evocar relações entre personagens humanas inteiras – nos quais ficaram patentes as severas dificuldades (forte dor mental) do sujeito em aceder a adequadas representações de relações: interpretação da mancha do cartão III como uma única personagem, sem ter conseguido aceder, consistentemente, à banal imagem de duas figuras humanas no inquérito de limites; e imagem de uma relação especular no cartão VII, na qual se denota ainda uma ligação simbiótica entre o Eu e a sua idêntica imagem, o que impede, de forma muito intensa, a mediação/construção relacional simbólica entre elementos psíquicos diferenciados.

O Inácio enveredou, também, pela expressão imagética de reais conteúdos animais e humanos parciais (Ad e Hd), manifestando produtos de processos psíquicos internos marcados pela desintegração inerente à posição esquizo-paranóide, sem subsequente capacidade de aceder à reconstrução integrativa desses objectos inerente à posição depressiva, realçando, assim, movimentos de degradação/involução em curso da barreira de contacto (2 respostas de conteúdos animais parciais e 1 resposta de conteúdo humano parcial evidenciam a emergência dolorosa do funcionamento da tela beta - associado ao registo permeável da barreira de contacto -, enquanto 1 resposta de conteúdo humano parcial remete para a instauração da tela beta tóxica). Constatamos, ainda, a emissão de fictícios conteúdos humanos e animais – (A) e (Hd) -, cuja irrealidade das imagens traduz a emergência de elementos inconscientes intensamente angustiantes: 1 resposta de conteúdo humano irreal parcial - (Hd) - assinala a inscrição de elementos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto, para efeitos de anestesia da dor mental intolerável (registo da barreira de contacto remendada), num cartão que evoca movimentos extremamente regressivos, nomeadamente de temática fantasmática de índole intra-uterina (cartão IX); 2 respostas de conteúdo animal inteiro irreal (A) sublinham vias antagónicas para lidar com a dor mental intensa, já que 1 resposta revela um suficiente exercício da função  $\alpha$ , na medida em que compreendemos a ocorrência de um processo transformativo de diversos elementos de angústia (elementos  $\beta$ ) em elementos psíquicos susceptíveis de serem pensados (elementos  $\alpha$ ), reveladores da consagração activa do modo semi-permeável da barreira de contacto, enquanto 1 outra resposta evidencia uma imponente actividade fantasmática, cuja grande intensidade projectiva participa num processo confusional entre elementos psíquicos conscientes e inconscientes, e

sustenta a persistência em disruptivos movimentos regredientes na prova, declarando, desse modo, a instauração do funcionamento da tela beta.

No que respeita a outros conteúdos, verificamos a presença de duas respostas com imagens de objectos, que visam, fundamentalmente, impedir a irrupção de um número insuportável de elementos  $\beta$  nas lacunas da barreira de contacto: 1 resposta é construída sob uma grande rigidez na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, por forma a atenuar a mobilização de derivados pulsionais, essencialmente, de índole agressiva, mas tal esforço psíquico acaba por fracassar, na resposta subsequente, perante a destrutividade exercida através de um vínculo parasitário da relação continente-conteúdo; e 1 resposta transmite a imagem de um objecto, cujo estado siderado remete para a suspensão da dinâmica da barreira de contacto, dada a evocação de lacunas/frustrações insuportáveis na relação entre o Eu e o Outro provocadas pela percepção de um detalhe branco intramacular.

No mesmo sentido, o sujeito emite 1 resposta que visa vedar a passagem de elementos inconscientes particularmente intensos a nível de angústia, através de um conteúdo de uma máscara, que se revela como um elemento de sobreposição da superfície psíquica que medeia a conexão entre elementos perceptivos e elementos projectivos no processo-resposta Rorschach, manifestando-se, assim, o modo de funcionamento impermeável da barreira de contacto do sujeito.

Por último, ao nível da análise dos conteúdos, salientamos a evidência de 2 respostas com conteúdos arcaicos de natureza parcial (1 conteúdo anatómico e 1 conteúdo sexual), que demonstram a desintegração de elementos psíquicos subjacente à relação dinâmica continente-conteúdo de vínculo parasitário, em que é extremamente dominante o exercício de funcionamento da posição esquizo-paranóide (1 resposta surge de uma intensa dor mental não transformada, suficientemente, pela função  $\alpha$ , em elementos constitutivos do pensamento – barreira de contacto permeável - e 1 resposta marca o efémero triunfo maníaco toxicodependente sobre a dor mental, através da instauração da tela beta tóxica). Salientamos que a significativa expressão numérica de respostas com conteúdos parciais (animais e humanos), anatómicos e sexuais mostra-se, de forma evidente, na percentagem do índice de angústia corporal (22%), cujo valor é claramente superior aos valores normativos, denunciando um significativa expressão de angústia de natureza arcaica fragmentária.

Consideramos pertinente focar que, praticamente a totalidade dos conteúdos proferidos pelo Inácio, seguiram uma dominância formal no seu processo de construção (F% alargado: 96%), o que denota um sobre-investimento nas formas, nos contornos dos limites das imagens, com o intuito de não perder essas representações objectais nas lacunas da sua

barreira de contacto, uma vez que nessas «quebras» de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, trespassa a dor mental de uma dispersão psíquica intolerável, dada a incapacidade revelada em proceder, de seguida, à integração unificadora e significativa da posição depressiva. De facto, o investimento psíquico do sujeito passa, fundamentalmente, por captar/manter a imagem do objecto e, para tal, é necessário proceder a uma diferenciação perceptiva desse objecto na ampla realidade externa, tarefa que se torna inviável para o Inácio em pequenos pormenores (nenhuma resposta foi apreendida em Dd), sendo mais acessível a apreensão de imagens em toda a mancha (G% acima da média) ou em grandes detalhes (D% apenas ligeiramente abaixo dos valores normativos). Para além disso, a inexistência de respostas em Dd denota uma incapacidade de explorar/aprofundar a relação com objectos externos, eventualmente devido à angústia que suscita a percepção de pequenos pormenores da realidade externa, já que tais elementos podem remeter para experiências intra-psíquicas marcadas por uma intensidade dispersiva próxima da pulverização/fragmentação massiva do mundo interno do sujeito. Esta interpretação parece-nos reforçada, exemplarmente, pela nítida perda de limites entre o dentro e o fora, entre o que corresponde ao mundo interno do sujeito e o que é evidenciado na mancha do último cartão Rorschach, no qual o seu conteúdo latente mobiliza, inicialmente, uma imagem anatómica, que revela a insuficiência operativa da função  $\alpha$  do sujeito face à intensidade da angústia de fragmentação, e na resposta seguinte, a última do protocolo, torna-se evidente que o Eu praticamente perde-se/«afoga-se» no Outro, com intuito de não o perder, dada a elevada angústia de perda de objecto que emerge nos momentos, imediatamente precedentes, ao final da prova.

A acrescer ao descrito sobre o predomínio da componente formal na emissão de respostas, salientamos que o esforço do sujeito em captar, adequadamente, a imagem dos objectos revela pouco sucesso, uma vez que o resultado da fórmula F+% alargado cifra-se apenas em 55%, ou seja, pouco mais de metade das respostas emitidas, de acordo com a relevância da forma no seu processo de construção, revelam-se como imagens adequadas à configuração perceptiva dos elementos apreendidos nas manchas Rorschach. Este resultado remete, igualmente, para a análise da barreira sensível que, embora a sua evolução/involução esteja correlacionada positivamente, em cada momento, com o exercício de cada modo de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta, a análise do valor obtido pelo cálculo da fórmula F+% alargado, sublinha, a nível estrutural, a capacidade do sujeito toxicodependente em proceder a uma adequada inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, sendo esta promotora de uma consequente re-significação mais elaborada dos objectos internos. Neste sentido, podemos verificar que, a nível integrado, tendo em consideração o total de respostas

em que o sujeito se debruça sobre a sua capacidade de definição perceptiva dos objectos externos, os resultados dessas «sensíveis» experiências discriminativas do mundo exterior, não resultam, em grande medida, num desenvolvimento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos e, por isso, não podem contribuir, de forma expressiva, para o desenvolvimento da significação dos objectos do mundo interno. De facto, tal resultado (F+% alargado: 55%) mostra, sobretudo, uma grande instabilidade na dinâmica da barreira sensível, e sendo a barreira sensível a “herdeira da barreira de contacto” (Farate, 1998), permite-nos salientar que a ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes se procede no mesmo registo de instabilidade.

Esta análise sobre o valor obtido no F+% alargado, parece-nos também confluir no mesmo sentido da análise dos resultados registados no Tipo de Ressonância Íntima (T.R.I.) e da respectiva Fórmula Complementar (F.C.). No que concerne ao T.R.I., constatamos um resultado indicativo de um tipo ambiguo, em que os dois componentes da fórmula se encontram identicamente investidos, mas, enfatizamos, escassamente investidos. De facto, apenas duas respostas cinestésicas maiores foram emitidas pelo sujeito, sendo estas imagens marcadas por K de mera postura, entre personagens parciais ou totalmente idênticas, o que não permite o estabelecimento de uma real dinâmica relacional entre um Eu e um Outro íntegros e diferenciados, subjacente a um eficaz funcionamento da barreira de contacto. Neste sentido, estas respostas K correspondem, sobretudo, a um investimento na forma, por forma a captar/siderar as imagens para que estas não se percam, dada a intensa angústia corrosiva das representações associada a iminentes emergências excessivas de elementos  $\beta$ . Por outro lado, nas duas respostas proferidas com determinantes acromáticos (C') associados ao predominante determinante formal (F), a cor negra constitui-se muito mais como um auxiliar perceptivo para promover a nitidez das imagens emitidas, do que expressão de ressonâncias afectivas integradas em simbólicas representações formais. Para além disso, realçamos que, apenas por uma vez, o sujeito manifesta a evidência de uma invasão sensorial, provocada pela cor, no processo de construção de uma imagem, na qual o Inácio perde a capacidade de se centrar em elementos de definição formal da imagem, face à evocação de um continente psíquico sem limites que «afoga»/«dilui» os conteúdos do sujeito. Salientamos que essa resposta foi a última do protocolo, revelando, exemplarmente, o esforço psíquico exercido durante a prova, pela via do sobre-investimento na forma dos objectos, por forma a não se «engolfinhar» na relação continente-conteúdo de vínculo parasitário.

Para além disso, os resultados obtidos na fórmula complementar, permitem-nos reforçar a compreensão de um sobre-investimento do sujeito na percepção das formas dos

objectos, por forma a restringir movimentos projectivos suscitantes de uma dor mental intolerável no psiquismo. Neste sentido, uma vez que as cinestésias menores estão, tipicamente, associadas a uma maior carga projectiva em comparação com as cinestésias maiores, o sujeito terá evitado essas expressões imagéticas durante o protocolo (nenhuma resposta), por forma a diminuir o risco de irrupção excessiva de elementos de angústia (elementos  $\beta$ ). Na mesma senda de significado, a ausência de respostas com determinante esbatimento (E) associa-se ao esforço de delimitação das formas dos objectos, para que não haja interpenetração de imagens-conceito, suscitantes de um intenso receio de perda/diluição de limites diferenciadores entre o dentro e o fora, entre o Eu e o Outro.

Concomitantemente, a análise da percentagem referente à Reactividade Cor (RC%: 26%), embora esteja apenas ligeiramente aquém dos valores normativos, sublinha um excessivo pendor de respostas formais, tal como podemos observar pelas respostas emitidas nos cartões pastel. De facto, o sujeito esforça-se por restringir a expressão afectiva suscitada pelas cores dos últimos três cartões Rorschach, ou seja, o Inácio promove uma fuga da compreensão emocional das experiências relacionais entre o Eu e o Outro, tentando vedar as vias de acesso para a emergência de elementos  $\beta$ . Tal esforço é, assim, constatado através de um sobre-investimento em elementos formais dos estímulos (com excepção da última resposta, em que a invasão sensorial da cor é patente), mas que acaba por fracassar na sua adequação perceptiva, dada a evidente má qualidade formal das respostas, que é decorrente de um excessivo registo na posição esquizo-paranoide (2 respostas sob o modo permeável da barreira de contacto e 1 resposta que marca a instauração da tela beta). Para além disso, as remanescentes respostas proferidas pelo sujeito aos cartões pastel, sustentam-se numa solução toxicodependente para «tapar» as lacunas da barreira de contacto, evocadas pelos estímulos cromáticos das manchas: a anestesia da dor mental através do modo de funcionamento siderante da barreira de contacto remendada (3 respostas).

### 6.2.3. Análise da grelha II

Ao analisarmos a grelha II - observação dos modos de funcionamento e evolução da barreira de contacto, tela beta e barreira sensível (protocolo do sujeito B) – constatamos uma predominância de registos que salientam os modos de funcionamento permeável da barreira de contacto (8 respostas) e do modo de funcionamento toxicodependente da barreira de contacto remendada (7 respostas). A acrescer ao número expressivo de respostas sob o modo permeável da barreira de contacto, salientamos ainda mais 4 respostas que marcam

movimentos psíquicos desintegrativos que, pela sua persistência ( $Ps \rightarrow Ps$ ), anunciam, respectivamente, 2 ocorrências de instauração da tela beta e 2 estados psíquicos de superação da dor mental através da instauração da tela beta tóxica.

Deste modo, frisamos, que somente 1 resposta refere-se ao registo semi-permeável da barreira de contacto (efectivo movimento evolutivo da barreira de contacto e da barreira sensível), e apenas em 3 respostas o sujeito é capaz de proceder a uma impermeabilização das lacunas da sua barreira de contacto (registo pouco significativo, ou praticamente estagnado, ao nível do aumento de elementos  $\alpha$  inscritos na barreira de contacto, com um consequente movimento análogo de ínfima evolução da barreira sensível).

Por conseguinte, o que marca, fundamentalmente, o decorrer da prova Rorschach do Inácio é a oscilação entre movimentos regressivos (degradação da barreira de contacto ou superação temporária da dor mental, através de uma imponente primazia do princípio do prazer sobre o princípio da realidade, associada às instaurações da tela beta e tela beta tóxica) e movimentos de cosedura tóxica dos rasgos da barreira de contacto, promovendo, dessa forma, a uma anestesia, efémera, da intolerável dor mental.

Numa análise mais fina, verificamos que, no cartão I, cuja solicitação simbólica está fortemente associada ao significado de entrada na prova, numa relação experiencial desconhecida com o técnico, e mediada por um material Rorschach caracterizado pela ambiguidade, o sujeito mobiliza, desde logo, as suas forças defensivas, através de uma resposta que enuncia uma excessiva rigidez da barreira de contacto. Porém, esse sobreinvestimento na espessura da membrana que estabelece a relação entre o Eu e o Outro, não se consegue manter face a uma grande erosão provocada na barreira de contacto, provocada por uma emergência desmedida de elementos inconscientes, cuja intensa carga projectiva associada, participa na construção de uma resposta com clara inadequação à realidade externa do estímulo Rorschach. Ainda, assim, perante este movimento regressivo, o Inácio consegue mobilizar, novamente, os seus recursos impermeabilizantes da barreira de contacto, que sustêm uma intensa restrição à irrupção de elementos  $\beta$ , permitindo a emissão de uma resposta banal, na qual a componente formal perceptiva mostrou-se preponderante, conjugada por um determinante cor (acromático) que visa mais a definição/nitidez da imagem do que a expressão de uma ressonância afectiva.

No que respeita ao cartão II, é bastante evidente a oscilação entre o modo remendado da barreira de contacto e o registo permeável de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes. De facto, face a um cartão com configuração bilateral, que evoca

uma experiência relacional, na qual se associam forças pulsionais intensas suscitadas pela presença da cor vermelha, assim como uma vivência de angústia de ausência, de vazio, de perda de objecto, suscitado pela pormenor branco, o Inácio procede, de início, à emissão de uma resposta que evidencia uma sideração anestesiante da dor mental nas lacunas da sua barreira de contacto, mas os remendos tóxicos produzidos são frágeis, rompendo-se logo de seguida, reactivando a emergência dolorosa de elementos  $\beta$ , através da emissão de uma imagem com um conteúdo parcial potencialmente destrutivo, revelando uma manifesta desintrincação pulsional. Perante a evocação de uma expressão fantasmática de dano irreparável provocado no objecto, o sujeito centra-se no grande pormenor branco intramacular, que remete para a angústia de perda de objecto, «cobrindo-o» com um grande remendo tóxico siderante da expressão dessa dor mental.

No entanto, na continuidade psíquica da prova, a fragilidade dos remendos tóxicos produzidos na última resposta do cartão II, rompem-se, drasticamente, face à evocação dolorosamente intensa de uma relação entre duas personagens humanas no cartão III, em que o Inácio não consegue proceder a essa ligação/separação entre o Eu e o Outro, efectuando, por isso, um movimento intensamente regressivo a uma imagem de um única personagem humana, que denota a ocorrência de um processo de fusão de elementos psíquicos diferenciados, realçando a vincada expressão do processo primário em grandes lacunas da sua barreira de contacto.

Apesar da disruptividade psíquica – registo permeável da barreira de contacto - verificada no cartão III, o Inácio consegue proceder a um efectivo movimento progrediente, na abordagem ao cartão IV. De facto, embora a intensidade da angústia ainda seja elevada - pelo menos em parte transposta do cartão anterior -, o conteúdo latente do cartão é, claramente, apreendido e mobilizado, na vertente de uma imagem forte e imponente, acrescida de uma dimensão assustadora, cuja angústia o Inácio consegue conter, suficientemente, através da descrição/enunciação interpretativa de pormenores perceptivos, utilizando, assim, o estímulo como continente formal perceptivo para a expressão de uma ressonância fantasmática de um objecto tenebroso e com grande potência pulsional, marcadamente agressiva. Neste sentido, o sujeito consegue conciliar, adequadamente, os elementos perceptivos, acedidos na realidade externa, com a evocação de elementos projectivos, que expressam a emanção da actividade fantasmática, na resposta-Rorschach proferida (registo semi-permeável da barreira de contacto).

No cartão V, o Inácio faz uma entrada directa na expressão (tempo de latência muito curto – equivalente choque) através de um conteúdo-«remendo» que promove a sideração da

dinâmica da barreira de contacto, face à invocação do registo da posição depressiva, necessário para veicular uma consistente representação unitária de si, a que o conteúdo latente do cartão remete. Assim, apesar do conteúdo emitido na resposta 9 ser banal, a função inerente ao seu processo de construção é paralisar a dinâmica da barreira de contacto, em lacunas dessa membrana psíquica que evocam os dolorosos «buracos» associados à imagem representativa do Eu, os quais necessitam de preenchimento significativo, mas que, dada a fragilidade da função  $\alpha$ , o Inácio opta por «cobrir» toxicamente essas lacunas, por forma a suster, efemeramente, uma atenuação drástica da dor mental. De facto, a característica efémera dos remendos tóxicos tecidos na barreira de contacto, fica extremamente evidente na resposta seguinte, em que o conteúdo-«remendo» é «rasgado» pelo exercício do mecanismo de clivagem do objecto, dada a insustentável e frágil representação unitária, de composição tóxica, a que o sujeito previamente acedeu. Tal processo desintegrativo dos remendos tóxicos, inerente ao exercício do modo permeável de funcionamento da barreira de contacto, provoca aberturas/rasgos extensos naquela membrana psíquica conducentes, na última resposta ao cartão V, a uma efectiva instauração da tela beta, em que é notória uma intensa indiferenciação entre imagens-conceito distintas, revelando a expressão de uma relação continente-conteúdo com vínculo parasitário.

O Inácio depara-se com o cartão VI ainda sob o domínio do processo primário, o que explica, em grande medida, o grande tempo de latência verificado neste cartão (choque manifesto). Esse tempo excessivo serviu para o sujeito mobilizar recursos psíquicos de impermeabilização da barreira de contacto, face ao declínio hegemónico da tela beta, que torna, mais uma vez, evidentes as brechas na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, que o sujeito esforça-se por «tapar» através de um sobre-vestimento da modalidade perceptiva no processo de construção da primeira resposta – registo rígido da barreira de contacto -, na qual é apreendido um elemento perceptivo que remete para imagens de conotação simbólica fálica. Todavia, na resposta seguinte, o investimento de reforço da espessura da barreira de contacto fracassa dramaticamente, perante a enorme potência fantasmática destrutiva que despedaça a membrana-«muro», que o Inácio previamente construiu para impedir a emergência de dilacerantes elementos  $\beta$ .

Dada a destrutividade evidenciada na última resposta do cartão VI, o sujeito não consegue superar o registo da posição esquizo-paranóide, na abordagem inicial que faz ao cartão VII, emitindo uma imagem de relação entre personagens humanas parciais, que remete para uma relação de objecto pré-genital. Face à natureza parcial, inacabada, da imagem emitida, que marca, pela sucessão de movimentos psíquicos no registo da posição esquizo-

paranóide, a instauração da tela beta, o sujeito acaba por preencher os espaços não significados da relação com o continente materno – este cartão solicita, simbolicamente, a emissão de imagens associadas à natureza da relação interna com o objecto materno -, procedendo a remendos tóxicos nos locais psíquicos lacunares da relação entre o Eu e o Outro, através do registo da barreira de contacto remendada (resposta 15), que denuncia o cariz de «high» tóxico associado à instauração da tela beta evidenciada na resposta anterior. No entanto, a imagem global emitida na resposta 15, integra um elemento perceptivo (D inferior), que o sujeito interpreta como fazendo uma união simbiótica entre duas personagens femininas idênticas – relação especular -, constituindo-se como um espaço mediador entre o Eu e o Outro, que se encontra saturado de anestésiantes elementos tóxicos aglomerados, ou seja, de remendos de derivados de droga que se quebram, na resposta 16, mostrando o carácter efémero da solução toxicodependente para lidar com a dor mental. De facto, o rasgo de remendos tóxicos promove na resposta 16 a uma fusão entre as duas personagens idênticas – registo permeável da barreira de contacto -, que se tornam efectivamente na imagem de uma só personagem feminina parcial, uma parte do corpo sobrecarregada de pulsão libidinal, numa clara manifestação de desintração pulsional associada à relação com o objecto materno pré-genital. Este movimento regressivo acentua-se na resposta seguinte, na qual o sujeito anuncia a crueza de um conteúdo sexual, e cuja continuidade de registos no modo de funcionamento da posição esquizo-paranóide (Ps → Ps), indicia uma «recaída» na instauração da tela beta tóxica (confirmada pela natureza psíquica das respostas subsequentes), que supera a dor mental, através da hegemonia psíquica do princípio do prazer.

Realmente, após o «high» tóxico, obtido no processo psíquico que conclui a abordagem ao cartão VII, o sujeito retoma a actividade da barreira de contacto no cartão VIII, na qual a dor mental volta a emergir pelas lacunas daquela membrana psíquica, traduzindo-se na emissão de uma imagem banal (resposta 18), mas com natureza perceptiva-sensorial instável (registo permeável da barreira de contacto), para o qual deverá ter contribuído a excitação sensorial provocada por este primeiro cartão pastel. Face a esta emergência dolorosa de elementos  $\beta$  nas brechas da barreira de contacto, o sujeito recorre, supostamente, aos elementos tóxicos que contribuíram para a instauração da tela beta tóxica na resposta 17. Esses elementos, derivados de compostos de droga excitatória no psiquismo, após terem desempenhado a sua função activante, «caem» inertes na área de exercício da barreira de contacto, inscrevendo-se como elementos paralisantes – dadas as suas actuais características de desvitalização - nas lacunas psíquicas que medeiam os domínios consciente e inconsciente,

concretizando-se, assim, na emissão de uma resposta-«remendo» (resposta 19), que é alusiva ao modo de funcionamento da barreira de contacto remendada.

No cartão IX, face ao intenso apelo regressivo que o conteúdo latente do cartão propõe, o sujeito manifesta, face à evocação de experiências muito primitivas com o objecto materno pré-genital, uma dor mental exacerbada, realçada por um aumento muito pronunciado do tempo de latência (equivalente choque) e, principalmente, pela persistência – na última resposta ao cartão anterior, o Inácio já tinha optado pela via anestésica da dor mental - na inscrição de elementos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto, em que o Inácio investe na via tóxica da diminuição extrema da dor psíquica, através de um conteúdo-«remendo» parcial (resposta 20), cujo efeito anestésico é escasso, levando, de seguida, à necessidade de recorrer a um total conteúdo-«remendo» (4 respostas com imagem “borboleta” foram emitidas durante a prova), na última resposta a este cartão.

Por último, apesar das 3 respostas anteriores à abordagem do último cartão, terem promovido uma suspensão da dor mental, através do exercício da barreira de contacto remendada, o estímulo do cartão X torna-se demasiado penoso para o sujeito, provocando um rompimento dos efémeros e frágeis remendos tóxicos, uma vez que a invocação de uma intensa angústia de fragmentação não encontra um continente psíquico adequado para a conter, tal como demonstra a emissão de um conteúdo anatómico na resposta 22, salientando, assim, o funcionamento permeável barreira de contacto. A recorrência, na resposta seguinte e última do protocolo, no registo da posição esquizo-paranoide, marca a instauração da tela beta, através da emissão de uma imagem em que é notória a diluição de limites entre o Eu e o Outro, numa indiferenciação extrema entre elementos psíquicos, que sustém o vínculo parasitário da relação continente-conteúdo.

Em termos de análise integrativa dos registos psíquicos efectuados pelo sujeito no protocolo, constatamos na grelha II, o predomínio de determinados modos de funcionamento da barreira de contacto e da tela beta, por cartão. Neste sentido, considerámos que o sujeito, apenas no cartão IV, conseguiu adoptar um registo semi-permeável da barreira de contacto, ou seja, apenas nesse momento da situação-Rorschach, o Inácio procedeu a um efectivo e consistente movimento progrediente, evolutivo, das suas barreira de contacto e barreira sensível. Reiteramos que o estado da barreira sensível encontra-se sempre associado aos momentâneos registos da barreira de contacto – evidentes em cada uma das respostas Rorschach -, mas julgamos que a compreensão do seu valor dinâmico acaba por ser mais pertinente numa análise integrativa de períodos temporais significativos – cartão a cartão e análise global do protocolo -, por forma a expressar movimentos expressivos de

evolução/involução/suspensão da barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes. Desta forma, enfatizamos que, somente no cartão IV, ocorreu um notório movimento evolutivo da barreira de contacto, devido a um expressivo aumento de elementos  $\alpha$  incrustados na barreira de contacto, sendo esta evolução sinalizada, ao nível do desenvolvimento da barreira sensível, pela compreensão de um efectivo aumento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, com repercussões numa re-significação conceptual dos objectos internos.

Para além disso, o sujeito apenas conseguiu proceder a movimentos de evolução praticamente estagnada da barreira de contacto e da barreira sensível em dois cartões (I e VI), através de um investimento psíquico predominante no registo rígido da barreira de contacto, por forma a aumentar a espessura dessa membrana psíquica, face à iminência de uma irrupção dilacerante de elementos  $\beta$ . Essa capacidade de sobre-investir nos limites diferenciadores entre elementos conscientes e inconscientes sustém-se melhor no primeiro cartão Rorschach, em que o Inácio consegue circunscrever pela via defensiva do registo impermeabilizante da barreira de contacto (na primeira e na terceira resposta) a expressão disruptiva da ligação/separação entre elementos perceptivos e projectivos, observada na resposta 2. Por outro lado, no cartão VI, optámos por considerar a expressão psíquica do sujeito a este cartão como alusivo, fundamentalmente, do modo impermeável da barreira de contacto, apesar da segunda e última resposta a esse cartão (resposta 13), ter denotado a quebra da «muralha» que o sujeito construiu para preservar a observação da realidade externa do risco de contaminação dolorosa, e projectivamente confusional, de um número excessivo de elementos  $\beta$  que forçam a sua irrupção à consciência. Tal classificação decorre do facto do sujeito ter estado a maior parte do tempo nesse cartão a elaborar a resposta 12, que foi centrada, em grande medida, em elementos perceptivos do cartão, reforçados por elementos mnésicos dessa natureza objectiva.

Face ao descrito, o sujeito indicia, tipicamente, uma melhor capacidade de conciliar a percepção com a projecção no processo-resposta Rorschach de cartões compactos (principalmente, nos cartões I e IV, com maior destaque para este último), cujas manchas unitárias proporcionam uma menor invocação do processo psíquico desintegrativo, subjacente à posição esquizo-paranóide. Porém, a fragilidade da representação de si, manifesta-se, claramente, no cartão unitário que mais intensamente remete para o sentimento de integridade do Eu (cartão V), no qual o sujeito denota, indubitavelmente, uma problemática ao nível da identidade, numa incapacidade de manter coeso e diferenciado os limites do Eu, na ligação/separação com o Outro, ou seja, revela uma severa indiferenciação/confusão entre

elementos psíquicos conscientes e inconscientes – degradação das barreira de contacto e barreira sensível.

Nos cartões, bilaterais e abertos, II, III e VII, o sujeito sucumbe ao poder da intensidade fantasmática, decorrente da evocação da representação das relações (bilateralidade dos estímulos) e das falhas insuportáveis da capacidade de rêverie do objecto (estímulos abertos), suscitantes de uma dor mental intensa, de falta essencial, básica, com génese nos primórdios da relação continente-conteúdo, a designada falta da falta, como Olivenstein denominou a propósito do funcionamento psíquico toxicodependente. De facto, observamos que o registo permeável da barreira de contacto foi preponderante na forma como o sujeito respondeu aos cartões II e III – involução da barreira de contacto, assim como da barreira sensível - e, face à intensa evocação do objecto materno pré-genital no cartão VII, o Inácio investe no primado do princípio do prazer, numa clara solução toxicodependente de triunfo maníaco sobre a dor mental, através da instauração da tela beta tóxica – substitui, temporariamente, o modo de funcionamento da barreira de contacto e da barreira sensível.

No que se refere aos três últimos cartões Rorschach – os denominados cartões pastel – face à excitação sensorial provocada pelas cores desses estímulos, que suscitam a emergência de um expressivo fluxo de elementos  $\beta$ , o sujeito não procedeu à transformação desses elementos de angústia em elementos  $\alpha$  - susceptíveis de serem pensados -, optando, fundamentalmente, nos cartões VIII e IX, pela sideração da actividade da função  $\alpha$ , através da inscrição de elementos tóxicos nas fendas da barreira de contacto – acção promotora de uma paralisação da dinâmica subjacente à barreira de contacto e à barreira sensível. Contudo, os remendos tóxicos produzidos nas lacunas da barreira de contacto, mostram a sua grande fragilidade perante a angústia de fragmentação suscitada no último cartão Rorschach, no qual o sujeito procede a sucessivos movimentos psíquicos dispersivos ( $P_s \rightarrow P_s$ ), nos quais a grande intensidade da anti-função  $\alpha$  (Sandler, 1997) promove a instauração da tela beta, como recurso extremado de fuga ao pensar sobre as experiências humanas desencadeadoras de frustração.

Em suma, consideramos que o modo de funcionamento permeável da barreira de contacto – degradação desta membrana psíquica associada a uma involução da barreira sensível - é o que caracteriza, de forma predominante, o fluir psíquico do Inácio, sobressaindo, dessa forma, a dor mental não significada ao longo da prova Rorschach, face à qual o sujeito opta, preferencialmente, pela via efémera da anestesia tóxica – registo da barreira de contacto remendada, que suspende a dinâmica da barreira de contacto e a

atividade da barreira sensível. Salientamos, ainda, os escassos recursos psíquicos defensivos do Inácio, por forma a proceder a movimentos de impermeabilização da sua barreira de contacto – barreira de contacto com evolução praticamente estagnada, assim como a barreira sensível - em situações em que o nível de actividade da função  $\alpha$  se mostra insuficiente, para fazer face a uma intensa emergência de elementos  $\beta$ . Para além disso, o Inácio manifestou uma ínfima capacidade em proceder a movimentos reparadores das lacunas da barreira de contacto, que implicam um acesso consistente à função integradora da posição depressiva, ou seja, especificamente, apenas no cartão IV, e numa só resposta, o sujeito mobilizou a qualidade de funcionamento semi-permeável da barreira de contacto (prevalência do vínculo emocional K subjacente à dinâmica da relação continente-conteúdo), numa conciliação que liga, mas também diferencia, elementos conscientes e inconscientes – progressão formativa da barreira de contacto e desenvolvimento da barreira sensível. Por último, destacamos que, perante o predominante funcionamento permeável da barreira de contacto, observámos vários momentos na prova Rorschach, em que o sujeito incorre em movimentos sucessivos no registo da posição esquizo-paranóide ( $Ps \rightarrow Ps$ ), que instauram, com ou sem o auxílio de elementos tóxicos, respectivamente, a tela beta tóxica (2 ocorrências) e a tela beta de acepção bioniana (2 registos). Tais situações denunciam, exemplarmente, a grande intolerância à frustração do Inácio, evidenciada em movimentos psíquicos de fuga extrema à dolorosa ligação/separação entre o Eu e o Outro (exacerbada expressão do vínculo emocional –K na relação dinâmica continente-conteúdo), que potenciam uma efectiva reversão da função  $\alpha$ , suscitante da substituição da barreira de contacto pela instauração da tela beta ou pela instauração da tela beta tóxica, caso, respectivamente, não ocorra ou haja uma contribuição de elementos tóxicos excitatórios nesses processos.

## 7. DISCUSSÃO

Neste capítulo, procederemos a uma articulação entre os conceitos teóricos abordados (revisão de literatura) e a sua expressão no processo-resposta Rorschach (dois protocolos de sujeitos toxicodependentes) através da mediação resultante da utilização dos procedimentos de leitura elaborados. Salientamos que o recurso a estes parâmetros permitem a tradução compreensiva da relação dinâmica estabelecida entre o continente formal e abstracto da teoria bioniana, sobre a barreira de contacto, e a expressão de conteúdos Rorschach por sujeitos toxicodependentes. Desta forma, ao reflectirmos sobre os resultados obtidos em dois protocolos Rorschach de sujeitos toxicodependentes, à luz dos procedimentos de análise realizados, decorrerá, deste processo, uma conclusão sobre o grau de precisão dessas «lentes» compreensivas, por forma a contribuir para o desenvolvimento do método Rorschach.

Nesta medida, à luz do modelo conceptual da barreira de contacto, proposto por Bion, nos protocolos Rorschach do Gabriel e do Inácio, constatamos, em ambos, uma severa incapacidade em proceder a uma ligação/separação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes, que denotem o exercício de uma qualidade semi-permeável da barreira de contacto. De facto, apenas uma resposta Rorschach, em ambos os protocolos, mostra o exercício progrediente e formativo da barreira de contacto [1 resposta proferida pelo Gabriel no cartão VI, “(...) um gato aberto ao meio, e que só tivesse a pele” (protocolo A); 1 imagem interpretada pelo Inácio no cartão IV, “(...) um monstro” (protocolo B)]. Essas respostas mostram uma semelhança fundamental: a descrição espontânea de pormenores/partes integradas na imagem, decorrentes de um processo de inteligibilidade perceptiva de elementos específicos das manchas, por forma a significar esses detalhes constituintes de uma significação unitária e coesa das imagens [No cartão VI, do protocolo A: “Em cima, a cabeça com os bigodes (D superior), e em baixo o resto do corpo (D inferior). Só que falta-lhe a cauda.”; No cartão IV, do protocolo B: “Aqui as patas (D laterais inferiores), a cabeça (D central superior), a cauda (D inferior central)]. Por conseguinte, a forma como os sujeitos acederam/construíram as suas respostas, reveladoras de um modo adequado – semi-permeável - de conexão entre os mundos externo e interno, remetem para o conceito de barreira sensível no fenómeno toxicodependente, proposto por Carlos Farate (1998, 2000). De facto, o autor salienta que, quando essa barreira interna, que é responsável pela inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, verifica um processo evolutivo, manifesta-se um incremento

significativo da inteligibilidade perceptiva dos objectos do mundo externo, que suscita, secundariamente, uma re-significação mais elaborada dos seus objectos internos. De facto, o investimento na interpretação perceptiva de elementos das manchas Rorschach, nas respostas supra referidas, parece ter sido fundamental, para o acesso consistente ao processo integrativo da posição depressiva, ou seja, o investimento feito, pelo Inácio e pelo Gabriel, no desenvolvimento da inteligibilidade perceptiva de elementos externos/conscientes, parece ter contribuído para uma re-significação integradora dos objectos internos – movimento desenvolvutivo da barreira sensível –, evidenciada na emissão de imagens coesas, nas quais subjaz a conciliação de elementos decorrentes de fenómenos perceptivos com elementos que expressam a actividade fantasmática inconsciente. Porém, mesmo no âmbito da semi-permeabilidade da barreira de contacto, a específica expressão deste modo de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, por parte do Gabriel e do Inácio, revela-se tão pouco consistente no seu estrito registo como num sentido lato da continuidade psíquica dos sujeitos, uma vez que as imagens-conceito emitidas, sob esse modo de funcionamento adequado da barreira de contacto, revelam, ainda assim, uma dinâmica simbólica pouco expressiva no seu processo de construção, em virtude de serem imagens estáticas, em que se procura, sobretudo, garantir a manutenção/integridade dessas representações. Neste sentido, embora consideremos que os sujeitos integram, nessas respostas, elementos de ressonância fantasmática [E, no protocolo A; Clob, no protocolo B], a intensa primazia concedida a elementos formais (F), aproxima este modo de construção de imagens-conceito do estilo rígido de funcionamento da barreira de contacto, em que, tipicamente, a percepção predomina sobre a projecção no processo-resposta Rorschach.

De facto, realçamos que as carências imaginárias são consideradas uma das características comuns aos sujeitos toxicómanos (Bergeret, 1988), tendo sobressaído, de forma clara, nos protocolos Rorschach do Gabriel e do Inácio. Concomitantemente, a precariedade do recurso a um suficiente exercício, efectivo e eficaz, da função  $\alpha$  - responsável pela criação de símbolos -, no decurso das provas Rorschach analisadas, realça, indubitavelmente, a característica de exacerbada intolerância à dor mental dos sujeitos toxicodependentes, sendo uma posição conceptual defendida por diversos autores que se debruçaram em compreender o funcionamento toxicómano (e.g. Rosenfeld, 1960; Olievenstein, 1990; Khantzian, 2003).

Nesta medida, os protocolos Rorschach do Gabriel e do Inácio são marcados, fundamentalmente, por duas vias básicas de expressão: emissão de imagens em que a dor mental associada a processos desintegrativos, de caos, de desordem e dispersão psíquica são

evidentes, derivadas de um registo preponderante na posição esquizo-paranóide, com escassa capacidade de aceder à posição depressiva – modo permeável da barreira de contacto -; ou por variados recursos defensivos à actuação dilacerante de elementos  $\beta$  que trespassam as fissuras da barreira de contacto (modo rígido da barreira de contacto, registo da barreira de contacto remendada e instauração da tela beta/tela beta tóxica).

Todavia, cada uma dessas latas abordagens de mediação entre o mundo externo e o mundo interno, mostra-se bastante diferenciada na expressão dos protocolos A e B.

Pela observação da grelha II, de ambos os protocolos, constatamos que, comparativamente com o Inácio, o Gabriel mostra uma menor degradação da sua barreira de contacto, sublinhadas por uma menor expressão de respostas em que participou uma emergência excessiva de elementos  $\beta$  pelas lacunas daquela membrana psíquica – modo permeável na ligação/separação entre elementos de estados mentais distintos. Para além disso, o Gabriel só por uma vez incorreu em sucessivos movimentos psíquicos desintegrativos (Ps  $\rightarrow$  Ps), resultantes na instauração da tela beta, enquanto o Inácio denotou uma menor capacidade para não ceder, de forma drástica, ao primado do princípio do prazer, no qual se substitui a dinâmica, simbolizante, da barreira de contacto, pela actividade evacuativa da dor mental em forma de ecrã de elementos  $\beta$ , que se aglomeram entre si.

Feitas as anteriores ressalvas diferenciadoras dos dois protocolos, ao nível da recorrência em movimentos regressivos, no que respeita à expressão da barreira de contacto de natureza permeável, destacam-se, fundamentalmente, nos protocolos do Gabriel e do Inácio, imagens cujo único determinante foi a má adequação formal (F-) aos estímulos, manifestadas sobretudo em conteúdos animais e humanos irrealis e/ou parciais, ou seja, respostas que revelam o exercício exacerbadamente projectivo e desintegrativo da posição esquizo-paranóide. Realçamos ainda que a intensidade da dispersão psíquica, subjacente ao modo permeável da barreira de contacto, demonstrou-se, também, pela emissão de conteúdos anatómicos, que foram emitidos em ambos os protocolos no cartão X, denotando a fragilidade dos continentes psíquicos dos sujeitos face à intensidade da angústia de fragmentação evocada pelo último cartão Rorschach, ou seja, a intensidade do desintegrativo vínculo parasitário inerente à relação continente-conteúdo mostra-se bem evidente nessas respostas. De facto, tal intensidade disruptiva dos processos de pensamento, manifesta-se, inclusive, pela instauração da tela beta na última resposta de ambos os protocolos, o que denota a incapacidade dos sujeitos em proceder a movimentos progredientes face à acrescida angústia de separação, suscitada pelo iminente fim de prova. Realçamos que, subjacente ao conceito de instauração

da tela beta, está a substituição de um dominante funcionamento da barreira de contacto pelo exercício hegemónico da tela beta, no qual participa, segundo Bion (1962/1991), um denominado processo de reversão da função  $\alpha$ , em que os elementos  $\alpha$ , constituintes da textura da barreira de contacto, perdem todas as características que os separam dos elementos  $\beta$ , sendo, de seguida, projectados, conduzindo à formação da tela beta. Porém, a reversão da função alfa afecta o ego e, por conseguinte, não produz um simples retorno a elementos  $\beta$ , uma vez que nesse processo acabam por se formar objectos bizarros, que são diferentes dos elementos  $\beta$ , na medida em que a estes elementos são acrescentados traços do ego e do superego (*op. cit.*). Nesta medida, forma-se “(...) um super-ego arrogante, onipotente e onisciente” (Cabral, 1998, p. 135), sendo neste estado psíquico, de oposição a toda a aprendizagem pela experiência (vínculo emocional – K na relação continente-conteúdo), que os sujeitos terminam os seus protocolos Rorschach.

Para além do exposto, salientamos que o Inácio incorreu na instauração da tela beta noutra momento da situação Rorschach – algo que não sucedeu no protocolo A -, expondo, assim, uma maior fragilidade na capacidade de manter o funcionamento operativo da sua barreira de contacto, em comparação com o registado no decorrer da prova Rorschach do Gabriel. Aliás, essa grande fragilidade, verificada no Inácio, manifesta-se perante o estímulo Rorschach (cartão V) que, de forma mais evidente, solicita uma representação íntegra de si, mas que o sujeito não consegue manter, dados os sucessivos movimentos psíquicos desintegrativos ( $Ps \rightarrow Ps$ ), assinalados nas duas últimas respostas a esse cartão, realçando, desse modo, a expressão evidente de uma intensa perturbação ao nível da identidade. Aliás, frisamos que, no cartão V, a resposta que denuncia a instauração da tela beta, foi construída sob um modo de apreensão peculiar (DG – G confabulado), através do qual se manifesta um processo (con)fusional entre um pormenor perceptivo, adequadamente interpretado em termos formais, e o todo da mancha que é sujeito a uma generalização arbitrária, que revela, assim, uma representação de si, marcada por uma confusão entre partes e o todo, dada a incapacidade de aceder, de forma consistente à função integrativa da posição depressiva. Do mesmo modo, o Inácio procedeu ao mesmo processo confusional de apreensão do estímulo (DG), no cartão III – revelador, nessa situação, de uma degradação em curso da barreira de contacto, dada a excessiva qualidade permeável do seu funcionamento - em que não consegue emitir uma imagem evidente de uma relação entre personagens humanas, que o cartão sugere, acedendo somente, e em toda a mancha, a uma única imagem humana, constituída sobre a incapacidade de proceder a uma oscilação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$ , ou seja, de integrar, adequadamente,

elementos psíquicos parciais e dispersos. Neste sentido, a abordagem ao cartão III, manifesta não só uma grande incapacidade do Inácio em proceder a um processo identificatório inerente ao seu posicionamento dinâmico, na representação de relações, nos pólos activo/passivo, masculino/feminino, paterno/materno, mas revela, sobretudo, uma problemática mais arcaica, que incide sobre a própria identidade, e que é confirmada pela severa dificuldade em manter uma representação íntegra de si no cartão V.

No que concerne ao protocolo do Gabriel, confirmam-se, igualmente, carências identificatórias, que vão ao encontro da compreensão do fenómeno toxicodependente advogada por Bergeret (1988), designadamente no facto deste autor defender que as fragilidades identificatórias são uma das características comuns aos sujeitos toxicodependentes. Tais carências são constatadas em imagens emitidas de conteúdos humanos assexuados - “Uma pessoa deitada” no cartão V – ou na dificuldade em identificar-se com o seu próprio género e faixa etária – “Duas mulheres” no cartão III; “Dois bebés” no cartão II; “Duas crianças” no cartão VII – nas quais se evidencia a incapacidade do Gabriel em proceder a diferenciações básicas ao nível da diferença de sexos e de gerações, necessárias para conseguir proceder a identificações adequadas. Todavia, no caso do Gabriel, a perturbação ao nível da identidade não é tão intensa e notória como no Inácio, embora, ainda assim, surja como evidente, nomeadamente em conteúdos animais parciais e conteúdos anatómicos, mas que só por uma vez expressa a instauração da tela beta, na qual a intensa desintegração da ligação/separação entre o Eu e o Outro, acarreta, inevitavelmente, a expressão de um grande dano na representação de si, derivado de um exacerbado vínculo parasitário subjacente à relação continente-conteúdo, que destrói não só o que medeia o Eu e o Outro, mas inclusive os próprios parceiros de relação.

A acrescer às duas ocorrências no processo-resposta Rorschach que denunciam, no protocolo B, uma efectiva instauração da tela beta, o Inácio verificou, igualmente, a incorrência em dois registos de instauração da tela beta tóxica, que distinguimos da instauração da tela beta, na acepção bioniana, pela contribuição de elementos tóxicos excitatórios/hiperactivos que se aliam aos elementos  $\beta$  no processo de emergência da tela beta, acelerando a sua efectiva instauração, na qual se supera, transitoriamente, a dor mental insignificante nas lacunas da barreira de contacto, através de uma primazia concedida ao princípio do prazer. O conceito de tela beta tóxica remete para o que Rosenfeld (1960) sustenta sobre o psiquismo toxicómano: o ego do toxicodependente é qualificado como fraco, não tendo, assim, a força necessária para suportar a dor depressiva, levando a que a defesa maníaca apenas possa ser exercida com o apoio das drogas, porque, segundo o autor, alguma

força egóica é necessária para produzir o estado maníaco. O autor salienta ainda que o toxicod dependente utiliza também os mecanismos defensivos maníacos para lidar com ansiedades paranóides, e sob o domínio desses mecanismos maníacos, toda a frustração e ansiedade é negada, sendo a parte negativa e agressiva do self clivada, enquanto que a droga simboliza o objecto ideal que, ao poder ser incorporada de forma concreta, e conjugada com os seus efeitos tóxicos, é usada para reforçar a onnipotência dos mecanismos de negação e clivagem (*op. cit.*).

Recordamos que, em termos operacionais, a instauração da tela beta tóxica pode observar-se no Rorschach, através de pelo menos duas respostas sucessivas em que se verificam movimentos no domínio da posição esquizo-paranóide, sucedendo a esse «high» de instauração da tela beta, uma «queda» no registo doloroso das lacunas da barreira de contacto, nas quais se inscrevem, então, elementos tóxicos inertes – que foram desgastados, no processo de instauração da tela beta – e que sustêm, de forma efémera, o registo remendado da barreira de contacto, confirmando a precedente qualidade tóxica associada à instauração da tela beta.

Anotamos que as duas respostas que marcam a instauração da tela beta tóxica, no protocolo B, foram emitidas face ao cartão VII (a primeira resposta, que mostra uma imagem de uma relação entre figuras humanas parcializadas/desintegradas; e a última resposta manifesta a emissão de um cru conteúdo sexual), realçando a recorrência evacuativa da dor mental, com a participação de elementos tóxicos excitatórios, face à intolerável frustração associada à relação com o continente materno, que o conteúdo latente do estímulo evoca no sujeito. Recordamos que o Inácio privilegia o consumo de drogas excitatórias, designadamente a cocaína que, para além disso, é uma substância cujo consumo produz um intenso estado de prazer durante um muito curto período de tempo, suscitando recorrentes consumos para repor esse estado, algo que parece ter sido replicado pelo Inácio nas sucessivas instaurações da tela beta tóxica ao cartão VII.

Por outro lado, perante a dor mental que flui das fissuras da barreira de contacto, o Gabriel mostra, frequentemente, mais recursos psíquicos para assegurar a continuidade da sua barreira de contacto, ou seja, de prosseguir uma relação, minimamente viável, entre a realidade externa e a realidade interna, designadamente através da capacidade de sobreinvestir no reforço da espessura da barreira de contacto, adoptando um modo rígido na mediação que procede entre o Eu e o Outro, registo a que o Inácio apenas, esporadicamente, consegue aceder. Esta maior tendência à rigidez na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes no protocolo A, sobressai, nomeadamente, num maior número de conteúdos banais emitidos pelo Gabriel (dentro dos valores normativos) em comparação com

o Inácio, que exprimiu um escasso número de conteúdos dessa natureza, revelando, assim, notórias dificuldades de adaptação à realidade exterior, dada a excessiva intensidade projectiva que participa, amiúde, na construção das suas respostas. Para além disso, sublinhamos ainda o sucessivo investimento no registo impermeável da barreira de contacto, por parte do Gabriel, em 3 respostas consecutivas emitidas face aos cartões pastéis VIII e IX, o que realça o esforço defensivo do sujeito, no reforço da espessura da sua barreira de contacto, por forma a impedir uma invasão fantasmática suscitada pelos estímulos cromáticos desses cartões.

Adicionalmente, enfatizamos que a maior parte das imagens, construídas pelo Gabriel e Inácio no registo impermeável da barreira de contacto, manifesta um sobre-investimento, bem sucedido, em termos de adequação formal aos elementos perceptivos das manchas (F+), realçando a (rígida) componente predominante da percepção sobre a projecção no processo de elaboração dessas respostas. Tal processo rígido de construção de respostas revela-se, nomeadamente, através de uma incidência sobre a forma inerente a elementos perceptivos globais (G) ou de grande detalhe (D) associados a imagens de conteúdos animais - por exemplo, em G, “um morcego”, no cartão I dos dois protocolos; em D, “uns bichos que estão a subir”, no cartão VIII do protocolo A -, e de objectos rígidos/resistentes - em G: “uma armadura” no cartão VIII, do protocolo A; em D: “uma cruz” no cartão VI, do protocolo B -, que salientam um reforço da espessura da barreira de contacto, face à emergência dolorosa de elementos inconscientes. Salientamos que, neste registo impermeável da barreira de contacto, não se verificaram, nos protocolos A e B, quaisquer respostas em Dd ou em Dbl, eventualmente porque os pequenos detalhes que não se impõem à percepção (Dd) mobilizam, tipicamente, uma excessiva carga projectiva, e os pormenores brancos intramaculares remetem para as lacunas da barreira de contacto, cuja elaboração da dor mental é evitada, ou seja, o Gabriel e o Inácio privilegiaram, para efeitos de impermeabilização das suas barreiras de contacto, elementos das manchas que se impõem perceptivamente e que estão devidamente «preenchidos» (em G e em D).

Porém, realçamos que, nos dois protocolos analisados, manifesta-se a emissão de uma específica imagem global de «encobrimento» protector da barreira de contacto, mas que permite o vislumbre das suas lacunas (em Gbl), - “uma máscara” - proferida pelo Gabriel e pelo Inácio logo no primeiro cartão, denotando uma grande susceptibilidade ao encontro com um objecto desconhecido, que suscita a emergência de insignificados elementos de angústia (elementos  $\beta$ ). Deste modo, de acordo com a acepção de barreira sensível, proposta por Farate (1998), resulta a evidência, em ambos os protocolos, de uma notória dificuldade em proceder,

face ao primeiro objecto (sensível) Rorschach, a uma bem sucedida elaboração perceptiva significante desse estímulo externo – resultante de um registo semi-permeável da barreira de contacto -, ou seja, sem «máscara», que estaria associada a uma re-significação interna do objecto interno primordial, de natureza pré-genital.

Para além disso, as poucas respostas que manifestam o exercício impermeável da barreira de contacto por parte do Inácio (3 respostas) foram, praticamente, todas emitidas logo no primeiro cartão, resultando – dada a persistência, ao longo da prova, nos modos permeável da barreira de contacto e de instauração da tela beta - numa degradação progressiva da actividade da barreira de contacto no decorrer da situação-Rorschach, que solicita, exemplarmente, o labor daquela membrana psíquica, por forma a emitir respostas-símbolos que conciliem a percepção com a projecção. Nesta medida, a relação com o desconhecido e o ambíguo suscitado pelas manchas Rorschach, provoca no Inácio uma progressiva deterioração/perturbação da capacidade de significar (função  $\alpha$ ) os evocados elementos psíquicos de angústia inominável (elementos  $\beta$ ), que se consolidam num fluxo emergente tendencialmente mais poderoso e, por isso, fracturante da película de elementos  $\alpha$  que procede à ligação/separação entre o consciente e o inconsciente.

Porém, nos dois protocolos analisados, os sujeitos toxicodependentes mostraram a capacidade de recorrer, frequentemente, a elementos tóxicos anestésiantes para fazer face à emergência da dor mental, constituindo-se como efémeros momentos de paralisação do modo de funcionamento da barreira de contacto, que sublinham o modo de funcionamento da barreira de contacto remendada.

De facto, no que concerne ao protocolo A, a expressão do registo da barreira de contacto remendada passou, frequentemente, por comentários de simetria, durante o tempo de latência de vários cartões (II, III, IV e VI), e por acções – prévias à emissão de respostas - de tapar/destapar a metade esquerda das manchas dos cartões I, III, V e X, (nos cartões I, III e X, o sujeito tapa, e a seguir destapa, a metade esquerda da mancha, antes de emitir uma resposta; no cartão V, o Gabriel mantém tapada a mancha durante todo o processo de construção de uma imagem).

Os comentários de simetria, ocorridos durante o tempo de latência dos cartões supra referidos, manifestam que o Gabriel, ao se defrontar perceptivamente com específicos objectos desconhecidos, que invocam a emergência de elementos inconscientes não significados, revela a urgente necessidade de proceder a uma equiparação igualitária entre o Eu e o Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, que promove a anulação da angústia

– a prossecução da relação especular suspende/sidera a dinâmica experiencial subjacente a seres realmente diferenciados, que é sempre desencadeadora de frustração. Neste sentido, os comentários de simetria, produzidos durante os tempos de latência, traduzem o exercício do desdobramento narcísico prévio à construção imagética, ou seja, antecedendo um possível exercício da função  $\alpha$ , salientando o recurso, praticamente imediato, à solução toxicodependente de activação de elementos tóxicos paralisantes da irrupção da angústia despoletada pelos primeiros momentos perceptivos de estímulos Rorschach ambíguos. Esta via para lidar com a angústia-sinal da emergência da tela beta, manifesta o imediatismo de uma passagem-ao-acto intrapsíquica, através de um «consumo» de elementos tóxicos disponíveis na periferia da barreira de contacto, e que são, assim, «injectados» nas suas lacunas, por forma a suspender/estancar a hemorragia de elementos  $\beta$ . Esta actividade toxicodependente interna necessita, naturalmente, do abastecimento regular de consumos efectivos de droga no mundo externo, tornando patente, também a este nível, a mesmicidade que existe entre esses actos compulsivos externos e internos, registos sem uma interacção dinâmica entre pensamentos e pensador, ou seja, correspondendo a investimentos na sideração anestésica da relação continente-conteúdo, após o eclodir da angústia-sinal subjacente à irrupção dolorosa de elementos  $\beta$ .

Concomitantemente, os comentários de simetria, emitidos durante o tempo de latência dos cartões Rorschach, parecem realçar, no Gabriel, uma intensidade suspensiva da dor mental superior à verificada, por norma, em outros momentos de abordagem às manchas, uma vez que o exercício desse registo toxicodependente, nos primeiros momentos de relação com um objecto informe e ambíguo - como são as manchas Rorschach - remetem, indubitavelmente, para falhas graves ocorridas na relação com o objecto pré-genital, suscitantes de lacunas severas na barreira de contacto.

Consideramos pertinente frisar que o Gabriel recorreu a esses comentários de simetria nos dois primeiros cartões bilaterais (cartão II e cartão III) que remetem, intensamente, para imagens de representação de relações entre o Eu e o Outro, evocativas, no sujeito, de experiências emocionais de intensa intolerância à frustração que, não sendo transformadas pela via da significação (função  $\alpha$ ), são paralisadas, toxicamente, na sua dinâmica intrapsíquica: ♀[↔]♂. Adicionalmente, anotamos que o Gabriel emitiu, também, comentários de simetria durante os tempos de latência dos cartões IV e VI que, embora não sendo estímulos de configuração bilateral, os seus associados conteúdos latentes podem suscitar imagens particularmente potentes em termos pulsionais, mais de cariz agressivo no cartão IV

e de vertente libidinal no cartão VI. Desta forma, os comentários de simetria, prévios à emissão da primeira resposta a esses cartões, possibilitam uma redução abrupta da angústia, em virtude da equivalência tranquilizadora que os elementos tóxicos produzem na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes.

No protocolo B, apesar de não ocorrerem comentários de simetria, durante os tempos de latência à emissão de respostas aos cartões Rorschach, o Inácio mostra, curiosamente, um recurso que se assemelha à função daqueles elementos qualitativos: os designados conteúdos-«remendo». Estas imagens caracterizam-se, conceptualmente, por serem recorrentes ao longo de um protocolo, ou seja, são conteúdos genéricos farmacológicos susceptíveis de serem mobilizados, face a evocações dolorosas provocadas por diferentes estímulos da realidade externa – podendo até cumprir com os requisitos para a anotação do elemento qualitativo de perseveração -, e decorrem de movimentos de intensa tranquilização narcísica, nos quais se evidenciam referências à simetria, que promovem a integridade desses conteúdos expressos. De facto, o Inácio emitiu quatro vezes o conteúdo-«remendo» “uma borboleta” (cartões II, V, VIII e IX), e na primeira ocorrência, justificou no inquérito, a pertinente qualidade da simetria inerente à imagem emitida – “A borboleta tem sempre aquela simetria (...)”. Neste sentido, estes conteúdos-«remendo», decorrem de um processo interno de desdobramento narcísico, que permite salvaguardar a integridade da representação de si, uma vez que angustiantes diferenças associadas ao Outro deixam de ser fantasmaticamente fracturantes do Eu, dada a mesmidade especular prosseguida entre elementos psíquicos inconscientes e conscientes. Realçamos que este processo é mediado pela inscrição de elementos tóxicos na barreira de contacto, que suspendem, dessa forma, a actividade de ligação/separação entre elementos psíquicos distintos, ou seja, ocorre uma paralisação da dinâmica da barreira de contacto, consubstanciada num reflexo especular entre o Eu e o Outro.

No protocolo B, os conteúdos-«remendo» foram proferidos como primeiras respostas aos cartões II e V e como últimas respostas aos cartões VIII e IX, o que denota uma particular relevância na utilização destas respostas em momentos «fronteiriços» de entrada e saída à abordagem dos cartões Rorschach, salientando a necessidade do Inácio em suspender, temporariamente, o processo de ligação (no período inicial após a recepção dos cartões II e V) e de separação (no período que antecede a entrega dos cartões VIII e IX).

Neste sentido, os conteúdos-«remendo» parecem possuir um valor de atenuação drástica – por via tóxica – de uma dor mental caracteristicamente associada a uma fina e porosa barreira de contacto, por onde trespassa o impacto dilacerante – intensa emergência de elementos  $\beta$  – suscitado por determinados estímulos ambíguos (início da relação com um

objecto desconhecido, que evoca a relação precoce com o continente materno) e uma intensa angústia de separação evocada pelos momentos, imediatamente, precedentes à entrega de certos cartões (evocação de experiências de intolerável frustração associadas à relação com o não-seio).

Destacamos que o cartão II, de configuração bilateral, suscita imagens representativas de relações, em que os elementos de cor vermelha do cartão parecem invocar, no Inácio, uma intensa mobilização pulsional agressiva, para além de haver, igualmente, uma alusão ao vazio, à ausência frustrante que incide no espaço que medeia o Eu e o Outro, em que a emissão inicial de um conteúdo-«remendo», apreendido num detalhe da mancha, somente consegue anestesiar, parcialmente, a dor mental (o sujeito exclui nessa imagem os detalhes superiores vermelhos e o branco intramacular). Já o cartão V, apela, veementemente, ao sentimento de integridade de si, que o Inácio revela grandes dificuldades em manter, em virtude de lacunas identitárias fundamentais, que são preenchidas, toxicamente, face a um primeiro contacto com esse estímulo Rorschach, mas as subsequentes respostas a esse cartão, são marcadas por processos desintegrativos que expõem, de forma nítida, os rasgos ocorridos na membrana psíquica que, idealmente, deveria promover, nesse cartão, a uma construção simbólica integrativa entre elementos conscientes e inconscientes, inerentes a uma representação coesa de si.

Por conseguinte, a emissão de conteúdos-«remendo» como primeiras respostas a cartões Rorschach, no protocolo B, parecem possuir um valor funcional semelhante ao desempenhado pelos comentários de simetria, durante os tempos de latência de abordagem a estímulos Rorschach, realçados no protocolo A, ou seja, suprimem, pela via tóxica – em que participa o desdobramento narcísico – a sensação intolerável de dor mental, que emerge perante o impacto fantasmático produzido por determinadas manchas.

Por outro lado, os conteúdos-«remendo» mobilizados pelo Inácio como últimas respostas aos cartões VIII e IX, parecem sublinhar a necessidade de circunscrever/enclausurar numa emulsão tóxica as emoções evocadas pelas cores pastel desses estímulos, emoções que se tornam particularmente intensas nos momentos imediatamente antecedentes à entrega dos cartões, ou seja, suscitam uma inquietação excessiva associada a iminentes experiências intoleráveis de frustração na relação com um continente que se ausenta, uma vez que o sujeito não consegue significar, devidamente – através da mobilização bem sucedida da função  $\alpha$  – esse vazio doloroso provocado pela separação do objecto.

Para além disso, os conteúdos-«remendo» emitidos no protocolo B incidem, sobretudo, em partes delimitadas da mancha (em D, exceptuando no cartão V, em que a

invocação de uma representação íntegra de si, promove a mobilização de um conteúdo-«remendo» global face à dor mental suscitada por todo o estímulo externo – em G -) associando-se, assim, em certa medida, com o compreensivo valor siderante do acto de tapar/destapar a metade esquerda de manchas Rorschach, observado no protocolo A. Desta forma, a emissão de conteúdos-«remendo» aproxima-se, significativamente, do valor dinâmico de autênticas passagens-ao-acto sobre as manchas Rorschach, uma vez que não são constituídas como imagens simbólicas, resultantes de um processo de ligação/separação entre elementos conscientes e elementos inconscientes, mas sim apresentam-se enquanto conteúdos analgésicos genéricos – que se repetem apesar de alterações na realidade externa – que parecem cumprir, fundamentalmente, a função de «tapar» pormenores do mundo exterior, que invocam a dolorosa emergência excessiva de elementos  $\beta$ . Adicionalmente, estes conteúdos-«remendo», embora não tenham sido «actuados» face a uma metade específica de manchas Rorschach, ou seja, sobre as características simétricas dos estímulos – no protocolo A, o Gabriel tapa, em 4 momentos, a metade esquerda de manchas Rorschach –, o seu valor siderante é exercido sobre determinados elementos perceptivos da realidade externa, que despoletam, no Inácio, a mobilização do mecanismo de desdobramento narcísico necessário para a produção de conteúdos-«remendo» - “A borboleta tem sempre aquela simetria”, como diz o Inácio, no inquérito da primeira resposta em que surge esse conteúdo.

Neste sentido, a recorrência de comentários de simetria e de actos de tapar/destapar a metade esquerda das manchas Rorschach – no protocolo A – e a frequência de emissão de conteúdos-«remendo» – no protocolo B – salientam o exercício evocativo de actos de recaídas em consumos de droga, com expressão interna em «recaídas» no registo anestésico da dor mental, subjacente ao estado efémero da barreira de contacto remendada. Por conseguinte, não é a falta de droga que os sujeitos toxicodependentes mais receiam, mas sim a experiência intolerável da falta da falta, tal como referiu Olievenstein (1990), ou seja, o confronto com faltas/falhas arcaicas ocorridas, precocemente, na relação continente-conteúdo, que expressam a dor mental que emerge das lacunas da barreira de contacto. Desta forma, o consumo de droga permite uma mágica restituição identitária, operacionalizada na inscrição de elementos tóxicos paralisantes nas fendas da membrana psíquica que medeia a relação entre o Eu e o Outro, sustentando, assim, uma siderante relação especular entre elementos conscientes e inconscientes, tornando evidente, ao nível da expressão na barreira de contacto, o que Farate (1998) advoga a propósito da solução adictiva: “(...) visa manter na penumbra qualquer veleidade relacional” (p. 263).

O registo da relação especular subjacente ao modo paralisado da barreira de contacto remendada, tende, naturalmente, a suscitar a expressão clara de conteúdos dessa temática, nomeadamente através de imagens referentes a relações entre personagens humanas idênticas, em que o determinante cinestésico maior (K) é atribuído por mera convenção, dada a típica sideração manifestada na relação entre o Eu e o seu reflexo projectado no Outro. Especificamente, no protocolo A, a dimensão especular da relação entre o Eu e o Outro revela-se, claramente, na abordagem do Gabriel ao cartão III – emissão de uma primeira resposta onde a vertente da mesmicidade mostra-se patente –, sublinhando que, face à evocação de uma relação humana que o cartão perceptivamente favorece, o sujeito revela uma intensa intolerância à frustração associada a uma autêntica relação entre seres diferenciados, recorrendo, por isso, ao exercício do mecanismo de desbramento da representação de si, decorrente da solução da inscrição de elementos tóxicos anestésiantes da dor mental, nas fendas da sua barreira de contacto. Aliás, salientamos que já no cartão anterior – cartão II – o Gabriel tinha enunciado, implicitamente, na resposta proferida, a vertente de uma relação especular entre personagens, num registo extremamente regressivo, dada a veiculada temática de nascimento – “São dois bebés a nascer”, disse o sujeito no inquérito – mobilizando frágeis remendos tóxicos na barreira de contacto, que não resistem face à intensa mobilização pulsional suscitada pelos pormenores vermelhos da mancha, na qual a emergência excessiva de elementos  $\beta$  provoca uma severa confusão espaço-temporal no Gabriel – no inquérito: “Pela cor, porque depois sai a mesma cor lá em cima”.

Curiosamente, em ambos os protocolos estudados, são emitidos, no cartão VII, conteúdos de natureza especular, nos quais são, também, expressas ligações simbióticas – associadas ao D inferior central da mancha – entre duas figuras humanas exactamente idênticas. Deste modo, “os dois gémeos (...) presos por um cadeado”, referidos pelo Gabriel, e “as duas gémeas siamesas, porque estão ligadas”, interpretadas pelo Inácio, sublinham a incapacidade de tolerar a frustração subjacente à relação com o continente materno – o cartão VII promove, pelo seu conteúdo latente, a elaboração de conteúdos alusivos à imago materna. De facto, a evocação de uma falta/falha fundamental na relação com o arcaico objecto primordial, de natureza pré-genital, não é suficientemente «preenchida», toxicamente, pela referência gemelar, que alude à activação de elementos tóxicos anestésiantes nas brechas da barreira de contacto, uma vez que o próprio lugar poroso em que esses elementos são inscritos requer um peculiar investimento tóxico, ou seja, a angústia face à separação/diferença do objecto é de tal forma intensa, que não basta que os elementos psíquicos conscientes e inconscientes mantenham entre si uma relação especular – é necessário que o próprio

«espelho»-membrana não se «quebre», para o qual é solicitada a defesa simbiótica que reforça esse mediador, parecendo existir o recurso a uma aglomeração, particularmente intensa e rígida, de elementos tóxicos, para sustentar esse efeito.

Adicionalmente, a defesa simbiótica parece, também, estar associada a um último esforço de manutenção dos remendos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto, tal como foi revelado pelo Gabriel no cartão III, em que, após ter enunciado uma imagem de relação especular entre personagens humanas na primeira resposta, os remendos tóxicos sofrem um progressivo processo de desgaste, derivado da emergência de um fluxo contínuo de elementos  $\beta$  - solicitados pelos pormenores vermelhos da mancha. Nesse cartão, o processo de erosão da barreira de contacto remendada atinge a sua derradeira fase, através da construção de uma última resposta, de conteúdo anatómico – “Coração dividido ao meio”; no inquérito: “É um coração de duas pessoas” -, em que o desdobramento narcísico conjugado com a defesa simbiótica, centram a sua acção num núcleo vital do tecido tóxico formado nas lacunas da barreira de contacto, por forma a evitar/adiar a irrupção da dor, associada à intolerável frustração decorrente da experiência emocional entre um Eu e um Outro, realmente diferenciados. Realçamos que no último cartão, ao não ser capaz de mobilizar um continente psíquico adequado para conter e significar adequadamente a angústia de fragmentação suscitada pelo estímulo, o Gabriel retoma a imagem de “um coração” (resposta 21), mas o iminente fim de prova evoca uma intensa e intolerável angústia de separação, provocando que a simbiose, instituída na resposta 8 do cartão III, se «quebre», dolorosamente – inquérito da resposta 21: “Dá para ver aquela coisa que sai do coração”.

Para além do descrito, outras formas de expressão da barreira de contacto remendada foram evidenciadas nos analisados protocolos de sujeitos toxicodependentes, designadamente através da emissão de respostas em que sobressai a imobilização/sideração dos movimentos pulsionais, sem estar associada ao mecanismo de desdobramento narcísico.

Assim, no protocolo do Inácio o modo remendado da barreira de contacto, através de uma sideração dos movimentos pulsionais, manifesta-se logo no cartão II, em que o Inácio denota uma susceptibilidade à lacuna essencial do estímulo Rorschach (Dbl), suscitante de um confronto com a falta, com o vazio, com a dor insignificável de uma evocação intolerável de ausência/dano de um objecto continente, manifestada nas brechas da barreira de contacto. O Inácio emite, assim, uma imagem formalmente bem concebida e com potencial cinestésico, mas que é siderada por completo, ao ser colocada «em quadro» – “Parece um desenho de um avião” – resultando, assim, numa imagem que «remenda», toxicamente, a ligação/separação entre a percepção de uma lacuna de um objecto externo e a falta referente a um objecto

interno. Adicionalmente, o Inácio recorre, novamente, à imagem siderante de um “desenho” na resposta 20, do cartão IX, mas perante este momento da situação Rorschach, no qual esse estímulo de cores pastel interpenetradas apela a um expressivo movimento regressivo, a própria imagem «colocada» no petrificado “desenho” revela, por si só, uma intensa sideração dos movimentos pulsionais, uma vez que no conteúdo ficcional místico-religioso “asas de um anjo”, não existe vitalidade, não existe quaisquer vestígios pulsionais de índole agressiva/libinal e, desta forma, alude-se a uma activação de elementos tóxicos anestésiantes nas lacunas da barreira de contacto, face à emergente dor mental suscitada pela mancha Rorschach. Porém, o estado anestesiado da barreira de contacto remendada acaba por mostrar a característica efémera da solução tóxica, perante os dolorosos elementos  $\beta$  que vão rompendo os remendos tóxicos produzidos – no inquérito da resposta 20: “A parte com bicos é que é capaz de estar a mais”.

No que respeita ao protocolo do Gabriel, a sideração da expressão pulsional – reveladora de uma acção de elementos tóxicos, suspensivos da dor mental, nas fendas da barreira de contacto, não se expressa, como observámos no protocolo do Inácio, através de imagens com objectos paralisados ou de conteúdos humanos irrealis incorporados – sem continente nem conteúdos, ou seja, sem a possibilidade de experimentar qualquer sensação – mas sim através de respostas em que se evidencia uma centração na temática de morte, enquanto prossecução de um derradeiro e eterno estado siderado/anestesiado da barreira de contacto, face a evocadas dores mentais (internas) associadas à perda de objectos (externos) – resposta 7, no cartão III: “Parecem umas galinhas”, realçando no inquérito: “Parece que estão presas pelas patas”; resposta 12, no cartão V: “Uma pessoa deitada”, acrescentando no inquérito: “Parece que está com os braços cruzados”. Em ambas estas respostas, são posturas típicas associadas, respectivamente, a seres animais e humanos mortos, que surgem no inquérito, vislumbrando-se, assim, nesse específico período evocativo da relação espontânea com o objecto Rorschach, o destino fatídico de objectos significativos. De facto, relembramos que os pais do Gabriel suicidaram-se, com a ingestão de veneno para ratos. Desta forma, a evocação da perda definitiva de objectos externos significativos associa-se, por deslocamento, a uma imagem de morte no mundo animal, emitida, pelo Gabriel, sobre pormenores vermelhos laterais - emergência de dolorosos elementos  $\beta$  associados à mobilização pulsional, com uma intensidade agressiva própria da destrutividade, despoletada, no Gabriel, por pormenores de cor vermelha – de uma mancha (cartão III) que, no seu conjunto (em G), solicita, sobretudo, representações relacionais entre figuras humanas. Para além disso, este deslocamento da temática de morte para o domínio animal sobressai, também, na prova de

escolhas, em que o Gabriel, a propósito da escolha negativa do cartão I, refere: “O morcego faz-me lembrar morte (...)”. Porém, o mecanismo defensivo do deslocamento é precário já que, de seguida, o Gabriel diz: “Não é que eu tenha medo da morte para mim. Eu tenho é medo de perder pessoas que gosto”, aludindo a um projecto suicida, por forma a superar uma extrema angústia de perda do objecto. Neste sentido, a prossecução de um estado de morte, onde não existe dor mental, faz-se por uma intensa imobilização dos movimentos pulsionais, promovida por uma grande carga de elementos tóxicos anestésicos nas lacunas da barreira de contacto, em que as respostas 7 e 12 do Gabriel, são produtos imagéticos exemplares da constituição desses remendos tóxicos paralisantes da vida psíquica, que é sempre decorrente de uma relação dinâmica entre elementos conscientes e inconscientes.

Contudo, a temática de morte ocorre, pontualmente, de forma mais evoluída no cartão VI, em que o Gabriel consegue proceder a alguma elaboração mental da angústia de perda de objecto, mediante uma adequada oscilação  $Ps \leftrightarrow D$  (registo semi-permeável da barreira de contacto), consubstanciada numa imagem de um conteúdo animal que, apesar de estar morto, suscita sensações (E), que são contidas e integradas num continente com limites formais (F) bem definidos, embora alguma anestesia tóxica da dor mental tenha sido, inicialmente, procedida nas lacunas da barreira de contacto, através de uma alusão à simetria constituinte da imagem – “gato aberto ao meio”.

Por conseguinte, a expressiva manifestação da temática de morte no protocolo A (frequentemente associada ao registo da barreira de contacto remendada) remete para a evidência de um intolerável sofrimento depressivo que Rosenfeld (1960) associa com o funcionamento psíquico toxicodependente, designadamente ao defender que o toxicómano desenvolve um processo identificatório com um objecto doente ou morto, em que a droga simboliza esse objecto, e a sua incorporação concreta, aliada aos efeitos tóxicos da droga, serve somente para reforçar a identificação com esse objecto frágil e desvitalizado.

Aliás, Bergeret (1988) adverte que a prevalência do registo comportamental nos toxicómanos, nomeadamente através de consumos de drogas, apresenta-se como forma de reacção às falhas do imaginário (lacunas da barreira de contacto), podendo atingir formas tão graves como são as condutas suicidárias, cuja ideação temática surge, como salientámos, no protocolo do Gabriel.

Neste sentido, sublinhamos uma tendência à conduta suicidária, designadamente por «overdose» anestésiante da dor mental, sobretudo no protocolo A, através de 6 registos consecutivos no modo de funcionamento da barreira de contacto remendada (anotados na grelha II, nos registos aos cartões III e IV – 2 comentários de simetria durante os tempos de

latência, 3 respostas e um acto de tapar/destapar a metade esquerda da mancha Rorschach -), predominantemente verificados face ao cartão III, o que realça no Gabriel uma intensa dor mental face à evocação de uma relação entre personagens humanas, optando o sujeito pela via substitutiva de uma relação com o objecto-droga, cujo efeito excessivamente paralisante da barreira de contacto poderá conduzi-lo ao próprio estado inanimado e irreversível desse objecto: a inexistência de vida, ou seja, a morte. Para além disso, realçamos a ocorrência de uma «overdose» na inscrição de elementos tóxicos nas lacunas da barreira de contacto do Inácio - embora menos acentuada em comparação com a registada no protocolo A - designadamente através da constatação de 3 respostas emitidas, consecutivamente, no modo de funcionamento da barreira de contacto remendada, nos cartões pastel VIII (1 resposta) e IX (duas respostas), o que denota uma extrema sensibilidade do sujeito às cores desses estímulos e, particularmente, ao apelo regressivo suscitado pelo cartão IX, promotores de uma emergência excessiva de elementos  $\beta$ , cuja acção dolorosa é paralisada nas lacunas da barreira de contacto, pela solução adictiva anestésiante.

Para além do anteriormente descrito, a tendência às passagens-ao-acto, com ou sem recurso a consumo de drogas, pode ser observada, no protocolo A, nas manipulações excessivas ao nível da orientação dos cartões Rorschach (equivalentes choque), verificadas nos cartões I e II, assim como nos actos peculiares de tapar/destapar as metades esquerdas de manchas, observados nos cartões I, III, V e X, que salientam, assim, a exacerbação do registo comportamental pelo Gabriel, como reacção à dor mental, que não é transformada, suficientemente, pela via do pensamento, dada a fragilidade da sua função  $\alpha$ . Porém, sublinhamos que, enquanto as numerosas manipulações da orientação dos cartões, denotam a procura desesperada de um continente externo que contenha e signifique a angústia do Gabriel, os actos de tapar as metades esquerdas de cartões Rorschach salientam a evocação de um registo comportamental de consumo de drogas, que procede a uma atenuação drástica da dor mental, equivalendo a um «tapar» das fendas da barreira de contacto com elementos tóxicos anestésiantes, que sustentam o mecanismo psíquico de desdobramento da representação de si. Neste sentido, o acto de «destapar» a metade esquerda das manchas Rorschach, corresponde ao processo de «rompimento» dos frágeis e efémeros remendos tóxicos, face à reactivação da dinâmica da barreira de contacto, mas a acção prévia de tais elementos tóxicos paralisantes foi relevante para o sujeito, enquanto recurso promotor de um estado de tranquilização narcísica.

Por outro lado, não é, manifestamente expresso, o registo comportamental no protocolo Rorschach do Inácio, uma vez que, durante toda a prova, o sujeito manteve

«siderada» a orientação dos cartões, nem procedeu a qualquer acto sobre a realidade externa sustentada nos estímulos Rorschach, para além da recepção e entrega dos cartões. Tal parece denotar um registo extremamente passivo sobre a realidade externa, contrastante com a actividade verificada pelo Gabriel. Todavia, os actos de tapar a metade esquerda de manchas, promotores da suspensão da ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, parecem ser formas agidas e intensas de atenuar a dor mental, provocada pelo contacto com objectos angustiantes, que o Inácio opta por não «movimentá-los», por forma a promover uma quietude exterior que suscite uma análoga paralisação do mundo interior, embora com escasso sucesso, tal como ficou constatado pela grande incidência psíquica no registo permeável da barreira de contacto e, também, nas duas ocorrências de instauração da tela beta e de instauração da tela beta tóxica.

No entanto, tal como já salientámos, o Inácio recorre à emissão de conteúdos-«remendo» que possuem um valor siderante semelhante ao acto de «tapar» partes angustiantes da realidade externa, mas, enquanto os actos de tapar determinados elementos perceptivos das manchas – com especial relevância para metades dos estímulos, que aludem ao mecanismo de desdobramento da representação de si –, parecem constituir remendos tóxicos construídos directamente no lado fronteiro consciente da barreira de contacto, os conteúdos-«remendo», enquanto actos intra-psíquicos, parecem formar porções de tecido tóxico na «face» inconsciente da barreira de contacto.

Após termos procedido a uma discussão dos resultados obtidos nos protocolos, através de uma fina leitura dos procedimentos elaborados, na sua conciliação com a teoria da barreira de contacto e articulação conceptual com o fenómeno psíquico toxicodependente, estamos agora na posse de constituintes compreensivos fundamentais, por forma a proceder a uma análise integrativa, global, dos dois protocolos, para a qual contribui os resultados verificados e registados nos psicogramas e grelhas de análise elaboradas.

Assim, destacamos, inicialmente, que os sujeitos emitiram um número de respostas semelhante (22 no protocolo A e 23 no protocolo B), e dentro dos valores normativos, denotando um esforço de adaptação à realidade, pela via de uma correspondência à solicitação proposta pela instrução Rorschach.

Porém, realçamos o esforço empreendido pelos sujeitos em promover uma restrição à mobilidade de elementos inconscientes – cuja intensidade é mais próxima do registo paralisado da barreira de contacto remendada do que do modo rígido da barreira de contacto –, que sobressai na análise do processo de construção de respostas, através de uma predominante determinação formal, que se observa, designadamente, nos valores acima dos

valores normativos do F% (77% no protocolo A; 74% no protocolo B) e, principalmente, nos impressionantes valores elevados, constatados nos resultados da fórmula do F% alargado (100% no protocolo A; 96% no protocolo B).

Concretamente, no que respeita ao F% alargado, de ambos os protocolos, para além do número expressivo de respostas estritamente formais, participam, no seu cálculo, respostas cinestésicas humanas (K) marcadas pela sideração especular, conjugadas ou não com elementos de ligação simbiótica petrificante, e escassas respostas de determinação formal preponderante (F como primeiro determinante) associadas à «mobilidade» de elementos inconscientes associados aos determinantes cromático e acromático (C e C'), de esbatimento (E) e de claro-oscuro (Clob). Por conseguinte, este extremo e restritivo pendor formalista observado nas respostas Rorschach do Gabriel e do Inácio, remete para uma reflexão conceptual de McDougall (1984), em que esta autora denominou determinados pacientes, nomeadamente os toxicodependentes, como des-afectivos, por evitarem abordar qualquer emergência emocional. Neste sentido, compreende-se que o modo de apreensão global (G) das respostas tenha verificado valores acima dos normativos em ambos os protocolos, e registo inverso se constate nos modos de apreensão de pormenores correntes (D) e de pormenores raramente isolados (Dd), sublinhando uma tendência interpretativa de «des-afectivos» contornos formais de toda a realidade externa, por forma a evitar pormenores das manchas que invoquem a angústia inerente a elementos psíquicos dispersos e insignificandos (o modo permeável da barreira de contacto, a instauração da tela beta/tela beta tóxica e o recurso à barreira de contacto remendada, foram mais expressivos em modos de apreensão de pormenores parcelares das manchas, em ambos os protocolos, com maior incidência nas respostas Rorschach do Inácio). Para além disso, salientamos que a mobilização de toda a realidade externa dos estímulos, resultou defensivamente melhor no protocolo do Gabriel (incidência em respostas que promovem a uma impermeabilização das lacunas da barreira de contacto), enquanto no protocolo do Inácio, o recurso ao modo de apreensão global mostrou uma grande instabilidade no funcionamento da barreira de contacto, no qual sobressai o modo de funcionamento permeável e de instauração da tela beta, dada a grande intensidade da componente projectiva mobilizada.

Porém, realçamos que o sobre-vestimento na configuração das imagens, fracassou, frequentemente, em ambos os protocolos, como comprovam os baixos valores registados no F+% (41% no protocolo A; 47% no protocolo B) e no F+% alargado (50% no protocolo A; 55% no protocolo B), salientando que a privilegiada componente perceptiva não conseguiu

constituir, tipicamente, um adequado continente formal para conter a expressão projectiva dos elementos de angústia dos sujeitos (elementos  $\beta$ ).

No que concerne especificamente à análise do F+% alargado, recordamos que associámos este indicador à expressão do conceito dinâmico de barreira sensível, proposto e desenvolvido por Carlos Farate (1998, 2000), por forma a compreender a terapêutica da barreira de contacto nos sujeitos toxicodependentes. O autor advoga que a função da barreira sensível é assegurar a inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, sustentando que uma evolução verificada na barreira de contacto poderá ser observada, à luz da barreira sensível, por um aumento da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, conducente a uma re-significação dos objectos do mundo interno do sujeito toxicodependente.

Neste sentido, a evolução da barreira sensível encontra-se, em cada momento, correlacionada positivamente com a dinâmica registada na barreira de contacto ou na tela beta/tela beta tóxica. Porém, a nível integrado, a análise do indicador F+% alargado permite-nos constatar, face à expressiva determinação formal das respostas do Gabriel e do Inácio, o grau de inteligibilidade perceptiva dos objectos externos dos sujeitos, tendo, naturalmente, em consideração que o valor resultante daquela fórmula, deve ser nivelado pela qualidade associada às respostas com suficiente adequação formal aos estímulos (F+), uma vez que apenas as respostas que prosseguem uma fluidez semi-permeável na ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, são, significativamente, promotoras de uma progrediente re-significação dos objectos internos, que sublinham uma evolução formativa da barreira de contacto.

Por conseguinte, retomando os valores registados no indicador F+% alargado (50%, no protocolo A; 55% no protocolo B), podemos referir a evidência de uma grande instabilidade na inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, por parte do Gabriel e do Inácio, denotando, assim, uma barreira de contacto marcada por uma incapacidade em promover, de forma minimamente consistente, um aumento significativo dos elementos  $\alpha$  na sua textura. Recordamos que apenas uma resposta, nos protocolos do Gabriel e do Inácio, enfatiza um expressivo movimento progrediente nas suas barreiras de contacto, de acordo com a qualidade de semi-permeabilidade prosseguida na construção dessas imagens-conceito.

Para além disso, referimos que, apesar do valor registado no F+% alargado do psicograma do Gabriel ser ligeiramente mais baixo do que o referente ao Inácio, o Gabriel consegue proceder, em mais respostas, a um incremento mínimo ou praticamente estagnado de elementos  $\alpha$  na sua barreira de contacto, através de registos no modo impermeável da

barreira de contacto. Para além disso, o Gabriel manifestou uma melhor capacidade defensiva tóxica de manter preservada a sua barreira de contacto – registo da barreira de contacto remendada –, em comparação com a desintegração psíquica mais intensamente expressa, por parte do Inácio, em número de respostas no registo permeável da barreira de contacto e, principalmente, de instauração da tela beta/tela beta tóxica. Neste sentido, de comparação entre os dois protocolos, constata-se uma ligeira melhor capacidade de emitir respostas com uma suficiente adequação formal aos estímulos Rorschach por parte do Inácio, mas tal não significa uma efectiva melhor inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, porque na percepção significativa de imagens, não participa somente elementos perceptivos mas também elementos projectivos, em que estes revelaram, tipicamente, uma intensidade maior no protocolo do Inácio.

Ressalvamos que, enquanto indicador expressivo de uma dinâmica tendencialmente evolutiva/involutiva/suspensiva da barreira de contacto, a análise da barreira sensível, através do  $F+\%$  alargado, permite-nos concluir, fundamentalmente, sobre a instabilidade de funcionamento das barreiras de contacto do Gabriel e do Inácio, devido à dor mental insignificadora que, persistentemente, emerge das lacunas dessas membranas psíquicas – excessiva permeabilidade –, levando os sujeitos a optar por diversas soluções, sendo o exercício efectivo e eficaz da função  $\alpha$  a menos adoptada. Todavia, o Gabriel, como ficou ilustrado pela análise da sua narrativa na prova Rorschach, apresenta, com maior frequência do que o Inácio, a mobilização de recursos psíquicos – registo impermeável da barreira de contacto – e adictivos – pela via dos remendos tóxicos produzidos na barreira de contacto – por forma a evitar uma degradação/destruição da membrana psíquica que procede à mediação entre elementos conscientes e inconscientes.

De facto, apesar da temática de morte que é bastante evidente no protocolo do Gabriel, e que remete para a descrição da sua história de vida, em que ambos os seus progenitores se suicidaram, havendo também a assinalar a ocorrência do falecimento de um irmão por doença, o sujeito manifesta a capacidade de recorrer, de forma mais frequente do que o Inácio, a defesas psíquicas (não tóxicas) impermeabilizantes das lacunas da sua barreira de contacto, por forma a «estancar» a hemorragia de elementos  $\beta$ , que se associa com uma incapacidade em significar, devidamente (pela função  $\alpha$ ), a dor mental decorrente da perda real de objectos significativos.

Por outro lado, o Inácio privilegia, em grande medida, a defesa dos remendos tóxicos para fazer face à dor mental que emerge das lacunas da barreira de contacto em detrimento da

mobilização de recursos psíquicos impermeabilizantes dessa membrana psíquica, adoptando, também, em duas ocorrências da situação Rorschach, uma solução de superação da dor mental pela via tóxica, através da substituição do funcionamento da barreira de contacto por uma efectiva instauração da tela beta, com participação de elementos tóxicos excitatórios. Por conseguinte, perante os dados que obtivemos da sua narrativa de vida, permite-nos equacionar que o sujeito substitui uma intensa dependência em relação ao objecto materno, pela relação de dependência com o objecto-droga, o que remete para uma forma de transgressão adolescente ainda não superada (o Inácio é um jovem adulto, com 20 anos). Neste sentido, o Inácio parece confirmar o que Dias (1980) defende a propósito da vivência de consumo de drogas na fase de crise adolescente: o processo de desenvolvimento psíquico não se efectua, ocorrendo, ao invés, uma regressão. De facto, a tendência para proceder a movimentos regressivos na posição esquizo-paranóide, inclusive com a instauração da tela beta e da instauração da tela beta tóxica é, claramente, mais expressiva do que a verificada no protocolo Rorschach do Gabriel, em que este sujeito, em virtude de ter uma idade mais avançada (33 anos), parece não enfrentar com tanta intensidade, as evocações de um processo adolescente mal elaborado, para o qual contribui a realidade da sua faixa etária adulta ser claramente distinta da etapa de vida adolescente.

## 8. CONCLUSÃO

Pretendemos com a elaboração do presente estudo poder contribuir para o desenvolvimento do método Rorschach, por forma a dotá-lo de específicos procedimentos de leitura de diversos registos/qualidades de funcionamento da barreira de contacto e da emergência e instauração da tela beta, cujas expressões podem surgir durante as narrativas de qualquer sujeito, que se defronte com a tarefa psíquica de responder ao proposto na situação Rorschach. Adicionalmente, procedemos a uma precisão das lentes de leitura que efectuámos sobre as qualidades típicas de funcionamento da barreira de contacto e de tela beta, na acepção bioniana, de modo a destacar, no contínuo psíquico de narrativas Rorschach de sujeitos toxicómanos, marcadores dinâmicos particulares da actividade de elementos tóxicos na membrana psíquica responsável pela vida relacional entre o Eu e o Outro.

A solicitação inerente à instrução Rorschach remete, idealmente, para a constituição de respostas-símbolo, ou seja, para «produtos» elaborados pela actividade da barreira de contacto, que evidenciem uma ligação/separação adequada entre a projecção e a percepção, entre a fantasia e a realidade, entre o mundo interno e o mundo externo. A expressão das diferentes qualidades típicas dessa barreira resultam, em cada momento, da capacidade do sujeito em tolerar a frustração: quanto melhor/pior for essa capacidade, melhor/pior será o desempenho da actividade da barreira de contacto, *performance* essa que é, em si própria, formativa/desintegrativa dessa membrana psíquica, e que decorre do grau de transformação (pela função  $\alpha$ ) de dolorosos elementos de angústia (elementos  $\beta$ ) em elementos susceptíveis de serem pensados (elementos  $\alpha$ ), os quais constituem a textura da barreira que, simultaneamente, une e separa o Eu e o Outro.

Realçamos que a frustração decorrente da relação entre seres humanos desejantes e diferenciados, mostra-se, particularmente, intensa e intolerável nos toxicodependentes, sendo esta uma característica, tipicamente, associada ao funcionamento mental toxicodependente (e.g. Khantzian, 2003; Olievenstein, 1990; Rosenfeld, 1960). Tal incapacidade psíquica, sustenta a via de fuga ao pensamento – o exercício efectivo e eficaz da função  $\alpha$  -, através de passagens-ao-acto por consumos de droga, cujos efeitos permitem uma efémera superação da dor mental.

De facto, a análise dos dois protocolos Rorschach abordados, neste estudo, salientam a intensa intolerância à frustração dos toxicodependentes, decorrente de uma severa incapacidade de mobilizarem a qualidade semi-permeável da barreira de contacto, ou seja, de

significarem, devidamente, pelo exercício bem sucedido da função  $\alpha$ , a dor mental inerente à emergência de elementos  $\beta$ , que ocorre pelo estabelecimento de uma ligação/separação entre o Eu e um Outro humanos, em virtude de serem, efectivamente, seres desejantes e diferenciados. Uma vez que a dor mental em sujeitos toxicodependente é, tipicamente, intensa, essa deverá decorrer de uma precária e perturbada relação estabelecida com o continente materno, incapaz de conter e desintoxicar, suficientemente, os conteúdos de angústia do bebé-infante, e de os devolver de uma forma tolerável à sua psique recém-nascida e em construção. Nesta medida, face à relação primária (mal) estabelecida, todos os objectos externos passam a ser considerados como maus objectos, dado não possuírem, projectivamente, suficiente capacidade de *rêverie* perante as urgentes necessidades primárias não satisfeitas na relação com o objecto interno primordial, ou seja, as reais relações humanas, que implicam sempre frustração, tornam-se, em si mesmas, intoleráveis para os sujeitos toxicodependentes. Por conseguinte, os sujeitos toxicómanos substituem a relação com objectos humanos – suscitantes de frustração – pela relação com o objecto-droga, em que este suprime, pelo seu consumo, as sensações dolorosas no psiquismo. Assim, enquanto substância inanimada, o objecto-droga possui características que favorecem o seu controle onnipotente, não estando, deste modo, o sujeito toxicómano «dependente» de uma frustrante capacidade de *rêverie* de objectos humanos.

De facto, a solução tóxica para lidar com a dor mental foi, frequentemente, constatada nos protocolos Rorschach analisados, designadamente através da expressão da barreira de contacto remendada, por meio da qual se procede a uma anestesia da dor mental nas lacunas da barreira de contacto dos sujeitos toxicómanos.

Todavia, realçamos que as vias tóxicas adoptadas para suprimir a dor mental, assim como os próprios recursos psíquicos defensivos, são específicos de cada sujeito toxicodependente, ou seja, não existe uma mesmidade psíquica entre os sujeitos que revelam uma dependência ao nível de consumo de drogas. Neste sentido, para além de uma frequência diferenciada ao nível da adopção da solução tóxica paralisante do funcionamento da barreira de contacto (constatada em ambos os protocolos), o toxicómano pode recorrer, em maior ou menor grau, à expressão evacuativa da dor mental, através de movimentos psíquicos sucessivos no registo da posição esquizo-paranóide ( $Ps \rightarrow Ps$ ), nos quais participam elementos tóxicos com propriedades hiperactivas, que se aliam aos emergentes elementos  $\beta$ , por forma a instaurar a tela beta tóxica (algo que foi apenas assinalado num dos protocolos estudados). Para além disso, frisamos que o próprio recurso à fuga extremada da vivência de

dor mental, através da instauração da tela beta, poderá não ter uma característica expressão toxicodependente, ou seja, não denotar a participação de elementos tóxicos no seu processo de instauração, em que, também neste registo, a mobilização dessa solução não pensante da dor mental, revelou-se de forma diferenciada nos protocolos estudados, com maior incidência na expressão Rorschach do Inácio em comparação com a verificada no protocolo do Gabriel.

Aliás, salientamos que a distinção entre as instaurações da tela beta e da tela beta tóxica, possuem, ao nível dos procedimentos de análise elaborados, lacunas que poderão ser devidamente significadas em eventuais investigações futuras, uma vez que, neste estudo, a identificação diferencial da instauração da tela beta tóxica fez-se, de uma forma «retrosignificada», designadamente pela observação subsequente do registo tóxico da barreira de contacto remendada, aquando da «queda» da tela beta tóxica no domínio de funcionamento da barreira de contacto, com características permeáveis.

Nesta senda, assinalamos, como exemplar dificuldade de distinção entre essas duas modalidades exacerbadas de fuga à dor mental, as análises realizadas à última resposta de ambos os protocolos, em que defendemos que o processo de construção dessas imagens remete para a instauração da tela beta em detrimento da instauração tela beta tóxica, somente porque não ocorreram mais respostas, que poderiam ilustrar, ou não, a participação prévia de elementos tóxicos excitatórios nesses processos de superação da dor mental. Apesar destas lacunas de identificação diferencial no Rorschach, do modo tóxico ou não tóxico de instauração da tela beta, consideramos que o critério de observação de remendos tóxicos paralisantes da barreira de contacto, após a «queda» daquele registo de exacerbação da actividade de elementos  $\beta$ , em aliança com elementos tóxicos excitatórios, revela-se como compreensivelmente adequado, na medida em que, após os elementos tóxicos terem sido destituídos/consumidos da sua «força» activa, «caem» inertes nas fendas da barreira de contacto, tendo sido realçado por duas vezes esse registo num dos protocolos (Inácio).

Concomitantemente, realçamos que a conceptualização inerente ao processo de instauração da tela beta tóxica parece ser, dinamicamente, expressa no protocolo B, uma vez que os consumos de drogas excitatórias, como é o caso da cocaína, produzem um efeito muito intenso de prazer, mas, simultaneamente, a sua duração é muito curta, promovendo recaídas muito rápidas nesse registo comportamental que, ao nível da sua expressão psíquica no Rorschach, pode manifestar-se por sucessivos processos de instauração da tela beta tóxica, tal como ficou evidenciado por duas dessas ocorrências no cartão VII, do supra referido protocolo. Neste mesmo sentido, também se destaca que os elementos tóxicos que suspendem a dinâmica da barreira de contacto, após terem sido utilizados, activamente, no processo de

instauração da tela beta tóxica, possuem características diferentes dos elementos farmacogénicos, cuja função é anestesiar, directamente, a dor mental nas lacunas da barreira de contacto.

De facto, os elementos tóxicos que participam nos remendos da barreira de contacto após terem contribuído para a instauração da tela beta tóxica, são muito pouco resistentes – estimulando um célere processo de recaída da instauração da tela beta tóxica, por forma a superar a dor mental – e são ainda menos resistentes do que os frágeis elementos químicos de droga que sustentam o estado transitório da barreira de contacto remendada, uma vez que os primeiros «passam», passivamente – devido ao seu actual estado inerte –, pelas lacunas da barreira de contacto, no processo de «queda» da instauração da tela beta tóxica, enquanto que os segundos inscrevem-se, activamente, nas fendas da barreira de contacto, em virtude das suas reais propriedades anestésicas. Daqui deriva uma outra lacuna em termos da capacidade de leitura dos procedimentos de análise realizados, especificamente ao nível da discriminação entre a barreira de contacto remendada, com propriedades activamente anestésicas, e a expressão remendada daquela membrana psíquica por inertes elementos tóxicos pós-excitatórios.

A análise dos protocolos Rorschach de sujeitos toxicodependentes, ao nível da expressão tóxica da barreira de contacto remendada e da instauração da tela beta tóxica, permitem sustentar, compreensivelmente, um símbolo metafórico que liga/separa a expressão de cariz mais externo, e factual, de um estado sintomático produzido por consumos de droga, com a vertente pós-sintoma de acção intra-psíquica, que se pode observar pela acção de elementos tóxicos que perduram no psiquismo, e que se expressam no processo-resposta Rorschach. Esse símbolo poderá ser, assim, um sismo, na medida em que a primeira ocorrência, por norma, é mais intensa, correspondendo esta ao estado de real sintomatologia produzida por um consumo de droga, e as réplicas que se seguem, de menor intensidade, expressam a actuação de elementos tóxicos na barreira de contacto, que persistem no psiquismo, para além do efectivo período em que os sintomas sustentados pelos efeitos da droga são mais conscientes e evidentes.

Esta construção simbólica permite, igualmente, através da observação compreensiva de «réplicas» tóxicas evidenciadas em narrativas Rorschach de sujeitos toxicodependentes, realçar o risco de «overdose» por consumo de drogas excitatórias ou anestésicas – com um concomitante risco suicidário –, para o qual será pertinente, dessa forma, afinar os procedimentos de análise elaborados neste estudo, já que a sua ulterior aplicação, poderá consubstanciar-se em leituras de uma avaliação compreensiva mais rigorosa desses riscos,

através da expressão Rorschach de sujeitos toxicómanos, promovendo, assim, eventuais processos psicoterapêuticos.

Para além do descrito, salientamos que o fenómeno toxicodependente é muito complexo, tendo este estudo se centrado na elaboração de parâmetros de leitura de duas vias básicas de consumos de substâncias: uma de cariz excitatório e outra de índole anestésica. De facto, a expressão da auto-medicação (Khantzian, 2003) dos toxicodependentes para lidar com a dor mental, pode expressar-se através de diversas formas, inclusive pela manipulação conjunta de drogas com efeitos excitatórios e anestésicos, em que, nesta particular circunstância, a instauração da tela beta tóxica deverá ser seguida, tipicamente, por um activo – em vez de passivo – processo de remendos tóxicos anestésiantes da barreira de contacto. Por conseguinte, consideramos pertinente a realização de estudos em que se elabore procedimentos de análise para se observar esses específicos registos psíquicos em narrativas Rorschach, os quais serão derivados, exemplarmente, por consumos, em conjunto, de doses de cocaína com doses de heroína.

Concomitantemente, os protocolos Rorschach analisados neste estudo, permitem concluir sobre a existência de uma parte toxicodependente e uma parte não toxicodependente inerentes à personalidade de sujeitos consumidores de drogas. De facto, perante a dor mental associada a uma emergência excessiva de elementos  $\beta$  – registos da barreira de contacto permeável nos protocolos Rorschach –, os sujeitos toxicodependentes, participantes neste estudo, revelaram uma frequência distinta na expressão dos modos tóxicos da barreira de contacto remendada e instauração da tela beta tóxica (parte toxicodependente da personalidade), assim como mostraram capacidades claramente diferenciadas em recorrer à defesa, eminentemente psíquica, da barreira de contacto impermeável e à superação da dor mental pela solução, não tóxica, da instauração da tela beta (parte não toxicodependente da personalidade). Realçamos que a parcela mais evoluída da parte não toxicodependente da personalidade, consubstanciada no acesso a uma qualidade semi-permeável de funcionamento da barreira de contacto, foi similarmente observada, em ínfima expressão, nos protocolos Rorschach analisados, sustentando que a típica intolerância à frustração dos sujeitos toxicodependentes, é uma «força» contrária ao processo de transformação da dor mental pela via da constituição de pensamentos propriamente ditos.

No que concerne aos recursos psíquicos defensivos para lidar com a dor mental, que se revelam numa rígida ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes – num privilegiar da percepção sobre a projecção no processo-resposta Rorschach – salientamos que o «estancar» da dor psíquica pela via impermeabilizante das lacunas da barreira de contacto,

permite-nos aceder à capacidade psíquica (não tóxica) que o sujeito toxicodependente denota, ao conseguir impedir dolorosas emergências excessivas de elementos  $\beta$  que, face à fragilidade da sua função  $\alpha$ , colocam em risco a vida psíquica sustentada na mediação relacional entre a realidade externa e a fantasia interna.

Realçamos, ainda, que o sobre-investimento nas formas das imagens, observado no processo-resposta Rorschach dos protocolos analisados, demonstra que é a partir do domínio da realidade externa, que o processo terapêutico da barreira de contacto destes sujeitos deve centrar-se. De facto, defendemos que é ao nível da melhoria da inteligibilidade perceptiva dos objectos externos, ou seja, na prossecução de uma dinâmica evolutiva da barreira sensível desses sujeitos, que deverá centrar-se o projecto terapêutico com sujeitos toxicómanos. Na realidade, consideramos que importa proceder, num primeiro estágio desses processos terapêuticos, a uma substituição da defesa tóxica pela defesa psíquica, ou seja, a uma substituição do modo de funcionamento da barreira de contacto remendada e da instauração da tela beta tóxica, pelo aumento de recursos impermeabilizantes da barreira de contacto, que é favorecido pelo pendor formalista que os sujeitos toxicodependentes tendem a realçar, e a partir do qual dever-se-á prosseguir uma relação terapêutica que vise melhorar a capacidade significativa da percepção. Nesta medida, deve-se promover a centração dos sujeitos toxicodependentes nas relações reais com objectos humanos, por forma a que, paulatinamente, o desenvolvimento da tolerância a essas experiências emocionais – invariavelmente sujeitas a frustração –, possibilitem uma re-significação dos objectos internos, promovendo, assim, o desenvolvimento simbólico da conciliação entre o Eu e o Outro.

Neste quadro, as avaliações psicológicas que podem ser realizadas mediante a utilização da prova projectiva Rorschach, de acordo com os elaborados procedimentos de análise específicos, permitem observar a expressão dos recursos psíquicos e tóxicos disponíveis em sujeitos toxicodependentes, contribuindo para uma re-organização significativa das conceptualizações sobre o fenómeno toxicómano no continente teórico da teoria bioniana. Nesta medida, o desenvolvimento do método Rorschach promove uma articulação dessas considerações teóricas com a prática da psicologia clínica, que poderá não estar somente confinada a um estrito momento de avaliação psicológica de sujeitos toxicodependentes, dada a sua eventual integração no âmbito de processos psicoterapêuticos.

Salientamos, ainda, que os procedimentos de análise realizados neste estudo, poderão ser re-elaborados por forma a captar, na situação Rorschach, a expressão psíquica de sujeitos que não sendo toxicodependentes em sentido estrito, ou seja, consumidores de drogas, socialmente, ilícitas, são toxicodependentes em sentido lato. Assim, poder-se-ão integrar nesta

última categoria, os sujeitos com patologias mentais severas – psicoses – que recorrem, quotidianamente, a medicação psiquiátrica, por forma a estarem, quimicamente, «compensados», mas também, num sub-nível diferenciado, a todos aqueles sujeitos que, não sofrendo de uma patologia mental severa, recorrem, habitualmente, a fármacos, nomeadamente analgésicos, sedativos e anti-depressivos, substituindo a via natural e psíquica da função  $\alpha$  para lidar com a dor mental, pela efémera via medicamentosa.

Por fim, consideramos de especial interesse e pertinência a realização de estudos que promovam a elaboração de parâmetros de leitura das várias qualidades da barreira de contacto e da tela beta em sujeitos toxicodependentes – em sentido estrito e lato –, noutros testes projectivos, com particular relevância para o TAT, uma vez que os cartões dessa prova projectiva se centram em imagens cujos elementos perceptivos são facilmente apreendidos, possuindo, assim, características mais conformes aos perceptivos «objectos sensíveis» mobilizados pelos sujeitos toxicodependentes, e a partir dos quais se poderão produzir narrativas, em que à luz dos procedimentos elaborados, se poderão vislumbrar, em integração com os resultados obtidos em provas Rorschach, os caminhos terapêuticos a serem trilhados, de modo a favorecer a reparação não tóxica, mas pensante da barreira de contacto desses sujeitos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Bergeret, J. (1988). La personnalité du toxicomane. In J. Bergeret & J. Leblanc (Eds.), *Précis de toxicomanies* (pp. 63-75). Paris: Masson.
- Bergeret, J. (1990). *Les toxicomanes parmi les autres*. Paris : Odile Jacob.
- Bergeret, J. (1997). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em francês *La personnalité normal et pathologique*. Paris, Dunod, 1996).
- Bion, W. (1961). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius (Eds.) (1991), *Melanie Klein Hoje-Desenvolvimentos da teoria e da técnica Volume 1: Artigos predominantemente teóricos*. (pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago (tradução do original em inglês *Melanie Klein Today*, v.1. London: Routledge, 1988).
- Bion, W. (1962/1991). *Learning from experience*. London: Maresfield Library.
- Bizot (2005). *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em francês *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant*. Paris, Masson, 1985).
- Bleandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion 1897-1979: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Imago.
- Cabral, M. F. S. (1998). *Pensar a emoção. O processo psicanalítico como reconstrução da "barreira de contacto" (Bion)*. Lisboa: Fim de Século.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto – Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em língua francesa *Le Rorschach en clinique adulte – Interprétation psychanalytique*. Paris: Dunod, 1997).

- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em língua francesa *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod, 1998).
- Dias, C. A. (Ed.) (1980). *Influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano. Demografia das toxicomanias*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra.
- Dias, C. A., & Fleming, M. (1998). *Psicanálise em tempo de mudança: Contribuições teóricas a partir de Bion*. Lisboa: Afrontamento.
- Dodes, L. (1990). Addiction, Helplessness, and Narcissistic Rage. *Psychoanalytic Quarterly*, 59, 398-419.
- Farate, C. (1998). Do acto de consumo ao gesto que consome. In *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. (pp. 261-272). Lisboa: Direcção Regional da Educação.
- Farate, C. (2000). O gesto, os labirintos da alma e a demanda do ser. O fio precário de um afecto a-mnésico. *Toxicodependências*, 6, (3), 75-83.
- Fleming, M. (1997). Toxicodependência e família interna. *Revista portuguesa de psicanálise*, 16, 83-89.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freud, S. (1969). Projecto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume 1 (1886-1889)* (pp. 335-468). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895)
- Grinberg, L., Sor, D. & Bianchedi, E. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Tecnipublicaciones.

- Guignard, F. (1989). O preconsciente nas neuroses. *Revista portuguesa de psicanálise*, 7, 21-36.
- Johnson, B. (1999). Three Perspectives On Addiction. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 47, 791-815.
- Johnson, B. (2003). Psychological Addiction, Physical Addiction, Addictive Character, and Addictive Personality Disorder: A Nosology of Addictive Disorders. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 11 (1), 135 – 161.
- Khantzian, E.J. (2003). Understanding Addictive Vulnerability: An Evolving Psychodynamic Perspective. *Neuro-Psychoanalysis*, 5, 5-21.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. C. (2001). *A depressão*. Lisboa: Climepsi.
- McDougall, J. (1984) The "dis-affected" patient: Reflections on affect pathology. *Psychoanalytic Quarterly*, 53, 386-409.
- Neto, D. (1990). Estrutura neurótica da personalidade e toxicod dependência. *Revista portuguesa de psicanálise*, 10, (11), 557-565.
- Olievenstein, C. (1990). *Clínica do toxicómano: a falta da falta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rezende, A. M. (1995). *Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento*. São Paulo: Papirus.
- Ribeiro, J. S. (1998). Dependência psicológica versus dependência física. *Toxicod dependências*, 4, (2), 45-53.
- Rosenfeld, H. (1960). On drug addiction. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 467-475

- Sandler, P (1997). The Apprehension Of Psychic Reality: Extensions Of Bion's Theory Of Alpha-Function. *International Journal of Psycho-Analysis*, 78, 43-52.
- Segal, H. (1957). Notas sobre a formação de símbolos. In E. B. Spillius (Eds.) (1991), *Melanie Klein Hoje- Desenvolvimentos da teoria e da técnica Volume 1: Artigos predominantemente teóricos*. (pp. 167-184). Rio de Janeiro: Imago (tradução do original em inglês Melanie Klein Today, v.1. London: Routledge, 1988).
- Silverman, D. (2001). *Interpreting Qualitative Data. Methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage.
- Symington, J., & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em inglês The clinical thinking of Wilfred Bion. London: Routledge, 1997).
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. California: Sage.
- Vieira, C. (1997). Toxicodependência e perturbação do narcisismo. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 16, 91-97.
- Vieira, C. (2001). Repetição, compulsão à repetição e recaídas. *Toxicodependências*, 7, (2), 23-28.
- Wurmser, L. (1995). Compulsiveness and conflict: The distinction between description and explanation in the treatment of addictive behavior. In *The Psychology and Treatment of Addictive Behavior* (pp. 43-64). Madison: S. Dowling. CT: International Universities Press.
- Zimerman, D. (1995). *Bion: Da teoria à prática – uma leitura didáctica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

**ANEXOS**

ANEXO A: PROTOCOLOS RORSCHACH

PROTOCOLO RORSCHACH A

Sujeito: Gabriel (33 anos)

<p>I – 10”</p> <p>1. «Um morcego»</p> <p>2. «Uma mosca esmagada ou uma abelha esmagada»</p> <p>3. <math>\vee &lt; &gt; \wedge</math> «Também parece ser uma máscara»</p> <p>«Mas isto é dobrado ao meio. Esta parte é igual a esta».</p> <p>(Tapa a metade esquerda da mancha. Destapa.)</p> <p>4. <math>&lt;</math> «Aqui parece-me um elefante. Um porco. Um bicho esquisito. Não é bem um elefante porque não tem a tromba. Parece a mistura de um elefante com um porco, um bicho esquisito»</p> <p style="text-align: right;">3.10”</p>	<p>«Vê-se bem as asas».</p> <p>«Dá a sensação que é uma coisa esmagada, pelo desenho em si»</p> <p>«Aqui os olhos» (Ddbl)</p> <p>(D lateral esquerdo superior)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- (A)</p> <p>Eq. choque Gbl F+ Máscara</p> <p>Com. sim.</p> <p>D F- (A)</p>
<p>II – 20”</p> <p>«É a mesma coisa, é igual de um lado e de outro»</p> <p>5. <math>\wedge &lt;</math> «Dois bebés» (vermelhos superiores) <math>&lt; \wedge \vee &lt;</math> «Aqui a passarem um bocado uma fase negra» (negros laterais) «Aqui quando nascem, não sei» (Vermelho inferior)</p> <p style="text-align: right;">2.05”</p>	<p>«São dois bebés a nascer. Pela cor, porque depois sai a mesma cor lá em cima»</p>	<p>Com. sim.</p> <p>G K H Eq. choque</p>

<p>III – 20”</p> <p>«É igual de um lado e de outro»</p> <p>6. «Duas mulheres. Uma de um lado e outra do outro lado»</p> <p>7. «Parecem umas galinhas»</p> <p>(Tapa a metade esquerda da mancha. Destapa)</p> <p>8. «Coração dividido ao meio»</p> <p>1.20”</p>	<p>«No meio (D central inferior), parece uma fogueira. Parece que estão a fazer qualquer coisa» R.A. – D Kob Elem</p> <p>(Vermelhos laterais) «Parece que estão presas pelas patas»</p> <p>(Vermelho central)«É um coração de duas pessoas»</p>	<p>Com. sim.</p> <p>G K H Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IV – 20”</p> <p>«É a mesma coisa, igual de um lado e de outro»</p> <p>9. «Juntando os dois lados, um animal esquisito visto por trás. Um extraterrestre, sei lá»</p> <p>10. &gt; «Aqui parece uma mulher um bocado esquisita»</p> <p>1.55”</p>	<p>(Em G)</p> <p>(D lateral direito inferior) «É uma bruxa».</p>	<p>Com. sim.</p> <p>G F+ (A)</p> <p>D F- (H)</p>
<p>V – 10”</p> <p>11. «Parece uma borboleta»</p>	<p>«Acho as borboletas muito bonitas. Embora a cor... Também gosto do preto! Mas esta cor assim...»</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>12. (Tapa a metade esquerda da mancha) «Uma pessoa deitada»</p> <p style="text-align: right;">1.35”</p>	<p>(D lateral direito superior) «Parece que está com os braços cruzados»</p>	<p>D K H</p>
<p>VI – 25”</p> <p>«Continua a ser igual de um lado e do outro»</p> <p>13. «Parece-me um gato aberto ao meio, e que só tivesse a pele. Em cima, a cabeça com os bigodes (D superior), e em baixo o resto do corpo (D inferior). Só que falta-lhe a cauda.»</p> <p style="text-align: right;">1.15”</p>	<p>«Dá mesmo a sensação que é só a pele».</p>	<p>Com. sim.</p> <p>G F E A Ban</p>
<p>VII – 20”</p> <p>14 - «Duas imagens de duas crianças. É igual de um lado e do outro. São dois gémeos (1º e 2º terços).</p> <p>15 – Presos por um cadeado (3º terço)».</p> <p style="text-align: right;">1.15”</p>	<p>«Pela forma como estão, parece que estão a querer sair, a levantar voo, mas está aqui qualquer coisa a uni-los (3º terço), não é a prendê-los, mas é a uni-los»</p>	<p>D K H</p> <p>Com. Sim.</p> <p>D F- Obj</p>
<p>VIII – 15”</p> <p>16. «Parece uma imagem. Qualquer coisa estranha. Dá a sensação de ser uma armadura»</p>	<p>«Em cima, um capacete. E em baixo, o tronco e o resto da armadura»</p>	<p>G F- Obj</p>

<p>17. «Aqui, parecem uns bichos que estão a subir»</p> <p style="text-align: right;">1.35”</p>	(Rosas laterais)	D F+ A Ban
<p>IX – 50”</p> <p>18. «Parece o focinho de uma vaca»</p> <p>19. «Em baixo, parecem ser umas patas. São as patas da vaca»</p> <p style="text-align: right;">55”</p>	<p>(D central superior) «É a cabeça de uma vaca. Parece que está escondida atrás de qualquer coisa. Em cima, vêem-se os cornos (Dd centrais superiores)»</p> <p>(Verde Dd laterais inferiores)</p>	<p>Choque</p> <p>D F+ Ad</p> <p>Dd F- Ad</p>
<p>X – 25”</p> <p>(Tapa metade esquerda da mancha) &gt; (Destapa) ^</p> <p>20. «Aqui em cima parecem uns bichos».</p> <p>21. «Aqui, um coração»</p> <p>22. «Pulmões»</p> <p style="text-align: right;">1.20”</p>	<p>(Cinza. D superior)</p> <p>(Azul central) «Dá para ver aquela coisa que sai do coração»</p> <p>(Rosas laterais)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>

Prova de escolhas:

Escolhas +:

II - Aqui por serem bebês. A evolução. Passam por uma parte que não parece muito boa, mas depois já parece que as coisas estão bem, porque estão a nascer.

VII - Aqui por serem crianças. Gosto muito de crianças. Olhei para isto como se fossem gémeos.

Escolhas -:

I - O morcego faz-me lembrar morte. Apesar de eu gostar muito de animais, acho que é um bicho feio. Faz-me lembrar a morte. Não é que eu tenha medo da morte para mim. Eu tenho é medo de perder pessoas que gosto.

VI Como gosto muito de animais, isto parece-me um gato morto. Não gosto!

PROTOCOLO RORSCHACH B

Sujeito: Inácio (20 anos)

<p>I – 5”</p> <p>1. «Uma máscara... Feia, por sinal! (risos)»</p> <p>2. «Um animal. Talvez um lagarto»</p> <p>3. «No abstracto, um morcego»</p> <p style="text-align: right;">1.25”</p>	<p>«A forma fez-me pensar na cara de um lagarto»</p> <p>«Para ver o morcego foi importante a cor»</p>	<p>Gbl F+ Masc</p> <p>G F- Ad</p> <p>G F C’ A Ban</p>
<p>II – 10”</p> <p>4. «Uma borboleta»</p> <p>5. «Consigo também imaginar uns cornos. É para ver em algo concreto, não é? (risos)»</p> <p>6. «No meio, parece um desenho de um avião».</p> <p style="text-align: right;">1.20”</p>	<p>«No preto seriam as asas. (Exclui os vermelhos superiores). Aqui, a cabeça (vermelho inferior). O branco não. Só se tivesse preenchido. A borboleta tem sempre aquela simetria, e tem sempre cores».</p> <p>(Vermelhos superiores)</p> <p>(Dbl)</p>	<p>D F- A</p> <p>D F- Ad</p> <p>Dbl F+ Obj</p>

<p>III – 14”</p> <p>7. «O pescoço de uma pessoa. Tem um laçarote no meio... Um homem».</p> <p style="text-align: right;">1.55”</p>	<p>(Em G) «O colarinho, não necessariamente de uma camisa (vermelho central). À volta seria o pescoço, e em cima a cabeça. Em baixo, seria o tronco. O laçarote é o que se destaca na imagem, pela cor»</p> <p>(Poderiam ser duas figuras humanas?) «Sim, mas parece-me mais um homem»</p>	<p>DG F- H</p>
<p>IV – 13”</p> <p>8. «Pode ser um monstro. Aqui as patas (D laterais inferiores), a cabeça (D central superior), a cauda (D inferior central)»</p> <p style="text-align: right;">1.05”</p>	<p>«Pareceu-me logo um monstro. Aqui a cabecinha, a cauda...»</p>	<p>G F Clob (A)</p>
<p>V – 3”</p> <p>9. «Uma borboleta»</p> <p>10. «É mais uma traça. Uma borboleta mais feia»</p> <p>11. «Um caracol com asas».</p> <p style="text-align: right;">1.05”</p>	<p>«Veio-me à cabeça a cabeça de um caracol (D central superior), e continua aqui o corpo (eixo central). Aqui é como se levasse a carapaça (D laterais), mas sem carapaça, tem as asas»</p>	<p>Eq. choque</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>DG F- (A)</p>

<p>VI – 55”</p> <p>12. «Parece-me uma cruz, um género de crucifixo»</p> <p>13 «Tirando a parte de cima (D superior), parece-me um insecto esmagado»</p> <p style="text-align: right;">1.40”</p>	<p>«Só parte de cima (D superior). Porque já vi muitos crucifixos, pensei que tem a forma de cruz, e também por causa dos adornos».</p> <p>«Pelo facto de não ter mais forma nenhuma. Assim, parece que foi esmagado»</p>	<p>Choque</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D F- A</p>
<p>VII – 20”</p> <p>14. - «Parece-me duas cabeças, uma a olhar para a outra»</p> <p>15. «Assim, no todo, de maneira abstracta, pode-se dizer que eram duas gémeas siamesas, porque estão ligadas».</p> <p>16. «A parte de baixo, parece ser o início das pernas de uma mulher».</p> <p>17. «No meio, parece ser uma vagina»</p> <p style="text-align: right;">2.30”</p>	<p>(1º terço)</p> <p>«As figuras são exactamente iguais».</p> <p>(3º terço)</p> <p>(D inferior central)</p>	<p>D K Hd</p> <p>G K H</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F+ Sx</p>
<p>VIII – 25”</p> <p>18. «Dois répteis, um de cada lado. Parecem camaleões. Não sei.»</p>	<p>(Rosas laterais)</p>	<p>D F+ A Ban</p>

<p>19. «A parte de baixo, parece uma borboleta»</p> <p style="text-align: right;">1.30''</p>	<p>(Rosa e rosa/laranja central inferior) «Não tem a cabeça. Só tem as asas. Aqui é importante a cor. A preto era capaz de me parecer nada»</p>	<p>D F+ A</p>
<p>IX – 50''</p> <p>20. «A parte cor de laranja parecem ser umas asas. Pela maneira como estão expostas no desenho, parecem ser as asas de um anjo»</p> <p>21. «A parte verde parece uma borboleta»</p> <p style="text-align: right;">2.35''</p>	<p>«A parte com bicos é que é capaz de estar a mais»</p> <p>(Verde central) «Pela forma simétrica. Mas talvez não seja muito parecido com uma borboleta. Se estivesse a preto, se calhar não me passava tanto pela cabeça uma borboleta»</p>	<p>Eq. choque</p> <p>D F- (Hd)</p> <p>D F- A</p>
<p>X – 20''</p> <p>22. «Parecem uns pulmões, esta parte cinzenta» (aponta)</p> <p>23. «Nos azuis, parecem umas algas»</p> <p>«Não consigo imaginar mais».</p> <p style="text-align: right;">2.25''</p>	<p>(D cinzento superior) «A parte do meio é aquela parte que está agarrada aos pulmões. O facto de ser escuro ajudou-me a ver os pulmões. A cor ajudou a ver a forma. Se calhar se tivesse uma cor mais viva, não teria visto os pulmões»</p> <p>(D azuis laterais) «Associei o azul ao mar. Eu já vi algumas algas parecidas com isso».</p>	<p>D F C' Anat</p> <p>D C F A</p>

Prova de escolhas:

Escolhas +:

Cartão X: Este não consigo imaginar quase nada daqui, mas parece-me um desenho muito abstracto, uma coisa feita assim ao calhas. Mas não sei porquê, cativou a minha atenção.

Cartão VII: Este aqui por ter imaginado duas gémeas siamesas, e aqui estarem as pernas de uma mulher.

Escolhas -:

Cartão IV e VI: Por serem todos pretos.

Cartão IV: Pelo desenho em si. Acho-o feio!

Cartão VI: Mesmo de uma forma abstracta, neste vejo o tal crucifixo e acabo por ver o insecto esmagado. Acho-o feio!

ANEXO B: PSICOGRAMAS

## PSICOGRAMA PROTOCOLO A

R= 22	G: 8 41%	F+ = 7	A - 6	F% - 77%	
Recusa - 0		$\Sigma F = 17$	F- = 10	(A) - 3	F+% - 41%
T. Total = 16'25''	Gbl: 1		Ad - 2	F%a - 100%	
T./resp.= 43''		K - 4	H - 4		
T. lat. médio = 22''	D: 12 54%	Kp - 0	(H) - 1	F+%a - 50%	
			Hd - 0		
	Dd: 1 5%	Kan - 0			
		Kob - 0	Elem -		
			Frag -		
		FC - 0	Bot -	A% - 36%-50%	
		CF - 0	Geo -	H% - 18%-23%	
		C - 0	Pais -		
			Anat - 3		
		FE - 1	Sexo -		
		EF - 0	Obj - 2	BAN - 6	
		E - 0	Arq -		
			Simb -		
		FClob - 0	Abs -		
		Clob F - 0	Máscara - 1		
		Clob - 0			

Sucessão - rígida

T. Appr.: G D Dd Dbl

TRI - 4K / 0C

F. Compl. - 0k / 0,5E

RC% - 32%

I. A. - 14%

Prova Escolha:

+ - II, VII

- - I, VI

Elementos Qualitativos:

Choques - IX

Eq. Choque - I, II

Perserv. -

Com. Cor -

Com. Sim. - I, II, III, IV, VI, VII

Crit. Obj. -

Com. Subj. -

Observações: \_\_\_\_\_

## PSICOGRAMA PROTOCOLO B

R= 23	G: 6 39%	F+ = 8	A - 9	F% - 74%
Recusa - 0		$\sum F = 17$	F- = 9	F+% - 47%
T. Total = 17'30''	Gbl: 1		(A) - 2	Fa% - 96%
T./resp.= 46''		K - 2	Ad - 2	
T. lat. médio = 22''	DG: 2	Kp - 0	H - 2	F+%a -55%
	D: 13 57%	Kan - 0	(H) - 0	
		Kob - 0	Hd - 2	
	Dd: 0		(Hd) -1	A% = 48%-57%
		FC - 2 (2)		H% = 17%-22%
	Dbl: 1 4%	CF - 1	Elem -	
		C - 0	Frag -	
			Bot -	
		FE - 0	Geo -	
		EF - 0	Pais -	BAN = 3
		E - 0	Anat - 1	
			Sexo - 1	
		FClob - 1	Obj - 2	
		Clob F - 0	Arq -	
		Clob - 0	Simb -	
			Abs -	
			Máscara - 1	

Sucessão - relaxada

T. Appr.: G D Dd Dbl

TRI - 2K / 2C

F. Compl. - 0k / 0E

RC% - 26%

I. A. - 22%

Prova Escolha:

+ - X, VII

- - IV, VI

Elementos Qualitativos:

Choques - VI

Eq. Choque - V, IX

Perserv. -

Com. Cor -

Com. Sim. -

Crit. Obj. -

Com. Subj. -

Observações:

---



---

## ANEXO C: GRELHAS DE CODIFICAÇÃO

Grelha I: codificação detalhada de elementos de cotação, elementos qualitativos e outros factores de análise, de acordo com os procedimentos de leitura (protocolo A)

	Barreira de contacto				Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica
	Semi- permeável	Impermeável	Permeável	Remendada		
Modos de apreensão						
G	VI (13.)	I (1.); IV (9.); V (11.); VIII (16.)	I (2.); II (5.)	III (6.);		
Gbl		I (3.)				
D		VIII (17.); IX (18.); X (20.)	I (4.); IV (10.); X (21.)	III (7., 8.); V (12.); VII (14., 15.)	X (22.)	
Dd			IX (19.)			
Determinantes						
F+		I (1., 3.); IV (9.); V (11.); VIII (17.); IX (18.); X (20.)				
F-		VIII (16.)	I (2., 4.); IV (10.); IX (19.); X (21.)	III (7., 8.); VII (15.)	X (22.)	
FE	VI (13.)					
E						
K			II (5.)	III (6.); V (12.); VII (14.)		
Conteúdos						
A	VI (13. Ban)	I (1. Ban); V (11. Ban )VIII (17. Ban); X (20. Ban)		III (7.)		
(A)		IV (9.)	I (2., 4.)			
Ad		IX (18.)	IX (19.)			
H			II (5.)	III (6. Ban); V (12.); VII (14.)		
(H)			IV (10.)			
Hd						
Anat			X (21.)	III (8.)	X (22.)	
Obj		VIII (16.)		VII (15.)		
Máscara		I (3.)				
Elementos qualitativos						
Com. Sim.				I, II, III, IV, VI, VII		
Choque		IX				
Eq. Choque		I	II			
	Barreira sensível					
	↑	↔ - ↑	↓	↔	↓↓	↓↓
	VI (13.)	I (1., 3.); IV (9.); V (11.); VIII (16.,17.); IX (18.); X (20.)	I (2., 4.); II (5.); IV (10.); IX (19.); X (21.)	III (6., 7., 8.); V (12.); VII (14., 15.)	X (22.)	

Grelha II: observação do modo de funcionamento e evolução da barreira de contacto, tela beta e barreira sensível (protocolo A)

Cartão/Nº resposta	Barreira de contacto			Remendada	Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica	Barreira sensível
	Semi-permeável	Impermeável	Permeável				
I 1.		X					↔ - ↑
2.			X				↓
3.		X					↔ - ↑
-				X (com. sim.)			↔
-				X (tapa/destapa metade da mancha)			↔
4.			X				↓
II -				X (com. sim.)			↔
5.			X				↓
III -				X (com. sim.)			↔
6.				X			↔
7.				X			↔
-				X (tapa/destapa metade da mancha)			↔
8.				X			↔
IV -				X (com. sim.)			↔
9.		X					↔ - ↑
10.			X				↓
V 11.		X					↔ - ↑
12.				X			↔
VI -				X (com. sim.)			↔
13.	X						↑
VII 14.				X			↔
15.				X			↔
VIII 16.		X					↔ - ↑
17.		X					↔ - ↑
IX 18.		X					↔ - ↑
19.			X				↓
X -				X (tapa/destapa metade da mancha)			↔
20.		X					↔ - ↑
21.			X				↓
22.					X		↓↓
I			X				↓
II			X				↓
III				X			↔
IV			X				↓
V				X			↔
VI	X						↑
VII				X			↔
VIII		X					↔ - ↑
IX		X					↔ - ↑
X					X		↓↓

Nota: A evolução/involução da barreira sensível apresenta-se como uma sucessória modificação da progressão/regressão ocorrida na barreira de contacto

Legenda: “↓” – barreira sensível e barreira de contacto em processo de involução; “↔ - ↑” – barreira sensível e barreira de contacto com evolução praticamente estagnada ou pouco significativa; “↑” – desenvolvimento efectivo da barreira sensível e da barreira de contacto; “↔” – suspensão da evolução/involução da barreira sensível e da barreira de contacto. “↓↓” – barreira sensível e barreira de contacto substituídas pelo modo de funcionamento subjacente à instauração da tela beta/tela beta tóxica.

Grelha I: codificação detalhada de elementos de cotação, elementos qualitativos e outros factores de análise, de acordo com os procedimentos de leitura (protocolo Rorschach B)

	Barreira de contacto				Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica
	Semi-permeável	Impermeável	Permeável	Remendada		
Modos de apreensão						
G	IV (8.)	I (3.);	I (2.); V (10.)	V (9.); VII (15.)		
Gbl		I (1.)				
DG			III (7.)		V (11)	
D		VI (12.);	II (5.); VI (13.); VII (16.); VIII (18.); X (22.)	II (4.); VIII (19.); IX (20., 21.)	X (23)	VII (14.); VII (17)
Dbl				II (6.)		
Determinantes						
F+		I (1.); VI (12.)	V (10.); VIII (18.)	II (6.); V (9.); VIII (19.)		VII (17.)
F-			I (2.); II (5.); III (7.); VI (13.); VII (16.)	II (4.); IX (20., 21.)	V (11.);	
FC'		I (3.)	X (22.)			
CF					X (23.)	
K				VII (15.)		VII (14.)
F Clob	IV (8.)					
Conteúdos						
A		I (3. Ban);	V (10.); VI (13.); VIII (18. Ban)	II (4.); V (9. Ban); VIII (19.); IX (21.)	X (23.)	
(A)	IV (8.)				V (11.)	
Ad			I (2.); II (5.)			
H			III (7.)	VII (15.)		
Hd			VII (16.)			VII (14.)
(Hd)				IX (20.)		
Anat			X (22.)			
Obj		VI (12.)		II (6.)		
Máscara		I (1.)				
Sx						VII (17.)
Elementos qualitativos						
Choque		VI				
Eq. Choque				V, IX		
	Barreira sensível					
	↑	↔ - ↑	↓	↔	↓↓	↓↓
	IV (8.)	I (1., 3.); VI (12.)	I (2.); II (5.); III (7.); V (10.); VI (13.); VII (16.); VIII (18.); X (22.)	II (4., 6.); V (9.); VII (15.); VIII (19.); IX (20., 21.)	V (11); X (23.)	VII (14.); VII (17.)

Grelha II: Observação dos modos de funcionamento e evolução da barreira de contacto, tela beta e barreira sensível (protocolo Rorschach B)

Cartão/Nº resposta	Barreira de contacto				Instauração Tela Beta	Instauração Tela Beta Tóxica	Barreira Sensível
	Semi-permeável	Impermeável	Permeável	Remendada			
I 1.		X					↔ - ↑
2.			X				↓
3.		X					↔ - ↑
II 4.				X			↔
5.			X				↓
6.				X			↔
III 7.			X				↓
IV 8.	X						↑
V 9.				X			↔
10.			X				↓
11.					X		↓↓
VI 12.		X					↔ - ↑
13.			X				↓
VII 14.						X	↓↓
15.				X			↔
16.			X				↓
17.						X	↓↓
VIII 18.			X				↓
19.				X			↔
IX 20.				X			↔
21.				X			↔
X 22.			X				↓
23.					X		↓↓
I		X					↔ - ↑
II			X				↓
III			X				↓
IV	X						↑
V					X		↓↓
VI		X					↔ - ↑
VII						X	↓↓
VIII				X			↔
IX				X			↔
X					X		↓↓

Nota: A evolução/involução da barreira sensível apresenta-se como uma sucessória modificação de uma progressão/regressão ocorrida na barreira de contacto

Legenda: “↓” – barreira sensível e barreira de contacto em processo de involução; “↔ - ↑” – barreira sensível e barreira de contacto com evolução praticamente estagnada ou pouco significativa; “↑” – desenvolvimento efectivo da barreira sensível e da barreira de contacto; “↔” – suspensão da evolução/involução da barreira sensível e da barreira de contacto. “↓↓” – barreira sensível e barreira de contacto substituídas pelo modo de funcionamento subjacente à instauração da tela beta/tela beta tóxica.